

EM REVISTA

EDIÇÃO ELETRÔNICA

Número 2 – JULHO-SETEMBRO - 2022
SÃO LUIS – MARANHÃO

EDMILSON SANCHES
Diretor de Divulgação

JOSÉ MARCELO DO ESPÍRITO SANTO
COORDENADOR

A presente obra está sendo publicada sob a forma de coletânea de textos fornecidos voluntariamente por seus autores, com as devidas revisões de forma e conteúdo. Estas colaborações são de exclusiva responsabilidade dos autores sem compensação financeira, mas mantendo seus direitos autorais, segundo a legislação em vigor.

EXPEDIENTE
DIRETORIA DO IHGM GESTÃO 2021-2023

PRESIDENTE	DILERCY ARAGÃO ADLER	
VICE-PRESIDENTE	JOSÉ AUGUSTO SILVA OLIVEIRA	
1º SECRETÁRIO	ASSIR ALVES DA SILVA	
2º SECRETÁRIO	MADALENA MARTINS DE SOUSA NEVES	
1º TESOUREIRO	RAIMUNDO NONATO SERRA CAMPOS FILHO	
2º TESOUREIRO	MARIA GORETTI CAVALCANTE DE CARVALHO	
DIRETOR DE PATRIMONIO	EDNA MARIA DE CARVALHO CHAVES	
DIRETOR DE DIVULGAÇÃO	EDMILSON SANCHES	
CONSELHO FISCAL TITULARES	CRISTIANO DE LIMA VAZ SARDINHA ABIANCI ALVES DE MELO JOSÉ BELLO SALGADO NETO	
CONSELHO FISCAL SUPLENTE	ALDY MELLO DE ARAÚJO FELIPE COSTA CAMARÃO ANA LUIZA ALMEIDA FERRO	

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente – EDMILSON SANCHES (Diretor de Divulgação)

MEMBROS – JOSÉ MARCELO DO ESPÍRITO SANTO (Coordenador)

IRAN DE JESUS RODRIGUES DOS PASSOS

CRISTIANO DE LIMA VAZ SARDINHA (Conselho fiscal)

JOSÉ AUGUSTO SILVA OLIVEIRA (Vice-presidente)

SUMÁRIO

EXPEDIENTE	
SUMÁRIO	
PALAVRAS DA PRESIDENTE	
IHGM EM REVISTA - PALAVRA DA PRESIDENTE	
DISCURSO DE POSSE DE DILERCY ARAGÃO ADLER NA PRESIDÊNCIA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO=IHGM CASA DE ANTÔNIO LOPES (28/07/2022)	
NASCIMENTO MORAIS FILHO: seu legado para a história e a cultura do Maranhão	
MARIA FIRMINA DOS REIS ENTRE AS ROSAS-DE-JERICÓ E OS PÁSSAROS SANKOFAS	
PALAVRAS DO DIRETOR	
IHGM EM EVENTOS	
ARTIGOS	
JOAQUIM HAIKEL	SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO
TIVE ACESSO A "CARTA ÀS BRASILEIRAS E AOS BRASILEIROS EM DEFESA DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO!",	
ÉTICA E MORAL	
DIOGO GALHARDO NEVES	W. MILNOR ROBERTS: TIPO GERAL DE PONTES PARA O PORTO DE MARANHÃO (1881)
LAMENTOS DO BICENTENÁRIO	
A INTEGRAÇÃO DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO AO IMPÉRIO DO BRASIL	
A CRIAÇÃO DOS CURSOS JURÍDICOS NO BRASIL IMPÉRIO	
URGENTE! HISTORIADOR DESCOBRE FOTO ORIGINAL DE ANA JANSEN!	
MANOEL JANSEN PEREIRA, O "MANETA",	
DAVID GONÇALVES DE AZEVEDO	
ALDY MELLO DE ARAÚJO	O VÍRUS DO MEDO E DO TERROR
EDMILSON SANCHES	DIA MUNDIAL DO ROCK
CELSO ANTÔNIO DE MENEZES, CAXIENSE, PRECURSOR DA ARTE MODERNA NO BRASIL, O GRANDE ARTISTA QUE SUA CIDADE ESQUECEU, O ESTADO NÃO SE LEMBRA E O PAÍS, UM DIA, DESPREZOU	
LIVRO REÚNE OBRAS DO ESCRITOR CAXIENSE ADAILTON MEDEIROS	
AS LETRAS, A VIDA (UM DISCURSO À ARTE DE ESCREVER COM ARTE)	
ROGACIANO LEITE	
GONÇALVES DIAS E EU	
DUNSHEE DE ABRANCHES, 150 ANOS HOJE	
CLAUBER LIMA	MARANHÃO: TERRA DE ACOLHIDA
EUGES LIMA	GRIPPO DA INDEPENDENCIA DO BRASIL E ADESÃO DO MARANHÃO
O GRITO DO IPIRANGA E A ADESÃO DO MARANHÃO À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL	
NASCIMENTO DE GONÇALVES DIAS: 199 ANOS	
A RENDIÇÃO DE LA RAVARDIÈRE	
RAIMUNDO GOMES MEIRELES	A ARTE E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO MARANHÃO
JOSÉ ALMEIDS	
NATALINO SALGADO FILHO	O CONTROVERSO GUERRIERO DA INDEPENDENCIA BRASILEIRA
ANA LUIZA ALMEIDA FERRO	
HISTÓRIA(S) / GEOGRAFIA / CIÊNCIAS AFINS DO/NO MARANHÃO	
ELIZABETH SOUSA ABRANTES	

A INDEPENDÊNCIA NO MARANHÃO: o feriado de 28 de julho entre lembranças e esquecimentos	
WANDA CRISTINA DA CUNHA E SILVA A PROSA GEOGRAFICAMENTE HUMANA NO HORIZONTE DA POESIA	
ERLINDA MARIA BITTENCOURT HOMENAGEM AO HISTORIADOR CAXIENSE: CÉSAR AUGUSTO MARQUES: 196 ANOS DE SEU NASCIMENTO	
FLAVIOMIRO SILVA MENDONÇA SÃO BONIFÁCIO: RELÍQUIA DE UM SANTO MEDIEVAL NA MISSÃO DOS JESUÍTAS EM TERRAS MARANHENSES	
TIAGO DE OLIVEIRA POVOADO JACU - AQUI COMEÇOU A GUERRA PELA ADESÃO DO MARANHÃO A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL DE PORTUGAL	
CENTENÁRIO DE ALMEIDA GALHARDO	
ANNA KARLA ALMEIDA PLANO DO ARSENAL DA MARINHA DO MARANHÃO- MANUEL JOAQUIM DE SOUSA, 1822	
JOSÉ NERES LAURA ROSA, NOSSA VIOLETA DO CAMPO	
ROGÉRIO HENRIQUE CASTRO ROCHA A ADESÃO DO MARANHÃO À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL	
ROGÉRIO ROCHA APÓS VÁRIOS LEVANTES E OPOSIÇÃO DE GRANDE RESISTÊNCIA, O MARANHÃO ADERE À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.	
FERNANDO BRAGA AMARAL RAPOSO, UMA LEGENDA!	
LINDA BARROS ENVELHECER PRA QUÊ?	
EDMILSON SANCHES JOTONIO VIANA	
RAISSA GABRIELLE VIEIRA CIRINO A INDEPENDÊNCIA NO MARANHÃO: ENSINANDO UMA OUTRA HISTÓRIA	
ACONTECEU	
ADMINISTRAÇÃO	
Edital Nº 04 /2022 CONCURSO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO MARANHÃO	

PALAVRAS DA PRESIDENTE

IHGM EM REVISTA - PALAVRA DA PRESIDENTE

Primavera, estação linda!
Mil jardins e tantas flores ...
E toda vida é bem-vinda!
Que fertilizem amores!

Dilercy Adler

A primavera chegou neste 22 de setembro de 2022. Do latim, *primo vero*, a primavera começa todos os anos entre os dias 22 e 23 de setembro e acaba entre 21 e 23 de dezembro. Assim, esta estação inicia-se logo depois do inverno e termina com a chegada do verão, surgindo daí o significado do seu nome. A Primavera no Hemisfério Sul se inicia neste ano, no dia 22 de setembro, às 22h04 e termina no dia 21 de dezembro às 18h48. Climatologicamente, é um período de transição entre as estações seca e chuvosa no setor central do Brasil.

E este número do “IHGM em Revista” encerra o seu trimestre com o início da primavera, que neste caso não prenuncia o verão, mas um trimestre totalmente primaveril ou quase totalmente, por se estender até o dia 23 de dezembro e aí, sim, prenunciará o verão.

Por outro lado, Dois Mil e Vinte e Dois, configura-se como um ano pleno de importantes efemérides e, especialmente, neste trimestre, tivemos emos a comemoração da Independência do Brasil, no dia 07 de setembro. Não obstante, existam em outros estados da Federação, outras datas comemorativas à adesão à independência do país, a exemplo do Maranhão, o qual aderiu quase um ano depois, em 28 de julho de 1823, de modo que, neste estado, as comemorações relativas à Independência do Brasil serão estendidas ao ano de 2023. A Casa de Antônio Lopes, como guardiã da memória, tem o dever de comemorar essa importante data.

Temos também neste ano a comemoração do Bicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, por meio do Projeto “Bicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis, a Rosa-de-Jericó”, que tem o IHGM como uma das Instituições promotoras além da Academia Ludovicense de Letras-ALL “Casa de Maria Firmina dos Reis”, do Instituto Histórico e Geográfico de Guimarães -IHGG, “Casa de Maria Firmina dos Reis”; da Academia João-lisboense de Letras-AJL “Casa de Maria Firmina dos Reis” e a Sociedade de Cultura Latina do Brasil-SCLB e outras instituições parceiras da esfera pública e privada.“

No dia 11 de março, data de nascimento de Maria Firmina, foi realizada a palestra de abertura deste Projeto pelo Prof. Dr. Charles Martin, americano, autor do Prefácio da 3ª edição do romance ÚRSULA, de autoria dessa escritora (1988). Essa edição, publicada pelo Editora Presença, é considerada histórica, por contar com o apoio técnico e financeiro do Minc/PRÓ-MEMÓRIA-Instituto Nacional do Livro, integrando a “Coleção Resgate”, por indicação da Profa. Dra. Luiza Lobo. No tocante ao Prefácio, “Uma rara visão de Liberdade” é um texto riquíssimo, no sentido de dar realce e o valor merecido à obra Firminiana. A partir da palestra de abertura foram programadas palestras quinzenais até 11 de novembro, aniversário de falecimento da escritora. Ao longo de 2022 foram realizadas 14 noites de Palestras Virtuais, faltando apenas três, e muitos professores e pesquisadores do Maranhão, bem como de outros estados do Brasil e do estrangeiro têm participado. Lembrando que outras atividades integram o Projeto, sendo as noites de Palestras virtuais apenas uma delas.

Outra efeméride igualmente importante neste ano de 2022 é o Centenário de nascimento de José Nascimento Morais Filho, sócio deste Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ocupante da Cadeira de nº 25, tendo como Patrono Celso Cunha Magalhães. Em sua homenagem foi realizado no dia 21 de julho, no auditório do Curso de História da UEMA, a mesa redonda: “Nascimento Morais Filho: seu legado para a História e a Cultura do Maranhão”, tendo como palestrantes, a Profa. Ma. Natércia Moraes Garrido, neta e

pesquisadora do homenageado e a Presidente do IHGM, Profa. Dra. Dilercy Adler, também pesquisadora do escritor, e como Mediadora a Profa. Patrícia Massetti. Na ocasião também foi lançada a “Antologia Poética”, de autoria do ilustre escritor, publicação comemorativa do seu centenário de seu nascimento.

Além dessas atividades, o IHGM protagonizou parcerias com outras instituições, a saber: “Bicentenário da Independência 1822-2022”, promovido pela Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB), em parceria com o Conselho da Comunidade Luso-Brasileira no Maranhão e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), com a participação da a Profa. Dra. Raíssa Gabrielle Vieira Cirino, do Curso de História da UEMA, como convidada do IHGM, proferindo a palestra: “A independência no Maranhão: ensinando uma outra história”.

Outro evento de igual importância que contou com a parceria do IHGM foi a “Primavera dos Museus (20 a 23/09), com o tema: “Independência e Museus, outros duzentos anos”. O Prof. Dr. Roni César Andrade de Araújo, do Curso de História da UEMA, representou o IHGM, com o tema: “As independências dos Brasis: o Maranhão em meio aos processos e emancipação política em 2022”; a Profa. Dra. Raissa Gabrielle Vieira Cirino, também do Curso de História da UEMA, como convidada do Museu, apresentou o tema: “Aspectos políticos e históricos: Qual é o Brasil que chega após 200 anos de independência?”, e o sócio efetivo do IHGM, Prof. Dr. Diogo Gualhardo, atuou como mediador da mesa.

No dia 28 de setembro, dia Estadual da Proteção do Patrimônio Histórico e Cultural Maranhense, a Universidade CEUMA, por meio do seu Professor. Dr. Diogo Gualhardo, também sócio efetivo do IHGM, promoveu, em comemoração à data, o evento: “25 anos de Patrimônio Mundial: proteção jurídica dos bens culturais maranhenses”, tendo como palestrantes o Desembargador Cleones de Carvalho Cunha, o próprio Prof. Dr. Diogo Gualhardo, a Profa. Dra. Dilercy Adler, membros efetivos do IHGM, e a Presidente da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico, Kátia Bogéa.

O IHGM foi ainda convidado para se fazer representar em diversos eventos, a saber: no dia 31 de agosto, para a Cerimônia de Premiação do II Concurso Literário Maria Firmina dos Reis, do CEMULHER/TJMA. Nesse certame a Presidente do IHGM e o sócio efetivo Desembargador Cleones da Cunha, integrantes da Comissão Julgadora, também representaram a Instituição na ocasião.

No dia no dia 6 de setembro, do ano em curso, a UFMA inaugurou o “Memorial Gonçalves Dias”, cuja Pedra Fundamental foi lançada em 10 de agosto de 2013, dentro do Projeto “Mil Poemas para Gonçalves Dias” que abrangia, além de São Luís, mais duas cidades: Caxias e Guimarães. Cada cidade organizou a sua programação específica e na programação de São Luís constava o “Lançamento da Pedra Fundamental do Memorial Gonçalves Dias”, uma iniciativa da Universidade Federal do Maranhão.

Ainda a Prefeitura de São Luís, por meio da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico - FUMPH, Instituto Municipal da Paisagem Urbana - IMPUR e Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos - SEMOSP, promoveu, em comemoração ao aniversário de 410 anos da fundação de São Luís, a entrega de obras de conservação de monumentos da cidade, entre eles os “18 Bustos da Praça do *Pantheon* e mais 07 novos Bustos” e a “Fonte das Pedras. Nesses eventos o IHGM foi convidado para se fazer presente.

A Diretoria ainda programou audiências e reuniões com a esfera governamental, a exemplo da realizada com o Secretário de Cultura, Yuri Arruda Milhomem e a Presidente da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico - FUMPH, Kátia Bogéa.

O IHGM está representado no Conselho Estadual de Cultura por José Marcelo do Espírito Santo, Sócio Efetivo, como Titular e por Dilercy Adler, Presidente, como suplente, que também participou de dois dias de Oficinas de Capacitação sobre implementação da Lei Paulo Gustavo e Prestação de Contas da Lei Aldir Blanc, de 24 a 27 de setembro.

Por fim, foi realizada pelo IHGM a comemoração do dia 28 de julho, por ser considerada uma data Magna, e por isso contou com uma programação esmerada, estruturada em dois momentos: no primeiro momento, após a Composição da Mesa de Abertura, com o Hino Nacional, foi procedida a Posse Solene da Diretoria, que contou com uma breve fala da Presidente e a apresentação dos membros que a compõem. A

seguir fez-se a apresentação do selo e vinheta do aniversário de 97anos de fundação do IHGM, seguida do lançamento oficial do “Concurso Histórico-Literário-Bicentenário da independência no Brasil”. Ocorreu ainda a entrega Institucional do Livro "Tambores"- releitura fotográfica da obra "Os tambores de São Luís" ao IHGM pelo autor Márcio Melo e integrantes da coordenação do Projeto do livro. Por fim, uma homenagem a Rogaciano Leite (*in memoriam*) no ato representado por sua filha, Helena Roraima Leite. O 2º momento constou da Abertura do Ciclo de Palestras do Bicentenário da Independência do Brasil no Maranhão, feita pelos professores: Dr. Marcelo Cherche Galves da UEMA e a Dra. Edyene Moraes dos Santos, da UFMA abordando “A independência do Maranhão: quase 200 anos depois” e “As elites políticas e a independência no Maranhão”, respectivamente. A Profa. Dra. Elizabeth Abrantes UEMA E IHGM, mediou as apresentações da mesa. Após o encerramento dos trabalhos, foi servido um coquetel para os presentes.

Destarte, foi um trimestre de muito trabalho, talvez à semelhança do “verdejar da primavera”, e nos invade uma compreensão de dever cumprido, acrescida de uma sensação de leveza ímpar nesses 92 dias, por estarmos consolidando a rotina de uma Casa de História e Cultura.

Neste Número 02, julho a setembro de 2022, que constitui a 2ª edição da nossa Revista virtual, são ofertadas, com muito carinho, a você, caro leitor, 326 páginas, nas quais constam variadas matérias e notícias e desejamos que tenhamos mais protagonismos e coparticipação nos meses que seguem. Contudo, isso só se tornará possível com a efetiva atuação de todos os sócios efetivos, correspondentes e amigos do IHGM. Assim, agradecemos a todos, de coração, exortando ainda que continuemos a nossa caminhada, tirando as pedras do caminho e semeando afetos cada vez mais. Afinal, precisamos deles!

Boa Leitura!

São Luís, 30 de setembro de 2022.
Dilercy Aragão Adler

**DISCURSO DE POSSE DE DILERCY ARAGÃO ADLER NA PRESIDÊNCIA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO MARANHÃO=IHGM
CASA DE ANTÔNIO LOPES (28/07/2022)**

Cumprimentos à Mesa.

Caríssimos confrades, caríssimas congreiras,

Minhas senhoras, meus senhores, nossas saudações, nosso boa noite!

Existe um **tempo** certo para cada coisa, momento oportuno para cada propósito debaixo do Sol: **Tempo** de nascer, **tempo** de morrer; **tempo** de **plantar**, **tempo** de **colher**.” Eclesiastes 3.1:

Assim, reitero :Tudo **tem** o seu **tempo** determinado, e há **tempo** para todo propósito debaixo do céu: ... Só dará certo se for no **tempo** certo!

Dilercy Adler

Hoje é Dia de Comemoração, o que não quer dizer que na vida e na história individual e coletiva não existam motivos que causam tristeza e dor... Mas hoje, repito, é dia de comemoração! Decidimos deixar de lado os problemas, as tribulações ... para vivermos esta festa em sua plenitude.

Hoje é também dia de agradecer a Deus, que sempre é prodigo nos cuidados e doação de forças para vencermos intempéries.

Agradecer ainda aos treze confrades e congreiras que se disponibilizam a, junto comigo, conduzir o destino desta Casa pelo período que cabe a esta gestão “Padre. João Dias Rezende Filho”. Assim, esta Diretoria está composta pelos ilustres confrades José Augusto Silva Oliveira, como Vice-Presidente, Assir Alves da Silva, como Primeira-Secretária, Madalena Martins de Sousa Neves, como Segunda-Secretária, Raimundo Nonato Serra Campos Filho, como Primeiro-Tesoureiro, Maria Goretti Cavalcante de Carvalho, como Segunda-Tesoureira, Edna Maria de Carvalho Chaves, como Diretora de Patrimônio, Edmilson Sanches, como Diretor de Serviços de Divulgação. No Conselho Fiscal, Cristiano de Lima Vaz Sardinha, Abianci Alves de Melo, José Bello Salgado Neto, Aldy Mello de Araujo, Felipe Costa Camarão e Ana Luiza Almeida Ferro.

Também a nossa gratidão a todos os confrades e congreiras que nos deram seu voto de confiança, aos quais prometemos corresponder com toda dedicação e vontade de realização de tudo que for para o bem desta Casa Antônio Lopes.

Agradecer à minha família, por entender o tempo que dedico aos trabalhos culturais, por verem neles um instrumento de fraternidade e justiça social.

E, por fim, agradecer a todos que atenderam ao nosso convite para abrilhantarem esta noite e viverem conosco este momento.

Diz o patrono da Casa, Professor Antônio Lopes: "O IHGM foi criado para cultivar a tradição, venerar o passado, estudar o Maranhão”.

Ainda o Estatuto da Instituição, no início do art. 42, expressa, como desígnio que "O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão é obra perene que se sucede no tempo, é órgão que se insere na vida histórica do Estado do Maranhão”.

Portanto, esta Diretoria está convicta da necessidade do cumprimento das finalidades desta Casa e espera que ela progrida e se afirme, sempre, como um marco de referência positiva no Maranhão, no Brasil e no mundo. Nessa perspectiva, é imprescindível o estabelecimento de alianças e entendimento especial com o estado do Maranhão e sua gente, uma vez que o sentido público do IHGM aponta para a direção de reafirmar, cada vez mais, intenções e ações para o desenvolvimento do ser humano e da região, demonstrando, conseqüentemente, sua importância nesse contexto.

Ademais, faz-se mister reconhecer o empenho de todos os intelectuais que apoiaram a ideia do professor Antônio Lopes da Cunha, e fundaram, há 97 anos, este sodalício e, igualmente, os que vêm sendo fiéis, ao longo desses anos, no cumprimento da missão da Casa, engrandecendo, por sua vez, a história e a cultura do estado do Maranhão.

Faz-se necessária ainda breve referência ao Pe. João Dias Rezende Filho, escolhido, por unanimidade, pelos componentes da então Chapa nº 2, para ser o seu homenageado (homenagem póstuma). Esse tributo se faz pertinente como prova do reconhecimento desta Casa ao valor da sua vida e obra, tanto no que diz respeito ao "serviço à causa de Cristo" como à cultura.

O Pe. João Dias Rezende Filho (1981 - 2021) tomou posse em 22 de março de 2018, tendo ocupado a Cadeira de nº35, do IHGM, patroneada por Domingos de Castro Perdigão. Era pesquisador na área de História do Maranhão, História das Famílias Maranhenses, Genealogia e Heráldica. A ele a nossa eterna aclamação!

No tocante ao trabalho desta gestão, lembramos que no seu discurso de posse em 2018, o Professor José Augusto Silva Oliveira declarou: " A missão de cada nova Diretoria implica continuidade e acrescentamento. Tem sido assim. Assim seguirá". E nós que assumimos hoje a direção da Casa de Antônio Lopes, assim o faremos!

É com esse sentimento e propósito que a Gestão "Pe. João Dias Rezende Filho" pretende atuar efetivamente, implementando a cultura da paz, da solidariedade e, concomitantemente, promovendo o culto à tradição, resgatando o passado e estudando o Maranhão ao longo dos meses que nos cabem na condução desta casa de Antônio Lopes.

Obrigada, e que Deus nos abençoe!

NASCIMENTO MORAIS FILHO: seu legado para a história e a cultura do Maranhão

EVOCAÇÃO

Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!
.- Eu sou o sofrimento dos sem nome!
- Eu sou a voz dos oprimidos!
Não tanjo a lira mágica de Orfeu
de quem as aves se acercavam para ouvi-lo
e lhe vinham lambe os pés as próprias feras!
As láureas, meus irmãos, olímpicas não busco
com que cingis de glórias os vossos sonhos!
- Cravaram-me a coroa dos crucificados!
Minha Castália - são as lágrimas do Povo;
Meu Parnaso - a Dor da minha Gente!

Meu instrumento é poliforme e rude!...
Não tem o aristocrático perfil das harpas nobres
nem as rutilações de sons das pedras raras.
- Ele é Clamor!
Ruge nos seus trons
o estrugir do Povo em Praça pública!
Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!
Maldigo a resignação infame dos covardes!
- Eu prego a rebeldia estóica dos heróis:
- Meu Evangelho é a Liberdade!
A Liberdade, meus irmãos,
tem a forma simbólica da Cruz
e a cor do sangue!
- O sangue é o apanágio da Conquista!

Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!
Jesus,
se conquistou os céus com suas orações,
Ele, o Redentor,
sobre a terra triunfou com o sangue do seu corpo!
Sangue, flâmula bendita,
e, no Calvário - FÉ - aberta em Cruz!
Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!
(In: Clamor da Hora Presente, 1984, p. 1).

Neste ano comemoramos o Centenário de nascimento de José Nascimento Morais Filho, sócio deste Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Casa de Antônio Lopes, e Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão-IHGM, ocupando a Cadeira de nº 25, tendo como Patrono Celso Cunha Magalhães.

Falar acerca do intelectual maranhense Nascimento Morais Filho é tarefa desafiadora, uma vez que traduzir

em textos ou versos um ser humano se constitui um árduo trabalho, ainda mais quando este se apresenta com riqueza de traços e nuances sutis, talvez inabarcáveis. Mas, parafraseando o próprio Nascimento Morais Filho, quando disse que “não havia causa perdida”, seguindo esse seu pensamento arrisco dizer que “não existe tarefa impossível” quando o desejo é maior que o desânimo e/ou a insegurança. Assim, ouse atender ao que me propuz: trazer à baila vieses da vida e obra de Nascimento Morais Filho e, indubitavelmente, a desconstrução do silenciamento de Maria Firmina aparecerá de forma privilegiada nessa missão.

Como introdução ao tema, ouse afirmar que em Nascimento Morais Filho predominavam três traços de personalidade: inquietação, que fez dele um estudioso, um pesquisador; um espírito sensível, que lhe permitiu transitar pela literatura e por outras vertentes da arte, com grande facilidade e maestria; e capacidade de indignação, quando se tratava de injustiças e barbáries perpetradas ao longo da construção da nossa dita “civilização”. Daí, nos apresentou uma poética viva e ânimo, aguerrido, sobretudo, no tocante às mazelas sociais. Foi um “ser verdadeiramente humano”, no sentido denotativo, original e literal da palavra.

“Poetas, meus irmãos, acompanhai meu grito!” é uma das formas contundentes de trazer, nesta breve análise, o ilustre imortal José Nascimento Morais Filho.

José Nascimento Morais Filho nasceu em São Luís no dia 15 de julho de 1922 (neste ano, 2022, será comemorado o seu centenário de nascimento) e faleceu em 21 de fevereiro de 2009. Viveu 87 pródigos anos. Em sua pródiga vida incursionou por várias áreas do conhecimento, tanto cultural como acadêmica: foi poeta, pesquisador, folclorista, trovador, ambientalista, professor de Latim e Português e, ainda, Auditor Fiscal da Secretaria da Fazenda do Estado. Foi Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão-IHGM ocupando a Cadeira de nº 25, tendo como Patrono Celso Cunha Magalhães. Foi eleito em 1977 para a [Academia Maranhense de Letras](#) ocupando a Cadeira de n.º 37, patroneada por Inácio Xavier de Carvalho. Rompeu formalmente com a Academia em [1979](#), porque se opusera à eleição de [Pedro Neiva de Santana](#), não obstante o seu nome permaneceu nos quadros da instituição e a sua Cadeira foi considerada vaga até o seu falecimento.

É filho, do também imortal, José Nascimento Moraes (1882-1958), pai de sete filhos: Nadir, João José, Ápio Cláudio, Paulo, Raimundo, Talita e Nascimento Morais Filho. Os quatro primeiros, do casamento com Ana Augusta, e os três últimos com Francisca Bogéa.

Por sua vez, Nascimento Morais Filho, casou-se com Conceição, que exercia a profissão de enfermeira, e dessa união nasceram cinco filhos, sobre os quais o poeta falava sempre com muito orgulho: José Nascimento Moraes Neto, Ana Sofia Fernandes, Eleuses, Renan Fernandes e Loreley Fernandes. Costumava se referir de forma carinhosa e poética à esposa: "Era uma pepita, que eu roubei de lá, da cidade de Turiaçu, onde ela nasceu."

Nascimento Morais Filho parece ter sido contemplado, por herança, com a genialidade do seu pai, José Nascimento Moraes, que se destacou como poeta, romancista, cronista, ensaísta e jornalista. Além disso, exerceu os cargos de Presidente da AML em duas gestões, 1941 a 1946 e 1946 a 1947, foi Professor do tradicional Liceu Maranhense e, ainda, autor da excepcional obra "Vencidos e Degenerados".

Ademais, Nascimento Morais Filho também recebeu, por herança, o apreço à ascendência africana e deu continuidade à luta do pai, no que concerne ao respeito e à valorização do negro, pelo significado da causa em si, e também pelo fato do seu pai ter sido vítima do preconceito racial vigente na sociedade da sua época.

No soneto a seguir, dedicado ao seu pai, Morais Filho declara linda e veementemente essa herança inquestionável.

EGO SUM QUI SUM

A Nascimento Morais

Pai, não ficou em vão teu nome

Corre sangue de heróis nas minhas veias;
Descendo da nobreza dos gigantes;
As flamas das batalhas conservei-as,
Forjadas na bigorna dos atlantes!

(In: Clamor da Hora Presente, 2021).

Para Nascimento Morais Filho, não havia causa perdida enquanto houvesse alguém disposto a trilhar os caminhos da justiça e fazer prevalecer o que é justo.

Já disseram que Nascimento Morais Filho é o arquétipo do herói de uma maneira peculiar. Não apenas por conta de sua pesquisa brilhante acerca da escritora Maria Firmina dos Reis, mas, principalmente, pela maneira como se dedicava aos estudos, uma de suas paixões. Para ele, compreender o então incompreensível era apenas uma questão de saber como iniciar e, a partir do primeiro passo, o caminho para o conhecimento estava aberto.

Fundou e dirigiu o “Centro Cultural Gonçalves Dias”, considerado o mais importante movimento cultural de São Luís na década de 40.

A área ambiental também estava entre as suas preocupações e como militante, em 1980 fundou o “Comitê de Defesa da Ilha”, e empreendeu ferrenha luta contra a Alcoa-Alumar, na Ilha de São Luís que, entre outras respostas positivas, foi obrigada a melhorar seus dispositivos antipoluentes.

Por sua militância ambiental foi homenageado pela maior organização de proteção ecológica da Terra, o *Greenpeace*, cujo navio ancorou no Porto do Itaqui- São Luís, em 4 de novembro de 1994.

Além do mais, no seu “Clamor da hora Presente” consta um poema intitulado “Clamor do Petróleo”, que assim se inicia:

Ouvi-me, jovens, ouvi-me!
- Eu sou o Petróleo!
Nasci da convulsão das eras
e trouxe dentro em mim a metamorfose das idades!
Se tenho uma cor do negro das noites negras,
trouxe o fulgor da luz de novos sóis!

(In: Clamor da Hora Presente, 1984, p. 7).

Nesse poema constato claramente uma simbiose entre o vocábulo negro como cor do petróleo e como cor de pele do escravizado, quando diz: “Se tenho uma cor do negro das noites negras,” está objetivamente se referindo à cor do petróleo (o sujeito do poema é o petróleo) mas, subliminarmente à cor do negro africano.

Em 08 de setembro de 1984, diz José Nascimento Morais Filho, na Apresentação da 2ª Edição do seu “Clamor da hora Presente”:

Eu viverei! Enquanto houver no mundo industriais da miséria e da injustiça meu clamor estará presente! E vivo estarei vociferando com a juventude, no canto do protesto, nos comícios da praça pública, nas passeatas pelas ruas. Estarei pichando as calçadas da cidade, pregando cartazes nas paredes, panfletando de liberdade a alma do povo, criando contra as Alcoas- Alcoas industriais e Alcoas humanas!... Alcoas da vida!

Nessas afirmações, percebo insubmissão e obstinada resistência: “estarei vociferando” ou “pregando cartazes nas paredes”, e principalmente “panfletando de liberdade a alma do povo”.

O seu poema Apocalipse Social versa em quatro páginas sobre a exortação aos industriais da miséria e, concomitantemente, aos oprimidos para que se ergam:

Vejo na inteireza dos seus poemas, de forma intensa, denúncias e apelos que, por isso, se firmam como obras que devem ser trabalhadas, inclusive nas escolas.

Nascimento Morais Filho deixou, como já referido, além do seu exemplo vigoroso e lúcido, obras literárias de inestimável valor, a saber:

“Clamor da Hora Presente”: 1ª edição 1955, 2ª edição 1984, 3ª edição 1992, 4ª edição, 2022. Essa obra foi traduzida para o francês e para o inglês;

“Pé de Conversa”, 1957, que apresenta trovas e histórias, lendas, “causos” (narrativas populares) coletadas em suas viagens pelas cidades do Maranhão, e tem também uma 2ª edição (s/d);

“Azulejos”, 1963, 2ª edição – 2013;

“O que é o que é?”, 1972;

“Esfinge do Azul”, 1972, 2ª edição -1996;

“Esperando a Missa do Galo”, 1973;

“Maria Firmina - fragmentos de uma vida”, 1975;

“Cancioneiro Geral do Maranhão”, 1976.

Ainda organizou a edição fac-similar do romance “Úrsula” (1975), com Prólogo de Horácio de Almeida, e do livro de poemas “Cantos à beira-mar” (1976), ambos de Maria Firmina dos Reis.

Também pesquisou e publicou a obra: “A Metafísica da Contabilidade Comercial” (1987), de Estevão Rafael de Carvalho (1842-1846), Bacharel em Matemática, Catedrático de Comércio do Liceu Maranhense, poeta, jornalista, orador e político).

Entretanto, por suas atitudes ousadas ao longo da vida, mesmo sendo autor de inestimável legado, muitos quiseram condená-lo ao ostracismo, a exemplo de outros tantos intelectuais, em outras épocas, que chegaram a ser excluídos, de fato, do cânone literário,

Faz-se mister registrar que, no caso de Nascimento Morais Filho, as fortes marcas cunhadas em suas atividades e obras literárias resultaram em epítetos que o caracterizaram em diferentes momentos e trabalhos, a exemplo de:

A “Voz Condoreira”, como era chamado pelo também imortal Nauro Machado, que situava as suas obras no mais alto nível castroalvino da revolta e do compromisso social.

O Condoreirismo é o nome de uma tendência da literatura romântica do século XVIII. Está inserida na terceira fase do Romantismo no Brasil (1870 a 1880), a qual ficou conhecida como “Geração Condoreira”.

A voz condoreira está associada, metaforicamente, à liberdade do Condor, ave símbolo da Cordilheira dos Andes. Desse modo, o Condoreirismo representou a busca dos princípios libertários, os quais foram inspirados sobretudo na poesia político-social do francês Victor Hugo (1802-1895), com destaque para a obra “Os Miseráveis”. Por isso, essa fase também é chamada de “Geração Hugoana”.

O poeta do “Clamor da Hora Presente” foi também chamado de “Arauto da Liberdade”, sempre motivado pelo combate às injustiças.

Josué Montello (1975/1976) se refere a Nascimento Morais Filho como dono de uma voz retumbante, em seu texto “A primeira Romancista Brasileira”. Nele, Josué Montello faz uma bela descrição do cenário que o inspirou nessa criação e fala na voz de Nascimento Morais Filho: “Desta vez, ao que parece, Nascimento Morais Filho ergueu tão alto a voz retumbante que o país inteiro o escutou, na sua pregação em favor de Maria Firmina dos Reis.”

E eu o intitulo de “Pássaro Sankofa Maranhense”, me embasando, principalmente, no *sui generis* trabalho acerca de Maria Firmina dos Reis. Segundo a filosofia africana, Sankofa retrata um símbolo Adinkra dos povos Akans, cujo significado é o retorno ao passado, resgatando o que foi perdido e caminhando para frente, ou seja, o tão necessário retorno às raízes, à ancestralidade.

Vejo nesses epítetos e traços biográficos de Nascimento Morais Filho a incontestável motivação do seu interesse por Firmina. Destarte, Nascimento e Firmina demonstraram possuir traços pessoais e objetivos comuns, relativos aos embates da vida, e na utilização da literatura como instrumento de desconstrução de preconceitos e injustiças sociais. Além disso, Nascimento Morais Filho deixou evidente a sua não intimidação em fazer valer, igualmente, a justiça para a própria Maria Firmina, trazendo-a a lume, após décadas de apagamento.

No tocante ao resgate de Firmina a afirmação a seguir expressa como contundente prova de valor afetivo que depositava na sua viagem pelo desconhecido mundo firminiano:

Se nos perguntarem a nós quais os momentos mais emocionantes de nossa viagem pelo "desconhecido firminiano", não saberemos, pois, cada emoção faz esquecer a emoção anterior ... Todos, no entanto, foram lances sensacionais!... E se-lo-ão ainda, se, por acaso, for encontrada, aqui ou em qualquer lugar, alguma produção de nossa conterrânea.

Nascimento Morais Filho

Por essa e outras “viagens” empreendidas pelo intrépido viajor Nascimento Morais Filho, é que entendo, Adler (2017), que ele faz jus ao epíteto de Sankofa, considerando o seu trabalho de salvaguarda dos direitos das minorias e por sua dedicação incansável para dar novo significado à Maria Firmina dos Reis como mulher, professora e escritora, dando a ela o lugar que lhe é devido na literatura maranhense e brasileira.

Na relação Maria Firmina e Nascimento Morais Filho, apesar de um século que os separa no que diz respeito ao ano de nascimento, 1822 e 1922, respectivamente, vejo perfeita convergência de suas visões de mundo e ideais de justiça social. Assim, arrisco inferir que a identificação de Nascimento Morais Filho com a obra de Firmina foi o *leitmotiv* para o seu intenso trabalho de resgate do nome e obra de Maria Firmina.

No tocante ao resgate de Maria Firmina, vale reafirmar o que já foi dito, que se trata de um trabalho hercúleo de Nascimento Morais Filho.

Arlete Nogueira da Cruz (2006) reconhece o mérito de Nascimento Morais Filho e de Horácio de Almeida, e declara a sua discordância à zombaria de que ambos foram alvo, quando diz:

[...]. Não fosse José Nascimento Morais Filho, o nosso Zé Morais, este **contumaz andarilho de trilhas nunca antes percorridas**, Maria Firmina dos Reis não teria vindo à luz. E quando ele a trouxe (no momento em que também a trazia o escritor paraibano Horácio Almeida), lembro bem, foram alvo de zombarias em São Luís: Zé Morais, Maria Firmina e o seu livro *Úrsula*; muitos considerando que era de pouca serventia aquele achado e exagerada a relevância que Zé Morais dava à sua descoberta. Pelos daqui, Maria Firmina dos Reis deveria permanecer onde se achava: no limbo. E a sua obra sob o tapete (CRUZ, 2006, p.265).

Arlete Nogueira reafirma a importância do pesquisador e do seu trabalho, realizado com Horácio de Almeida: “Não fosse José Nascimento Morais Filho, o nosso Zé Morais, este contumaz andarilho de trilhas nunca antes percorridas, Maria Firmina dos Reis não teria vindo à luz. E quando ele a trouxe (no momento em que também a trazia o escritor paraibano Horácio Almeida)”.

Josué Montello também valoriza o trabalho de resgate de Firmina, ao intitular um artigo de sua autoria de “A primeira Romancista Brasileira” e enaltece a persistência e luta de Nascimento Morais Filho. O referido artigo foi escrito por ocasião do sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis e publicado no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1975, e na *Revista de Cultura Brasileña, Madrid, Embajada de Brasil*, 1976, jun., n. 41, p. 111-114. Nesse texto Josué Montello nomeia outro maranhense, Antônio de Oliveira, e também Nascimento de Morais Filho, como responsáveis pela ressurreição de Maria Firmina, e, desse modo, a eles se refere:

[...] o primeiro falando em voz baixa como é do seu gosto e feitio e o segundo, falando alto ruidosamente, com uma garganta privilegiada, graças à qual, sem esforço, pode fazer-se ouvir no Largo do Carmo, em São Luís, à hora em que se cruzam os automóveis, misturando a estridência das suas buzinas e de seus canos de descarga ao sussurro do vento nas árvores da praça.

Desta vez, ao que parece, Nascimento Morais Filho ergueu tão alto a voz retumbante que o país inteiro o escutou, na sua pregação em favor de Maria Firmina dos Reis.

Há quase dois anos, ao encontrar-me com ele na calçada do velho prédio da Faculdade de Direito, na Capital maranhense, vi-o às voltas com originais da escritora. Andava a recompor-lhe o destino recatado, revolvendo manuscritos, consultando jornais antigos, esmiuçando almanaques e catálogos como a querer imitar Ulisses, que reanimava as sombras com uma gota de sangue.

E a verdade é que, no dia de hoje Maria Firmina dos Reis de pretexto a estudos e discursos, e conquista, seu pequeno espaço na história do romance brasileiro – com um nome, uma obra, e a glória de ter sido pioneira (MONTELLO *apud* ADLER, 2017, pp..67-68).

Depois de intenso trabalho de Nascimento Morais Filho, visando à aprovação do nome de Maria Firmina pelos intelectuais da Ilha e para além dela, com o seu empenho muitas homenagens foram prestadas à escritora e professora em 1975, ano do sesquicentenário de seu nascimento, por isso, intitulado por mim, de “Ano Rosa-de-Jericó de Maria Firmina dos Reis”, ano do seu verdejar.

Em Guimarães, também o ano de 1975 foi o marco do início de maiores homenagens a ela dedicada, para além da Mestra Régia. Nesse ano, além do desfile em sua homenagem, o Centro de Ensino Nossa Senhora da Assunção, desde o ano de 2007 passou a promover a Semana Literária Maria Firmina dos Reis. Também o dia do aniversário de Maria Firmina foi instituído feriado Municipal e comemorado o “Dia da Mulher Vimarense”, entre outras homenagens.

Vejo ainda claramente o valor da pesquisa e da identificação de Nascimento de Moraes Filho com Maria Firmina como seu objeto de pesquisa, quando afirma: “Quando, conscientemente, elogiamos uma obra, o que, inconscientemente, estamos exaltando, é o nosso gosto - o nosso gosto de ver e sentir projetados na obra por nós aclamada e da qual psicologicamente, somos, por conseguinte, coautores” (MORAIS FILHO, 1975. p. 12).

Para finalizar acho pertinente colocar algumas declarações acerca da sua compreensão do ato de pesquisar “[...] a pesquisa não só conscientiza, também recupera emoções perdidas... O povo é um indivíduo coletivo... E recordar é viver ... Que sensações de outros tempos... de emoções idas e vividas ... ao manusearmos as folhas de jornais de ontem!...” (MORAIS, 1975. p. 12).

E reafirmo: pesquisas, estudos/análises, divulgação... Esses ofícios são indispensáveis a todo e qualquer escritor, para que encontros com a verdade e consequente restabelecimento dos que ficaram, injustamente, à margem da história genuína aconteçam e possam então ocupar o lugar que lhes cabe por direito.

Já disseram e reafirmo: Ele “combateu o bom combate”, com a sabedoria de quem sabia para onde estava indo, com a ousadia daqueles despojados de medos no enfrentamento de perigos.

Isso posto, quero declarar que este texto é, sobretudo, uma homenagem ao intelectual e ser humano, Nascimento Moraes Filho. E o meu desejo é que não estejamos nas fileiras dos que materializam a “resignação infame dos covardes”, mas, antagonisticamente, que estejamos entre aqueles que absorvam o “clamor da hora presente”, nas suas vidas, nas suas horas presentes e que ouçam a voz retumbante de Nascimento Moraes Filho, ressoando sempre em suas memórias e em seus corações!!!

São Luís, 1º de janeiro de 2022.

Dilercy Aragão Adler

REFERÊNCIAS

- ADLER, Dilercy Aragão (org). **ENFOQUES TEÓRICOS EM SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**: estudos de sala de aula. Caderno de Educação. São Luís: Gráfica Belas Artes, 1998.
- ADLER, Dilercy Aragão. **MARIA FIRMINA DOS REIS**: uma missão de amor. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.
- CRUZ, Arlete Nogueira da. **Sal e Sol**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GARRIDO, Natércia Moraes. **A POÉTICA MODERNISTA**: em “Azulejos” de Nascimento Moraes Filho. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.
- LOBO, Luiza Leite Bruno. **CRÍTICA sem JUÍZO**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- MARTIN Charles “Chuck. Maranhenses. **Revista Firminas**- pensamento, estética e escrita. São Paulo, v. 1, n. 1, jan/jul. 2021. <https://mariafirmina.org.br>
- MONTELLO, Josué. A primeira Romancista Brasileira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro:RJ 11 de maio de 1975, p. 5.
- MONTELLO, Josué. A primeira Romancista Brasileira. **Revista de Cultura Brasileña**- Madrid: Embajada de Brasil, 11 de maio de 1975, p. 5.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **CLAMOR DA HORA PRESENTE**. 2ª edição, São Luiz: Edições Guarnice, 1955.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **CLAMOR DA HORA PRESENTE**. 4ª edição, São Luiz: UNIGRAF, 2021.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **MARIA FIRMINA FRAGMENTOS DE UMA VIDA**. São Luiz: COCSN, 1975.

REIS, Maria Firmina dos. **ÚRSULA**. 2ª edição Fac-similada, com Prefácio de Horácio de Almeida, Rio de Janeiro, 1975. Romance Original (Uma Maranhense), San'Luiz :Typographia do Progresso, 1859.

REIS, Maria Firmina dos. **ÚRSULA**. Organização e notas de Lobo; Introdução de Charles Martin. - 3ª ed. -Rio de Janeiro: Presença Edições: Brasília INL, Coleção Resgate/INL, 1988.

MORAES, Jomar. Apontamentos de Literatura Maranhense (uma abordagem contextual que leva em conta os fatores políticos, sociais e econômicos). 2ª Edição aumentada. São Luís-Maranhão: Edições SIOGE, 1997.

DILERCY ADLER

MARIA FIRMINA DOS REIS ENTRE AS ROSAS-DE-JERICÓ E OS PÁSSAROS SANKOFAS

Neste texto objetivo homenagear Maria Firmina dos Reis neste seu Bicentenário de nascimento e a Nascimento Morais Filho, neste seu Centenário de nascimento, recorrendo a alegorias no sentido de: utilizar um tema artístico ou figura literária que permite representar uma ideia abstrata por meio de outras formas, podendo estas ser humanas, animais ou objetos.

Assim, inicio esta minha sucinta narrativa servindo-me de uma lenda com ilustrações de amor, renascimento e esperança, então: Contam as “Lendas do Céu e da Terra:”

A Rosa-de-Jericó, também denominada flor-da-ressurreição, por apresentar a propriedade singular de murchar para, depois, tornar a florescer, tem sua origem na história do Cristianismo por uma interessante lenda citada por vários autores:

Ao fugir de Belém com o Menino Jesus, a fim de livrá-lo da hedionda matança ordenada pelo rei Herodes, a Sagrada Família atravessou as planícies de Jericó. Quando a Virgem desceu descuidada do burrinho que montava, surgiu, a seus pés, uma florzinha mimosa e delicada.

Maria sorriu para a pequenina flor, pois compreendeu que ela brotava, radiante, do seio da terra para saudar o Menino Jesus.

Durante a permanência de Cristo na terra, as Rosa-de-Jericó continuaram a florir e a embelezar os campos, mas quando o Salvador foi supliciado e morto, -o termo mais adequado é assassinado na cruz-, todas elas secaram e morreram.

Três dias depois, reza a mesma lenda, quando Cristo ressuscitou, as Rosas-de-Jericó voltaram a florescer e a irradiar suave perfume.

Também é contado que havia, nos antigos desertos de Alexandria no Egito e nos afluentes do Mar Vermelho, uma planta muito curiosa e que também é chamada “rosa”: é a **Rosa-de-Jericó**.

Totalmente diferenciada da rosa que conhecemos, essa planta tem uma propriedade muito curiosa. Durante longos períodos de tempo, essa planta, que vive em regiões desertas, cresce e se reproduz até o ambiente ficar desfavorável a ela. Então, as flores e folhas secas caem, as raízes se soltam e os galhos secos se encolhem, formando uma “bola” e permitindo que o vento a leve para onde quiser.

As **Rosas-de-Jericó** podem ser transportadas quilômetros e quilômetros pelos ventos, vivendo secas, sem uma única gota de água, durante muito tempo, até encontrarem um lugar úmido. Achar umidade, elas fincam as raízes na terra e se abrem, voltando a verdejar!

A **Rosa-de-Jericó** é encontrada no Oriente Médio e na América Central. É possível comprar uma “bola seca” e depois, ajeitando-a num recipiente com um pouco de água, vê-la florescer na sua casa. (<https://pt.aleteia.org/2016/02/17/cultura-crista-voce-conhece-a-exotica-rosa-de-jerico-e-sua-lenda/>).

Essa é a primeira analogia que constitui esta minha fala. No livro “Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor” (ADLER, 1917, pp. 65-66), registro:

O ano de 1975, foi o ano de verdejar para Maria Firmina, o marco que eu gostaria de intitular de “o seu ano Rosa de Jericó”. Essa rosa é também chamada de flor-da-ressurreição por sua impressionante capacidade de “voltar à vida.” As Rosas-de-Jericó podem ser transportadas por muitos quilômetros pelos ventos, vivendo secas, sem água, mesmo durante muito tempo, e ao encontrarem um lugar úmido, elas afundam raízes na terra e se abrem, voltando a verdejar!

Vejo muita semelhança entre Maria Firmina e a Rosa de Jericó, senão vejamos: a Rosa de Jericó, tem aparência frágil, mas, concomitantemente demonstra consistente defesa diante da situação adversa, neste caso, ausência total de chuvas. Nesse período as suas folhas caem e seus ramos se contraem, e se curvam para o centro, adquirindo uma forma esférica, capaz de abrigar as sementes e protegê-las da aridez dos desertos. Mesmo frágil e ressequida, ela continua como “peregrina”, devido à quase inexistência das suas raízes, o que facilita o seu deslocamento e como “viajante incansável”, deixa-se levar pelo vento do deserto, que tem a força de arrancá-la do solo e arrastá-la por áreas distantes. Nesse período ela permanece seca e fechada, aparentando estar totalmente sem vida por alguns meses. No entanto, basta algum contato com a umidade para a Rosa de Jericó estender suas folhas, espalhar suas sementes e retornar à vida, mostrando sua beleza.

No tocante ao retorno de Maria Firmina ao cenário literário mostrando a sua beleza, a escritora personaliza a própria Rosa-de-Jericó.

No entanto, esse desvelamento não aconteceu de forma tão serena no meio literário, a exemplo do que cita Arlete Nogueira da Cruz, no seu livro *Sal e Sol* (2006, p. 265) fundamentando-se no trabalho intelectual de Janilto Andrade, “A Nação das Dobras da Ficção”, explicita:

[...] Não fosse José Nascimento Morais Filho, o nosso Zé Morais, este contumaz andarilho de trilhas nunca antes percorridas, Maria Firmina dos Reis não teria vindo à luz. E quando ele a trouxe (no momento em que também a trazia o escritor paraibano Horácio Almeida), lembro bem, foram alvo de zombarias em São Luís: Zé Morais, Maria Firmina e o seu livro *Úrsula*; muitos considerando que era de pouca serventia aquele achado e exagerada a relevância que Zé Morais dava à sua descoberta. Pelos daqui, Maria Firmina dos Reis deveria permanecer onde se achava: no limbo. E a sua obra sob o tapete.

No limbo... Sob o tapete... Expressões que retratam não apenas rejeição, mas depreciação, o que não deixa de denotar alienação e falta de cortesia no trato com as pessoas e suas obras por parte de alguns outros intelectuais. (ADLER 2014, p.6).

Mas, antagonisticamente, outros maranhenses, a exemplo de Josué Montello, reconheceram a importância de Maria Firmina e a descoberta de Nascimento Morais Filho como registra em um artigo intitulado “A primeira Romancista Brasileira” e o publicou no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1975, e na *Revista de Cultura Brasileira*. Madrid, Embajada de Brasil, 1976, junho. Nesse texto se refere a outro maranhense, Antônio de Oliveira, e enfatiza o trabalho de Nascimento Morais Filho:

[...] o primeiro falando em voz baixa como é do seu gosto e feitio e o segundo, falando alto ruidosamente, com uma garganta privilegiada, graças à qual, sem esforço, pode fazer-se ouvir no Largo do Carmo, em São Luís, à hora em que se cruzam os automóveis, misturando a estridência das suas buzinas e de seus canos de descarga ao sussurro do vento nas árvores da praça.

Desta vez, ao que parece, Nascimento Morais Filho ergueu tão alto a voz retumbante que o país inteiro o escutou, na sua pregação em favor de Maria Firmina dos Reis.

Há quase dois anos, ao encontrar-me com ele na calçada do velho prédio da Faculdade de Direito, na Capital maranhense, vi-o às voltas com originais da escritora. Andava a recompor-lhe o destino recitado, revolvendo manuscritos, consultando jornais antigos, esmiuçando almanaques e catálogos como a querer imitar Ulisses, que reanimava as sombras com uma gota de sangue.

E a verdade é que, no dia de hoje Maria Firmina dos Reis de pretexto a estudos e discursos, e conquista, seu pequeno espaço na história do romance brasileiro – com um nome, uma obra, e a glória de ter sido pioneira. (MONTELLO apud ADLER 2017, p. 68).

Isso posto, me refiro a Nascimento de Morais Filho: como um Sankofa, pássaro africano, principalmente por ter-se dedicado incansavelmente, para dar novo significado à Maria Firmina dos Reis como mulher, professora e como escritora, dando a ela o lugar que lhe era e é devido na literatura maranhense e brasileira.

Sankofa é um dos ideogramas utilizados pelo sistema de escrita Adinkra, que compunha as várias formas de expressão escrita existentes na antiga África. Adinkra é o nome de um conjunto de símbolos ideográficos dos povos Akan ou Acã, grupo linguístico da África Ocidental, que povoa a região que hoje abrange parte de Gana e da Costa do Marfim. Sankofa, um adinkra dentre os mais conhecidos, significa a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro.

O conceito de Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan ou Acã da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Ele representa os conceitos de autoidentidade e redefinição.

Como um símbolo Adinkra, Sankofa pode ser representado como um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Também se apresenta como um desenho similar ao coração ocidental.

Assim, Nascimento de Morais Filho é um Sankofa, um Sankofa maranhense, quando retornou ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro sobre o real significado de Maria Firmina dos Reis como mulher, como professora e como escritora, dando a ela o lugar que lhe é devido na literatura maranhense e brasileira, como já referido.

Estas analogias trazem à baila ocorrências arbitrárias de cancelamento, mas, antagonistamente, a possibilidade de validação ou (re)validação, conforme o caso, tanto na história, de um modo geral, como na historiografia literária maranhense e brasileira.

Apesar do silenciamento da expressão, principalmente o da fala feminina, muitas mulheres conseguiram burlar essa tentativa de invisibilidade, e, mesmo tendo sido excluídas do cânone literário, deixaram marcas inapagáveis que nas últimas décadas, como já referido, progressivamente, vêm sendo recuperadas.

Desse modo, torna-se premente a existência de muitos pássaros sankofas para que mais Rosas-de-Jericó possam verdejar, a exemplo de Nascimento Morais Filho (pássaro Sankofa) e Firmina (A Rosa-de-Jericó).

É inegável que desde as últimas décadas do século passado, quantitativo razoável de pesquisadores agregou-se à missão de consolidar a ressignificação de Maria Firmina na historiografia maranhense e brasileira, levada a termo por Nascimento Morais Filho, o Pássaro Sankofa Maranhense.

Faz-se ainda pertinente trazer a esta apresentação um pouco da biografia de Firmina. Esta ilustre maranhense é a primeira romancista brasileira e nasceu em São Luís do Maranhão/Brasil, no dia 11 de março de 1822, no Bairro de São Pantaleão (nas imediações da Igreja de São Pantaleão).

Filha de Leonor Felippa, mulata forra que foi escrava do Comendador Caetano José Teixeira. Foram Padrinhos o Tenente de Milícias João Nogueira de Souza e Nossa Senhora dos Remédios e João Pedro Esteves muito pouco é dito sobre ele.

Embora tenha nascido em São Luís, viveu grande parte da sua vida em Guimarães, onde produziu também a maioria das suas obras.

Maria Firmina, ao publicar o romance *Úrsula*, materializou um *ato extremo de coragem e ousadia* por efetivá-lo vinte e nove (29) anos antes da libertação dos escravos (1859 - 1888), ou seja, a Lei Áurea, oficialmente Lei Imperial n.º 3.353, foi sancionada em 13 de maio de 1888, e se firma como o diploma legal que extinguiu a [escravidão no Brasil](#).

Maria Firmina viveu 95 pródigos anos, vindo a falecer em 11 de novembro de 1917, na cidade de Guimarães no Maranhão e desses anos que viveu neste plano físico, conviveu 66 anos com a escravidão.

O conjunto da sua obra é de notável reconhecimento e bastante significativa, tanto em quantidade quanto em variedade de gêneros literários e vertentes das artes: romances, crônicas, contos, poesias, composições (letra e música), enigmas, epígrafes, folclores entre outras.

Desde 2013, ano da fundação da Academia Ludovicense de Letras-ALL, em São Luís do Maranhão, e igualmente do Instituto Geográfico de Guimarães, em Guimarães/Maranhão, ambos Casa de Maria Firmina dos Reis, essa missão tem sido incorporada às finalidades das Casas.

A ALL busca ocupar todos os espaços culturais locais, nacionais e internacionais, objetivando desenvolver e difundir a cultura e a literatura ludovicense, a defesa das tradições do Maranhão e, particularmente, de São Luís, também levando o nome de Maria Firmina dos Reis como missão precípua.

Para finalizar esta minha homenagem à Maria Firmina dos Reis e a Nascimento Morais Filho um pouco da minha poesia:

CANTOS À BEIRA-MAR

À Maria Firmina dos Reis

Dilercy Adler

Teus Cantos à beira-mar
afogam com veemência
as dores
 os dissabores
que maculam toda a existência
daqueles que apenas sonham
com a igualdade e coerência
em um mundo de fato melhor!...

ah! os teus Cantos à beira-mar
levam todo e qualquer anseio
que a brisa vinda do mar
litoraneamente embala
e acalenta em seu seio...

e os teus poemas me dizem:
cuida!
entoa hinos em banzeiros
que a vida lenta a passar
se apressa como um agouro
bem-vindo de augúrio sem par
que existe quando se pensa

que nada mais vale a pena...
a pena de festejar!...

resiste!...
afoga as tuas mágoas
nas crivas e cavas mais altas
das longínquas vagas do mar!...
e se ainda puderes
sonha poemas e louva comigo
mistérios e amores contidos
e canta-os todos
à beira-mar!...

SANKOFA

A Nascimento Morais Filho
Dilercy Adler

Ó pássaro bendito!
nos ensina a enxergar além do visível que aparece
ensina ainda à nossa alma pecadora
curvar o corpo e postar as mãos em prece!

é preciso ver o passado com os teus olhos
sem o espelho que inverte a imagem
só o exato do real que se esconde
por trás do espelho com suas nobres vestes
-nobres vestes que serão despidas-
nos vários tons que nelas se entrecruzam
ver por fim
a inteira tradução do mundo
em verdades nuas!
em verdades cruas!...

com alma aberta e olhos pro passado
será possível o enxergar inteiro
sem o escuso escudo
- então despido! -
poder por fim
ressignificá-lo!...

com um presente com perspectivas de futuro
que diga a palavra sem sentença equivocada
que puna o erro e eleve a verdade
além de interesses e mediocridades
por fim assim prevaleça o bendito
o verdadeiro fato
a veracidade
nesta nossa frágil e gloriosa humanidade!!

ó pássaro africano
venha a nós!...

REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy Aragão. *ELOGIO À PATRONA MARIA FIRMINA DOS REIS: Ontem, uma maranhense: hoje, uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2014.

ADLER, Dilercy Aragão. *MARIA FIRMINA DOS REIS: uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.

CRUZ, Arlete Nogueira da. *Sal e Sol*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MORAIS FILHO, José Nascimento. *MARIA FIRMINA FRAGMENTOS DE UMA VIDA*. São Luiz: COCSN, 1975.

<https://pt.aleteia.org/2016/02/17/cultura-crista-voce-conhece-a-exotica-rosa-de-jerico-e-sua-lenda/>>

Acessado em: 24 de setembro de 2021.

PARTICIPAÇÃO DO IHGM EM EVENTOS

DESTAQUE DA PARTICIPAÇÃO DA SRA. PRESIDENTE



<https://drive.google.com/file/d/1EyTC9eMSj7KDOj261QLs27nUqbCwXFti/view?usp=sharing>

PROGRAMAÇÃO

1º - momento:

De 18 a 19h30

1- Composição da mesa

Abertura com o hino nacional;

2- Posse solene da Diretoria (apresentação dos membros da Diretoria), breve fala da Presidente e do Vice-Presidente(?)

Mais um membros da Diretoria (em nome dos demais?)

3- Apresentação do selo e vinheta dos 97anos de fundação do IHGM

4- Lançamento oficial do concurso Bicentenário da independência no Brasil

5- Entrega Institucional do Livro "Tambores"- releitura fotográfica da obra "Os tambores de São Luís" ao IHGM pelo autor, Márcio Melo e integrantes da coordenação do Projeto do livro.

6- Homenagem a Rogaciano Leite in
memoriam no ato representado por sua filha
Helena Roraima Leite

2º momento:

19:30 a 21 h

Abertura do Ciclo de Palestras do Bicentenário da Independência do Brasil no Maranhão.



Ciclo de Palestras

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO MARANHÃO

28 de julho, das 18:00 às 21:00
Auditório do Curso de História da UEMA
Rua da Estrela, 329, Praia Grande

PALESTRANTES



PROF. DR.
MARCELO CHECHE GALVES
(UEMA)



PROF. DRA.
EDYENE MORAES DOS SANTOS
(UFMA)



PROF. DRA.
ELIZABETH ABRANTES
(IHGM / UEMA)

MEDIADORA



Instituto Histórico
e Geográfico
do Maranhão (IHGM)
Casa de Antônio Lopes



APOIO:

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO





Entrega Institucional do Livro 'Tambores'- releitura fotográfica da obra "Os tambores de São Luís" ao IHGM pelo autor, Márcio Melo e integrantes da coordenação do Projeto do livro.







Na Praça Gonçalves Dias participando de um Sarau em comemoração aos 9 anos da Academia Ludovicense de Letras e 191 anos de Gonçalves Dias. Momento especial de descontração, integração e poesia juntamente com os amigos escritores, poetas, cronistas, contistas, trovadores... Estávamos em festa. Os demais presentes não participaram desta foto única do grupo que tirei do meu aparelho. Serão divulgadas novas fotos pela organização do evento com todos os presentes

Muito honrada em participar da obra como coautora e louvo a iniciativa e trabalho de organização do Vice-Reitor da UFMA, Prof. Dr. Marcos Fabio, e também dos demais organizadores, Prof.Dr. Roni Cesar de Araújo e Profa. Dra. Roseane Pinheiro.





No lançamento do livro: Histórias e Memórias da Balaiada, com os organizadores: Profa. Elizabeth Abrantes, Prof Josenildo Pereira e Prof. Yuri Mateus. Dia 17 de julho



Membros da Academia Joanina de Letras, Ciência e Saberes Culturais no II Encontro Estadual da Sociedade de Cultura Latina do Maranhão, em Matinha.



Hoje, 27 de julho, à noite, no Palacete Gentil.Braga , o lançamento do livro: "200 anos de imprensa no Maranhão", do qual sou coautora com o texto: "Duzentos anos da imprensa no Maranhão: a obra de Maria Firmina dos Reis nos jornais oitocentistas" .

Linda noite e o Palacete Gentil Braga com seu 'glamour', deu um tom de elegância ao evento.

Bom rever amigos, encontrar ex-alunos e receber uma obra preciosa.

Parabéns ao Vice-Reitor da UFMA pela realização do projeto!



Ontem, dia 27, à tarde, em visita à SECULT, com o Secretário, Marco Duailibe, Wanda, Franci, Rita (coordenadora da FeliS) e Helena. Recepção muito amável regada a poesia e afetos.



Aniversário da Academia Ludovicense de Letras, São Luís do Maranhão



Foto oficial no encerramento da comemoração do aniversário de 9 anos da Academia Ludovicense de Letras, Casa de Maria Firmina dos Reis.



na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos com Kátia Bogéa e Fernanda Miranda.





dilercyadler



dilercyadler No Show En/Cantado com.o querido Confrade da Casa d... mais





Academia Ludovicense de Letras - ALL
Casa de Maria Firmina dos Reis

9 Anos

Convite

Recepção na Residência da acadêmica **Maria Teresa Azevedo Neves**, em homenagem ao nono aniversário da ALL.

Data: 15 de agosto de 2022

Horario: 19h

Local: Rua Emilio Azevedo, 261, Olho D'água – São Luís – Ma





Assinando o meu diploma de Membro Correspondente da Academia Zedoquense de Letras, em 20 de agosto de 2022.

Muito honrada em integrar o quadro de Membros correspondentes dessa dinâmica Academia.





ACADEMIA LUDOVICENSE DE LETRAS - ALL
Casa de María Firmiana dos Reis
Aniversário de fundação de 9 anos da ALL
VI SEMANA LUDOVICENSE DE LITERATURA
10 a 15 de agosto de 2022

9 Letras

Membro Benemérito

Entrega do diploma de Membro Benemérito da Academia Ludovicense de Letras ao Magistador Ketter, Natalino Sérgio Filho

Recepção:
 Daniel Blume

Data: 22 de agosto de 2022
Horário: 19h
Local: Auditório do Palácio Cristo Rei



Dilercy Aragão Adler

Este ano completo 50 anos de conclusão do Bacharelado e Licenciatura em Psicologia (1972) e em 2023 completarei 50 anos de graduada em Psicologia.



ESTADO DO MARANHÃO
Assembleia Legislativa

*O Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão,
Deputado Othelino Neto,*
*tem a honra de convidar Vossa Excelência para a Sessão Solene em
homenagem aos 60 anos da regulamentação da Psicologia no Brasil,
realizar-se-á às 11 horas do dia 26 de agosto de 2022,
no Plenário Nagib Haickel do Palácio Manuel Beckman.*

*Traje: Passeio Completo (paletó e gravata) ou
Uniforme Correspondente*

*Solicita-se confirmação
Telefone: 3269-3797
e-mail: cerimonial@al.ma.gov.br
Endereço: Av. Jerônimo de Albuquerque, s/n
Sítio Rangedor - Calhau*

*Em razão das medidas que dispõe sobre protocolo administrativo e sanitários visando a prevenção e o
combate ao coronavírus,
é obrigatório a apresentação da carteira de vacinação com a 2ª dose,
e o uso da máscara é facultativo.
(Resolução Administrativa nº 218/2022)*





Medalha da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão.



Hoje, Dia 02 de agosto às 14h na Fundação da Memória Brasileira a aula aberta com a Profa Raissa Cirino, representando o IHGM.



ALL – AGO SETEMBRO

A presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão entregando exemplar da "Obra Reunida", de Adailton Medeiros, à Academia Ludovicense de Letras, em São Luís (MA).





No dia 18 de agosto foi entregue um documento, ao Secretário de Cultura, Ilmo.Sr. Yuri Arruda, em prol da preservação do Arquivo Público do Estado do Maranhão. Assinam o documento várias instituições: Academia Maranhense de Ciências, a Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado do Maranhão, Fórum Estadual de Educação Ambiental do Maranhão, Departamento de História da UEMA, Departamento de História da UFMA, Programa de Pós-graduação em História da UEMA, Programa de Pós-graduação em História da UFMA, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e o Departamento de Biblioteconomia da UFMA.



**EU E UM DOS MEUS IRMÃOS, FRANCISCO ALBERTO, NO DESFILE DE 07 DE SETEMBRO.
NOSSO PAI, FRANCISCO DIAS ADLER COMBATEU NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, NA ITÁLIA.**





“25 ANOS DO PATRIMÔNIO MUNDIAL: proteção jurídica dos bens culturais maranhenses”

A seguir, registros do evento realizado na Universidade Ceuma em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGM.

Palestraram nesta data especial, 28 de setembro - dia estadual da proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural maranhense - a presidente da Fundação Municipal do Patrimônio Histórico de São Luís, Kátia Bogéa, o desembargador do TJ/MA, Cleones Cunha, o professor da Universidade Ceuma, Diogo Guagliardo Neves, e a presidente do IHGM, Dilercy Adler.





O prefeito Eduardo Braide entregou, nesta quarta-feira (28), por meio da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (Fumph), da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos (Semosp) e do Instituto Municipal da Paisagem Urbana (Impur), o Monumento Fonte das Pedras, no Centro Histórico de São Luís, totalmente revitalizado.

Representando o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM).

Profa. Dilercy Aragão Adler, atual presidente.



PALAVRAS DO DIRETOR

Este é o segundo número da “*IHGM Em Revista*”.

A Simbologia diz-nos que, no Taoísmo (a doutrina místico-filosófica chinesa de 26 séculos atrás), o 2 representa a cooperação e o equilíbrio (e ainda é o número da sorte para os chineses).

Aqui no IHGM e em termos desta “*Revista*”, cooperação e equilíbrio são, mais que um símbolo, uma prática... que, brotando do espírito e da ação colaborativa do Editor Leopoldo Gil e dos membros da Comissão Editorial (José Marcelo – coordenador, José Augusto, Cristiano Sardinha, Iran dos Passos e eu), perpassa, moldura e transpassa o processo de produção desta publicação.

Com efeito, a partir da recolha -- e também solicitação -- de variados textos (estes muitas das vezes dispersos, sobretudo, no mundo digital -- “*sites*”, “*blogs*”, espaços pessoais e institucionais em grupos/redes sociais...), o Editor entrega-se ao paciente trabalho de colocar “cada um em seu quadrado”. Sim; porque há textos e textos. Um ensaio aqui, um artigo ali, notas e notícias acolá, registros institucionais mais adiante...

Após aplicar-lhes essa indispensável organização (aos diversos conteúdos -- textos, tabelas, imagens etc.), o Editor formata o arquivo e o encaminha à Comissão Editorial, para que, com “cooperação e equilíbrio”, faça a leitura e elenque sugestões que, com o distanciamento crítico, poderão contribuir para tornar ainda melhor cada edição.

Como se sabe, a publicação do IHGM para textos de maior monta é a “*Revista do IHGM*”. Por sua vez, a “*IHGM Em Revista*” é esta que não somente pode abrigar textos de profundidade como, mais ainda, registra o quotidiano do Instituto, suas ações, realizações, participações, discussões, colaborações, presença da Presidente e dos demais diretores em atos oficiais, institucionais, culturais e que tais, promovidos por entes públicos e entidades associativas, entre outros.

*

A primeira revista surgida no mundo era alemã (1663) -- é claro, era alemão Gutenberg, o inventor da prensa de tipos móveis, um notável aperfeiçoamento do invento do artesão chinês Bi Sheng, quatro séculos antes. Já a primeira revista brasileira, intitulada “*As Variedades ou Ensaios de Literatura*”, nasceu na Bahia, em 1812. Durou só dois números.

A “*IHGM Em Revista*”, sabemos, vai durar mais. Estaremos acompanhando o exemplo da “*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*”, a qual, publicada desde 1839 pelo IHGB, no Rio de Janeiro (RJ), é, para orgulho dos Institutos de História e Geografia do País, a mais antiga revista em circulação no planeta Brasil.

Para as boas coisas e causas, “*fiat voluntas nostra*”.

EDMILSON SANCHES, diretor

**ARTIGOS
DOS
NOSSOS
SÓCIOS**



JOAQUIM HAICKEL

SENSAÇÃO DE DEVER CUMPRIDO

Mais abaixo vou reproduzir para você, que me lê agora, uma mensagem que recebi recentemente, via WhatsApp, de um grande e querido amigo meu, Vadequinho.

Para quem não sabe, nós a chamamos de Vadequinho por ele ser filho de “seu” Vadeco, que foi diretor do Grêmio Líteo Recreativo Português e do Maranhão Atlético Clube e que fez história em nossa cidade, no tempo em que ela ainda tinha menos de meio milhão de habitantes.

Conheci Vadequinho quando, oriundo da secretaria de Assuntos Políticos no governo Lobão, fui nomeado para secretaria de Educação, no governo Fiquene, em 1994. Vadequinho era chefe da assessoria jurídica da SEDUC, e logo ficamos amigos, principalmente por ter reconhecido nele uma pessoa séria, um funcionário público correto, um amigo leal e um grande conhecedor do caráter e da alma humana. É verdade que ele é um pouco zangado, mas apenas com quem merece, coisa que para mim era primordial, devido a meu temperamento parcimonioso e contemporizador. Minha parceria com ele se tornou perfeita, pois fazíamos bem os papéis daqueles estereotípicos policiais americanos, o bonzinho e o malvadão. Eu era o bonzinho, até porque era eu quem tinha ambições políticas e eleitorais.

Waldimir Costa de Jesus Filho é o nome de batismo de Vadequinho, que durante vinte anos, entre 1994 e 2014, ficou conhecido também como “Senhor Vadeco, o cão de guarda do deputado Joaquim Haickel”.

Todo político, todo agente público deveria ter um Vadequinho, tanto como colaborador quanto como amigo.

Como colaborador Vadequinho era ao mesmo tempo a segunda e a última linha de operação de meu gabinete. A pessoa era recebida na recepção e encaminhada a ele, que filtrava os assuntos e os trazia para mim, qualquer que fosse a natureza dele e eu decidia o que fazer. Caso fossem necessárias mais ações em referência ao assunto, eu pedia que Vadequinho acompanhasse o desenrolar e me mantivesse informado.

Eu e Vadequinho desenvolvemos um sistema que depois de algum tempo passou a funcionar como uma orquestra sinfônica, cujo maestro era eu e ele era o pianista ou o primeiro violino, ou o solista, qualquer que fosse o instrumento. Ele só não poderia ser designado para alguma tarefa política propriamente dita, pois ele não suportava as tolices e asneiras das pessoas nesse setor.

O certo é que Vadequinho muitas vezes era tido como “Deputado”. Tudo bem que ele não pudesse entrar no plenário, fazer discursos, propor leis ou votá-las, mas quase todo o resto ele fazia.

Depois que deixei de ser deputado, fui praticamente obrigado a aceitar o cargo de Secretário de Esportes e Lazer, e na SEDEL meu adjunto era Alim Neto, responsável por toda parte esportiva da secretaria, Monica Gobel era responsável por toda a parte administrativa e financeira e Vadequinho era responsável pelo funcionamento do gabinete do secretário, trazendo tudo para mim só no ponto de eu finalmente decidir e assinar ou não (Durante os 20 anos que trabalhamos juntos, eu só assinei um papel, qualquer que fosse ele, depois de passar pelo crivo de Vadequinho). Essa equipe funcionou durante quatro anos, com quase nenhum recurso financeiro e sem nenhuma força política, mas funcionou muito bem.

Quando em 2020, Eduardo Braide me convidou para ser Secretário de Comunicação da Prefeitura de São Luís, os primeiros dois nomes que pensei para me ajudar nessa tarefa foram os de Vadequinho e Mônica. Ambos recusaram.

Mas voltemos a mensagem que Vadequinho me enviou:

“Depois de um longo e tenebroso inverno, eu e Rosa fomos a um arraial de São João, e o escolhido foi o do Ipem. Achei tudo lindo. Ficamos maravilhados. Tudo perfeito e uma multidão radiante com o evento. Mas uma coisa me chamou atenção logo na entrada. Vi que mais uma vez, e isso já acontece desde 2012, portanto há 10 anos, o São João, assim como o Carnaval e todos os eventos culturais e esportivos, como construção de campos de futebol e quadras polivalentes, festivais de música e shows por todo o Maranhão, só acontecem por causa das leis que você idealizou, construiu, propôs e aprovou na Assembleia legislativa: As Leis de Incentivo à Cultura e ao Esporte, que por minhas contas, juntas já injetaram nestes setores, aproximadamente 1 bilhão de reais em 10 anos. Você deveria se sentir orgulhoso, pois eu me sinto por ter participado dos trabalhos que desenvolveram e

criaram tais leis, que em minha opinião são os sustentáculos da cultura e do esporte do Maranhão. Sem elas não teríamos atividades nestes setores. A cultura e o esporte de nosso estado devem muito a você e não vejo ninguém reconhecer isso. Mas a vida é assim mesmo. Te conheço, sei que sentes orgulho do trabalho que realizamos e sei que só isso já te satisfaz. Grande abraço, do teu amigo e irmão, Vadeco”.

Enquanto lia a mensagem de Vadequinho, fui me emocionando, minha garganta travou, comecei a chorar miudinho e depois tive um acesso de riso, que voltou a se misturar a um choro emocionado, até que fui me acalmando.

Dias depois eu fui ao Arraial do Ipem, pois minha esposa Jacira queria ver o Boi Pirilampo e tomar mingau de milho. Logo na entrada vi as logomarcas da Equatorial, do Mateus e da Cola Jesus, junto da marca do Governo do Estado e imediatamente me lembrei de Vadequinho, e do orgulho dele e do meu, por aquilo tudo estar acontecendo, pelo menos em parte, por um trabalho que realizamos, já faz 10 anos.

A sensação do dever cumprido, é uma das melhores sensações que uma pessoa pode sentir.

TIVE ACESSO A “CARTA ÀS BRASILEIRAS E AOS BRASILEIROS EM DEFESA DO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO!”, RESOLVI ANALISÁ-LA.

JOAQUIM HAICKEL

Em agosto de 1977, em meio às comemorações do sesquicentenário de fundação dos cursos jurídicos no país, o professor Goffredo da Silva Telles Junior, mestre de todos nós, no território livre do Largo de São Francisco, leu a Carta aos Brasileiros, na qual denunciava a ilegitimidade do então governo militar e o estado de exceção em que vivíamos. Conclamava também o restabelecimento do estado de direito e a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. (OK!)

A semente plantada rendeu frutos. O Brasil superou a ditadura militar. A Assembleia Nacional Constituinte resgatou a legitimidade de nossas instituições, restabelecendo o estado democrático de direito com a prevalência do respeito aos direitos fundamentais. (APENAS PARA LEMBRAR AOS ESQUECIDOS E COMUNICAR AOS QUE DESCONHECEM ESTE FATOS: NEM LULA NEM A BANCADA DO PT, BEM COMO OUTROS PARTIDOS E PARLAMENTARES DE ESQUERDA NÃO ASSINARAM A NOSSA CARTA CONSTITUCIONAL DE 1988, POIS NÃO RECONHECIAM NELA A REPRESENTAÇÃO DA VONTADE SOBERANA DO POVO BRASILEIRO.)

Temos os poderes da República, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário, todos independentes, autônomos e com o compromisso de respeitar e zelar pela observância do pacto maior, a Constituição Federal. (UM EXECUTIVO FRACO, ENCABEÇADO POR UM BOÇAL E IDIOTA POLÍTICO; UM LEGISLATIVO COVARDE E PROPINEIRO, QUE NÃO ASSUME SUAS PRERROGATIVAS E OBRIGAÇÕES; UM JUDICIÁRIO MILITANTE QUE PRÁTICA NÃO SÓ MAGISTRATURA ADMINISTRATIVA, MAS TAMBÉM UM JUDICIALISMO POLÍTICO E IDEOLÓGICO.)

Sob o manto da Constituição Federal de 1988, prestes a completar seu 34º aniversário, passamos por eleições livres e periódicas, nas quais o debate político sobre os projetos para país sempre foi democrático, cabendo a decisão final à soberania popular. (OK!)

A lição de Goffredo está estampada em nossa Constituição “Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de seus representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”. (OK!)

Nossas eleições com o processo eletrônico de apuração têm servido de exemplo no mundo. Tivemos várias alternâncias de poder com respeito aos resultados das urnas e transição republicana de governo. As urnas eletrônicas revelaram-se seguras e confiáveis, assim como a Justiça Eleitoral. (DESDE A REDEMOCRATIZAÇÃO, TIVEMOS 8 ELEIÇÕES ONDE FORAM ELEITOS 5 PRESIDENTES DA REPÚBLICA. NESSES 32 ANOS, 24 FORAM DOMINADOS POR PARTIDOS DE IDEOLOGIA DE ESQUERDA, SENDO 8 ANOS DE PSDB E 16 ANOS DE PT, E 8 ANOS DE PARTIDOS DE DIREITA, INFELIZMENTE COM DOIS TEMERÁRIOS, COLLOR E BOLSONARO. DITO ISSO NÃO É VERDADE QUE TIVEMOS MUITAS ALTERNÂNCIAS DE PODER. ESSA AFIRMAÇÃO É FACCIOSA E MENTIROSA, SERVE PARA ILUDIR OS DESATENTOS E ACALENTAR OS MILITANTES.)

Nossa democracia cresceu e amadureceu, mas muito ainda há de ser feito. Vivemos em país de profundas desigualdades sociais, com carências em serviços públicos essenciais, como saúde, educação, habitação e segurança pública. Temos muito a caminhar no desenvolvimento das nossas potencialidades econômicas de forma sustentável. O Estado apresenta-se ineficiente diante dos seus inúmeros desafios. Pleitos por maior respeito e igualdade de condições em matéria de raça, gênero e orientação sexual ainda estão longe de ser atendidos com a devida plenitude. (CONCORDO COM TUDO ISSO! OCORRE QUE O REDATOR DESTA CARTA, BEM COMO SEUS SIGNATÁRIOS NÃO EXPLICAM POR QUE DEPOIS DE 24 ANOS COMANDANDO

NOSSO PAÍS, O PT E O PSDB NÃO RESOLVERAM ESSES PROBLEMAS TÃO SENSÍVEIS E GRAVES, QUE AFLIGEM O NOSSO POVO. PELO CONTRÁRIO, AGRAVARAM MUITO ESSAS MAZELAS, ENRIQUECENDO MAIS AINDA OS GRANDES EMPRESÁRIOS E OS BANQUEIROS!)

Nos próximos dias, em meio a estes desafios, teremos o início da campanha eleitoral para a renovação dos mandatos dos legislativos e executivos estaduais e federais. Neste momento, deveríamos ter o ápice da democracia com a disputa entre os vários projetos políticos visando convencer o eleitorado da melhor proposta para os rumos do país nos próximos anos. (OK!)

Ao invés de uma festa cívica, estamos passando por momento de imenso perigo para a normalidade democrática, risco às instituições da República e insinuações de desacato ao resultado das eleições. (TEMOS AQUI MAIS UMA NARRATIVA FACCIOSA, QUE É APOIADA PELA TOTAL FALTA DE CAPACIDADE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA EM SE EXPRESSAR E SE MANIFESTAR, MAS É SÓ! NADA TEM DE VERDADEIRA!)

Ataques infundados e desacompanhados de provas questionam a lisura do processo eleitoral e o estado democrático de direito tão duramente conquistado pela sociedade brasileira. São intoleráveis as ameaças aos demais poderes e setores da sociedade civil e a incitação à violência e à ruptura da ordem constitucional. (CONCORDO COM O FATO DE NOSSO PROCESSO DE VOTAÇÃO SER CONFIÁVEL, JÁ O MESMO NÃO POSSO DIZER QUANTO AO PROCESSO ELEITORAL, PRIMEIRO PORQUE A LEGISLAÇÃO QUE ORDENA AS ELEIÇÕES É EXDRÚXULA, FEITA PARA SER ESCAMOTIADA. QUANTO A INCITAÇÃO À VIOLÊNCIA, ESSA É UMA OUTRA NARRATIVA INFUNDADA. SE O QUE DIZEM FOSSE VERDADE, O TSE E O STF JÁ TERIAM AGIDO, UMA VEZ QUE ELAS TÊM FEITO ISSO A TORTO E A DIREITO, POR MUITO MENOS MOTIVOS!)

Assistimos recentemente a desvarios autoritários que puseram em risco a secular democracia norte-americana. Lá as tentativas de desestabilizar a democracia e a confiança do povo na lisura das eleições não tiveram êxito, aqui também não terão. (OK! AGORA ESTAMOS PREOCUPADOS COM OS GRINGOS! ENTÃO TÁ, CHEIROSO! EM NOSSO PAÍS NÃO SÓ AS PESSOAS QUE SIMPATIZAM COM A ESQUERDA SÃO CONFIÁVEIS E RESPEITÁVEIS. AQUELES QUE NÃO SIMPATIZAM COM A ESQUERDA TAMBÉM NÃO ADMITIRÃO ATAQUES A DEMOCRACIA, MAS NÃO ACEITARÃO QUE O ESTADO BRASILEIRO SEJA NOVAMENTE ASSALTADO E APARELHADO.)

Nossa consciência cívica é muito maior do que imaginam os adversários da democracia. Sabemos deixar ao lado divergências menores em prol de algo muito maior, a defesa da ordem democrática. (CONCIÊNCIA CÍVICA!? QUE PAPO FURADO É ESSE!? CONCIÊNCIA CÍVICA É PISAR EM NOSSA BANDEIRA, SÓ POR ELA SER VINCULADA A UM DETERMINADO POLÍTICO!?)

Imbuídos do espírito cívico que lastreou a Carta aos Brasileiros de 1977 e reunidos no mesmo território livre do Largo de São Francisco, independentemente da preferência eleitoral ou partidária de cada um, clamamos as brasileiras e brasileiros a ficarem alertas na defesa da democracia e do respeito ao resultado das eleições. (APOIO INTEGRALMENTE ESTE PARÁGRAFO, DESDE QUE NO PARÁGRAFO ANTERIOR A ESTE SE INCLUA O REPÚDIO ÀS PRÁTICAS CORRUPITAS E AO APARELHAMENTO PARTIDÁRIO E IDEOLÓGICO DO ESTADO, COISAS QUE REPRESENTAM IGUALMENTE GRANDE PERIGO PARA NOSSA DEMOCRACIA.)

No Brasil atual não há mais espaço para retrocessos autoritários. Ditadura e tortura pertencem ao passado. A solução dos imensos desafios da sociedade brasileira passa necessariamente pelo respeito ao resultado das eleições. (MAIS UM PARÁGRAFO DEDICADO ÀS NARRATIVAS PARTIDÁRIAS QUE SÓ ENFRAQUECEM A VERDADEIRA LUTA PELA DEMOCRACIA. ONDE ESTÁ HAVENDO AUTORITARISMO EM NOSSO PAÍS, A NÃO SER POR PARTE DE UM JUDICIÁRIO MILITANTE E DE UMA IMPRENSA PARTIDÁRIA!? O QUE REALMENTE OCORRE É QUE TEMOS UM IDIOTA POLÍTICO NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CUJAS FALAS DÃO MARGEM A CRIAÇÃO DESSAS NARRATIVAS E DESSE CLIMA. CASO ELE FOSSE MENOS “BURRO”, MAIS HIPÓCRITA E CANALHA COMO SEUS ADVERSÁRIOS, O CLIMA NÃO SERIA ESSE QUE VIVENCIAMOS)

Em vigília cívica contra as tentativas de rupturas, bradamos de forma uníssona:

Estado Democrático de Direito Sempre!!!! (NISSO ESTAMOS JUNTOS, E ESTAREMOS SEMPRE! ESSA NÃO É UMA PAUTA QUE SEJA PRIVATIVA DA ESQUERDA, MAS SIM DE TODOS OS BRASILEIROS QUE DESEJAM UM BRASIL MELHOR, SEM CORRUPÇÃO, APARELHAMENTO E RESPEITO ÀS PESSOAS E ÀS INSTITUIÇÕES!)

ÉTICA E MORAL

JOAQUIM HAICKEL

Algumas pessoas as vezes reclamam que meus textos são muito longos, e hoje vou fazê-las reclamar por escrever um texto curto, sobre um assunto controverso. Farei isso para deixar mais tempo para essas mesmas pessoas possam refletir sobre as coisas importantes que vou abordar.

Eu sempre fui fascinado pelas semelhanças e as diferenças entre as palavras e principalmente entre os conceitos que eles trazem em si. Duas dessas palavras, que para mim são de suprema importância na vida das pessoas, são ética e moral.

Elas nada têm de semelhantes em seus aspectos gráficos, gramaticais, fonéticos ou morfológicos, porém os seus significados comumente confundem as pessoas, e isso não ocorre apenas com as menos cultas ou estudadas. É comum muita gente bastante entendida em alguns aspectos, derrapar sobre o que significa cada uma dessas palavrinhas que em minha opinião estão no centro visceral de todas as discussões atuais.

Observemos os significados formais de cada uma dessas palavras.

Ética é a parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente sobre a essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social. Ou seja, é o conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade.

Moral é o conjunto de valores e regras que definem o que é certo ou errado, permitido ou proibido em uma sociedade. Dito isso, é importante lembrar que esses conceitos podem variar de acordo com a cultura de determinado grupo e com o tempo em que ele se encontra.

Essas definições de dicionário, no entanto, em meu ponto de vista, são insuficientes para expressar coisas tão importantes. Pensando nisso busquei uma melhor definição para ética e a que mais me identifiquei foi com aquela que seja talvez a mais simples. Tão simples, a ponto de assustar.

Ética é um dos poucos valores universais. Ela é igual aqui, no Japão ou na Inglaterra. Ou você é ético em todo lugar ou não é ético em lugar nenhum.

Você tem ética quando não sendo obrigado a agir ou deixar de agir de uma determinada maneira, você o faz por deliberação própria. Ética não é imposta.

Uma atitude ética é sempre boa e justa, de um ponto de vista geral e abrangente. A ética tem uma outra característica peculiar, ela coloca o coletivo sobre o individual.

Já a moral é algo que é certo ou errado para aquele grupo, aquela determinada sociedade, naquele país, dependendo da sua cultura ou do tempo em que ela ocorre.

Um bom exemplo sobre moral e ética é o seguinte: Nos países islâmicos, se você tiver boa condição financeira e paciência suficiente para ter três sogras, você poderá ter três esposas, isso é a moral, porém você terá que tratá-las com igualdade, isso é ética.

Moral é quando alguém pergunta se algo é certo ou errado, já se perguntam se algo é bom ou é mau, isso é ética.

Há quem acredite que a humanidade chegou a um ponto crítico, em que se constata que existem poucas pessoas que possuem ética e moral. Que estamos em um ponto sem volta, em que existe uma grande quantidade de pessoas que tem moral e não tem ética, e vice-versa, um ponto em que infelizmente a maioria das pessoas não têm nem ética nem moral.

Eu prefiro acreditar que essa percepção é resultado do aparelhamento ideológico do Estado e da sociedade, da desvirtuação do ensino, da educação formal, da desagregação da família e do distanciamento dos valores fundamentais do humanismo, em nome de uma busca enlouquecida pela supremacia de ideias, pela busca desenfreada pelo poder.



DIOGO GALHARDO NEVES

W. MILNOR ROBERTS: TIPO GERAL DE PONTES PARA O PORTO DE MARANHÃO (1881)



Desde fins do século XVIII há petições e estudos para a construção de um cais que melhorasse as condições do porto de São Luís, nas margens do rio Bacanga:

“Desde os tempos coloniaes, que houve projecto de um cais a partir do forte de S. Luiz até a praia das Mercêz, no intuito de desobstruir o porto cuja profundidade ia diminuindo pela enorme accumulação de areias, de modo a não poder mais fundear embarcações de grande calado” (Álbum do Maranhão, 1899).

Em 1879, o engenheiro civil americano William Milnor Roberts (1810-1881) foi nomeado pelo imperador do Brasil, chefe da Comissão Hidráulica, para examinar e informar sobre a melhoria de portos e rios navegáveis do império.

Milnor apresenta um extenso relatório sobre as condições de navegabilidade do Rio São Francisco. Durante este trabalho, o engenheiro contrai malária e morre. No ano em que faleceu, Milnor Roberts trabalhou em um projeto para construção de um cais nas margens do rio Bacanga, com pontes para embarque e desembarque no porto.

Nos mapas produzidos por Milnor, a partir do Mapa da Província do Maranhão, de Antonio da Costa Ferreira (1854), há menções às sondagens da baía realizadas pelo capitão francês E. Mouchez em 1867, e ao mapa de Sir John Hawkshaw de 1875.

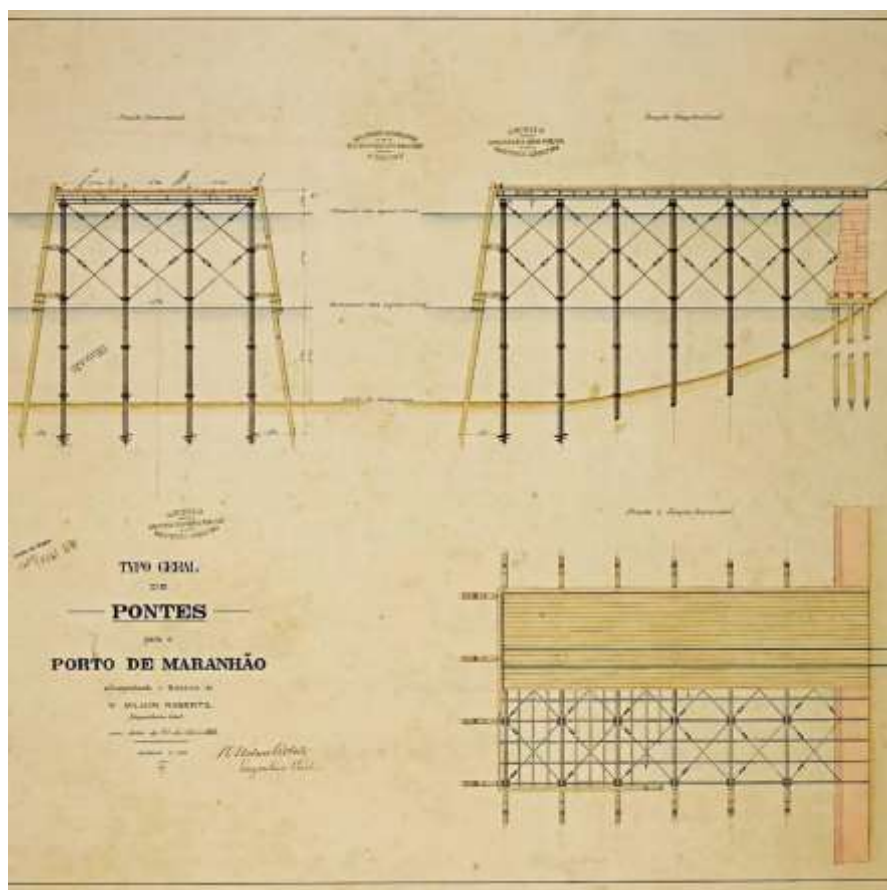
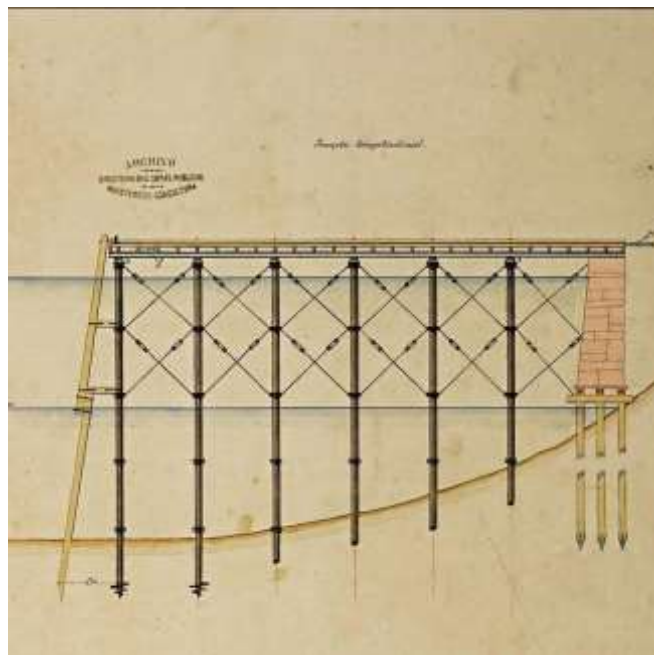
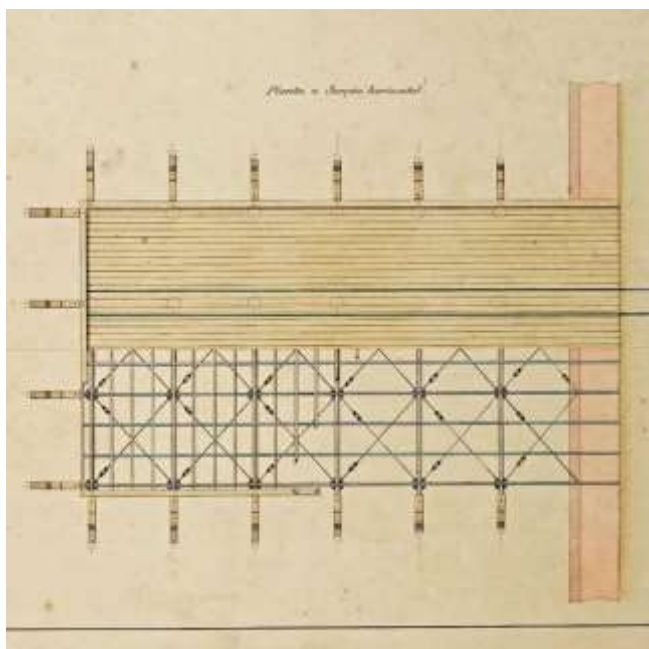
Os estudos, projetos e obras de infraestrutura no porto, refletem os interesses de europeus e americanos no comércio com o Maranhão no século XIX.

FIG. 1,2,3,4 - Tipo Geral de Pontes para o Porto de Maranhão (1881). Fonte: Arquivo Nacional.

FIG. 5,6 - Mappa nº 1 para acompanhar o Relatório de W. Milnor Roberts, engenheiro civil. Fonte: Arquivo Nacional.

FIG. 7,8,9 - As condições difíceis de desembarque no porto, no início do século XX (DET.). Fonte: Álbum do Maranhão, 1900/acervo @arq.urb.maranhao.

FIG. 10 - Portrait of civil engineer William Milnor Roberts (1810-1881). Fonte: Notable Men of Pittsburgh and Vicinity. 1901. p. 28. Disponível em: <https://archive.org/stream/notablemenofpitt00smit...>



LAMENTOS DO BICENTENÁRIO

DIOGO GUALHARDO NEVES

Estamos numa época avessa ao patriotismo e nacionalismo (vou ignorar a diferença conceitual de ambos, por hora), disso não há dúvida.

Tanto “esquerda” quanto “direita” não gostam do Brasil. Sim, porque para gostar do país é obrigatório conhecer sua história, sua cultura, sua natureza e se apaixonar por elas.

A primeira, tradicionalmente, rejeita os símbolos nacionais, como outra vez ficou retratado por uma imbecil pisoteando a bandeira, e prefere acreditar numa ideia maluca de “América Latina”, apesar das diferenças colossais entre o mundo hispânico e o luso-brasileiro no continente. A segunda reduziu a pátria à mitificação em torno de um homem médio, recriando uma espécie de bonapartismo, mas agora das bananeiras, cujos símbolos da “nova pátria” (não é algo realmente novo entre nós) são a bandeira dos Estados Unidos, uma pistola e uma bíblia de zíper - que preferencialmente não deve ser lida, senão pelo “pastor”.

Fato é que, às portas do bicentenário da Independência, ninguém quer saber disso. Preferencialmente, ao rigor dos corações, o Brasil nem deveria existir.

Fui a Minas buscando uma imersão no teatro dos acontecimentos que principiaram a Independência e a consolidaram. Dos inconfidentes ao Marquês de Barbacena, na antiga e populosa província estava o coração pulsante do novo país. De Diamantina, o extremo da Estrada Real, até Vila Rica, a capital, não vi uma única menção ao Bicentenário. Nada. Nem mesmo pelas imediações do monumento ao Tiradentes. É certo que não é a data magna do enforcado alferes, mas a ideia era separar-se de Portugal, pelo menos. Por outro lado, também preferi não perguntar a ninguém sobre o tema, afinal, já sofria o suficiente.

Quem disse que não teremos festa pelo Bicentenário da Independência?!? Claro que teremos!!! As avenidas do país estarão lotadas de cidadãos vestindo verde e amarelo, balançando a bandeira nacional às centenas, senão milhares delas!!! Um clamor cívico ecoará pela nação e a seu favor!!! Sim, pelo menos é o que se conclui do grande número de seguidores da “réchitegue” do 7 de Setembro, como mostra a imagem abaixo. Claro que isso não tem nada a ver com a medíocre eleição presidencial e seus candidatos torpes! É claro! Só não entendi o porquê da outra, a do Bicentenário, ter tão poucos seguidores. alguém explica?!?

A INTEGRAÇÃO DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO AO IMPÉRIO DO BRASIL

DIOGO GUALHARDO NEVES

A Província do Maranhão, até 1823, pertencia à organização política fundada por D. João VI chamada de “Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves”.

No entanto, essa realidade mudaria. Os potentados locais, agrícolas e pecuaristas, eram muito ligados a Portugal. À época, o Maranhão era uma das mais ricas províncias da América Portuguesa. O intenso comércio marítimo, justificado pela maior proximidade com a Europa, tornava mais fácil o acesso e as trocas comerciais com Lisboa do que com o Rio de Janeiro. Os filhos dos comerciantes ricos estudavam em Portugal.

De fato, foi a Junta Governativa do Maranhão, na cidade de São Luís, de onde partiu a iniciativa da repressão ao movimento da Independência no Piauí, que tinha ligações com a Bahia, Ceará e Pernambuco pelo sertão. Mas a Junta ainda controlava ainda a rica região do vale do rio Itapecuru, onde o principal centro estava na vila de Caxias. Por isso, o major Fidié, comandante das tropas portuguesas no interior, escolheu aquela praça para se fortificar após a Batalha do Jenipapo, no Piauí. Fidié, no entanto, capitulou, sendo preso e depois mandado para Portugal, onde foi recebido como herói.

Lentamente os brasileiros foram conquistando o apoio de várias cidades e povoados maranhenses, e aos poucos, os portugueses foram sendo derrotados.

Contudo, a capital, São Luís, permanecia com um governo lusitano. Isso, no entanto, até a chegada da frota enviada do Rio de Janeiro, comandada por Lord Cochrane que, fundeando próximo à foz do Anil e Bacanga, ameaçou bombardear a cidade caso não houvesse a rendição pacífica, o que terminou por ocorrer.

Cochrane desembarcou seus homens e aprisionou alguns chefes militares portugueses, confiscando seus bens a fim de evitar a resistência. Empossou a autoridade brasileira no governo do Maranhão e foi a figura de honra em um baile organizado para comemorar a integração da província ao nascente Império do Brasil, no exato dia 28 de julho de 1823.

Na imagem: a Nau Capitânia D. Pedro I e a frota liderada pelo almirante Cochrane.



A CRIAÇÃO DOS CURSOS JURÍDICOS NO BRASIL IMPÉRIO

Embora os estudos anteriormente praticados em Coimbra tenham influenciado o Brasil consideravelmente entre os séculos XVI até XIX o acesso que tiveram os primeiros bacharéis brasileiros à formação jurídica ofertada pela Faculdade de Coimbra, tendo em vista que era lá que concluíam seus estudos, com advento da Independência do Brasil o próprio acesso à Faculdade de Direito de Coimbra se modificou, bem como o tratamento aos estudantes de origem brasileira, que começaram a sofrer discriminações.

Críticas começaram a surgir sobre Coimbra e sobre a qualidade de ensino ministrado lá, por conseguinte, a criação de cursos jurídicos no Brasil restou necessária, pois a estrutura do Império carecia de burocratas que pudessem preencher os quadros do poder imperial e auxiliar na estruturação da administração imperial para formação de um Estado Nacional.

O Estado Imperial por intermédio da Lei de 11 de agosto de 1827, cinco anos logo após a independência, cria os dois primeiros cursos jurídicos brasileiros, com suas sedes respectivamente em Olinda (posteriormente transferido para Recife) e outra em São Paulo.

A Faculdade de Direito estabelecida em Olinda (posteriormente transferida para Recife) servia como centro intelectual, preparando doutrinadores, elaborando novas teorias, com uma peculiaridade de cunho mais científico, contribuindo para o aperfeiçoamento do sistema jurídico.

A Faculdade de Direito de São Paulo tinha como principal característica a preparação de políticos e burocratas direcionados para vida pública nacional, voltados para administração do Império.



URGENTE! HISTORIADOR DESCOBRE FOTO ORIGINAL DE ANA JANSEN!

O historiador Diogo Guagliardo Neves descobriu a única fotografia autêntica, e de época, de Ana Joaquina Jansen Pereira, a poderosa Ana Jansen (1787 - 1869).

A imagem está no formato "Carte-de-visite", modelo comum no século XIX, identificada e datada de 1865, no verso, em grafia e tinta ferruginosa, características do Oitocentos. Ana Jansen morreria quatro anos depois deste registro.



D. Anna Joaquina
Jansen Pereira.

1865.

D. Ana Joaquina Jansen Pereira
1865

MANOEL JANSEN PEREIRA, O "MANETA",

um dos filhos de Ana Jansen. Foto de meados do século XIX.

Créditos e pesquisa:

Diogo Gualhardo Neves

Marcos Seneor



Manoel Jansen⁵⁰
Pereira, filho
de Ana Jansen

São Luiz Maranhão

ERROS, E CONFISSÕES. DOAÇÃO DE IMÓVEIS E HERDEIROS

Dona Ana JANSEN, no seu TESTAMENTO, fez confissão de erros que praticou, quando solteira, e mesmo da 1.ª viuvez, conforme se infere no documento histórico, sendo um dos rebentos de sua maior estima, o Dr. Manoel JANSEN Pereira, vulgarmente conhecido ou apelidado por "maneta", por ter nascido sem um braço. Deu-lhe ela a sua parte na herança que cabia aos outros filhos legítimos.

Enviuvando do Cel. Isidoro Rodrigues Pereira, em 1825, surgiu-lhe um romance amoroso. Desta feita, vieram-lhe quatro filhos: Francisco Higino JANSEN Vieira de Melo, Joaquina Honorata JANSEN Vieira de Melo Rocha; MARIA Ludgera JANSEN de Melo Pontes, e Luís Venâncio Vasconcelos Vieira de Melo.

O pai dos irmãos: Desembargador Francisco Carneiro Pinto Vieira de Melo. Ajudou-os a desvendarem o mistério, até então sob incógnita, o Dr. John Wilson da Costa, maranhense que se destacou pelo seu elevado grau de cultura, em São Paulo.

O patrimônio de A.J., ser-nos-se impossível calcular, porém se tornava a maior

DAVID GONÇALVES DE AZEVEDO.

Vice-cônsul de Portugal no Maranhão, com fardão e comendas.

Pai do escritor Aluizio Azevedo e do teatrólogo Arthur Azevedo. Carte de visite de Theodoro Nadler, "Photographo, 41, Rua da Estrela, Maranhão".

Com dedicatória no verso: "A Aluizio Tancredo Gonçalves de Azevedo oferece seu pai, David Glz de Azevedo."
(Nova aquisição do Acervo Diogo Gualhardo Neves)



25 anos

de Patrimônio Mundial: proteção jurídica dos bens culturais maranhenses

28/09 às 19h

Local: Auditório Josué Montelo,
Campus Renascença,
Universidade Ceuma.

Diogo Guagliardo Neves

Historiador e advogado

"Patrimônio Outsider: ação popular constitucional e o Cemitério do Gavião"

Cleones de Carvalho Cunha

Desembargador TJ/MA

"Brasil e Santa Sé: patrimônio histórico e a Igreja"

Kátia Bogéa

Presidente da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico de São Luís

"Os 50 anos da Convenção do Patrimônio Mundial e os 25 anos da declaração da Unesco do Centro Histórico de São Luís Patrimônio Mundial"

Dilercy Adler

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão

"O IHGM e a proteção dos bens edificados em São Luís"





ALDY MELLO DE ARAÚJO

O VÍRUS DO MEDO E DO TERROR

O presente artigo trata do coronavírus que, surpreendentemente, invadiu o planeta, deixando a humanidade de ricos e de pobres vivendo dias de terror e de medo. Os governantes logo adotaram medidas, acertadas ou não, agindo contrariamente à expansão do vírus em todos os recantos do mundo. Politicamente, cada país agia contra a doença. Finalmente a ciência saiu vitoriosa, a vacina salvou milhares de vidas e o mundo voltou a viver o dia seguinte.

Introdução

O planeta foi pego de surpresa por um vírus, capaz de minimizar os arsenais mais poderosos do mundo, atingindo países ricos e pobres, ceifando vidas de gente pobre e de gente rica. Uma guerra ainda sem ganhadores e perdedores, deixando o mundo inteiro perplexo, porque a briga não foi pelo poder, foi pela vida.

Essa pode ter sido a guerra dos valores, pois o mundo estava mudando muito rápido e acelerado, e o homem esquecia facilmente as funções do cérebro que ativam os centros de manutenção, permitindo-lhe substituir valores como a justiça pela injustiça, o amor pelo ódio, além da prática da ganância, da avareza e da inveja. Embora o conhecimento tenha sido a peça propulsora do progresso humano, a nossa vida não deixou de ser comandada pelos sentimentos que vão e vêm em nossos pensamentos, passando pelas nossas emoções até chegarem as nossas ações. Foi assim que esquecemos a ética e conseqüentemente os valores que orientam as ações humanas. O homem moderno é atraído por um tipo de transformação em que sua personalidade define-se mais pela fantasia do que pela realidade do ser humano, buscando o aplauso, o mérito e a honra de seus feitos. O peso das mudanças cai sobre a sociedade, em todos os seus aspectos, trazendo novos valores e hábitos que se tornam regras infalíveis para o convívio social, atingindo diretamente a nossa vida social e privada.

Esse vírus mexeu com a humanidade, derrubou continentes como a Europa até a neutra e a charmosa Suíça, as lideranças mundiais como os Estados Unidos, a China e o Japão, atingindo também os povos de outros hemisférios. É o vírus da morte que diz aos povos e nações que o mundo não foi feito para a luxúria, para cobiça e para mercados como o de petróleo, nem tão pouco para o desfrute de milionários. Alguns têm mansões e outros nem palafita, afinal de contas todos precisam de casa pra morar. A desigualdade não é tão vantajosa assim. Esperamos que essa crise tenha ensinado a humanidade a ser mais capaz de merecer o mundo que lhe foi entregue. Que a sociedade seja contaminada com a justiça, a igualdade das pessoas. Não baste apenas ter medo de pegar o vírus. A cultura do medo, espalhada por toda parte, levou-nos ao medo de perdemos a vida. Como quer o filósofo *Barach Espinoza*, precisamos de sabedoria para resgatar os valores perdidos ou esquecidos. Embora saibamos que nenhuma pandemia extinguiu as desigualdades, precisamos, sim, de um mundo onde os refugiados sejam bem tratados e as desigualdades desapareçam.

As epidemias e as pandemias, em suas quarentenas, costumam forçar as pessoas a refletir e revisar as contingências da vida. É uma boa oportunidade para explorar nossa intimidade e buscar um sentido à vida que levamos. Pena que depois, logo depois, esquecemos esses hábitos forçosamente adquiridos em estranhas circunstâncias. Endemias e pandemias têm história e obedecem a certa cronologia acompanhando a trajetória da humanidade. Elas são muito parecidas - matam muita gente, geram pânico e servem de alerta para o ser humano.

A população brasileira enfrentou a sua pior e maior crise sanitária e teve o distanciamento social como uma das mais eficientes formas de proteção e a dificuldade que o país enfrentou para evitar a disseminação do vírus numa sociedade marcada por uma das maiores desigualdades sociais do mundo. A

ordem do tempo, opondo-se à história, colocou o homem diante do sofrimento, fazendo da pandemia, sem dúvidas, uma tragédia mundial.

Os governantes apressam-se em enfrentar a situação do mundo e, no Brasil, as coisas não foram tão diferentes. A reação do poder quanto à gravidade da nova doença não parece tão ortodoxa. Os profissionais da saúde atuam evitando que o vírus se espalhe e mais mortes surjam. É o vírus do medo e do horror, provocando, cada vez mais, a dor da humanidade.

O mundo viveu uma grande surpresa com a chegada do coronavírus. Foram lembradas as grandes pandemias da história, todas elas fazendo a humanidade sofrer e causando mortes. 210 países foram atingidos pela COVID-19 e o Brasil foi um dos mais afetados com milhões de pessoas infectadas e mais de 600 mil mortes. A população brasileira soube muito bem cumprir as medidas de restrições, inclusive o isolamento social, com a convivência diária da quarentena. A humanidade toda, da Europa aos países da América Latina, viveu nos anos de 2020 e 2021 momentos de medo e terror, ficando inclusive impossibilitada de sepultar seus mortos.

A quarentena possibilitou a todos exercerem o distanciamento social. Os brasileiros cumpriram a mantra “Fique em casa”, permaneceram em suas bolhas, com medo de serem contaminados pelo vírus diabólico e até de correr o risco de perder a vida. As pessoas usaram a quarentena cada uma de seu jeito, durante os dias, meses e até anos. O importante era permanecer no isolamento social e evitar aglomerações. Por essa razão, os eventos foram cancelados, muitos locais foram fechados e até o carnaval e o futebol foram suspensos. Surgiram os hospitais de campanha, como unidades de saúde como apoio técnico e humano aos hospitais convencionais. Havia uma grande ansiedade quanto à chegada da vacina. Desde março de 2020 pesquisadores do mundo inteiro e a indústria farmacêutica lutaram pela busca de uma vacina para o tratamento da COVID-19. O movimento pela busca da vacina envolvia todos os países do planeta que viam cada vez mais se agravar a situação do coronavírus. A imprensa divulgava o enfrentamento da ciência contra a doença que se estendia em todos os cantos do mundo. Mais de 100 grupos de trabalho dedicavam seus esforços em busca da vacina, sempre com um olhar de esperança. Somente no final de 2020 surgiram as primeiras vacinas, para alívio do mundo, e o Brasil iniciou sua campanha de vacinação em massa no dia 25 de janeiro de 2021, em São Paulo.

Não obstante as variantes que o mundo enfrentava com a pandemia, a maior parte das populações acreditava na vitória da ciência, na certeza de que viria uma solução para exterminar o vírus diabólico que sustentava a COVID-19. Era a crença no futuro baseada na força e no papel da ciência, impulsionada pela competência dos homens. Historicamente a pesquisa científica, com o uso do seu método próprio, foi capaz de renovar a ciência que sempre acompanhou a evolução da humanidade. Foi notável o papel da pesquisa científica, assumindo sua função preponderante no desenvolvimento da ciência e da tecnologia, buscando sempre um novo conhecimento. Os conhecimentos científico e tecnológico foram peças propulsoras do progresso humano.

Um termo novo trazido pela pandemia foi “a curva dos afetados e mortos”. Os primeiros meses de 2021 foram preocupantes, pois tanto a curva de infectados como a curva de mortes subia em quase todo o mundo, deixando os hospitais e as casas de saúde saturadas. Foi um momento em que as autoridades tomaram medidas de proteção e certas categorias que corriam risco mereceram maior atenção. Essas categorias, no Brasil, passaram a ser objeto de cuidados especiais como os profissionais da saúde, os indígenas, os favelados e os moradores de rua. Tais categorias passaram a ser atendidas prioritariamente na vacinação e a elas foi dedicado o atendimento com as vacinas que já estavam no Brasil.

Finalmente, para alívio do mundo, em março do ano novo de 2022, a situação da pandemia começa a mudar, face à vacinação em massa, em quase todos os países. Começou-se a voltar à vida normal, mesmo com as restrições recomendadas. Não que a pandemia tenha terminado, mas com a redução das curvas de infectados e de mortes. Abriram-se os mundos de diversão, os cinemas e os teatros, e os estádios de futebol começaram a ser frequentados. As cidades começaram a funcionar normalmente, o turismo voltou

e as viagens foram normalizadas. Era uma nova alvorada para a humanidade e a vacina realmente chegou e trouxe aos humanos a esperança.

Diziam os próprios médicos que a COVID -19 era a doença da solidão e do medo de ter suas vidas nas mãos de pessoas estranhas, das quais só avistavam os olhos por trás da face, dos óculos e das máscaras. Tinham medo de morrer sozinho. Tinham medo de mal ter um enterro digno.

1. A invasão do planeta

O sentimento que dominou o mundo foi o de surpresa, do mais desenvolvido ao mais pobre país, quando poucos se lembravam da última pandemia de gripe espanhola já no século XX, ao término da 1ª Grande Guerra Mundial. Quem conhece a história das pandemias sabe que elas mudam padrões de comportamentos humanos, quase sempre comuns em situações que são, por vezes, extremas. A pandemia causa estragos pela sua duração e a chamada COVID -19 não é a primeira que a mundo conhece e, terrivelmente, podemos dizer que não será a última sobre a humanidade.

Historicamente, a primeira epidemia, chamada de *Peste do Egito*, ocorreu no ano 430 a.C. durante a Guerra do Peloponeso. Logo depois chegou a *Peste Antonina* atingindo Roma e matando dois imperadores romanos. Em 541, o mundo enfrentou-se com a *Peste Justiniano* ou peste bubônica que ceifou 25 a 100 milhões de vidas. A doença foi transmitida pelas pulgas infectadas trazidas pelos ratos em navios de carregamento de grãos vindos do Egito. Diz-se que a doença surgiu na China, causada pela bactéria *Yersinia Pestis*.

As pandemias têm ocupado lugar de destaque na literatura universal, sobretudo pelos autores que presenciaram ou delas sentiram consequências. É o caso de Albert Camus, escritor francês/argeliano, que escreveu um livro sobre a peste negra, obra com o nome de *A Peste*, no final da Primeira Guerra Mundial, no século XX¹. Já o escritor Josué Montello, abordando o tema morte em sua obra *Os Degraus do Paraíso* trata de uma crítica feita ao fanatismo e puritanismo religioso onde, narrando a pandemia da gripe espanhola, fala da morte física e espiritual. Como dizem os críticos, não há efetivamente degraus para se chegar ao paraíso. Existe, sim, um meio: a morte, o único passaporte para se subir os degraus do paraíso e se chegar à felicidade eterna. Em uma de suas frases Josué chegou a dizer: “*A morte não é a tortura final; é a grande anistia*”. O historiador americano Charles Rosenberg, especialista em história da ciência e da Medicina, na Universidade de Harvard, diz que as pandemias são como peças trágicas – primeiro há um grande medo, segundo há uma tentativa de mistificá-la, terceiro a aceitação e a busca de soluções. Esse é o discurso que existe em todas as pandemias inclusive a atual.

Em 2019, uma nova pandemia nos alcançou - a COVID 19, atingindo 210 países, e com ela convivemos nos dias atuais. Em regra geral, as pandemias registradas pela história têm como vetores infectados a gripe ou a cólera, embora outras tenham existido diferentemente como a AIDS (Hiv) Tifo e Ebola. Não foi a avançada tecnologia do século XXI que impediu a humanidade de ser vítima de uma pandemia como no passado. Um microorganismo foi capaz de atingir toda a raça humana, deixando rastro de enfermidade e morte por onde passava. Sua origem foi a China, mais precisamente a cidade de Wuhen, marco zero da pandemia do novo coronavírus. No dia 11 de março de 2020 o Diretor da OMS, Dr. Tedras Adhanom Ghebeyenes, anunciava que estávamos vivendo uma pandemia e o vírus Síndrome Aguda Grave 2 (SARS - COVID-2) era agente etiológico da COVID-19. O vírus surgira na China sob o surto de pneumonia de pessoas do Mercado Atacadista de Frutos do Mar, na cidade de Wuhen.

¹ Albert Camus foi jornalista e escritor franco/argelino, incluído entre os grandes autores do século XX. Foi ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1957. Sua obra *A Peste* destaca as mudanças ocorridas na cidade de Oran, na Argélia, não obstante os esforços para conter a doença no país. Camus ressalta a solidariedade, a solidão e a morte.

A COVID-19 deixou o mundo inteiro em casa. Cenas inusitadas foram vividas por todas as grandes cidades do universo, seguindo os caprichos da pandemia em defesa da vida coletiva e individual. A Itália foi um dos primeiros países da Europa a sofrer os pesadelos do contágio e o isolamento do resto do mundo. Tudo começou pela região mais rica do país, a Lombardia, quando a famosa Milão passou a ser cidade indesejável e Veneza ficou entregue aos seus pombos, suas ruelas e seus cafés sem clientes, a Praça São Marcos ficou vazia. Não bastou muito tempo para toda a Europa ser atingida pela pandemia, pois a Itália apenas foi a porta de entrada do vírus e em todas as capitais europeias aumentavam os infectados, se presenciava pela televisão o amontoado de caixões, deixando perplexo o mundo inteiro diante de uma doença pouco conhecida. Logo a pandemia se espalhou por todo o continente europeu, chegando aos Estados Unidos e às Américas do Sul e Central. As fronteiras foram fechadas e os turistas desapareceram. A COVID-19 apagou as luzes de Paris, fechou os cassinos de Las Vegas, reduziu os cabarés de Amsterdã e a alegria de Madrid. Chegou aos viadutos de Los Angeles e apagou os anúncios da Broadway. A humanidade ficou confinada e o Brasil passou a ser incluído no cenário de tristeza do mundo. Praias foram esvaziadas, estádios de futebol fechados casas noturnas encerradas. O clima de medo e horror estava por toda parte. O mundo assistia a profusão de valas abertas à espera de mortos que não tinham direito ao último adeus dos seus entes queridos com sepultamentos mais tristes que os normais. São Paulo e Manaus foram os locais onde mais se agravou a tragédia no Brasil, com hospitais abarrotados e UTIs superlotadas.

O clima de terror vivido pela humanidade chegou às festas de final de ano, em 2020, sendo um Natal sem abraços e a festa de Réveillon cancelada em todo o mundo. O Brasil encerrava o ano de 2020 como o segundo do mundo em número de mortes, perdendo apenas para os Estados Unidos. No ano de 2020, o termo mais usado foi “novo normal”, significando novos hábitos de vida que tínhamos com a pandemia e *lockdown* palavra da língua inglesa que significava a paralisação de tudo². Os shoppings centers, comumente fervilhando de gente, foram obrigados a fechar as portas por alguns meses no segundo semestre de 2020. As lojas quase todas fecharam suas portas e as farmácias e supermercados continuavam abertos para atender às necessidades do público. A situação era tão grave que em seis dias o total de contaminados no mundo saltou de 300 para 4.500. O resto do mundo já contava com uma reconhecida invasão da doença. A transmissão do vírus espalhou-se pelo Japão, Estados Unidos, Europa, América do Sul e Central.

O ano de 2020 foi embora, mas deixou mazelas sobre a terra e com elas vivemos enquanto não chegar a tão esperada vacina para todos, eliminando de uma vez o vírus que se espalhou do ocidente ao oriente. As cidades foram esvaziadas pelo pânico, o mundo inteiro ficou confinado em regime *lockdown*, inclusive Paris e Nova Iorque.

Passou a ser normal o uso obrigatório das máscaras, o álcool em gel, o distanciamento social e a lavagem contínua das mãos, como espaço de higienização. A ordem da pandemia foi “cada um em sua bolha”. A nossa quarentena foi útil para reflexão sobre o caminho da humanidade – o que vinha seguindo e o que devia seguir sem excesso de individualismo e ganância. A obra que foi dada à humanidade deverá crescer e progredir sem pisar nos outros, sem destruir os sonhos alheios, sem magoar aqueles que estão próximos de nós. Precisamos viver com coragem para enfrentar o vírus e esperança para destruí-lo. A vitória da ciência chegará. O nosso normal virá com álcool e sem máscara. Estamos todos na expectativa da vacina.

Todo homem é dotado de sentimentos e sensações. Diversos celebram as alegrias e sabem se conduzir perante as tristezas da vida. O importante é que o homem deixe de usar sistematicamente a mentira e passe a conviver com a verdade. O cientista e americano Benjamim Franklin disse que quando somos bom para os outros, somos ainda melhor para nós referindo-se à solidariedade. Não precisamos, portanto, abandonar nossos planos de fortuna e de glória. O Papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Laudata*, diz que

² Lockdown representa uma política que bloqueia e limita drasticamente o trânsito de pessoas e veículos e suspende atividades não essenciais, estipulando punições severas para o descumprimento das regras estabelecidas.

a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudança de estilo de vida. É o que realmente vem fazendo a pandemia?

Vivemos hoje as aflições do COVID 19, quando sentimos na própria carne os horrores e as amarguras de uma pandemia que tem causado muitas mortes sem distinguir jovens e idosos, ricos e pobres. Seguimos a mantra "**Fique em Casa**" para evitar que o vírus se propagasse. Não podemos esquecer que o bacilo da peste não morre, embora desapareça por algum tempo e um dia voltará. O vírus nos traz o medo, mas devemos lembrar que tudo passará. Afinal de contas as noites são escuras, mas não são eternas. Para isso existem as estrelas e a própria lua.

Uma das medidas contra a COVID-19 foi a quarentena, permitindo, desta maneira, o distanciamento social. O termo quarentena, tão conhecido de nós brasileiros, nada tem a ver com 40 dias e sim com o período de incubação do vírus (14 dias) e o afastamento do contato pessoal. As pessoas usaram a quarentena como quiseram. Para uns não passou de dias, outros passaram meses e outros tiveram até ano de quarentena. Essa quarentena instituída pela ordem do vírus ficou reconhecida como a quarentena da *live*, pois os artistas e celebridades que foram privados de seus públicos produziram programas em vídeos e venderam aos canais de televisão ou mandavam para as redes sociais. A quarentena trouxe vários conflitos, inclusive o aumento dos níveis de *stress*, levando as pessoas a buscarem equilíbrio nos aplicativos de meditação, sobretudo aqueles mais ansiosos. Havia um medo intenso de perder os empregos e até a vida, e muita incerteza sobre o futuro. Houve um rápido aumento de *apps* especializados em relaxamento e, dizia a imprensa, milhões de pessoas buscaram aplicativos sobre saúde e bem estar. Houve uma legião de brasileiros que conduziu essa tendência e muita gente tornou-se adepto do direito de usufruir desse tipo de programa.

Em março de 2020, a doença deixava a Ásia e ocupava lugar na Europa e nas Américas. A título de piada, dizia-se que o vírus fugia das ditaduras, como a China e o Irã, e caminhava rumo às democracias. Em todo o país, principalmente em São Paulo, foram instaladas estruturas emergenciais, equipamentos de proteção individual como máscaras e luvas também aparelhos respiratórios. A situação dos estados do nordeste se agravava pelo fato de a região contar com estruturas precárias de saúde. À vista da gravidade da situação, os governadores do nordeste formavam comitês de ação, visando conter o avanço da doença na região, uma das mais pobres. Já eram 12.384 casos confirmados na região com 755 mortes por COVID-19. Muito pouco adiantou a iniciativa dos governadores nordestinos, pois lhes faltava maior apoio financeiro do governo federal. Em São Paulo, criou-se um Centro de Contingências para coordenar as ações contra a propagação do coronavírus. Também foram adotadas medidas visando à proteção dos profissionais de saúde.

Entendia-se que aglomeração era uma grande quantidade de pessoas juntas. Ocorre comumente aglomeração nos estádios de futebol, no carnaval e nas praias. Essa aglomeração é sempre uma multidão de pessoas que se reúnem num determinado evento. A aglomeração significa o aglomeramento de pessoas no mesmo lugar. Os locais ou eventos que já são tradicionais em aglomeração humana foram todos fechados, o carnaval foi cancelado. Evitando as aglomerações, facilitou-se o isolamento social que vem a ser o ato de manter-se isolado do convívio social. Essa era a exigência da pandemia, evitando que a contaminação do vírus se expandisse. Era, portanto, um tipo de isolamento social involuntário por questões sanitárias. O isolamento social chamado de involuntário, como vem sendo o caso ocorrido na pandemia, passa a ser cumprido por força de uma ordem oficial (um decreto, por exemplo) válido o tempo de incubação do vírus, no caso 14 dias, no organismo da pessoa infectada ou sob suspeita. No final desse período, a pessoa infectada submete-se a um exame sorológico para saber se continua ou não infectada. Em regra geral, as medidas de distanciamento social ficaram estendidas a todas as realizações de grandes eventos, ao uso das praias, restaurantes e transporte coletivo.

Manaus vivia o início de uma grave crise o que precisava transferir doentes para outros estados. Os cuidados precisavam ser mantidos e todos acompanhavam o estágio avançado de desenvolvimento pela

busca da vacina milagrosa. As notícias de Manaus ocorridas nos meses de maio e junho impressionaram todo o universo

Os hospitais de campanha contam com os equipamentos médico-hospitalares, apoio técnico compatível com suas atividades, mobiliário e equipes de profissionais de saúde, tudo de acordo com as exigências da ANVISA. Os hospitais de campanha foram instalados para o atendimento dos pacientes com sintomas de COVID-19. São unidades de saúde temporárias, instaladas em regime de urgência, em locais onde a pandemia da COVID-19 já ocupava toda a rede de serviços da saúde e aumentava o número de pessoas infectadas. Os hospitais de campanha são anexos das unidades de saúde e hospitais convencionais, geralmente instalados em estádios de futebol, centros de convenções, clubes sociais, escolas, hotéis, etc. No Brasil, fala-se que o governo federal instalou 79 hospitais de campanha sendo que 19 já foram fechados, embora não haja informações precisas quanto aos leitos que foram criados. Muitas das contratações acabaram virando suspeitas de irregularidade.

Alberto Camus, quando escreve sobre a peste refere-se à cidade de Oran, na Argélia, em 1940, onde as pessoas aceitaram o isolamento, mesmo tendo ciência de que isolados não estavam tão ameaçados pela pandemia da época. Em 2020 o mundo inteiro lançava mão do isolamento na certeza de que era preciso um exílio que modificasse o cotidiano das pessoas e das cidades de modo a combater o novo coronavírus. Diziam os entendidos que havia diferença entre Quarentena, Isolamento e Distanciamento, embora em todos os casos tratavam-se de cuidados e medidas para combater o coronavírus. A Quarentena é quando a pessoa exposta a essa doença contagiosa precisa de exílio, ficando isolada por um período de tempo, como medida de proteção. O Isolamento ocorre quando o indivíduo já está doente e é isolado para evitar contaminação. O Distanciamento ou afastamento é uma medida de proteção para dificultar a disseminação da doença. Tanto a quarentena, como o isolamento e o distanciamento são medidas que visam evitar a sobrecarga do sistema de saúde, seja federal, estadual ou municipal.

Para alguns, inclusive autoridades, o mais adequado seria o “isolamento vertical” porque afetaria apenas as pessoas classificadas como grupo de risco, que seriam os idosos e as pessoas com doenças crônicas. Outros são a favor do “isolamento horizontal” que seria mais abrangente para amenizar a curva epidemiológica.

Em muitas coisas a história tem se repetido, como é o caso da atual pandemia e as recomendações da época da gripe espanhola, que castigou o planeta entre 1918 e o final de 1920. A população daquele tempo pôs em prática os mesmos hábitos para o enfrentamento da doença, cujas recomendações eram praticamente idênticas às atuais. No bojo das medidas já se incluíam como primeira recomendação o uso de máscaras, além da higienização das mãos. São recomendações de especialistas, garantindo o direito dos outros de ficarem protegidos e o próprio.

Além do uso de máscaras fazem parte das recomendações para se proteger lavar as mãos com sabão após o uso do banheiro, ao retornar para casa e na manipulação de alimentos. Faz parte das recomendações o distanciamento social. A limpeza do ambiente é outro fator de capital importância. Higienizar o ambiente com soluções desinfetantes nas superfícies da casa, de móveis e o telefone celular. Dizem que o coronavírus é um vírus encapsulado e bastante sensível aos detergentes, como é o uso do sabão. Quando a concentração do sangue tiver mais que os valores de referência o vírus aparece. Quando essa concentração estiver baixa, temos um indicativo de que nosso sistema imunológico está enfraquecido. Daí porque precisamos manter a nossa imunidade, bastando dormir a quantidade de horas certas para nossa idade, alimentar-se bem, manter-se hidratado, praticar exercícios físicos e evitar estresse.

Tem sido muito comum os manuais apresentarem os meios e medidas para se proteger do coronavírus. Esses meios e medidas têm recebido a recomendação da OMS, como lavar as mãos com sabão ou álcool em gel. Cobrir a boca e o nariz ao tossir ou espirrar, lavando depois as mãos; evitar passar as mãos nos olhos, nariz e boca. Não ficar muito perto de pessoas tossindo ou espirrando; manter distância pelo menos de um metro.

As máscaras, também chamadas de coberturas faciais, tornaram-se normais durante a pandemia da COVID-19, mas não são tão novas como se pode imaginar. Elas vêm operando através dos séculos, buscando os humanos se protegerem das doenças. As máscaras têm sido usadas mesmo antes da Peste Negra. As primeiras máscaras eram usadas como disfarce e remontam do século VI a.C. em que imagens de pessoas usando panos sobre a boca foram encontrada nas portas das tumbas na Pérsia. Fala a história que no século XIII, na China, os servos usavam lenços de tecido com o intuito do hálito deles não afetar o cheiro e o sabor da comida dos imperadores. No entanto foi na Peste Negra que a máscara começou a ter um papel na saúde das pessoas. A Peste Negra foi uma pandemia, no século XIV, afetando toda a Europa, entre 1347 e 1354, matando cerca de 25 milhões de pessoas. Lançou-se, nessa época, a máscara em forma de pássaro. Era uma sinistra máscara de pássaro entre a sombra da morte e um corvo. O bico trazia perfumes e especiarias, e era recheado de ervas e aromáticos para neutralizar os miasmos prejudiciais³.

No mundo inteiro os santuários religiosos fecharam e suspenderam suas festas religiosas, evitando as aglomerações e as multidões de fiéis. Os grandes santuários como Fátima, em Portugal, Lourdes, na França, Guadalupe, no México, suspenderam suas atividades religiosas. No Brasil, as práticas religiosas foram paralisadas pela pandemia e os roteiros da fé tiveram que interromper suas procissões como foi o caso do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, cuja procissão concentrava mais de 2 milhões de católicos e era considerada a maior procissão do país e uma das maiores do mundo. Também foram afetados pela pandemia outros caminhos da fé como Aparecida, em São Paulo, festa da padroeira do Brasil, Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Padre Cícero, no Ceará, as festas de Salvador na Bahia, as festividades de Nossa Senhora da Penha, no Rio de Janeiro e as diversas apresentações da Paixão de Cristo no país, principalmente em Nova Jerusalém, em Pernambuco.

A Igreja Católica mantém um extenso calendário de festas religiosas no país, de janeiro a dezembro. No ano de 2020 e parte de 2021 essas manifestações não ocorreram devido a pandemia. Essas festas religiosas hoje incluídas no catálogo oficial de turismo, como turismo religioso, atraem anualmente multidões com milhares de devotos. São destinos religiosos que arrastam milhões de peregrinos e que com a pandemia tudo ficou cancelado, prejudicando por certo o turismo brasileiro.

No final de julho houve uma reviravolta e um recuo inesperado. Logo foi acionado em todo o país de dimensões continentais. Tinha sido grande o otimismo na certeza de que o pior momento já tinha passado, pois agora teríamos menos mortes, menos taxas de contágio e as internações chegavam ao patamar de tolerância. Temia-se começar o ano com tudo normalizado, inclusive com aulas presenciais. Do balanço de 2020 para 2021 o que se viu foram cenas chocantes no período mais dramático da pandemia no estado do Amazonas com o colapso total dos sistemas de saúde e funerário. Dizia a imprensa que a pandemia em Manaus vinha sendo o resultado de vários fatores que vão desde a chegada do inverno amazônico até o desentendimento das autoridades, a falta de estruturas e profissionais na área, a falta de insumos médicos e ainda a incompreensão de parte da população no combate ao problema. Amazonas foi, assim, pela segunda vez, o epicentro nacional da tragédia produzida pelo coronavírus.

A imprensa, através de todos os meios, como jornal, rádio, televisão, revistas e panfletos mencionava a pandemia e suas consequências em todos os países do mundo, causando sofrimento à humanidade. É claro que entre a Peste de Camus e a pandemia do século XXI havia grande diferença em função do desenvolvimento da tecnologia, inclusive com a presença da Internet. Eram os meios de comunicação que transmitiam as informações sobre os acontecimentos e a disseminação do vírus e sua velocidade em contaminar, destacando sempre o pouco conhecimento que o mundo tinha da doença. A imprensa servia

³ A palavra miasmos, sempre usada no plural, vem do grego. Significa impureza ou mancha. Sinal maldito da morte. Cheiro proveniente de substância animal ou vegetal em decomposição.

para noticiar as verdadeiras notícias e as notícias falsas, as *fake news*, e aumentar o terror e o pavor em todo o universo ⁴.

Em julho de 2020, o ritmo de crescimento de mortes provocadas pelo coronavírus, no Brasil, parecia diminuir e, por todo lugar, no país, a flexibilização das medidas ocupava lugar. Impressionava os governantes a maneira de brasileiros recuperados da infecção. Alguns hospitais de campanha começaram a ser desativados como foi o caso de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro.

Terminou o ano de 2020 e as esperanças de ser o ano novo de 2021 não chegaram. Houve, sem dúvidas, novas cenas de recrudescimento da pandemia, no Brasil, apesar das estatísticas que encerravam o ano de 2020. São Paulo registrava um pico de internações nos seus hospitais. Já era o ano novo e os governantes não tinham ainda a certeza de quando começaria a vacinação, pois tudo dependeria da aprovação de uma marca pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), mesmo que em uso excepcional. Estavam sendo negociadas as vacinas Coronavírus pelo Instituto Butantan e a Oxford/AstragZeneca pela FRIOCRUZ..

No ano de 2020 o mundo todo estava sob os efeitos da pandemia. O conselho que corria em todo o globo terrestre era o de cada um ficar em sua bolha, garantindo o isolamento social, por isso o celular, o tablet e o computador assumiam não só as funções de lazer, mas serviam como instrumentos de aquisição nos mercados. Eles eram os únicos artefatos, além do telefone, que quebravam o nosso isolamento do mundo. O uso de máscaras passou a ser obrigatório e deixou de ser um instrumento de impressão teatral para ser um salva vidas, porque era sabido que a transmissão do vírus acontecia também por via respiratória. Ainda não existia vacina.

Em março de 2020, a indústria farmacêutica e pesquisadores do mundo inteiro buscavam já os melhores resultados para o tratamento da COVID-19. A mídia não cansava de informar que a corrida pela busca da vacina era grande e contava com a colaboração de vários países e cientistas. A situação da doença era tão grave que várias cidades, inclusive no Brasil, instalaram o regime de *lockdown* visando evitar o crescimento da doença e a expansão do vírus. Os hospitais estavam lotados, as mortes aumentavam, caixões eram amontoados, deixando o povo perplexo diante de uma doença pouco conhecida. Até a Olimpíada de 2020, no Japão, foi adiada, um evento que atinge os elevados custos de 26 bilhões de dólares. Para essa tristeza universal só haveria uma esperança: a vacina.

Enquanto o planeta inteiro se preparava buscando a vacina que eliminaria a COVID-19, o coronavírus se propagava aceleradamente e aumentava o número de mortes, criando pânico em toda a humanidade. A busca pela vacina foi uma luta pela vida, pois só assim era possível varrer a pandemia do planeta, medida acima de todas as outras.

O esforço pela busca da vacina era notório no mundo inteiro, vivendo-se um espetacular momento para o desenvolvimento da vacina esperada. Mais de 100 grupos de trabalho mergulharam nessa aventura, enquanto já estavam bastante avançados os estágios de algumas vacinas. Afirmava a ANVISA que nenhuma vacina deveria ser lançada sem o cumprimento das regras de seus padrões, evitando que se ponha em risco a saúde das pessoas e também o crédito de todas as vacinas. A vacina deveria ser um meio de evitar o contágio da doença e não um instrumento gerador de medo.

Na corrida dos laboratórios Internacionais pela vacina contra a COVID-19 coube à Coronavac atingir a reta final, sob os cuidados da Farmacêutica Senovac de Pesquisas. O Instituto Butantan, em São Paulo, contratou os primeiros 90 milhões de dólares, para desenvolver a Coronavac no Brasil, e viabilizar a produção de doses, iniciando os testes clínicos com voluntários brasileiros. Cumpridas todas as

⁴ *Fake news* eram informações espalhadas através da mídia e das redes sociais visando obter algum tipo de vantagem do leitor. Sobre a doença sem a verdadeira fonte de informação.

providências, São Paulo marcou o dia 25 de janeiro de 2021 para iniciar a vacinação, em cronograma e calendário aprovados pelo Ministério da Saúde e a ANVISA.

O Brasil finalmente deu início à vacinação contra a COVID-19 com a autorização do uso emergencial de duas imunizantes a Coronavac do Instituto Butantan e a AstraZeneca da FIOCRUZ. Era o início da primeira medida capaz de efetivamente salvar vidas na pandemia..

As palavras do Ministro da Saúde não eram cumpridas, suas promessas de adquirir vacinas falhavam. O Ministro dizia que traria da Índia milhões de vacinas e não trouxe dentro do tempo marcado. Havia, assim, um cenário de confusão, enfraquecendo, cada vez mais, o governo federal. Nesse clima, a vacinação começava no Brasil, trazendo otimismo e esperança, entretanto a imunização dos brasileiros enfrentava a falta de vacinas ou insumos para aqui serem produzidas. As vacinas chegadas no país mal davam para atender os grupos prioritários e os profissionais da saúde. Tanto o Butantan como a FIOCRUZ enfrentavam o atraso de matéria-prima devidamente contratada - Coronavac 46 milhões de doses e AstraZeneca 100,4 milhões de doses.

Quando se começou a tratar da vinda da tão desejada vacina, o Brasil era considerado um exemplo de campanhas de vacinação em massa, o que não foi comprovado no caso da vacinação contra a COVID-19. Muito pelo contrário, a mídia expôs a falta de planejamento e controle sobre o assunto no país, chegando mesmo a dizer que aqui se instalou uma bagunça. O que se viu foi uma divisão entre o governo federal e os governantes estaduais, medidas judiciais, verdadeiras campanhas de desinformação e muita divergência entre as autoridades do país. Enquanto tudo isso ocorria, assistia-se ao aumento da triste marca de mortos e infectados, lotando todos os hospitais do país e casas de saúde. Foi preciso a intervenção do STF exigindo um programa nacional de vacinação e qual a exata posição da ANVISA quanto à aprovação das vacinas independente de nacionalidade.

O cenário era de confusão. As doses de vacinas vêm sem qualquer lógica, à mercê dos fornecedores. Muitos clientes tomaram as primeiras doses e não conseguiram dentro do prazo tomar a segunda, pois faltava vacina. Foram estabelecidas várias prioridades, em função de pressões, deixando os mais vulneráveis (a exemplo dos idosos) ao sopro da esperança.

Enquanto o mundo vivia o desaparecimento planejado da COVID-19, o Brasil mergulhava num cenário de dúvidas e incertezas, vendo aumentar seus mortos e infectados, lotando seus hospitais em todos os recantos do país. As vacinas que chegavam mal davam para atender aos grupos prioritários. Tanto a FIOCRUZ como o Instituto Butantan enfrentaram problemas com o atraso de matérias-primas devidamente contratadas. O país viveu um misto de medo e esperança, de norte a sul. A população passou o tempo remoendo seus medos e suas esperanças. Foi uma espécie de “crise crônica” que afetou a maior parte do povo brasileiro, levando-o a buscar a fé para poder ter esperança. A morte rondou o cotidiano das pessoas que cada vez mais estavam convencidas de que o Brasil não é apenas um país injusto e pobre, está doente. Das mais de 500 mil mortes, existem, por trás da frieza da macabra estatística, dor e sofrimento no dia a dia dos lares.

Houve, portanto, uma bilionária corrida dos melhores laboratórios do mundo em busca da milagrosa vacina contra o coronavírus, o vírus diabólico, saindo na frente a China, o Reino Unido, a Alemanha e por último a Rússia. Com a participação do Instituto Butantan e a FIOCRUZ, os brasileiros estão sendo vacinados. É sem dúvidas a “dose da esperança”, uma luminosa luta pela vida. Em pleno período de pandemia o país mudou de Ministro da Saúde quando o primeiro foi demitido e seu substituto assumiu, pois o Brasil estava no ano pico da doença. O Ministro substituto logo deixou o cargo tendo assumido um novo Ministro, o terceiro.

Em julho de 2021, o ritmo de crescimento de mortes provocadas pelo coronavírus, no Brasil, parecia diminuir e, por todos os lugares do país, a flexibilização das medidas ocupava lugar. Vivia-se, no país, o início de uma caminhada da recuperação e antevia-se uma paz tão esperada. Apesar de tudo, muitos foram aqueles que afirmavam não ser a hora de recuar nos protocolos de cuidados como uso de máscara,

distanciamento social e higienização. Dizia-se que o pior da pandemia já havia passado, ficado, portanto, para trás, e disso concordava o Ministro da Economia. O seu entendimento era de que, apesar das incertezas, o pior da crise econômica tinha passado. Buscava-se a vacina e acelerava-se a vacinação junto à população, prevendo-se o abrandamento de contágio do coronavírus. Nesse período o Brasil ainda ocupava o segundo lugar no ranking de casos e mortes decorrentes da pandemia. Todos nós tivemos certeza de que a senha de libertação estava numa vacina eficaz. O país todo depositava confiança no empenho internacional e no esforço coletivo de desenvolver uma vacina. Com alta prevalência do vírus todos nós aguardávamos a dose da tranquilidade. A corrida pela descoberta de uma vacina contra o coronavírus tornou-se a mais extraordinária aventura dos tempos, quando o mundo inteiro aguardava algum imunizante eficaz e o Brasil, com milhares de voluntários, entra na ponta de lança desse movimento.

As circunstâncias levaram os governantes a tomar medidas e decisões sobre determinados segmentos da sociedade que corriam mais riscos, tal qual os idosos. Passaram a ser objeto de cuidados especiais os profissionais de saúde, homens e mulheres, que estavam na linha de frente no combate à pandemia do COVID-19 – eram os heróis da batalha, como chamava a mídia, os indígenas, os residentes nas favelas e os moradores de rua.

Os profissionais de saúde lideravam no dia a dia, nos hospitais, diante de uma doença desconhecida e com a mesma capacidade de contágio. Muito deles foram atingidos pela doença e alguns levados a óbito. Houve uma considerável perda de profissionais, desde médicos, enfermeiras e auxiliares. Falava a imprensa que na Espanha 20% dos profissionais de frente foram contaminados, na Itália 15%. Enquanto havia um esforço internacional em busca da vacina, havia uma dedicação e até doação de profissionais na beira dos leitos hospitalares, lutando pela preservação da vida. Com a pandemia a desigualdade social, que já era visível no país, ficou escancarada, pois como todas as pandemias, esta atingia mais os pobres e menos os ricos, mais os idosos e menos os jovens.

Outra categoria que mereceu atenção dos governantes foi a dos indígenas que estão incluídos entre os ameaçados. Os indígenas que moram em aldeias, nas cidades ou mesmo isolados, estão cada vez mais vulneráveis ao coronavírus. No precário tratamento que o país dispensa aos nativos inclui-se a fragilidade do sistema de atendimentos médicos, mesmo contando com uma Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Na região norte, principalmente Roraima vive uma das maiores populações indígenas do país, atingindo 900 mil índios, divididos em 305 povos. Um dos fatores de expansão do vírus é o contato com os garimpeiros numa área onde estão os Ianomâmis. Ao lado dos profissionais de saúde as populações indígenas também foram consideradas preferenciais para receber as primeiras vacinas.

Os governantes encontraram um grande desafio quanto ao acompanhamento da evolução do coronavírus entre os indígenas. Não apenas a falta de informação precisa sobre os povos indígenas e suas áreas, mas onde precisamente vivem e a extrema carência de meios e estruturas nos sistemas de saúde da classe indígena. Os indígenas não foram logo de início protegidos do coronavírus e isso facilitou a expansão da doença entre os vários povos.

Coube à Articulação dos Povos Indígenas no Brasil (APIB) contabilizar os casos existentes nas aldeias e solicitar ao governo as medidas necessárias para conter a evolução da pandemia no meio dos índios, auxiliando as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde no combate à doença. Ao completar dois anos de COVID-19, os casos em terras indígenas já chegavam a 62.069, com um número de mortes de 887. Não há dúvidas de que os povos indígenas são mais vulneráveis ao caso do coronavírus do que outra classe de pessoas, e são mais imunologicamente susceptíveis em função das péssimas condições sociais e sanitárias, sobretudo.

As favelas, hoje chamadas de comunidades, em qualquer estado brasileiro, são bolsões de pobreza fáceis de serem atingidas pelo vírus maldito porque estão sem condições de proteger as populações contra a doença. São populações que vivem em plena escassez, pois não dispõem nem de água para higienizar as mãos. Esta é uma situação dos 6.300 favelados existentes no Brasil. São lugares que possuem uma alta

densidade demográfica, com elevada falta de serviços básicos, facilitando as ações policiais tão comuns na área e facilitando a proliferação do coronavírus. No Rio de Janeiro as ações policiais têm ceifado a vida de muita gente inclusive crianças, demonstrando a ausência do Estado e complicando a vida dos moradores além da pandemia. O número de favelados chega a 1,3 milhões de pessoas, convivendo em alta pobreza e baixa inserção do poder público. Nada se pode agora fazer para que o vírus não chegue à favela.

As populações faveladas são privadas de todas as condições facilitadoras da vida, aquelas que expressam um mínimo de dignidade humana. Até a água lhes falta, privando-as de praticar as regras básicas da higiene. Como lavar as mãos se nem água têm? Todas as favelas do país registram curvas crescentes de infectados e mortes. O governo federal, através do seu Ministério da Saúde, não só acompanhou essas circunstâncias da população, mas também, a situação econômica das favelas. Por tudo isso, as populações faveladas passaram como as duas outras acima citadas, a receber com prioridade as primeiras vacinas chegadas. Ela foi incluída pelo governo como categoria prioritária, merecendo, pois, cuidados especiais.

Uma outra categoria que mereceu a atenção dos governantes foi a dos moradores de rua que também receberam cuidados especiais. Durante a pandemia viu-se um aumento considerável dos moradores de rua em todo o país, fazendo crescer a população de rua. Segundo pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEIA), 2016, o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking dos moradores de rua com 559, vindo logo em seguida os Estados Unidos.

A chegada das vacinas e sua aplicação em massa na população de todo o mundo trouxe certa tranquilidade, mas não deixou de criar certas revoltas também. Um ano depois de ter mudado o compasso da vida em todo o planeta terrestre, constatou-se o recuo da doença, à vista dos efeitos da vacina. Houve uma verdadeira corrida em busca da vacinação, principalmente nos países ricos e, em grande escala, viu-se reduzir os efeitos da doença que já matara muita gente. Dentre essas vantagens os países começaram a adotar medidas de flexibilização.

Quem conhece a história das pandemias sabe que elas mudam padrões de comportamentos humanos quase sempre em situações que são por vezes extremas. A atual pandemia que também é chamada de COVID-19 não é a primeira que o mundo conhece e não será a última.

O ano de 2020 terminou e foi considerado como um ano que se tornou marco na história da humanidade pelo impacto tão trágico gerado na vida de milhões de pessoas. Os idosos, fatia da população mais frágil estavam expostos, num país como o Brasil onde 15% da população é idosa. Até o final do mês de novembro de 2020, três de cada vítima tinham 60 anos de idade. Foi assim o ano de 2020, dando a todos nós a esperança de que 2021 fosse muito diferente. Mera ilusão dos mortais

A pandemia de 2020 foi muito pródiga em expressões que se incorporaram em nossa linguagem, como “novo normal”, “quarentena”, “álcool em gel” e “variantes”. Todas elas passaram a ser usadas pela população e, cotidianamente, eram referidas tanto na tristeza que marcava o momento como nas esperanças por dias melhores. Aqui, vamos trazer à consideração a questão das variantes, uma das últimas expressões que tomou conta da rua.

Variante, na língua portuguesa, é sempre algo que varia. É um desvio de alguma coisa principal, que deixou o seu percurso normal e seguiu alternativa. A variante mesmo assumindo outra forma de ser, não perde o seu vínculo com o principal, embora venha a ter um diferente perfil. A população brasileira de modo geral não entendeu muito bem o papel das variantes da COVID-19. Antes de chegarem as variantes, já se anunciava o retorno à normalidade de vida, com a diminuição da dor e do sofrimento. Elas vieram inesperadamente aumentando o terror e o medo da doença. As variantes não têm nacionalidade como a elas atribui a mídia, pois eram apenas descobertas e identificadas nos países. Elas vêm e voltam deixando seus estragos dentro da conformidade das infecções e das possibilidades facilitadas pelas pessoas. A primeira variante a se instalar no Brasil, depois de dar uma volta ao mundo, foi a Variante Delta, com origem atribuída à Índia.

A variante Delta foi detectada pela primeira vez na Índia, chamada também de variante indiana. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a variante Delta é uma mutação do vírus SARS-Cov. 2, que causou a COVID-19, presente em 130 países. Sua presença em todos os países deu-se logo que começou a flexibilização das medidas, sobretudo, de isolamento, fazendo com que todas as medidas logo voltassem e a população contasse com a vacina já existente. O Rio de Janeiro já contava com 123 casos e em todo o território nacional eram registrados 1.050 casos da variante.

A variante Delta é uma variante da linhagem inicial Alpha com alto poder de transmissibilidade, portanto, uma variante com alto poder de transmissão. É uma forma grave da COVID-19 com sintomas idênticos a sua versão inicial. Não existiam medidas específicas capazes de enfrentar a variante Delta, considerando que tais medidas eram as mesmas da Alpha – uso de máscaras, higienização das mãos, distanciamento social por mínimo de 1 metro entre as pessoas, evitar aglomerações e ter tomado duas doses da vacina, tido como ciclo vacinal completo.

A Delta chegou em julho de 2021 no Brasil. Nessa data, os dados já indicavam um arrefecimento da pandemia em todo o território nacional. A Delta era uma variante do novo coronavírus, mais transmissível que a própria gripe comum, o ebola e a varíola. Ela tinha uma capacidade de contágio igual à da catapora. Em meados de agosto, a variante Delta respondia por 27% dos casos de COVID-19 e, em setembro, 99,4%.

A variante Delta é altamente contagiosa, as pessoas com ela infectadas e portadoras de doenças graves correm maior risco de vida, as pessoas não vacinadas também correm risco e podem transmitir o vírus aos outros. De acordo com a OMS e o *Imperial College* de Londres a Variante Delta é o resultado de uma mutação no gene relacionado à produção da proteína responsável pela fixação e entrada do vírus nas células humanas.

Uma mutação viral é um fenômeno natural do vírus. Alguns, como a Delta e a Ômicron, podem determinar aumento de transmissibilidade, virulência e até a morte. Daí porque os estudiosos falam de dois tipos de mutações - variantes de interesse (VOI) e variante de preocupação (VOC) ⁵.

No final de 2021, fomos visitados pela segunda variante, desta vez a variante Ômicron, tendo a África do Sul como origem, segundo a imprensa. O ano de 2021 terminou com a suspensão das festas de Réveillon. No Brasil, em 2021, houve um expressivo avanço na vacinação, reduzindo o número de internados e de mortes. Eram avanços que demonstravam um caminho de volta à normalidade da vida em 2022. O país encerrou o ano com mais de 70% da população vacinada com pelo menos uma dose e 66% com duas e 10% com a dose de reforço.

Com o surgimento da variante Ômicron, em novembro de 2021, espalhando-se por quase todo território europeu, os países da Europa que já estavam numa situação quase normal logo suspenderam as flexibilizações concedidas e voltaram as medidas anteriores, inclusive o uso de máscaras. O Reino Unido foi um país atingido em cheio pela variante e foi onde ocorreu a primeira morte. Outros países foram também atingidos como a Alemanha, Holanda e Espanha.

Em 2021 o mundo teve um espetacular avanço nas vacinas contra a COVID-19. Em 17 de janeiro de 2021, a enfermeira Mônica Calazans, de 45 anos, do Instituto de Infectologia Emílio Ribas tomou a primeira vacina no Brasil e, no espaço de 12 meses, o país já tinha a sua disposição mais de 300 milhões de doses, o que representou um feito notável, sobretudo porque havia muita confusão por parte do governo federal no enfrentamento da pandemia. Nessa época os brasileiros viviam o colapso na saúde, porque o Estado do Amazonas registrava o aumento de mortes pela falta de oxigênio, havia atraso na entrega das doses, desabastecimento nas unidades de várias cidades, tudo parecendo um verdadeiro caos. Em dezembro de 2021, 150 milhões de pessoas já estavam protegidas contra o vírus, graças à vacina. O ano de 2021 foi marcado por eventos que preocuparam o mundo inteiro como a invasão do Capitólio, em Washington, nos

⁵ VOC vem do inglês – *variant of comum*.

Estados Unidos. No Brasil, estávamos vivendo o exorbitante aumento de preço dos combustíveis e o país se entristecia com a morte de um ídolo da TV e do cinema, Tarcísio Meira. Não distante de todos os eventos, o ano de 2021 foi o ano da vacina. Só assim a humanidade começou a olhar o futuro com mais esperança.

Dizem que a variante Ômicron é a variante mais transmissível da COVID-19, portanto, é muito mais transmissível que as outras variantes do SARS-Cov.2. Segundo a OMS é uma variante considerada de preocupação (VOC) porque possui aumento de transmissibilidade e de virulência, embora seus sintomas sejam menos agressivos. Estudos afirmam que essa variante é 75% menos letal que a variante Delta. É 40% menos mortal do que o vírus da gripe. A alta transmissibilidade da variante Ômicron surpreendeu o mundo inteiro. Ela se espalhou rapidamente e tornou-se a variante dominante.

Os analistas mostram a diferença entre as duas variantes Delta e Ômicron. Ambas têm alto poder de transmissibilidade. Ambas são mutações do vírus SARS-Cov. 2. Ambas têm a alta capacidade de contágio. Enquanto a Delta é grave, a Ômicron é mais resistente. A Ômicron tem maior capacidade de transmissão, mais reinfecção, menos gravidade. O risco de reinfecção é mais de cinco vezes maior que a Delta, porquanto o risco de hospitalização é menor. Enquanto a vacinação avançava e a tendência era a queda dos casos da COVID-19, surgem as duas variantes.

Com o avanço da variante Ômicron nas festas de final de ano e no inverno no hemisfério norte, um grupo de países retornava as medidas restritivas para controlar a disseminação do novo coronavírus. Os países onde essa iniciativa foi tomada foram Portugal, Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, Bélgica, Estados Unidos, Israel, Nova Zelândia e Argentina.

A nova fase da pandemia com a presença das suas variantes permitiu uma mudança em nossos costumes e hábitos. Com a chegada das variantes já não éramos conduzidos desesperadamente ao isolamento total, mas ao aprendizado da convivência com o vírus. As pessoas já não contraiam o pavor de serem infectadas como ocorreu em 2020, graças à vacinação em massa. A passagem de 2021 para 2022 fora bem diferente da passagem de 2020 para 2021, mesmo com as festas de Réveillon canceladas em quase todo o mundo. Só nos Estados Unidos contabilizava-se quase 600 mil infectados e essa escalada da COVID-19 acontecia também nos países da Europa e no resto do mundo.

No Brasil, atinge-se a casa de 36.000 infectados, aumentava cada vez mais o número de testes positivos deixando os governantes perplexos. Os primeiros dias de 2022 exigiram de todos nós, mesmo os vacinados, muita calma e manutenção dos cuidados como a vacina, o uso de máscaras, o álcool em gel e a higienização do corpo, tudo longe das aglomerações. Foi esse o nosso novo normal que 2022 trouxe na convivência com o coronavírus, sem o pânico de 2020.

Falam os cientistas que nesse momento o vírus inicia a “migração da fase de destruição” para a fase de coabitação com ele. É esse o momento da pandemia do coronavírus para a transição da versão endêmica. Daí por que ele se torna um inimigo mais parecido com a Influenza, o vírus da gripe tão disseminado no Brasil. Diferente da primeira e da segunda onda da COVID-19 a atuação das variantes causariam menos mortes, embora o grau de infectibilidade seja maior. Mesmo assim, o momento está a exigir mais medidas restritivas, fortalecimento dos sistemas de vigilância epidemiológica. Louve-se à ciência e sua atuação, a relevância das vacinas, desde o início da humanidade.

É possível que em 2022 comecemos a respirar aliviados, depois de tempos difíceis como foram os anos de 2020 e 2021. O Brasil viveu tempos complicados, terminando 2021 com 70% da população vacinada quando se constatou a expressiva queda de mortes e internações em UTIS. Além dos dados da Ômicron, tivemos ainda, em todo país, uma epidemia da gripe Influenza deixando a população brasileira assustada. Em janeiro de 2022 iniciou-se a vacinação de crianças de 11 a 05 anos.

5.O vírus e a política

O coronavirus com sua pandemia trouxe ao país inúmeras apreensões, não só na área de saúde pública como também nas áreas econômica, educacional e política. As autoridades governantes tornaram cada vez mais claras suas preocupações com os problemas nessas áreas, visando a estabilidade do país. O impacto na economia atingia, categoricamente, o emprego da população e a renda nacional. Algumas medidas preventivas foram adotadas pelo governo, como autorização de suspensão de contratos e redução da jornada de trabalho, remanejamento, etc. Ao lado dessas medidas tomadas pelo governo federal, foi criado o Auxílio Emergencial para trabalhadores informais que beneficiou 50 milhões de brasileiros. Mesmo com essas medidas que tinham como prioridades manter o emprego e auxiliar as empresas, houve uma redução do potencial de crescimento do país.

Ninguém estava imune ao poder destrutivo do coronavirus. Existem algumas diferenças, já conhecidas dos brasileiros, em ter ou não ter água encanada e esgoto tratado, residência para evitar aglomerações, usar ou não o transporte público. São coisas bastante fortes na nossa desigualdade social, as quais podem pesar muito numa situação de pandemia onde a crise sanitária espalha-se com maior firmeza no espaço privado e público. Nem mesmo o setor educacional ficou imune.

A Educação sempre aconteceu ao lado do tempo vivido pelo homem que aprendeu muito durante a sua trajetória, desde a Pré-história até os dias atuais. As transformações aconteciam à proporção que evoluíam as civilizações e com elas os seres humanos, por isso há muitos livros sobre a História da Educação no mundo e no próprio Brasil. Cada civilização registrou sua história, as circunstâncias e o modo diferente do ser humano se educar. A raça humana não esqueceu a evolução do conhecimento nem tão pouco a forma de com ela conviver. Cada civilização deixou suas marcas e o homem cresceu um dia após o outro prolongando seu crescimento até os nossos dias. A Educação seguiu a trajetória humana e o homem, sujeito de cada tempo, soube avançar e acumular os seus saberes, desde a Pré-história, passando pela Antiguidade, o mundo Medieval, o mundo Moderno e o mundo Contemporâneo.

Política é, sobretudo, a arte de exercer o poder em cada época, mesmo que com estilo próprio sem desprezar a ética. O político pode ser um cidadão justo e correto, mesmo que forças externas venham interferir em suas ações. E quando falo de forças externas, refiro-me à ideologia que sustenta o sistema ao qual se vincula o político, à fisiologia, onde predomina a troca de favores, e a postura idealística quando o político a põe em prática, mesmo que para muitos seja chamado de ingenuidade.

Ser um político ético é, antes de tudo, ser um cidadão correto e justo, sem fazer apologia ao perfeccionismo do sistema político, nem tão pouco penalizar a função pública. Na sua *República*, Platão diz que política é não apenas um jogo de ações movido nos interesses e não deve pressupor a investigação sistemática dos fundamentos da conduta humana. Moral e eticamente o mundo tem mudado. Diz-se até que vivemos um tipo de relativismo moral, quando se juntam as pessoas sem antes ter havido o casamento. O século XXI é chamado a era da inteligência social porque mudaram os métodos de relacionamento e a capacidade para entender melhor as pessoas e seus sentimentos, segundo afirmativa dos cientistas. É o século dos desafios.

A História nos mostra as diversas transformações pelas quais passou a sociedade, através do tempo, ocorrendo inúmeras transfigurações que afetaram o relacionamento dos homens entre si, deles com a sociedade e as coisas. Por esse processo, passou a moral política. As mudanças que a História nos narra são baseadas nos fatos ocorridos, onde foram fundamentais o comportamento e as atitudes de homens que à época viveram e exerceram o poder a sua maneira. A política, assim, torna-se arte ou ciência de organizar a coisa pública, de onde deverão ser banidos os corruptos e incompetentes. Tudo parece mais próximo da *pólis* dos antigos gregos.

Quem diria que a pandemia pudesse nutrir a corrupção brasileira mesmo sendo ela uma marca registrada no país, através dos tempos, e conhecida no mundo inteiro. Quem diria, mas ocorreu. A corrupção ocorreu no período da doença e a imprensa dizia claramente onde e quem praticava as ações corruptas. O Brasil é um país marcado pela corrupção e a hora de uma catástrofe coletiva cria, sem dúvidas, um grande

momento. Ninguém imaginaria que a doença poderia ser motivação para tantos corruptos, principalmente políticos de carreira, a exemplo do que foi o Rio de Janeiro, no Pará e o próprio Distrito Federal. O caso do Rio de Janeiro foi impressionante pelo fato de dois governadores terem sido presos e um terceiro, ex-juiz e neófito em política ter sido eleito com a promessa e o discurso de honestidade, caindo, dentro de pouco tempo, no mesmo erro. Foi afastado do cargo de governador e passou a responder processo criminal pelos seus crimes. Outras autoridades da área da saúde foram presas em decorrência de contratos fraudulentos. Foram muitas as denúncias de desvios de dinheiro público durante a pandemia. O mesmo ocorreu no Pará, no Amazonas e no Distrito Federal, pelo menos é o que sabemos.

A pandemia espalhou-se por todo o país, chegando a todas as capitais e cidades do interior. Nesse período de tristeza e dor, poucos foram os exemplos deixados pelos governadores dos estados e os políticos em geral, sendo acusados de corrupção, tudo sob a mira do Ministério Público e Investigação da Polícia Federal. Segundo a mídia, os desvios chegaram a atingir 4 bilhões de reais, usurpados pelos governadores e seus asseclas, envolvendo mais de 300 pessoas, tudo parecendo inacreditável. A roubalheira começou no próprio Distrito Federal, onde estão os poderes da República, recaindo nas fraudes dos processos de compra de equipamentos e materiais de saúde como aquisição de testes e kits de saúde. Enquanto o país contabilizava as pessoas infectadas e a crescente curva de mortes, os políticos contribuíam para o crescimento da pandemia da corrupção. Funcionários públicos corruptos e empresários inescrupulosos agiam. Era triste o país assistir cenas de corrupção de pessoas esclarecidas exercendo uma forma de ganhar dinheiro à custa do sofrimento alheio. É assim a corrupção, o desvio do dinheiro público destinado às ações de saúde e aplicados em negócios próprios e rentáveis para os políticos. Lamentavelmente, para a pandemia da corrupção não há vacina e, enquanto menor o distanciamento social, melhor será.

A CPI da COVID foi criada e executada no terreno político. Governo e público também consideravam que a CPI da COVID era um espetáculo desnecessário. Era notório que os senadores demonstravam uma grande vontade de aparecer na TV. Estava claro que o Senado Federal não perdia a oportunidade de transformar aquela crise (a pandemia) em oportunidade. Todos sempre esperavam um relatório final que acusasse o presidente da república pela morte de mais de 600 mil brasileiros. Sobre isso disse o presidente: “Essa CPI não tem nenhuma credibilidade. No auge da pandemia, esses caras ficaram em casa, de férias, em *home office*, cuidando da vida deles”⁶. Durante os vários meses da CPI, a mesma gerou 349 horas de depoimentos transmitidos ao vivo para todo o país.

O Brasil acompanhou pela TV, durante seis meses, as transmissões ao vivo das reuniões da Comissão Parlamentar de Inquérito no senado federal. Foram depoimentos e debates acirrados tudo em volta das ações e omissões do governo federal quanto à COVID-19 no país, sem qualquer acusação aos estados e municípios. O que se viu durante o período foi o embate entre governistas e opositores, sempre tendo como foco a atuação do Ministério da Saúde. O espetáculo, mais político do que técnico, servia para destacar senadores que queriam ser celebridades, quando não servia de cenário para outros que, pelo tempo e história, já estavam no ostracismo no universo parlamentar do país.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) deve respeitar alguns princípios básicos de todo e qualquer processo investigatório. Como instrumento constitucionalmente reconhecido não deve uma CPI esquecer a responsabilidade social da investigação, do sistema onde estão as diversidades e a missão para a qual foi criada.

O aspecto moral de uma investigação passa tradicionalmente pela motivação daqueles que põem em prática as ações investigadas e daqueles que são objetos dessas ações. É importante que se avalie a moralidade das ações desenvolvidas tanto do ponto de vista social como político, e os processos e procedimentos que foram usados para se chegar aos fins propostos. A investigação não pode ser engendrada, ela é um processo que deverá estar inserido nas políticas institucionais, daí porque as CPIS

⁶ Revista VEJA nº 2757, edição de 29/09/21, pag 29.

devem ocupar lugar de destaque nos poderes. Como instrumento processual, a investigação deverá ser dinâmica, vista como elemento essencial para provocar medidas de aferição que são compatíveis com as metas propostas e os caminhos antecipadamente traçados nos Planos de Governo.

A investigação se propõe a examinar a eficácia das políticas institucionais. Todos nós sabemos que investigar é também atribuir valor, em que se afirma se as políticas institucionais vigentes são boas ou ruins. Entendemos que toda investigação deva ser política porque com ela se atribui valores às ações, à forma como elas são realizadas, aos seus resultados e aos seus níveis de satisfação ou insatisfação.

No dia 20 de outubro de 2021, uma quarta feira, o senador-relator apresentou o documento final denominado Relatório que trazia as conclusões da investigação feitas pela CPI. O relatório continha 1.180 páginas onde estavam as decisões, para muitos equivocadas, relativas à incompetência do governo federal e suspeitas de corrupção, demonstrando a pirotecnia e o oportunismo, mais um espetáculo político do que um estudo técnico de seriedade. A sensatez pouco prevaleceu e tudo demonstrava existir vingança e ódio político, o que comprometia a credibilidade do relatório.

Foram muitas as acusações contra o Presidente da República. O próprio presidente da CPI chegou a dizer com gáudio e em público: “Pegamos o governo. Tudo vai desmoronar”. “É uma questão de honra: ou eu ou ele”. “Esse governo não se aguenta. Todo resto vai virar titica da galinha”.

A CPI da COVID serviu para projetar políticos amadores e velhos políticos que precisavam de holofote, sobretudo, porque lá podiam acusar o governo de negacionismo e pregação oficial contra medidas de preservação contra a COVID. Da maneira como consta no relatório apresentado pouco se dar credibilidade ao trabalho da comissão, pelo fato de que desde o seu início se percebia logo que ela visava apontar erros do governo e fixar como alvo a família presidencial. Tratava-se de uma conspiração orquestrada para atingir o governo como disse a mídia da época. Seria muito bom que durante aquele período o senado se dedicasse a fazer algo produtivo para o Brasil.

Investigadores da atualidade expressam visões e linguagem onde mostram que o homem dever estar preparado para que no futuro a ciência e as tecnologias possam lhe tirar poderes. O homem não será a única forma de vida inteligente. Virão civilizações que serão sustentáveis no universo sideral. Os autores prevêem um futuro diferente para a humanidade e tudo passa a ser realidade em vez de ficção científica. Para isso contamos com a ciência e a experiência. Vivemos uma civilização onde os políticos e a própria sociedades possam e deveriam enfrentar os desastres que sempre ocorrerão. Diz Nail em seu livro *Catástrofe* que o progresso da tecnologia leva ao otimismo, como o próprio desenvolvimento em tempo recorde ⁷. O livro *Catástrofe* fala do impacto na COVID-19 na humanidade e a considera um desastre real e natural. O livro foi escrito em pleno calor da pandemia, poucos meses após o tradicional Fórum de Davos, na Suíça. Diz que a “imprevisibilidade” é um denominador comum em todos os desastres da civilização. Diz ainda que as tragédias moldam o mundo. O que determina em última instância o tamanho de uma tragédia é a dinâmica social - os canais por onde circula a doença. O que se pode observar no caso do coronavírus foram as viagens de intercâmbio de turismo e os negócios espalhados por todo o mundo.

6. O dia seguinte

A partir de março de 2022, a vida de volta começou. No mundo inteiro, a vida começa a voltar ao normal embora com algumas restrições ainda contra o coronavírus. No Brasil, já se começava a falar no carnaval de 2022, adiado para abril. Dizia a imprensa que cerca de 5 milhões de pessoas morreram em todo o mundo, pois no Brasil as mortes ultrapassavam 600 mil.

⁷ Nail Ferguson é um dos mais renomados historiadores contemporâneos. Historiador e médico epidemiologista escocês leciona na Universidade de Harvard e é pesquisador da Universidade de Oxford, na Inglaterra. É autor do livro *Catástrofe*, uma história dos desastres.

Houve, sem dúvidas, em todo território mundial, uma queda consistente no número de mortos e um expressivo avanço na vacinação. As comemorações deverão ser controladas, pois a humanidade passou por enormes sacrifícios como o medo, os efeitos do isolamento social e a competitividade de uma vacina. As regras passam a ter flexibilidade, começam a voltar ao normal o turismo, o comércio, os shoppings centers, os eventos e o prazer de retornar aos estádios de futebol.

A vacinação avançou no mundo inteiro e as aberturas das fronteiras começavam a funcionar mesmo que gradativamente, fato que permitiam se deslumbrar em uma vida real, agradando todos os turistas. As cidades começavam a ser movimentadas, embora sem seus perfis de antes da pandemia. Os cuidados ainda perduravam e os governantes continuavam alertas. No mundo todo se avaliava os resultados da vacinação, mas ainda perdurava em determinados países o sentimento anti-vacina, o que a mídia chamava de “o vírus da ignorância” e a Organização Mundial de Saúde (OMS) denunciava o movimento de “hesitação à vacina”. Países como os Estados Unidos, já contavam com 41 milhões de infectados e 660 mil mortes, estagnando a campanha, enquanto no Brasil já se atingia 40% da população totalmente protegida. Em outros países com o a França onde 63% das pessoas estavam vacinados, e o Canadá com 68% de cobertura nacional, a hesitação à vacina ocorre. O mundo hoje se divide em dois pólos: Os países que apresentam alta rejeição à vacina, como os Estados Unidos, Rússia, França, Polônia e Canadá, e os países que apresentam as maiores taxas de adesão como o Brasil, China, Equador, Ruanda e Nepal. Não há dúvidas de que a vacina está associada aos contextos político, social e econômico de cada país. Mesmo considerando os contextos de cada um, transitaram teorias estapafúrdias como a de que a vacina prejudica a fertilidade ou causa o transtorno do espectro autista. Esse tipo de reação contra a vacina aconteceu também quando do surto de varíola em 1800, sendo preciso a intervenção do Presidente Rodrigues Alves que reiterou a obrigatoriedade da vacina, ação que foi muito criticada na época.

Hoje, passada uma fase dos traumas coletivos, tudo começava voltar ao normal e todos vivem uma retomada da vida. É essa a tendência e a liberdade de reencontrar os prazeres do dia a dia. O otimismo foi alcançado pela expressão da vacina. Tanto na Europa como nos Estados Unidos o *Freedom Day* (dia da liberdade) chegou sem o arrefecimento das curvas de contágio e mortes por COVID-19. Tratava-se de uma verdadeira corrida pelo tempo perdido.

Os palcos dos teatros da Broadway em Nova York foram triunfalmente abertos e iluminados após um longo período fechados pela pandemia, durante 18 meses, desde março de 2020. Os famosos musicais daquela região novaioquina reiniciavam seus espetáculos, aguardando as plateias sedentas e provocando até lágrimas de tanta emoção. São apresentações que costumam reunir em torno de 15 milhões de pessoas por ano. Também foram abertos outros locais de importância para a vida cultural da cidade de Nova York como o *Metropolitan Opera House*, a *Filarmônica*, o *New York Ballet* e o *Carnegie Hall*.

Com o avanço da vacinação e a abertura gradual das fronteiras, as capitais europeias começaram a ver os turistas de volta. O movimento ainda era tímido, mas até por isso mesmo responsável por permitir que as cidades estivessem ainda esvaziadas com uma atmosfera tranquila bem diferente daquele que costumava acontecer antes da pandemia. Inesperadamente chegaram as variantes. E sobre elas ocorrerem várias contestações, sobretudo quanto à ômicron, que era mais transmissível que as demais embora comprovadamente menos letal. Isso reforçava a necessidade de completar o ciclo vacinal, com a 3ª e 4ª doses.

2022, ano que se iniciava, não representaria grandes mudanças na vida da humanidade, mas no Brasil expressava a história de grandes enfermidades que marcaram o país em seus 200 anos de independência e 100 anos da Semana de Arte Moderna. Acontecerão, também, nesse ano as eleições majoritárias e a Copa do Mundo no Catar. O ano de 2022 é o terceiro ano de pandemia, mas representa a esperança na força da vacina, não obstante a ameaça mundial da variante ômicron. O ano de 2022 expressa a janela da história capaz de virar uma página triste da humanidade.

A mídia tem falado muito sobre “como será o mundo após-pandemia”. Lembram os articulistas que não basta o esforço dos governantes para a recuperação da economia dos países. O estudo da pandemia trouxe também outras consequências afetando inclusive as disfunções metabólicas das pessoas, seus relacionamentos com os outros e uma séria de problemas decorrentes do longo isolamento social. A saúde teve danos, os salários também. Os sistemas de valorização e as crenças, a cultura a escala de valores etc. Por tudo isso, espera-se que o mundo pós-covid seja outro, enriquecido por mais uma experiência da humanidade.

A economia e a saúde das pessoas ocuparão lugares novos. Os efeitos provocados pela pandemia foram diversos e variados, permitindo que se possa imaginar ser diferente no cenário futuro, pois muitas coisas na vida das pessoas mudarão. É possível que o mundo sofra transformações não apenas em sua política econômica, mas nos modelos de negócios, na vida social e na própria saúde mental.

Os estudiosos costumam dizer que viveremos novos momentos nas diversas áreas da vida, citando emprego, transtornos emocionais, saúde física e mental, trabalho remoto, educação à distância, cultura, higiene e sistema de valores. As cidades serão ocupadas diferentemente e mudarão os comportamentos das pessoas. O isolamento social serviu de reflexão para os indivíduos.

Queiramos ou não o mundo pós-covid representa para a humanidade uma civilização chamada pós-pandemia onde a espiritualidade passa a ter mais força e o futuro será melhor construído, sendo que o destino das pessoas seria buscado por caminhos mais certos.

As novas tecnologias desempenharão seus papéis, enquanto novas tendências surgirão, transformando os negócios, mudando a sociedade e o modo de viver. A cara do futuro será diferente quando passar a crise. O vírus que abalou o planeta permitiu à humanidade viver uma das maiores crises de sua história, criando uma legião de desempregados, permitindo o colapso nos sistemas de saúde, fechando fronteiras e esvaziando cidades, isolando as pessoas. O Brasil, onde a desigualdade social é imensa, teve aumentada essa desigualdade com a crise.

Uma das características dessa crise foi o dismantelo da vida, foi também a credibilidade que a ciência ganhou. O trabalho dos cientistas ficou mais reconhecido, mais claro e entendido pelas populações. A vacina foi o grande resultado desse esforço coletivo e compartilhado e por isso a humanidade agradeceu à ciência e aos cientistas.

Vale reconhecer o esforço que teve a área dos profissionais da Enfermagem em buscar uma estratégia para as pessoas que tiveram COVID-19. Eram muitos males causados pelo vírus, como disfunções cognitivas e neurológicas, além dos problemas vasculares e cardíacos. Outros males decorreram da doença e coube às enfermeiras e enfermeiros buscar soluções, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS). Esses sistemas dependiam muito da gravidade do que foi a doença. Tudo isso chamamos de sistemas do pós-covid. É importante que se ressalte que são os profissionais de Enfermagem que acompanham e fazem o *follow-up* do paciente. São eles responsáveis pela consulta, o acolhimento e o acompanhamento do paciente. Logo em seguida vêm os atendimentos médicos, com a presença do médico, mas tendo sempre o acompanhamento de enfermeiros e enfermeiras.

Não há dúvidas de que o novo coronavírus desafiou a comunidade médica e os cientistas. Pouco se entendia sobre o novo vírus e seu comportamento. Os pacientes da COVID-19 continuavam a buscar recurso de saúde tanto durante a doença como após. Eles tiveram inflamações intensas que continuaram após a doença, como repercussões respiratórias, intestinais, cardiovasculares e cardíacas e outras. É o que chamamos de síndrome pós-covid ou covid longa. Mesmo após meses da cura da doença, há paciente que continua a apresentar complicações e terá que contar com os avanços multidisciplinares de uma equipe: assistentes sociais, nutricionistas, psicólogos e enfermeiros etc.

É tempo de reinventar as estruturas, nas áreas de tecnologia, trabalho, saúde, educação, alimentação, espiritualidade e outras mais. É preciso fazer nascer uma nova civilização, a do homem novo. O mundo

não deve ser o mesmo de antes. Nossos planos, programas e projetos que foram suspensos devem voltar renovados, com roupagem nova. Nossa vida mudou desde o dia 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou ao mundo inteiro a pandemia do novo coronavírus. Passamos a viver uma das maiores crises da história da humanidade recente. Tudo foi abaixo: nosso sistema de saúde, nossa educação, nossa economia. Enquanto se aguardava a vacina esse “novo normal” foi imposto.

Os estudos sobre imunidade contra a COVID-19 vêm sendo realizados no mundo inteiro por especialistas. Eles têm sido muito úteis para o atendimento da vacina e ajudar aqueles que já foram infectados pelo vírus. É preciso que se entenda como funciona nosso sistema imunológico para ajudar o corpo a combater a doença, evitando que o vírus entre no organismo. Imunidade significa ter o privilégio de estar isento de algo que os outros estão sujeitos

Tanto o isolamento quanto o medo e as incertezas afetam a mente das pessoas, causando de imediato sofrimento de natureza psicológica. A Organização Mundial de Saúde (OMS) preocupa-se com a saúde cultural das populações, tendo em vista o crescente número de casos durante a pandemia. A OMS chama a atenção das pessoas para o fato de ter uma saúde mental sadia e uma saúde física equilibrada.

A aquisição de imunidade por um indivíduo é quase sempre obtida pela vacina, o meio artificial mais comum na luta contra qualquer vírus e bactéria. Chama-se isso de imunização ativa, diferente da imunização passiva que é induzida pela inoculação de anticorpos fecundados. A imunidade adquirida inclui as situações de resistência resultantes da recuperação de uma inoculação artificial ou vacinação. Segundo o Instituto Butantan cada organismo responde diferentemente à vacinação, tudo dependendo da faixa etária e do sistema imunológico individual. Duas semanas é uma média, após ter tomado a segunda dose. É a partir desse tempo que o corpo cria os anticorpos que evitam a entrada do vírus no organismo. Daí porque a imunização só vem depois de tomar duas doses.

A imunidade contra o novo coronavírus pode durar anos, no entanto os estudiosos sobre o assunto não podem garantir o que especialmente pensam. Apenas se tem estudos que provam que os pacientes que já contraíram a doença têm uma imunidade mais duradoura, conforme pesquisas do Instituto de Imunologia La Jolla, na Califórnia, USA.

As discussões sobre o passaporte da imunidade começaram quando a sociedade percebeu que a pandemia chegava ao fim e as portas do mundo começavam a abrir, após dois anos de intensa luta contra o coronavírus. Mas o passaporte da vacina, outra forma de se chamar, não transcorreu num clima tranquilo.

Dentro da polêmica que se criou quanto ao passaporte da vacina, coloca-se uma questão que foge aos direitos individuais e atinge precisamente o bem comum. O passaporte da vacina é antes de tudo um dever do Estado e não uma discriminação como querem alguns.

A COVID-19 trouxe muitas discussões sociais, como a que diz respeito ao uso de máscaras em ambientes abertos e fechados. Há uma questão que sempre atravessou as tantas dúvidas trazidas pela pandemia da COVID-19 como as liberdades individuais e o bem-estar coletivo. Discussões desse tipo já tinham visto quando a sociedade enfrentou o caso dos fumantes.

Perguntou-se muito o que seria seguro fazer após tomar a segunda dose da vacina. E claro que o avanço da vacinação não trouxe à população mais segurança e coragem para enfrentar a pandemia e lutar contra a doença. Como passo fundamental, a vacina tem sido um instrumento de proteção coletiva e individual, no entanto pairam dúvidas sobre o que já está seguro após tomar a segunda dose e mesmo a dose de reforço. Há sempre insegurança por parte daqueles que retomaram suas atividades rotineiras, mesmo que tenham completado o ciclo vacinal, ou seja, 2ª e 3ª doses. Dizem os especialistas que deve haver bom senso por parte das pessoas, sejam ou não afetados pelo fator de risco, pois nenhuma vacina oferece proteção de 100%. As medidas de restrição devem continuar.

Outra questão que foi muito discutida foi o passaporte do ponto de vista jurídico, no Brasil e em outros países. No Brasil, muita polêmica houve, desde as questões relativas aos direitos fundamentais da pessoa como a liberdade de locomoção. Por outro lado, impõe-se a discussão sobre o direito à Saúde, também garantido pela Constituição. Trata-se de um interesse público maior.

As opiniões sobre o passaporte de imunização variam de país para país. Na França e na Itália ele está incluído dentre as exigências de espaços como restaurantes, academias de ginástica, bares, teatros, cinemas e outros locais fechados. Em Nova York esses locais colocam cartazes com aviso da necessidade de comprovação de vacinação. No Brasil, o passaporte de imunização ainda não foi autorizado, continuando a ser o CPF o documento de identificação. Essa exigência varia de estado para estado.

A institucionalização do passaporte de imunização foi uma questão polêmica, embora com a certeza de que ele legitima o direito de livre circulação dos indivíduos vacinados. Contrariando esse direito de mobilização, questões éticas foram apresentadas limitando, assim, seu amplo uso, haja vista o contingente de pessoas que não se vacinaram ou aqueles que, por razões de lógica pessoal, em nome de suas convicções. Essa fatia de indivíduos vê no passaporte de imunização uma forma de coibir ou violar direitos ao livre acesso ao direito aos serviços essenciais, como hospitais, usar farmácias e super-mercados.

Embora a OMS não tenha ainda recomendado o uso do passaporte de imunização para viagens internacionais, alguns países da União Europeia (UE) e outros com o Reino Unido e Israel já instituíram o passaporte da vacina como instrumento de controle da COVID-19, capaz de reduzir a transmissão da doença.

Não só os vôos foram suspensos por algum tempo como também as viagens de Cruzeiros. Se viajar é quase sempre um prazer, viajar de navio é um prazer duplo. Hoje, mais do que nunca, fazer um Cruzeiro, como se diz comumente, é viver momentos de grande satisfação curtindo tudo que os transatlânticos oferecem como navios modernos. Neles encontramos o conforto desejado, fazemos contatos com pessoas interessantes, visitamos cidades encravadas nos litorais ou às margens dos grandes rios. Temos segurança, vivemos dias em pleno contato com a natureza (o mar, o sol, a lua e os pássaros) aprendemos a fotografar, assistimos a shows e espetáculos raros, temos a opção de beber e comer o que nos apraz, enfim usufruímos de tudo de bom que os modernos navios nos oferecem. A pandemia cancelou os passeios nos Cruzeiros.

Agora, quando começa a diminuir os efeitos da pandemia, o mundo deixou de ser fechado e suas portas começam a abrir. Volta a alegria de passearmos nas cidades europeias, como Paris, Londres e Veneza, voltar à Broadway em New York, voltar ao Rio de Janeiro para apreciar suas maravilhas. Os turistas retornam, as portas se abrem novamente. O mais importante é trazer o passaporte da imunidade e mostrar que somos todos vacinados. Apesar de viver uma situação de incerteza quanto à permanência do vírus, o povo brasileiro começava a sentir certa euforia acreditando que a pandemia perdia força no país.

7. Considerações finais

A pandemia não tem sido uma simples corrida contra o tempo, mas uma corrida no tempo. Assuntos triviais do nosso dia a dia passaram a ter um jeito diferente de ser, como as cidades, o meio ambiente, os relacionamentos humanos, a família, as carreiras, a comunicação, o papel do Estado nacional, enfim, tudo aquilo que atualmente gira em torno do nosso cotidiano.

O impulso das mudanças acelera cada vez mais nossa maneira de viver, deixando-nos a incerteza do futuro, pois as mudanças que hoje vivemos já alteram nossa vida. As relações são postas à prova, as nossas conquistas são desprezadas, os valores e as nossas raízes são esquecidos. Ninguém tem a certeza e a precisão do que será o amanhã, porque somos mais imaginativos e intuitivos do que cientistas e conhecedores das teorias que falam do futuro e projetam o espelho do tempo.

Pouco compreendemos o que está se passando e não sabemos distinguir os processos de aceleração e transição. As gerações antigas conviveram com guerras, lutas entre os povos, pragas, e foram precisas em buscar soluções. Dizem os autores que estamos passando por uma segunda revolução industrial em função da velocidade e da profundidade das mudanças, o que representa uma encruzilhada na história da humanidade. Hoje, estamos amarrados no que muitos autores chamam de “saltos do tempo”.

O homem sempre mostrou seu relacionamento com as organizações e elas estão mudando de feição com uma frequência acelerada e com a afoiteza do tempo. Mudam os cargos, os encargos e os empregos. Novas formas de dirigir são bem-vindas e surgem novas responsabilidades nas organizações privadas e públicas. Em função dessas mudanças são afetados os mercados produtores e consumidores e o contingente humano das organizações passa a ser mais exigente e qualificado. É a nova geografia organizacional. O relacionamento humano que antes era de duração longa, passará no futuro a ser de duração média e terá sua natureza fragmentada. Os novos relacionamentos serão mais profissionais que humanos. Não nos interessa os sonhos das pessoas, suas esperanças e suas frustrações. Nossas relações humanas obedecem ao princípio modular. Não existirá no futuro um homem integral, mas apenas um módulo de sua personalidade. Chama-se isso de fragmentação de relacionamento ou modularização.

Uma segunda revolução industrial ocorrerá caracterizada pela debandada de preconceitos e a valorização das escolhas que o ser humano fará. No futuro, as liberdades de escolha do homem serão mais acatadas do que hoje e no passado. Trata-se do próprio futuro da liberdade, a capacidade de escolha e o consenso que teria a sociedade para fatos que foram proibidos no passado e censurados no presente.

No futuro, a economia mundial será muito mais integrada, no entanto, cada vez mais desigual. A estabilidade econômica e financeira, geradora da explosão e economia mundial, se sustentará com as altas tendências protecionistas mantidas pelas grandes potências. É o crescimento global que vai predominar.

Para o futuro é previsível a explosão populacional e a difusão da pobreza. Tanto uma como a outra afetam o ambiente onde deve existir tanta gente. A questão ambiental passará a ser uma das principais questões, provocando a migração em todo o território mundial. Parece que tudo isso aprendemos com a pandemia. O futuro pertence às tecnologias digitais e como disse Peter Druck “a única coisa que sabemos do futuro, é que ele será diferente”. Com a pandemia, se não aprendemos, pelo menos podemos pensar que o dia seguinte será assim .

1. BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio*. Disponível em <https://saude.gov.br/saude-de-a-z/coronaviru> Acessado em 20 Fev.2020.

2. BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus e novo coronavírus: o que é, causas, Sintomas e prevenção*. Disponível em <https://saude-de-a-z/coronavirus>. Acessado em 04/FEV.2020.

3. BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância Sanitária. *Infecção humana pelo Novo coronavírus*. Disponível em <https://portaquivo2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro07/BE-COE-coronavirus.pdf> Acessado em 03/Fev.2020.

4. CAMUS, Albert. *A Peste*. Coleção Brasil. Lisboa: Livros do Brasil, 2020.

5. MARTINS, Eloi Senhoras. *O Campo de Poder das Vacinas na pandemia da Covid-19*. Boletim de Conjuntura (BOCA) : V 6. nº 18, Boa vista: 2021.

6. _____ *Coronavírus e o papel das pandemias na história humana*. Boletim de Conjuntura (BOCA)V 1, nº 2, 2020.

7. SANZI, I.; SAINZA, J.G. *Efeitos de crises del coronavirus em la educación*. Madrid: OEI, 2020.

8. COSTA, L.M.C. e all. *Influenza pandemics the struture of Brazilian heath care system: Brief history and characterization of the scenarios*. Rev. Amazônica de Saúde, 2020.

<tps://covid.saude.gov.br/>

10- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do Mundo*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

11. LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora, 1993.

12. UJVARI, Stefan C. *A história da humanidade contada pelo vírus*. São Paulo: Contexto, 2020.

ALDY MELLO DE ARAÚJO



EDUCAÇÃO:

PODER TRANSFORMADOR



EDUFMA



EDMILSON SANCHES

DIA MUNDIAL DO ROCK

--- Qual é a sua trilha musical?

*

Houve um tempo em que a música era para ser ouvida com a consciência.

Consciência do outro. Do sofrimento do outro.

Fraternidade. Solidariedade. Irmandade.

Foi no dia 13 de julho de 1985 que ídolos do "rock and roll" tocaram para os estômagos famintos da Etiópia (África).

Fome que dura até hoje.

Com um "show" simultâneo em Londres (Reino Unido) e na Filadélfia (Estados Unidos) e também na Austrália e no Japão, o show "Live Aid" (um feliz duplo sentido: "ajuda ao vivo") atingiu pelo menos cem países e cerca de 2 bilhões de pessoas.

Entre os participantes, cantores, músicos e bandas de minha adolescência e de todas as épocas: The Who, Status Quo, Dire Straits, Led Zeppelin, Queen, David Bowie, BB King, Mick Jagger, Sting, Scorpions, U2, Paul McCartney, Phil Collins, Eric Clapton, Black Sabbath, Tina Turner, Santana, The Pretenders, Bob Dylan, Lionel Ritchie...

E lembrando esses nomes, recorro-me dos muitos mais que eu ouvia nos idos anos 1970/1980: AC/DC, Bread, ELO (Electric Light Orchestra), Black Oak Arkansas (Carvalho Negro do Arkansas), Uriah Heep, o sinfônico rock do YES / Genesis / Rick Wakeman, ELP (Emerson Lake Palmer), UFO, Pink Floyd, Kraftwerk, Yanni, Jean Michel Jarre, Kitaro, Giorgio Moroder, Joahann Timman, Beatles, KC and the Sunshine Band, Jeff Beck (e outros "monstros" da guitarra: Eric Clapton, Lou Van Eaton, Santana...), Voyage, Vangelis, The Vamps, Stevie Wonder, Janis Joplin, Nazareth...

E ainda Chicago, Bruce Springsteen, Carpenters, Barrabas, Automat, Aretha Franklin, Anthony Philips, Andreas Vollenweider, Alice Cooper, The Peppers, Isaac Hayes, Iron Maiden, Passport, Alan Parson's Project, Gary Glitter, Grand Funk Railroad, Harry Nilson, Eurythmics, Simply Red, Frank Sinatra, Men At Work, Ruby Winters, Scorpions, Simon and Garfunkel, Israel Sings, Mercedes Sosa, Willie Nelson, Rush, Rick Wakeman, The Moody Blues, The Monkees, Munich Machine, Ravi Shankar, Marillion, Larry Coryell, Creedence Clearwater Revival, Yazoo, Frank Zappa, Supertramp, The Concept, Commodores, Green on Red, Deep Purple e muito, muito mais...

Claro que havia muita MPB. Do "A" do "Abertura" ao "Z" dos Zés Geraldo e Ramalho. E o "rock" do Terço, da Casa Encantada, Casa das Máquinas, Joelho de Porco, Rita Lee e muito, muito mais...

Esse povo todo não está somente nas lembranças ou na memória. Todos estão em discos LP (vinil) e CD e DVD ou "Blu-ray", que guardo com zelo e os reescuto em conservado toca-discos e no "player" dos discos digitais.

Como se lê, não faço nenhuma objeção aos CDs / DVDs / Blu-rays nem aos músicos clássicos, do "A" do italiano Albinoni ao "Z" do tcheco Zelenka (coincidência: tanto Albinoni quanto Zelenka eram elogiados por Johann Sebastian Bach).

Clássica, erudita, popular, folclórica, sacra, a música é a trilha sonora da História humana e da história de cada um de nós.

Qual é a sua trilha musical?

* * *

Falando em Música ("rock" é música), não há como não reiterar registros de músicos mais pertos de nós, seja pela espacialidade, seja pela brasilidade/regionalidade. Embora sejam músicos de um modo, digamos, mais brasílico, eles também têm suas referências rockeiras.

São artistas (compositores, instrumentistas, cantores) da música imperatrizense, tocantina, maranhense e nordestina.

Conheço muitos deles e conheço um pouco mais de seus trabalhos, em especial as produções mais antigas, que coleciono. Já escrevi textos sobre alguns desses músicos, compositores e intérpretes, e diversos deles - e suas produções, os discos -- foram descritos e documentados na "Enciclopédia de Imperatriz", que escrevi, lançada no primeiro semestre de 2003, nos ecos dos 150 anos de Imperatriz.

E referindo-me só às obras gravadas que tenho (em DVD, CD, LP, K-7, compacto duplo e simples), estão trabalhos e primeiros discos do Neném Bragança (falecido em 15 de janeiro de 2015) e outras produções "antigas" da "rapaziada", como, por exemplo:

Wilson Zara (meu ex-colega de faculdade), Erasmo Dibell, Henrique Guimarães (competente; um dia será [re]descoberto...), Clauber Martins, Zeca Tocantins, Washington Brasil,...

...Lourival Tavares (parceiro de composições, uma delas -- "Cenas -- gravadas no seu disco "Lobo da Lua"), Luís Carlos Dias (meu apoiador e general de campanha), o (ins)piradíssimo e "fissurado" Chiquinho França (sobre quem escrevi textos e para quem agradei a espontânea colaboração com belíssimo "blue" que compôs para campanha eleitoral minha),...

...meu colega e amigo Gildomar Marinho, Deive Campos, Lena Garcia, Olívia Heringer, Canta Imperatriz (CD), Carlinhos Veloz (a quem entreguei título de "Cidadão de Imperatriz", por minha indicação e pelo que representa sua música "Imperador Tocantins", hino não oficial de Imperatriz), Chico Brawn (que levava adiante projeto de formação musical para crianças; faleceu neste ano de 2021), Nani Vieira (Ernanes Vieira), VieiraDK6, Dumar Bosa, Elcias, Franck Seixas, Genésio Tocantins, Itamar Dias Fernandes, Adrianna Dias,...

...Dona Francisca do Lindô e da Mangaba (caxiense como eu; conversava com ela em sua residência no bairro Santa Inês, de Imperatriz; falecida em 5 de junho de 2017), Zuza e seu sax, Paulo Pirata (ou Paulo Maranhão), Ostérnio, Josean Amaury, Ires, Lídia, Gerson Alves, Ed Millson, Diogo Rodrigues, Ageu Santos, Adriana e suas Adrenalinas, Marcelino, Samya, Cleyton Alves, Alcides, Flor de Maria, Cia. Cristã de Fátima (Cocrifá), Victor Cruz, Lídia,...

...César & Matheus, Suzanna, Jandel & Jordão, Ray & Roger, Plebeu & Nativo, Acássio Reis, Rael & Ricardo, Grupo Celebr'Art, Banda Baetz, Júlio Nascimento, Fruta Mel, Pollyana, Valdenice, Elizeth Gomes, Chirley Camargo, Conexão Explosão, Cristo Melquíades, Luciano Guimarães & Banda, Marcos Villar, Forró Doce Paixão, Furacão Brasil, Galego & Adriano, Benerval Silva, Elissâmya, Elson Santos,...

...Raimundo Soldado, Paulinho dos Teclados, Pedrinho dos Teclados, Sandez, Raimundo Paulino e os Conscientes do Forró, Ray Douglas, Henrique Braga, Paulinho, Arão Filho, Wilson Júnior & Luciano, entre outros.

Documentei exaustivamente quase todos eles na "Enciclopédia de Imperatriz", que escrevi, lançada em março de 2003.

Não esquecer as obras e outros autores maranhenses como Josias Sobrinho (tenho quase todos seus CDs, com dedicatória e tudo), "Arrebentação da Ilha", Beto Pereira, Boizinho Barrica, Bumba-boi de Morros, Chico Saldanha, Cláudio Valente e Sérgio Habibe, Coral do Maranhão, Gerude, Hermógenes Som Pop, "Pedra de Cantaria", Tribo de Jah, Tutuca, Ubiratan Sousa e Souza Neto.

De Minas Gerais, Rubinho do Vale.

De São Paulo, Ângelo Alves.

Do Pará, Wada Paz.

Em Fortaleza (CE), "entrosei-me" com o pessoal da música popular cearense. Gente do naipe de Calé Alencar (abraço, amigo!), Pingo de Fortaleza, Acauã, Edmar Gonçalves (além de músico, excepcional artista plástico/pintor; é primo do Calé Alencar), Augusto Bonequeiro, Lúcia Menezes, Abdoral Jamacaru, Aduauto Oliveira, Alcântara, André & Cristina, Bernardo Neto, Cacau, Cego Oliveira, Cleivan Paiva, Jabuti, Manassés, Patativa do Assaré, Ricardo Augusto, Ronaldo Lopes & Banda Oficina, Talis Ribeiro, Tom Canhoto, e outros... (Calé, como está esse povo todo?).

Fiz textos sobre Chiquinho França, Luís Carlos Dias, Zeca Tocantins, Lourival Tavares (que gravou duas músicas minhas e dele)... Também escrevi sobre o Luís Brasília (falecido em 14 de fevereiro de 2011), jornalista e produtor cultural, criador do programa de TV "ArteNativa" (Mirante/Rede Globo), que divulgou ou lançou diversos nomes e obras.

Também ouço e aplaudo excelências musicais como Heury Ferr (violão), Humberto Santos e Junior Schubbert (violino), excepcionais nos instrumentos que tocam com mestria e Maestria.

Em minha terra natal, Caxias, Chico Belezza Beleza, Naum, Roger Maranhão, Jorge Bastiani, Antônio Cruz (falecido em 2020), Hilter (violão) e tantos outros são referência e orgulho caxiense, que nem José Salgado Maranhão, letrista de nome e nomeada, residente no Rio de Janeiro (RJ), com suas produções já gravadas por diversas grandes estrelas da MPB.

*

Os artistas da música acima são de variada flora, florada e floração. Todos os gêneros de composição. Da MPB ao "gospel", do compromisso com a raiz que se finca na terra ao pólen que se espalha e se espraia pelos ares, mares, lares e outros lugares de muitos cantares.

CELSO ANTÔNIO DE MENEZES, CAXIENSE, PRECURSOR DA ARTE MODERNA NO BRASIL, O GRANDE ARTISTA QUE SUA CIDADE ESQUECEU, O ESTADO NÃO SE LEMBRA E O PAÍS, UM DIA, DESPREZOU

EDMILSON SANCHES

(Texto publicado em 18/11/2013, no jornal "Folha do Leste", de Caxias - MA)

--> Veja quem elogiava esse caxiense: Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Gustavo Capanema, Coelho Netto (caxiense também), Carlos Drummond de Andrade, Di Cavalcanti, Otto Lara Resende, Le Corbusier, Anita Malfatti, Rodolfo Bernardelli, Antoine Bourdelle, Cândido Portinari...

* * *

Há exatamente cem anos, em 1913, ele chegava ao Rio de Janeiro (RJ). Tinha pouca idade (18 anos) e um talento enorme. Depois, estudou em Paris.

Celso Antônio de Menezes é um desses talentos para os quais a intelectualidade brasileira e estrangeira também rende homenagens. Só o que parece não ter rendido mesmo para Celso de Menezes foi... renda, dinheiro.

Quando morreu, no Rio de Janeiro, em 1984, estava pobre de Jó. Em Caxias, a cidade maranhense onde nasceu em 13 de julho de 1896, a pobreza é de espírito, de conhecimento e, conseqüentemente, de reconhecimento. (Exceção a uma homenagem como patrono da cadeira nº 17 da Academia Caxiense de Letras).

No Maranhão inteiro, existe apenas uma obra do escultor, um busto de um escritor, em São Luís. Na terra em que nasceu, nem foto de suas obras se sabe (de sua vida, seus familiares, lugares que frequentava na infância e adolescência, muito menos -- eita cidade!...). Enquanto isso, fora da Atenas Brasileira...

O abecedário da intelectualidade brasileira e estrangeira não economiza bons adjetivos para a substantiva obra e proverbial talento de Celso de Menezes. Os elogios vão do "A" de Amaral (Tarsila do) ou Andrade (Mário de) ao "B" de Bandeira (Manuel), ou "C" de Capanema (Gustavo) ou Coelho Netto (caxiense também), ou "D" de Drummond (Carlos) ou Di Cavalcanti, e ainda Otto Lara Resende, Le Corbusier, Anita Malfatti, Rodolfo Bernardelli, Antoine Bourdelle, Cândido Portinari...

Da grandeza da vida artística de Celso de Menezes fala mais o que se escreveu... após a sua morte. Dele disse Otto Lara Resende, em manifesto que escreveu e fez divulgar em 1989:

"Como simples testemunha do meu tempo, considero um absurdo que até hoje, no final de 1989, um artista do valor e da importância de Celso Antônio não tenha tido ainda o reconhecimento que merece. É sabido que a morte impõe um período de silêncio, como se entre a posteridade e o morto ilustre fosse necessário fazer uma reflexão para reavaliar o que significou de fato a sua contribuição para a cultura nacional.

"Quem quer que tenha interesse pelas artes e pelas letras no Brasil sabe a importância de Celso Antônio. Nem é preciso ter sido seu contemporâneo, ou ter acompanhado, mesmo à distância, o itinerário que o artista percorreu. Não lhe faltou sequer o sal da grande controvérsia, quando sua arte foi vítima da incompreensão e da burrice.

"Celso Antônio, tendo vivido e trabalhado num momento de renovação cultural em todas as frentes, foi um grande artista inovador. Com um temperamento discreto, alheio ao marketing das celebridades de quinze minutos, o grande artista teve ao seu lado as melhores inteligências e sensibilidades do seu tempo. Bastaria citar três grandes nomes, entre os seus fervorosos admiradores: Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Rodrigo M. F. de Andrade.

"Tudo o que se fizer em favor de Celso Antônio, a partir de agora, é justo e oportuno.

"Chega tarde, mas ainda chega a tempo de saldar uma dívida que o Brasil tem para com esse extraordinário artista, que conheci, admirei e defendi, quando foi vítima da agressiva estupidez dos que se trancam na rotina e no ar viciado do academicismo".

O que a cidade de Caxias, e o Maranhão, vão fazer nos 30 anos de Celso Antônio Silveira de Menezes em 2014, nos 30 anos de falecimento do grande nome brasileiro das Artes Plásticas nascido aqui?

* * *

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1917 - Rio de Janeiro RJ - 24ª Exposição Geral de Belas Artes, na Enba

1918 - Rio de Janeiro RJ - 25ª Exposição Geral de Belas Artes, na Enba - menção honrosa

1919 - Rio de Janeiro RJ - 26ª Exposição Geral de Belas Artes, na Enba

1921 - Rio de Janeiro RJ - 28ª Exposição Geral de Belas Artes, na Enba

1924 - Paris (França) - Exposition d'Art Américain-Latin, no Museu Galliéra/Salão do Outono

1930 - São Paulo SP - Coletiva, com artistas modernistas, na Casa de Warchavchik

1931 - Rio de Janeiro RJ - Salão Revolucionário, na Enba

1972 - São Paulo SP - A Semana de 22: antecedentes e consequências, no Masp

1978 - Rio de Janeiro RJ - Escultura Brasileira no Espaço Urbano: 50 anos, na Praça Nossa Senhora da Paz

1982 - São Paulo SP - Um Século de Escultura no Brasil, no Masp

EXPOSIÇÕES PÓSTUMAS

1984 - Rio de Janeiro RJ - Salão de 31, na Funarte

1997 - São Paulo SP - Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX, no Itaú Cultural

2000 - Rio de Janeiro RJ - Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento. Negro de Corpo e Alma, na Fundação Casa França-Brasil

2000 - Rio de Janeiro RJ - Quando o Brasil era Moderno: artes plásticas no Rio de Janeiro de 1905 a 1960, no Paço Imperial

2000 - São Paulo SP - Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento, na Fundação Bial

2002 - Rio de Janeiro RJ - Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, no CCBB

2002 - São Paulo SP - Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, no CCBB

2002 - São Paulo SP - Imagem e Identidade: um olhar sobre a história na coleção do Museu de Belas Artes, no Instituto Cultural Banco Santos

2003 - Brasília DF - Arte Brasileira na Coleção Fadel: da inquietação do moderno à autonomia da linguagem, no CCBB

(Fonte: Itaú Cultural)

FONTES PARA PESQUISA:

ARTE no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2v. 709.81 A163ar v.2

ARTE no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2v.

BATISTA, Marta Rossetti. Os Artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 20. 1987. 265 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, São Paulo, 1987. T709.281 B333a v.1

BATISTA, Marta Rossetti. Os Artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 20. 1987. 265 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, São Paulo, 1987. T709.281 B333a v.2

BATISTA, Marta Rossetti. Os Artistas brasileiros na Escola de Paris: anos 20. 1987. 265 f. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, São Paulo, 1987.

LIMA, Francisca Flames. A Temática Feminina na Produção Escultórica de Celso Antônio de Menezes (ensaio). Edições SECMA, São Luis - MA, 2009.

CAVALCANTI, Carlos (org.). Dicionário brasileiro de artistas plásticos. Brasília: MEC / INL, 1973. v.1: A a C. (Dicionários especializados, 5). R703.0981 C376d v.1 pt. 1

CAVALCANTI, Carlos (org.). Dicionário brasileiro de artistas plásticos. Brasília: MEC / INL, 1973. v.1: A a C. (Dicionários especializados, 5).

DUARTE-PLON, Leneide. Celso Antonio - A condenação da arte. Niterói Livros, Niterói - RJ, 2011.

MOREIRA FILHO, Eliézer. Celso Antônio e o Modernismo - Um Gênio Esquecido. Editora EDUFMA, São Luis - MA, 2012.

PONTUAL, Roberto. Dicionário das artes plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. R703.0981 P818d

ZANINI, Walter (Coord.). História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983. v.2. 709.81 H673 v.2

ZANINI, Walter (Coord.). História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Moreira Salles: Fundação Djalma Guimarães, 1983. v.2.

CELSO Antônio. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Acesso em: 14 de Abr. 2021. Verbetes da Enciclopédia.

*

Ilustrações: Celso Antônio de Menezes e sua obra, "Moça reclinada"; dois livros sobre o escultor e escritor caxiense; e primeira página do caderno B do "Jornal do Brasil" (RJ), dedicadas ao escultor e escritor caxiense.

LIVRO REÚNE OBRAS DO ESCRITOR CAXIENSE ADAILTON MEDEIROS

(E. SANCHES)

Neste sábado, 16 de julho de 2022, completaria 84 anos o jornalista, escritor, professor e mestre em Literatura ADAILTON MEDEIROS, que ensinou nas Universidades Federal do Rio de Janeiro e Gama Filho. Ele nasceu em Caxias, Maranhão, em 16/07/1938, e faleceu aos 71 anos, no Rio de Janeiro (RJ), em 9 de fevereiro de 2010.

Bem avaliado por nomes como Carlos Drummond de Andrade, Manoel Bandeira, Cassiano Ricardo, Affonso Romano de Sant'Anna, Fausto Cunha, Antonio Olinto, Nélida Piñon, Aguinaldo Silva, Nauro Machado, Antônio Carlos Villaça, entre outros, Adailton Medeiros tinha um desejo: reunir seus livros em um só volume.

Se em vida não conseguiu realizar esse desejo, seus irmãos o fizeram, “post mortem”: acaba de sair das impressoras da Editora Vozes (Petrópolis – RJ), com selo editorial Imprimatur, da Editora 7Letras (Rio de Janeiro), a "Obra Reunida", que traz sete livros em 560 páginas, em ótima edição.

Os exemplares de “Obra Reunida” não serão vendidos, mas, sim, doados, unitariamente entregues, entre outros destinatários, para bibliotecas públicas do País, academias de letras, escritores (ou suas famílias, descendentes ou fundações) citados por Adailton em sua obra ou que a ele dedicaram apreciações críticas. Esta semana, no Rio de Janeiro, foi feita a entrega, pessoalmente, de um exemplar para a Biblioteca Nacional.

Os trabalhos constantes da "Obra Reunida" são um livro de ficção histórica e os demais de poesia, entre os quais um inédito e a dissertação de mestrado em Ciência da Literatura, que Adailton apresentou em versos, o que foi considerado pioneiro no meio acadêmico até então (mereceu nota de excelência).

Adailton Medeiros morou 50 anos no Rio de Janeiro, onde seu corpo foi enterrado, no Mosteiro de São Bento, ordem a que pertenceu por anos, como monge. Outros quatro irmãos – igualmente nascidos em Caxias (MA) – também residem na capital fluminense e coordenarão a entrega, nos próximos dias, de exemplares da “Obra Reunida” para outras Instituições, inicialmente aquelas no Rio de Janeiro de que Adailton Medeiros fez parte, como o Mosteiro de São Bento, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Literatura e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde Adailton se graduou em Comunicação Social, fez o Mestrado em Literatura e foi professor.

Planejada para ser lançada há cerca de três anos, a “Obra Reunida” de Adailton Medeiros sai em 2022 em momento de rara coincidência literária: como percebeu o apresentador da “Obra”, Edmilson Sanches, “o livro circula em 2022, exatamente o ano em que no Brasil se registram três datas ‘redondas’ relacionadas a movimentos culturais, literários e poéticos aos quais, pode-se dizer, vincula-se o fazer poético-literário de Adailton Medeiros: o centenário do Modernismo (com a Semana de Arte Moderna, 1922), os 70 anos do Concretismo (com os poetas da revista ‘Noigrandes’, 1952) e os 60 anos da Poesia Práxis (com o livro ‘Lavra Lavra’, de 1962, do paulista Mário Chamie, amigo de Adailton). E entre essas efemérides, uma outra, cara à bibliografia de Adailton Medeiros: em 2022 também completam-se os 50 anos de publicação de seu primeiro livro, ‘O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves’, de 1972”.

Leitores, estudantes, pesquisadores, críticos, jornalistas, historiadores, professores, acadêmicos, escritores e demais interessados podem desde já acessar “Obra Reunida” integralmente, inclusive capas e orelhas: ela está disponível em arquivo PDF na Internet, no endereço: <https://bit.ly/3ofuAHM>

Mais sobre o autor e sua obra, além de registros diversos na Internet, pode ser visto na Apresentação à “Obra Reunida”, escrita por Edmilson Sanches a convite dos irmãos Medeiros.

APRESENTAÇÃO

EDMILSON SANCHES

Esta Obra Reunida de Adailton Medeiros (1938—2010) há muito deveria ter chegado às mãos dos leitores. E não foi por falta de esforço dos irmãos Medeiros e da Editora, que tanto fizeram para o livro estar em circulação.

Coincidentemente, sem nada premeditado, Obra Reunida sai exatamente no ano — 2022 — em que no Brasil se registram três datas “redondas” relacionadas a movimentos culturais, literários e poéticos aos quais, pode-se dizer, vincula-se o fazer poético-literário de Adailton Medeiros: o centenário do Modernismo (com a Semana de Arte Moderna, 1922), os 70 anos do Concretismo (com os poetas da revista *Noigrandes*, 1952) e os 60 anos da Poesia Práxis (com o livro *Lavra Lavra*, de 1962, do paulista Mário Chamie, amigo de Adailton). E entre essas efemérides, uma outra, cara à bibliografia de Adailton Medeiros: em 2022 também completam-se os 50 anos de publicação de seu primeiro livro, *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves*, de 1972.

Nascido em 16 de julho de 1938 no povoado Angical, em Caxias, Maranhão, onde também surgiu literária/mente, Adailton Medeiros faleceu em 9 de fevereiro de 2010, no Rio de Janeiro (RJ). Viveu 71 anos, 6 meses e 24 dias, mais de oitenta por cento desse tempo na capital fluminense, cidade de protagonismos e coadjuvações e de convergências e dispersões de fluxos e influxos culturais, (r)evoluções artísticas e feitos literários e seus efeitos co/literais.

Mas, se habitava numa capital, Adailton, em si e em sua obra, nunca se desabitou de seu interior — porque não desabilitou o reme-morar, não desativou o revivescer. Infância, juventude e adultidade compõem a santíssima trindade que o faz ser ele o mestre de obras que se replica nelas, suas obras de mestre.

Nesse processo, a “Princesa do Sertão” (Caxias) se une à “Cidade Maravilhosa”, com a geografia literária adailtoniana, com seu próprio tópos, mostrando que o Riacho Praquê deságua no Rio de Janeiro. O Praquê, riacho onde diziam ter ouro enterrado, era lindo e o caminho para ele, limpo. Caminho de árvores, flores. Caminho de pedras. (E me vem à memória “Caminho de pedra”, música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, gravada em 1958 por Elizeth Cardoso: “Velho caminho por onde passou / O meu carinho chamando por mim, ô, ô / Caminho perdido na serra / Caminho de pedra / Onde não vai ninguém / Só sei que hoje tenho em mim / Um caminho de pedra / No peito também”).

escrevendo sobre o homem – Foi no povoado Angical, nas proximidades do Riacho Praquê, em Caxias, que Adailton Medeiros expatriou-se do ventre máter, depois de evoluir de “espermatozoide feio e raquítico”,¹ com cauda, para um “lagarto sem rabo”.²

Nasceu numa “casa de palha”,³ onde havia quintal com “folhas das trepadeiras que se escancham na cerca”.⁴ Nasceu sobre um “jirau, [...] nobre catre”,⁵ numa “bela manhã”⁶ daquele sábado, 16 de julho de 1938. (Neste mesmo dia e mês, cinquenta anos depois, apesar dos pesares e pensares, da vida ascética, anacorética, à inflexão para a lida literária, poética, Adailton, “criança cinquentenária”⁷, reconhecia: “— como deve ser bom / nascer crescer envelhecer e morrer”.⁸

Adailton foi o primeiro de dez irmãos, filhos do casal maranhense Da Raimunda Borges de Lemos e Sr. Nadir Medeiros, proprietário de uma terra onde marido e mulher trabalhavam e de onde tiravam o sustento e tocavam a existência. Sobre o irmão, Maria Hilma, pro-fessora, escreveu: “Adailton Medeiros — ‘Dudu’, como era chamado pela família —, um grande exemplo de dedicação e bondade, o esteio da família na formação de seus irmãos no Rio de Janeiro. // Foi Irmão Cirilo Alexandrino no Mosteiro de São Bento por 4 anos, no Rio de Janeiro. Renunciou à vida religiosa para dedicar-se à vida de escritor, pois seu maior objetivo era deixar seu nome nas páginas dos livros, ser imortal. // Como irmã caçula, minha

dedicação ao meu inesquecível ‘Dudu’: Um sonho que se foi — a vida. / O silêncio calou sua voz morte. / Um cérebro que não morre — a Sabedoria. / A saudade que fica para sempre — o adeus”.⁹

Mas antes de sair do Angical para a cidade grande, Adailton foi para uma grande cidade — a dele, Caxias, terra e rima de Gonçal-ves Dias, de Teófilo Dias e de Celso Menezes, precursores, respectivamente, do Indianismo e do Parnasianismo na poesia e do Modernismo nas Artes Plásticas brasileiras; terra de Coelho Netto, indicado ao Prêmio Nobel de Literatura, introdutor do cinema seriado no Brasil, o escritor mais lido do Brasil e Portugal em sua época; terra de Ubirajara Fidalgo, criador do Teatro Profissional do Negro no país; de Liene de Jesus Teixeira, engenheira agrônoma e doutora em Botânica, primeira mulher a se formar em Agronomia na Universidade Federal de Viçosa (MG); de Raimundo Teixeira Mendes, criador da Bandeira do Brasil, redator de leis que, pioneiramente, no Brasil, levaram à separação Estado/Igreja, à proteção do doente mental e da mulher e do menor trabalhadores; terra de João Mendes de Almeida, que em São Paulo foi advogado e jurista, jornalista, presidente da Assembleia e principal redator da Lei do Ventre Livre; Aderson Ferro, pioneiro da Odontologia no Brasil e primeiro brasileiro a escrever e publicar livro sobre essa especialidade paramédica; e de tantos outros caxienses que, mercê de seus talentos, coragem e trabalho, legaram ontem um Brasil melhor hoje.

Com a família, Adailton mudou-se do Angical e foi para a zona urbana de Caxias, para o bairro Cangalheiro, Rua do Fio¹⁰ — que, nos anos 1950, antes de ser a via por onde também passava a fiação do telégrafo (daí o nome), era chamada de Rua dos Velhacos, denominação que Adailton recupera e data em poema onde acopla uma cópula entre flor e folha, pendão e concha de plantas quiçá hermafroditas do novurbano quintal¹¹. A literatura adailtoniana rima — inclusive em versos brancos — poesia com (auto)biografia. Nada de egocentrismo, mas, sim, muito humanismo.

No mundo citadino caxiense, novas situações e emoções, peripécias e personagens se foram adentrando na vida e no imaginário de Adailton. A família mudou-se para a Rua do Cotovelo, onde a casa até hoje é dos Medeiros. Entre os personagens (de)cantados em poemas, o “grande” Ilário da Costa Veloso, o Seu Ilário, da Rua do Angelim, homem peiudo, de genitália acavalada, motivo de gozação da meninada e de gozo da mulherada (segundo Adailton alinhavou em trinta e quatro versos igualmente... desmedidos...¹²). O velho Ilário se inscreveria na memória menina e na poesia madura de Adailton Medeiros, espaços onde já pulsava, por exemplo, o cantor e rabequista Zé Baú¹³, preto velho do povoado caxiense de mesmo nome — Baú —, amigo da família Medeiros. Zé Baú cantava bem, “tirava” Reis, isto é, executava música, canto ou oração no Dia de Reis, que a tradição cristã “calendarizou” como 6 de janeiro. Maria Hilma (re)lembra uma quadra do reisado: “Senhora dona de casa, / saia à porta da rua, / venha ver o Santo Reis, / que vem à procura tua”.

No início da adolescência, aos 13 anos de idade, o talentoso Adailton, aluno do Ginásio Caxiense, por seu desempenho nos estudos (1º lugar), ganha bolsa do Governo do Maranhão (à época, administrado por Eugênio Barros, nascido politicamente em Caxias, onde foi pre-feito). O garoto vai para o Rio de Janeiro, matricula-se no famoso Colégio Pedro II e, motivado e preparado, volta a cursar o restante do hoje Ensino Fundamental.

Mas, como se diz pelos desvãos da hinterlândia brasileira, às vezes, quando Deus dá com uma das mãos, o Capeta vem e sorratamente tira com a outra... Eis que o garoto Adailton é contagiado por um vírus e desenvolve parotidite, que não é outra senão a caxumba, a papeira. Fica 15 dias fora das aulas. A doença passa, Adailton volta para a escola, a doença passa... para o outro lado — porque, em pobre lutador, desgraça pouca é bobagem. Mais 15 dias sem ir ao colégio. Total: um mês — e o rigoroso e quase bicentenário estabelecimento de ensino federal não teve misericórdia com quem tanto merecera estar matriculado nele... O menino Adailton voltou para a terra natal. Perde um ano. Reinicia outra vez os estudos. Torna-se líder e referência estudantil em Caxias. Vai crescendo e se desenvolvendo. Na Escola Técnica de Comércio, criada pelo amigo Monsenhor Clóvis Vidigal (falecido), presidiu o grêmio e, com a irmã Adailma, formou-se em Contabilidade. Estreia literariamente em jornal (o Cidade de Caxias), onde

tinha seu nome no expediente. Assim nascia em letra de fôrma o jornalista e literato que anos mais tarde, em 1961, de volta ao Rio de Janeiro, trabalharia em Contabilidade com a irmã Adailma e depois sairia desse mundo de números para voltar-se para o universo das Letras, formando-se na última turma de Jornalismo (Comunicação Social) da antiga Universidade do Brasil, depois Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, onde também fez mestrado em Literatura.

Como se diz, Deus escreve certo até por linhas incertas. O retorno de Adailton ao Rio, sabe-se, é protagonizada pela irmã Adailma, que, tendo se mudado para a Cidade Maravilhosa, para lá levou de volta o primeiro irmão. Mais velha das irmãs, Adailma fora para o Rio trabalhar (inicialmente, com Contabilidade, numa editora e nos Correios), ser professora e fazer novos estudos. Formou-se em Administração e em Direito, tornou-se advogada e aposentou-se em cargo de destaque na área jurídica de uma das Forças Armadas do Bra-sil. Adailma é personagem e referência em poesias do irmão; leia-se, por exemplo, em “No divã amarelo”, poema do livro Lição do Mundo:

“Ah – minha irmã (a que se encontra mais próximo) me liga / sempre e assim relemos antigos palimpsestos – Ocorre que / (apesar das nossas variáveis psíquicas) somos unidos e mais: / depositários e cúmplices de alguns segredos de família / [...]”. No poema “O casmurro”, no livro Bandeira Vermelha, o Poeta lembra-se da irmã quando conta/canta sobre Zé Aleixo, homem caboclo vindo de Loreto (MA), onde protagonizara um terrível drama familiar, e que era “pau pra toda obra”, de semear grãos a enterrar defuntos: “Mana – a minha irmã Adailma / – ele [Zé Aleixo] a chamava com saudade / da sua pobre menina morta / O velho Zé-Aleixo era casmurro: / “homem calado e metido consigo”.

Em muitos textos, nos diversos livros, em títulos, citações e dedicató-rias, Adailton traz para perto de si a família — pais, irmãos, sobrinhos e outros, ascendentes, colaterais e descendentes.

De 1990 a 1994 Adailton Medeiros viveu no multissecular Mos-teiro de São Bento, localizado no morro de mesmo nome, no Rio de Janeiro. Ali era o Irmão Cirilo Alexandrino — certamente uma refe-rência ao grego Cirilo, grande nome da Igreja, o Patriarca de Alexan-dria, que viveu nos séculos 4 e 5 e foi homem de elevada erudição e grande fecundidade na produção escrita.

Entretanto, o espírito beneditino do Verbo parecia menos intenso que o espírito bendito das Letras. Aquele exigia desapego, abandono, rejeição; estas, serviam (para) busca, encontro, subversão. Onde o espírito beneditino do Verbo impõe renúncia e cala, o espírito bendito das Letras põe denúncia e fala. Em um caso o escritor é interdito; no outro, é internúncio.

E Adailton queria voltar a se dedicar à vida de escritor... Desde o início da carreira literária a até seu período monástico, já escrevera oito obras e publicara sete: Oculito Piano (a primeira obra; inédita); O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves (1972); Cristóvão Cristo : Imitações (1976); Revoltoso Ribamar Palmeira (1978); Braçada de Palmas (1981); Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos (1981); Floração de Minas (1982); e Lição do Mundo, que saiu em 1992, no meio do período da vivência monacal. Toda esse vigor literário, toda essa força literal trouxeram um bilhete azul para o monge beneditino e uma Bandeira Vermelha para o escritor bendito. Adailton saiu do mosteiro secular para continuar testamentário do século. E voltou a publicar.

Com duas edições em 2001, a primeira com o título As Mulheres & As Coisas (cuja edição, do Governo do Rio de Janeiro, Adailton clas-sificou como de “péssima qualidade”¹⁴), o livro Bandeira Vermelha é, na primeira parte, uma tertúlia, um agrupamento de familiares, ami-gos e personalidades de A de Adélia a Z de Zuleide. Em outros livros (por exemplo, CristóVÃO Cristo : Imitações), seja com poemas, em epí-grafes ou dedicatórias, Adailton também exhibe uma saudável destimi-dez ao tornar público seu apreço e carinho em relação àqueles que lhe são cara referência e para os nomes a quem dispensa rara reverência. “Quanto ao livro que ele relançou mudando o nome – Bandeira Vermelha –, que foi patrocinado pelo Governo do Rio de Janeiro com a Academia Brasileira de Letras, ele [Adailton Medeiros] o achou de péssima qualidade. O caso foi isso.” (Mensagem em áudio da advogada e administradora Adailma Medeiros, irmã do Autor, em 11/01/2022).

sobre o homem que escreve

– A obra de Adailton Medeiros junta-se às tantas obras dos tantos autores a merecerem estudo mais acurado. Aspectos literários e linguísticos, históricos e geográficos, políticos e sociais, pessoais e que tais, entre outros, ululam e pululam, passam e perpassam nos/pelos textos adailtonianos. Um exemplo de personalidade, entre tantos, lê-se em “Objeto torturante”, do livro Lição do Mundo:

“Quando eu era menino desejava ter
– algum dia – um relógio de parede
pra bater como um sino de hora em hora
(bam bam bam) contando o tempo
Mais tarde percebi que esse objeto torturante
não consegue contar o tempo que é unitário
agorúnico
Ele vai contando – isto sim – nossos passos
para a morte”

A gênese desses versos vem, como dito no poema, do tempo do Adailton menino, que, ao visitar residências de pessoas “de condições”, via dentro delas o relógio, o que fazia germinar nele a vontade de ter um objeto igual em parede de sua casa.

Os aspectos pessoais

— como os já referidos aqui – compreendem desde as mais ancestrais lembranças da infância na zona rural, as referências à primeira professora, Rosa Martins (“Recordações” e “Minha Mestre”, por exemplo, em *Oculto Piano*), às mais comuns ou impro-váveis ocorrências da maturidade na urbanizada metrópole carioca.

Desencoberto pela irmã Adailma no Rio de Janeiro, pós-morte do Autor, *Oculto Piano* era o primeiro livro que Adailton Medeiros pre-tendia publicar; fora escrito em Caxias, concluído provavelmente em 1958/1959, quando o Autor, com pouco mais de 20 anos, trabalhava na prefeitura local. Mas, pelas razões que nossa desrazão sequer atina, os originais — bem organizados, como organizado era o Autor¹⁵ — foram ficando... ficaram esperando. Até familiares próximos desconheciam a “Adailton era metódico” (declaração de Maria Hilma Medeiros, professora, irmã do Autor, em 14/12/2021).

existência desse Piano realmente, sem fazer blague, oculto. Adailton, os irmãos reconhecem, era de “temperamento fechado” em relação a certos assuntos (e quem não?).

A pretendida obra inaugural (*Oculto Piano*), quando se lê nela logo se vê: o Poeta (diletantemente?) se desafia, ousa, experimenta e experiencia — comete um soneto assonante hexassílabo em “A”, isto é, com todas as 40 palavras iniciadas por essa letra, da monossilábica interjeição “ah!” ao polissilábico adjetivo “arcangenal”

As referências a Caxias e ao Maranhão, ao tempo passado e às lembranças presentes, sejam lugares, pessoas, fatos, reflexões etc., iniciam-se com esse livro e, como um cambô ou fieira, vão elas transpassar praticamente toda a obra adailtoniana. Um trabalho de Onomasiologia, Onomatologia ou Onomástica e um Glossário, para esse e para todos os livros, poderiam destacar, explicitar e enriquecer mais ainda os termos ou expressões que, em muitos casos, jazem ou subjazem apenas como nomes próprios ou vocábulos ou acepções regionais ou unidades lexicais destinadas a “iniciados”.

Em 1972, logo no primeiro mês, como se abrindo as homenagens pelos dez anos da Poesia Práxis, Adailton Medeiros publica *O Sol Fala aos Sete Reis das Leis das Aves*, dedicado aos pais, Da Raimunda e Sr. Nadir.

Adailton parece estar à vontade: inicia o livro com um poema (“Concubinato dele & dela”) formado de oito estrofes (sete sep-tilhas e uma oitava), somando 57 versos eneassílabos perfeitamente metrificados (observadas as sinalefas próprias). Em seguida, adentra a obra com a variada configuração multicênica e polissêmica que o Modernismo, em especial a Poesia Práxis, adota ou rejeita, em termos de forma e conteúdo. Nesse encontro de contrários (tradição da escansão X introdução da inovação), o leitor vê e revê aliterações (como “jorro brotado no brejo do busto”); neologismos (“agorúnico”, “brasilindo”, “sensual”, “sisifurosamente”, “textória” etc.); internetês, ou a linguagem abreviada da Internet (como o “q” [que] no verso “ante boca q engole [...]”¹⁸; e um caudal de paronomásias (“de porto e parto”, 16 “Aurora”, in *Oculto Piano*).

Adailton Medeiros escreve “praxis”, sem acento, seguindo a opção gráfica do iniciador desse movimento, Mário Chamie, em 1962. No poema “Pré-texto para Pobrícia/Lavadeira”.

“nave de neva de limo e lume”, “de sinos cimos”, “das misérias eternas / e ternas do tempo”, “tu âmago [...] / ou ômega [...]”, “barro berro”, “porto perto”, “plano / salão / pleno”, “asfalto bom creme / assalto com crime”, “terra torre”, “Aída // a ida”, “pela pele / velar levar”, “prolíferas — proles e feras [...]”, “meninos sem rugas nem rusgas”, “poeta — o poema independe de formas / de firmas [...]”).

Em 1976 Adailton Medeiros publica no Maranhão (São Luís) seu terceiro livro: *CristóVÃO Cristo : Imitações*. À contenção formal da primeira parte, com 60 poemas de estrofe única com cinco versos (quintilhas), o Autor juntou sete “pré-textos”, com as características da Poesia Práxis, oferecidos para quatro grandes nomes da Literatura brasílica — Cassiano Ricardo, João Guimarães Rosa, Mário Chamie e Mário de Andrade —, além de um para o pai, outro para a mãe e o último para o filho (ele mesmo). É claro que, sendo um dos principais nomes da Práxis no Brasil, o caxiense diversificou na forma e, no conteúdo, referenciou e referendou obras daquele fantástico quarteto literário, “praxizando” os textos com a disposição das palavras e/ou versos, o aproveitamento, realce ou exploração das possibilidades visuais e semânticas dos vocábulos e linhas, a construção de neologismos e a desconstrução de termos etc.

O ano de 1978 marca a estreia de Adailton Medeiros em prosa de médio (per)curso, uma novela, um pequeno romance — que o Autor, em curta nota prévia, antecipa ser texto mal estruturado (“narrativas descosidas, flácidas”), com língua sem maior coesão (“não muito consistente”) e linguagem claudicante (“amparada por muletas quebradiças”). Essa advertência preambular parece exagerada e, sempre ali presente, parece cilício cingido à vista ao corpo da obra, sujeitando-a ao voluntário sacrifício de uma imprópria, indevida (des)consideração. É assim que Adailton Medeiros “apresenta” *Revoltoso Ribamar Palmeira*, obra de “maranhensidade”, indicada para os que sabem e para os que querem saber de alguns recortes acerca de coisas e causas, de conflitos e conflagrações e peculiares contornos de características históricas, político-sociais e regionais do estado. É um ótimo livro, gostoso de ler, com o Maranhão presente na linguagem e nos ambientes e com boas “surpresas” linguísticas/literárias, como rimas internas e aliterações (“sangue de lama, de limo e lodo”, “cachorros bebem, bala berando, metralha malha”) e assonâncias (“um véu de urubus escurece teu tempo” — neste caso, o som /u/ presente em todas as palavras, exceto a preposição).

Em 1982 Adailton Medeiros torna público um “corpo estranho”, como foi classificado em texto prefacial. Trata-se do livro *Poema Ser Poética e Mais Oito Pré-textos*. A “estranheza” da obra é que se trata de uma dissertação de mestrado apresentada em... versos — o que era inusual naqueles idos e, creio, ainda hoje incomum. O Autor explica que o trabalho acadêmico recebeu o conceito “excelente”, com o que conquistou o título de mestre em Ciência da Literatura. *Poema Ser Poética* apresenta-se sem os penduricalhos (“detalhes”) metodológicos da dissertação, mas “compensa” com os “pré-textos” incluídos no título, oito poemas “praxísticos”, seis deles já constantes de livros anteriores e dois em homenagem ao baiano Adonias Filho e ao maranhense Josué Montello. Em *Poema Ser Poética*, o Autor exclama e, didático e incisivo, ensina:

“[...]
dura porém verdadeira distinção

aclaradora: artista versus ho-
mem comum. Pois no primeiro a

imaginação é produtiva ao passo
que reprodutiva no segundo no
homem comum: na gente domada.”

Uma década depois, em 1992, Adailton Medeiros tem lançado seu livro *Lição do Mundo*, obra demarcadora na vida do Autor — que, em um de nossos raros encontros em Caxias, em maio de 1998, pessoalmente me ofereceu, com singela dedicatória: “Para o Escritor e Acadêmico Edmilson Sanches, caxiense de sempre, com a admiração, estima e o abraço do Confrade e Conterrâneo Adailton”).

Lição do Mundo, dedicado a Honorato Medeiros, avô paterno (portanto, homem de muitas “lições do mundo”), reúne poemas do “Teoria & Prática”, de Francisco Venceslau dos Santos, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

período de 1978 a 1990, este exatamente o ano de ingresso de Adailton na ordem beneditina. O próprio Poeta caracteriza essa obra como linha divisória de sua biografia. Ele escreve sobre o livro, em pequena nota antes do primeiro poema: “[...] encontrarás nele [no livro] as alegrias e as tristezas de um viver que se finda, e os gestos iniciais de um novo existir, pleno em busca da Justiça e da Graça”. Parece que o Poeta estava se despedindo, ou, como aqui e acolá se diz acerca dos que optam pela vida religiosa de renúncias e clausura, parece que estava “morrendo” para a existência secular e “renascendo” para a essência espiritual. *Lição do Mundo* é quase uma autobiografia, repleto de autorreferências, de lembranças da infância, de tempos idos e vividos na terra natal. Tem até poemas com a data completa de nascimento e de aniversário de Adailton Medeiros, além de referências a seu cinquentenário, sua solidão, a religião/espiritualidade, a política, as citações cidadinas, a sensualidade e o erotismo, a metapoética, a Poesia Práxis, personagens e personalidades, as dedicatórias para familiares, amigos e colegas escritores dali e d’além Mar/anhão. E a exclamação visceral: “ – Caxias! / — Caxias! / — Caxias! / — ó Pátria [...]”.

Esta particular heptalogia — *Obra Reunida* — de Adailton Medeiros se encerra em 2001 com *Bandeira Vermelha*, redesignação e reedição revista e aumentada do livro *As Mulheres & As Coisas*, lançado no mesmo ano. Na nova edição, o Poeta manteve “as coisas” no lugar e ampliou com mais dois poemas a seleta de mulheres, todas homenageadas com o nome como título do respectivo poema. Na segunda parte (“Sentido de Coisas”), o Autor traz de volta mais memórias de criança e escreve sobre o povoado caxiense onde nasceu — Angical:

“[...] as terras de meu avô / são apenas / palavras vazias / mapas rasgados / lugares mortos [...]”.²² Pareceu-me ouvir semelhante — e anterior — lamento de Carlos Drummond de Andrade: “Alguns anos vivi em Itabira. / Principalmente nasci em Itabira. / [...] / Tive ouro, tive gado, tive fazendas. / Hoje sou funcionário público. / Itabira é apenas uma fotografia na parede. / Mas como dói!” (“Confidência do itabirano”, in *Sentimento do Mundo*, 1940).

vanguarda poética – Adailton Medeiros é referência na vanguarda poética brasileira. Tem seu nome como verbete em enciclopédia e texto seu como exemplo em antologia — e aqui se tratam de obras de referência e excelência como a Enciclopédia de Literatura Brasileira (2001), dos respeitados Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa, edição conjunta da Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras, e a igualmente (re)conhecida Antologia dos Poetas Brasileiros: Fase Moderna (volume 2, 1967), organizada por uma dupla de peso da grande Literatura Brasileira: o pernambucano Manuel Bandeira e o gaúcho Walmir Ayala.

Os livros de Adailton Medeiros mereceram a apreciação escrita de nomes entre os maiores e melhores da literatura, no Brasil e além — professores, escritores e críticos, conhecidos na Academia e reconhecidos no País e no Exterior. Entre estes nomes, Affonso Romano de Sant’Anna, mestre e doutor em Literatura, poeta, professor universitário e crítico literário mineiro; Afrânio Coutinho (1911—2000), bacharel em Medicina e doutor em Letras, professor de Literatura, ensaísta e crítico literário baiano; Antonio Olinto (1919—2009), contista, dicionarista, ensaísta, historiador da Literatura, romancista mineiro; Assis Brasil (1929—2021), crítico literário, cronista, ensaísta, jornalista e romancista piauiense; Carlos Drummond de Andrade (1902—1987), poeta, contista, cronista e farmacêutico mineiro; Cassiano Ricardo (1894—1974), jornalista, ensaísta e poeta paulista; Cunha e Silva Filho, piauiense, doutor em Letras e pós-doutor em Literatura, professor, crítico literário, escritor, amigo e biógrafo de Adailton Medeiros; Fausto Cunha (1924—2004), crítico literário, biógrafo, contista, romancista pernambucano; Foed Castro Chamma (1927—2010), ensaísta, poeta e tradutor paranaense; Francisco Venceslau dos Santos, doutor em Literatura, escritor, crítico literário, ensaísta, professor (Universidades estadual e federal do Rio de Janeiro), membro da Academia Brasileira de Filologia; Laís Corrêa de Araújo Ávila (1928—2006), bacharel em Línguas Neolatinas, poeta, editora literária e ensaísta mineira; Leodegário A. de Azevedo Filho (1927—2011), professor titular e emérito das Universidades estadual e federal do Rio de Janeiro, ensaísta e filólogo pernambucano; Luciana Stegagno Picchio (1920—2008), filóloga, historiadora da cultura e crítica literária italiana, especialista em Literatura Brasileira, entre outras áreas, com mais de 500 publicações sobre as literaturas e culturas de língua portuguesa, considerada a mais importante pessoa da Europa em estudos luso-brasileiros; Mário Chamie (1933-2011), fundador da Poesia Práxis, doutor em Literatura, poeta e crítico paulista; Nauro Machado (1935—2015), escritor maranhense, de reconhecimento nacional e internacional; Nelly Novaes Coelho (1922—2017), professora, crítica literária, ensaísta e pianista paulista; Sílvio Castro, escritor fluminense (poeta, romancista, ensaísta e crítico literário), graduado em Filosofia, doutor em Letras, livre-docente e professor de Literatura Brasileira na Universidade de Pádua, Itália; Telênia Hill, professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-doutora em Letras, escritora e crítica literária.

Especificamente quando se fala sobre Praxismo/Poesia Práxis, o nome de Adailton Medeiros logo aparece ali entre os primeiros, com Mário Chamie. Trabalhos vários confirmam essa importância histórico-literária do poeta caxiense, inda que só em 1965 ele tenha aderido à Práxis, iniciada, como dito, em 1962, um ano depois do retorno definitivo de Adailton para o Rio). Alguns registros: — o texto “Decisão – Poemas Dialéticos”, de Assis Brasil, publicado no número 15 da Revista de Letras (Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1993) historia: “E temos, enfim, a linhagem dos poetas construtivistas, reunindo-se aqui as Vanguardas: Concretismo, Praxismo, Processo, em destaque Augusto e Haroldo de Campos, Waldemir Dias Pino e, a esta altura, os menos ortodoxos Mauro Gama, Armando Freitas Filho, Adailton Medeiros”. O texto é sobre o livro de mesmo nome (Decisão – Poemas Dialéticos, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983; 2ª edição em 1985), de Pedro Lyra (1945—2017), professor, poeta, ensaísta e crítico cearense); — Nielson Ribeiro Modro, em sua dissertação A Obra Poética de Arnaldo Antunes (Universidade Federal do Paraná, 1996), relaciona:

“Mário Chamie foi não apenas o criador da poesia Práxis como também o principal poeta desta manifestação literária. Entretanto, podem ser citados ainda Cassiano Ricardo, Armando Freitas Filho, Adailton Medeiros, Camargo Meyer, Antônio Carlos Cabral, Mauro Gama, Ione Gianetti e mesmo Chico

Buarque de Holanda que, em composições como ‘Construção’, utilizou o ‘espaço em preto’”. Nielson Modro é professor universitário em Joinville (SC), com mestrado em Literatura, Ciências Jurídicas e Direito;

— o artigo “Uma Odisseia no Centro Histórico de São Luís”, de Dinacy Mendonça Corrêa, publicado na Revista Garrafa, no 22 (setembro/dezembro 2010), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, historiografa: “Os anos [19]70/80, aqui (no Maranhão) con-vencionados Geração Luís Augusto Cassas, abrem-se com o poeta Jorge Nascimento (1931), continuando com Arlete Nogueira (1936), Eloy Coelho Neto (1924), Cunha Santos Filho (1952), João Alexandre Júnior (1948), Chagas Val (1943), Francisco Tribuzi (1953), Alex Brasil (1954), Adailton Medeiros (1938)... Este último, tendo participação confir-mada na vanguarda Práxis, no eixo Rio/São Paulo, sob a liderança de Mário Chamie”. Dinacy Corrêa é mestre e doutora em Letras e profes-sora da Universidade Estadual do Maranhão;

— em texto inominado, publicado em blog na Internet, Fran-cisco Miguel de Moura escreve sobre o poeta pernambucano Jamer-son Moreira de Lemos e a certa altura destaca: “[Jamerson Lemos] Deixou muitos inéditos, entre os quais “Istmo Soledad”, ao qual dei um prefácio já publicado aqui e alhures, situando sua poesia e seu fazer poé-tico entre os melhores cultores da poesia-práxis, uma corrente derivada do concretismo, cujos poetas brasileiros mais conhecidos são Mário Cha-mie, Armando Freitas Filho, Mauro Gama e Adailton Medeiros (este natural de Caxias - MA)”. Francisco Miguel de Moura é crítico e cro-nista, poeta e romancista, membro da Academia Piauiense de Letras;

— o livro Música Popular e Moderna Poesia Brasileira (São Paulo: Nova Alexandria, 2013), de Affonso Romano de Sant’Anna registra sobre a Poesia Práxis, nesta ordem: “Poetas: Mário Chamie, Armando Freitas Filho, Mauro Gama, Adailton Medeiros, Ione Gianetti, Camargo Meyer, O. C. Lousada Filho, Antônio Carlos Cabral, Cassiano Ricardo e o crítico José Guilherme Merquior”;

— e, mais recentemente, o livro Pedro Geraldo Escosteguy: A Poé-tica que Ultrapassa Fronteiras (Porto Alegre: ediPUCRS, 2021), de Soraya Patrícia Rossi Bragança, que anota: “Participam do movimento Práxis, além de Mário Chamie, os poetas Armando Freitas Filho, Mauro Gama, Adailton Medeiros, [...]”. Soraya Patrícia é graduada em Letras e em Ciências Jurídicas e Sociais e mestre e doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Adailton Medeiros foi membro de diversas instituições: Acade-mia Brasileira de Literatura, Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, Academia Internacional de Ciências Humanísticas (Uru-guaiana – RS), Academia Uruguaianense de Letras (Uruguaiana), Associação Brasileira de Imprensa, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, International Writers and Artists Association (Toledo, Ohio, Estados Unidos), Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro e Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. É claro, Adailton era membro efetivo da Academia Caxiense de Letras (ACL), em sua terra natal. Éramos confrades na ACL — e lembro-me das boas conversas nas poucas vezes em que nos encontramos. Saíamos da Academia rumo ao tradicional Excel-sior Hotel, onde sentávamos a uma das mesas postas na larga calçada.

AS LETRAS, A VIDA (UM DISCURSO À ARTE DE ESCREVER COM ARTE)

EDMILSON SANCHES

--- Letras não são só cantiga de ninar, mas, também, toque de despertar, sinal de alarmar, hino de guerrear, canção de cantar vitória.

Senhoras e Senhores:

Há coisas que, para serem feitas, precisam de dinheiro -- pagar contas, por exemplo.

Há coisas que, para serem feitas, precisam de esforço -- descarregar um navio no porto, um caminhão no armazém, por exemplo.

Há coisas que, para serem feitas, precisam de paixão -- entregar-se aos abraços nos braços da pessoa amada, numa noite enluarada, por exemplo.

Há coisas que, para serem feitas, precisam de amor -- morrer na cruz, em nome de toda a Humanidade, por único exemplo. Ou abraçar um ser durante nove meses da forma mais íntima possível... só explicável pelos mistérios da criação.

Há coisas que, para serem feitas, sobretudo para serem aceitas, precisam de tempo -- uma Academia de Letras, por exemplo.

Sintonizada com o espírito de uma cidade, uma Academia é feita de esforço, paixão, amor, tempo. Diferentemente do comum das academias, deve-se negar a “imortalidade” para os acadêmicos, ou seja, quem entrou pode sair, a pedido.

Com isso, implode-se a tradição da tal “imortalidade” e resgata-se o primado da vontade das pessoas acima da norma das instituições. Fica quem quer crescer e ajudar a crescer, quem quer trabalhar pelas Letras, pela Cultura, pela Cidade.

Imortal será sempre o trabalho, o exemplo, não o indivíduo.

Para se habilitar a uma vaga em uma Academia, o candidato, além de ter alma de humanista e escrita de artista, deve ter disposição para fazer a cidade crescer naquilo que uma comunidade tem de mais representativo: sua cultura.

Ciganos, judeus, palestinos, entre tantos outros povos, não têm ou não tiveram territórios fisicamente delimitados para morar, mas, ainda assim, são respeitados por todo mundo no mundo todo pela força de seu saber, pela expressividade de sua história e cultura.

Senhoras e Senhores:

O local mais seguro para um navio é o porto onde ele está fundeado. Mas não é para portos que se constroem navios.

O lugar mais seguro para um automóvel é a garagem, onde ele fica guardado. Porém, não é para as garagens que se fabricam carros.

O melhor lugar para um bebê que se gera ou para uma criança que nasce é o ventre da mãe ou os braços do pai.

Entretanto, não é para ficar vitalícia e umbilicalmente no ventre da mãe nem permanentemente debaixo das vistas do pai que se geram filhos.

Uma Academia igualmente é um local razoável para um intelectual, para um humanista. Mas, ousou dizer, não é somente para reunir gentes de saberes que se formam academias.

Não, Senhores. Apesar de ali estarem seguros, não é para portos, mas sim para os mares, que navios são construídos. É para a probabilidade da tempestade, é para a possibilidade da bonança, é para a certeza da viagem que navios são feitos e são lançados à água e singram mares já ou nunca dantes navegados. Navios são feitos porque os mares, e não os portos, existem.

Também é para roer distâncias, encurtar tempos, transportar pessoas e coisas em velocidade, mas sobretudo com segurança, que se fazem carros. Eles são para as ruas e estradas, pois das vielas e becos cuidam nossos pés. É porque existem espaços para transitar, e não garagens para guardar, que se industrializam carros.

É para a vida, para o mundo, para a certeza das buscas e incerteza do encontro, que se geram filhos. Sobre eles, pais, no máximo, têm autoridade, não propriedade.

É principalmente para unirem-se em torno de um ideal, e não em frente uns dos outros, que pessoas se juntam em clubes de serviço. E uma Academia de Letras também é, ou deve ser, um clube de serviços, ou melhor: menos clube, e mais serviço. Prestar serviços que prestam.

Porque é urgente e preciso organizar as pessoas para que elas organizem, para melhor, o mundo. Abrir não o leque que espalhe um arzinho de conforto, mas um fole, que resfolegue, que crie, espalhe e trabalhe também o desconforto, donde poderão sobrevir respostas e realidades -- assim como do desconforto, da irritação da ostra nasce a preciosidade da pérola. As Letras não são somente canto de acalanto, as Letras não são só cantiga de ninar, história pra boi e gente dormir, mas também, senão principalmente, as Letras são toque de despertar, sinal de alertar, sirene de alarmar, aviso de marchar, hino de guerrear, canção de cantar... vitória.

Senhores:

O que legaliza uma Instituição é seu registro, mas o que a legitima é a qualidade de sua ação. Os Cartórios e as Juntas Comerciais estão cheios de certidões de fantasmas, de escrituras de vivos-mortos. Nesse caso, não há muita diferença entre uma certidão de nascimento e um atestado de óbito.

Não tem jeito. O mundo exige, as cidades precisam, o ser reclama: pessoas e instituições têm de fazer diferença. Há muita inércia no mundo, muita energia estática.

Em uma Academia, não basta assinar a ata de fundação. Não basta assinar o ato de posse -- temos de tomar posse dos nossos atos. Pelo menos nós aqui, gente escolada na vida e no ofício, sabemos que o ato de posse não se exaure, ou não se deve exaurir, nesta noite de aniversários, destaques e discursos. Não basta tomar posse NA Academia; e indispensável tomar posse DA Academia...

Que ninguém se sinta pleno aqui e agora. Academia não é mais reverência; quando muito, é referência. É, em igual tempo, museu e laboratório, conservação e criação, pensamento e ação, contemplação e trabalho.

Por mais inusual, por pouco comum que pareça, também cabe a uma Academia -- como caberia a qualquer Instituição -- auxiliar na desinstalação das pedagogias criminosas. Da pedagogia que não adiciona valor, embora subtraia rendas.

Do ensino prendedor, e não da educação empreendedora. Da política da passividade, que se alimenta da dependência, e não da competência.

A dependência cria, no máximo, a revolta; a competência faz a revolução. A revolta muda as pessoas do poder. A revolução muda o poder das pessoas, mostra às pessoas que elas são e têm o poder.

O revolucionário preexiste à revolução. Uma revolução inicia-se pelo nível da consciência. Uma revolta, pelo nível da emoção. O que se inicia pela consciência fortalece a emoção; o que começa pela emoção, fragiliza a consciência. O revolucionário tem consciência da necessidade. O revoltado tem necessidade da consciência.

Uma Academia é um laboratório -- e não um repositório -- de consciências.

Senhoras e Senhores:

Minha cidade, pode-se dizer, é uma das raras cidades das mais de 5 mil que existem no País que não se diz apenas berço de homens de letras: mais que escrever livros, seus filhos -- meus conterrâneos -- construíram Literatura, deram início a Escolas, criaram gêneros, tornaram-se estilo, gentes que influenciaram e influenciam. Porque foram seres que não só usaram as Letras; eles ousaram com elas.

Ousadia. Talvez isso, quem sabe, seja a grande fórmula do desenvolvimento, um desenvolvimento onde aos haveres econômicos se aliem os valores culturais.

Tudo tem de estar integrado. Onde a Engenharia erga prédios, a Estética espalhe sensibilidade.

Onde a Geografia imponha limites, a Cultura interponha pontes.

Onde a Economia fixe preços, a Arte destaque valores.

Enfim, onde o Homem faz corpo, Deus sopra alma.

Porque, à maneira de Vieira, prédios sem pessoas viram ruínas senão escombros.

Países sem pontes viram isolamentos senão ditaduras.

Economia sem cidadania vira exploração senão barbárie.

Política sem Humanismo vira escravidão senão tirania.

E pessoas sem cultura viram máquinas senão monstros.

É preciso mais. É urgente dar mais vida à vida.

Senhoras e Senhores:

Em uma cidade, uma Academia de Letras não é um contraste -- é do contexto. Não é um confronto -- é um encontro.

Nasce de espíritos interessados, não de mentes interesseiras. A lógica de sua ação baseia-se em argumentos, não em argúcias.

É demagógico o discurso de que uma academia não é necessária a uma cidade, de que uma comunidade tem outras prioridades.

Claro, ninguém vai à vernissage nem à avant-première, ninguém vem a uma solenidade como esta com olhos e bucho de fome de muitos dias. Mas Terra e gente foram dotados de recursos suficientes para que, explorados de forma inteligente e íntegra, integral e integrada, a vida se faça plena, dispensando, pois, prioridades isolacionistas, hierarquias mecanicistas, vícios segregacionistas, dimensões divisionistas.

A vida não é excludente; ela é inclusiva: não é isso OU aquilo, mas isso E aquilo. Não se trata do ou eu OU ele, mas do eu E ele.

Visão de conjunto, percepção do todo: É perfeitamente possível transformar em complementar o que se diz concorrente. Tornar compatível o que se julga contraditório. Fazer amigo no que é adversário.

Como veem, por tudo o que disse aqui, Academia não é só um fardão: ela é também um grande fardo. O qual, pessoal e coletivamente, devemos ajudar a carregar.

Senhoras e Senhores:

Seja a Humanidade cada vez mais cidadã.

Seja a Cidadania cada vez mais humana.

Seja cada vez mais vigilante. Seja cada vez mais solidária.

Sobretudo, sejamos cada vez mais felizes.

ROGACIANO LEITE

Jornalista consistente (ganhou três prêmios Esso), poeta criativo, compositor de músicas de sucesso, cativante orador e declamador, o pernambucano Rogaciano Leite (1920—1969) é um dos mais completos nomes da cultura do Brasil. Desde cedo se via e ouvia, a partir do interior de Pernambuco, o talento que cresceria ao longo da vida e alcançaria todas as regiões do País: aos 14 anos já era violeiro, cantor e leitor contumaz. A partir dos 18 anos, de modo pioneiro, introduziu a poesia em rádios, jornais, teatros e principais salões culturais do Brasil, com inúmeros recitais.

Foi Rogaciano Leite quem idealizou e realizou os Congressos de Cantadores do Nordeste, que reuniam grande número de poetas populares e seus versos cantados, assistidos por multidões em grandes capitais, como Fortaleza, Recife, Rio e São Paulo, de 1947 a 1949.

Formado em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia do Ceará, legou à Literatura rica obra poética e ao Jornalismo reportagens realistas e denunciadoras. Carne e Alma é seu mais conhecido livro, publicado originalmente em 1950, pela Pongetti Editores, do Rio de Janeiro.

Foi amigo, entre tantos, dos escritores Manuel Bandeira, Jorge Amado e Câmara Cascudo, que lhe elogiaram o talento, e dos cantores Francisco Petrônio, Néelson Gonçalves e Sílvio Caldas, que gravaram suas músicas. Há quem compare Rogaciano Leite a Castro Alves (1847-1871).

Nesse itinerário de vida e ofício, Rogaciano Leite, em síntese, foi o jornalista que escreveu reportagens premiadas, o poeta que escreveu versos declamados, o compositor que escreveu canções gravadas, o declamador que recitou e interpretou poemas aplaudidos.

EDMILSON SANCHES



GONÇALVES DIAS E EU



EDMILSON SANCHES

(Registros públicos de lembranças particulares)

*

“Conto as coisas como foram, Não como deviam ser”.

(GONÇALVES DIAS, "Sextilhas")

* * *

DIA DE GONÇALVES DIAS – Há 199 anos, em 10 de agosto de 1823, nascia em Caxias (MA) o escritor, advogado, poeta, etnógrafo, tupinólogo, dramaturgo Antônio Gonçalves Dias, que escreveu aqueles versos que praticamente todo brasileiro, de agora e de outrora, conhece:

“Minha terra tem palmeiras / onde canta o sabiá”.

Sou da mesma cidade (Caxias, Maranhão) e nela morei na mesma rua daquele ilustre brasileiro. Mais: o primeiro livro que li -- “História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França” -- também foi o primeiro livro lido por Gonçalves Dias na sua infância.

*

Hotel Serra Azul, em Gramado, Rio Grande do Sul, década de 1980.

Náutico Clube, Fortaleza, Ceará, início dos anos 1990.

Colégio Rio Branco, bairro Higienópolis, São Paulo.

Auditório Petrônio Portela, Senado Federal, Brasília.

Montes Claros e Belo Horizonte, Minas Gerais.

Mossoró e Baraúnas, Rio Grande do Norte.

Campina Grande, Paraíba. Arapiraca, Alagoas. Parauapebas, Pará.

Rio de Janeiro, Maceió, Recife, Curitiba...

Onde quer que eu esteja, em 19 Estados brasileiros e na Europa e Estados Unidos, Caxias é presença e referência permanente. Caxias e, claro, seu maior poeta e sua melhor rima — Gonçalves Dias.

Caxias, terra e rima de Gonçalves Dias.

Qualquer que seja o espaço, qualquer que seja o tempo, a mesma constatação: Gonçalves Dias vive.

Em todos os lugares acima, e muitos outros mais, em momentos internacionais,

em conferências nacionais,
em encontros regionais,
em palestras locais,
em discursos ocasionais,
em eventos formais,
em “provocações” casuais
ou em bate-papos triviais,

dou um jeito de fazer um “teste”: crio um pretexto dentro do contexto e digo, falsamente desafiador, o primeiro verso da “Canção do Exílio” (“Minha terra tem palmeiras”)... somente para, logo em seguida, perceber/receber os sorrisos cúmplices da plateia de ouvintes não maranhenses, o que denuncia que todos estavam continuando mentalmente — quando não recitando audivelmente — o verso seguinte: “Onde canta o sabiá”.

Daí em diante fica fácil puxar ou esticar conversa acerca de literatura, de Cultura, dos “verdadeiros valores” da pessoa e das comunidades humanas. Dizer da permanência do que tem valor e da finitude do que tem preço. Preço, dá-se a coisas. Valor, dá-se a pessoas.

Os versos gonçalvinos entram como exemplo de um “valor” que se sobrepõe a muitas “coisas”. Embora a fragilidade do papel, os versos foram mais resistentes que as grandes construções de pedra e cimento, como as fábricas de tecido. Estas, aparência; aqueles, essência — e por aí podem ir as obviedades, quase platitudes.

Escritos em julho de 1843, quando Gonçalves Dias ainda não completara 20 anos, os versos da “Canção do Exílio” atravessam gerações e se depositam e se (re)transmitem quase como que por hereditariedade. Parece não mais ser essa fixação resultado da leitura, mas produto de um código genético, uma informação cromossômica que se repassa no intercuro sexual e se vai instalando na mente de cada novo ser.

Seja em gente da antiga, seja no jovem de hoje, a poesia cometida em Coimbra está inscrita na memória das várias gerações de brasileiros dos últimos 179 anos. Embora, ressalve-se, em grande número de vezes, nunca esteja o poema inteiro, de 24 versos, 5 estrofes, 113 palavras, 487 letras.

Mas aqueles dois primeiros versos, quando não toda a primeira estrofe, não há negar: está na cabeça, melhor, está na alma do brasileiro.

Caxias continua a nos lembrar, a nós conterrâneos e contemporâneos, a importância de ser a cidade onde, mais que um poeta, nasceu uma expressão de maranhensidade e de brasilidade.

Muito da obra de Gonçalves Dias mostra de peito aberto o amor, o orgulho, o sentimento de pertença (“ownership”) que o poeta tinha e desenvolvia pela sua própria terra.

Quantos, hoje, manifestamente, denunciam assim orgulhosa e escancaradamente essa emoção telúrica, essa querença pátria?

Fora a conterraneidade, tenho outras “aproximações”, bem particulares, com Gonçalves Dias. Uma delas, o primeiro livro que um e outro lemos: “História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França”. Gonçalves Dias o leu aos dez anos, em 1833, aos 10 anos de idade, enquanto ajudava na casa comercial paterna, ali na Rua do Cisco (depois Rua Benedito Leite, atualmente Rua Fauze Simão), para onde seus pais, João Manuel e Vicência Ferreira, haviam se mudado, oito anos antes (1825).

De minha parte, aos cinco, seis anos de idade já havia “ouvido” e lido a "História de Carlos Magno e os Doze Pares de França", ali na Rua da Palmeirinha -- onde as casas tinham, como fundo de quintal, o rio Itapecuru.

Explico o porquê do “ouvido” o livro. No mesmo lado da Rua da Palmeirinha onde eu morava, algumas casas adiante da minha, morava o casal “seu” Miguel e dona Corina, e um ajudante deles, Seu João, homem forte, que aqui e acolá carregava seu Miguel, que era paraplégico.

Dona Corina, naqueles idos, vivia de lavar e passar roupa. Sustentava a casa. “Seu” Miguel, paraplégico, ficava como que sentado em uma rede, um pano cobrindo as pernas macérrimas pendentes, e lia, lia muito. Usava um cachimbo, cujas baforadas recendiam em toda a casa. Más línguas diziam que era diamba, tirada de algumas mudas que, diziam, eram bem cuidadas no seu quintal, para a produção das endiabradas folhas e sua transformação em trescalante fumo.

Acostumei-me a visitar o “seu” Miguel. Ele gostava da minha atenção; eu gostava das suas histórias. Ouvia a leitura de capítulos e capítulos e, às vezes, o resumo de “romances” — que era o nome que também se dava aos folhetos de literatura de cordel.

Um dia, "seu" Miguel me emprestou um livro que eu já “ouvira”. Era a história do imperador Carlos Magno. Na obra, além do magno imperador, estavam Roldão, Oliveiros, Ferrabraz e tantos personagens mais... Lembro que eu li todo o livro e que pedi explicações sobre o motivo da morte e posterior “reaparecimento” de alguns personagens após a “parte” da morte. Claro que eu estranhava aquela minha primeira leitura “séria”: naquela idade, os textos a que estava acostumado eram os de cartilhas escolares, bastante fáceis para mim, demasiado, por assim dizer, lineares, sem recursos nem estilos mais elaborados.

Em Caxias, da Rua da Palmeirinha mudei-me para a Rua da Galiana (coincidentalmente, mesmo nome da mulher do imperador Carlos Magno). Tempos depois, nasceu um irmão meu... e chama-se Carlos Magno (depois veio Júlio Cesar Sanches, outro irmão “imperador” na família). Décadas mais tarde, consegui, em um sebo do Rio de Janeiro, um exemplar igual ao que me fora emprestado pelo “seu” Miguel: capa em tecido e sem o nome do autor (Vasco de Lobeira). Reli os dez capítulos da obra e revi(vi)-me criança. (Uma curiosidade: Meu irmão Carlos Magno, depois que aprendeu a ler e escrever, não se fez de rogado: pegou o raro e caro livro, empunhou uma esferográfica e, nas folhas de rosto, onde houvesse o nome do imperador, um sobrenome — “Sanches” — foi acrescentado...).

Outra “aproximação” com o autor d’“Os Timbiras”: Mudei-me para a Rua do Cisco, número 1000, próximo à “casa onde morou o poeta Gonçalves Dias” (era assim que registrava uma placa acobreada e quase despercebida). Eu estava aí por volta dos 15 anos e diariamente subia e descia quase toda a extensão da rua, para trabalhar no Banco do Brasil, menor estagiário. Invariavelmente, passava pela casa. Ali mora(va) a família de dona Labibe e do seu Fauze Elouf Simão, que foi vereador e presidente da Câmara Municipal. Um dos filhos, Jamil Gedeon, hoje desembargador em São Luís, e eu fomos colega de turma no 2º Grau (Ensino Médio), no Colégio São José, o “colégio das Irmãs” (missionárias capuchinhas) Ali fui presidente do Grêmio Santa Joana d’Arc durante três anos (Roldão -- Roldão Ribeiro Barbosa --, coincidentalmente nome de personagem do livro sobre Carlos Magno, ganhara a presidência no primeiro ano e renunciara meses depois; eu assumi, como o segundo mais votado). O ex-secretário de Cultura e ex-presidente da Academia Caxiense de Letras Renato Meneses e o ex-presidente da Fundação Vítor Gonçalves Neto, Jorge Bastiani, também estudavam ali, nós todos sob o tacho da querida Irmã Clemens (Maria Gemma de Jesus Carvalho).

Pois foi o colega secundarista Jamil quem me disse, ainda no colégio, que encontrara “moedas e papéis” antigos em alguns pontos da casa de Gonçalves Dias.

Mas as referências à casa da Rua do Cisco não terminam aí. Dona Labibe, mãe do Jamil, foi secretária de Educação de Caxias, na administração de José Ferreira de Castro. Ali pelos bares do Artur Cunha e do Herval, no Largo de São Benedito, contava-se a história de que a secretária Labibe, pretendendo morar numa casa melhor e não querendo derrubar a “casa onde morou o poeta”, se esforçou junto ao seu

superior, instando para que ele, como prefeito, adquirisse a casa e a tombasse como patrimônio histórico. Conta-se que a resposta do prefeito foi pouco cavalheiresca e fazia comparação entre comprar a casa onde Gonçalves Dias “morou” e tombar o riacho do Ponte, onde ele, o poeta, lavava as partes, digamos, pudendas.

Pode não ser verdade o fato, mas era verdadeiro o boato — e, pelo menos este, se cuida de preservar aqui. Resumo da ópera: a casa de Gonçalves Dias foi destruída e, no seu lugar, ergueu-se uma residência de feições modernas, “combinando” com o prédio da outra esquina, que abrigava as instalações de uma companhia de telecomunicações.

No mesmo ano da derrubada da casa, como réquiem à memória de Gonçalves Dias, escarafunchei o arquivo do fotógrafo Sinésio Santos (falecido), que ficava ali próximo ao Banco do Brasil, e consegui localizar negativos da residência. Pedi que fossem feitas cópias daquelas e de outras “vistas” de Caxias. Separei uma foto da ex-morada de Gonçalves Dias e a enviei, junto com um breve texto, para a Rede Globo de Televisão (Rio de Janeiro). Foi menos por denúncia e mais por sentimento de perda. Disseram-me que saiu um rápido registro no jornal do meio-dia ("Jornal Hoje"). Não confirmei.

Gonçalves Dias, sabemos, morreria com 41 anos, no dia 3 de novembro de 1864, afogado nas águas marítimas da baía próxima do município de Guimarães (MA), após o naufrágio do "Ville de Boulogne", o navio que trazia o caxiense, muito doente, de volta à sua terra.

Deus havia atendido o Poeta, que, na "Canção do Exílio", suplicara, 21 anos antes, em julho de 1843, que não morresse sem que visse de novo sua terra.

*

Estas anotações, com algo de confessional, são uma episódica e epidérmica contribuição ao trabalho dos caxienses de todas as idades que teimam cuidar do que Gonçalves Dias merece (memória) na cidade que há 199 anos o viu nascer (História).

Parabéns, Caxias! Viva Gonçalves Dias!

EDMILSON SANCHES

edmilsonsanches@uol.com.br

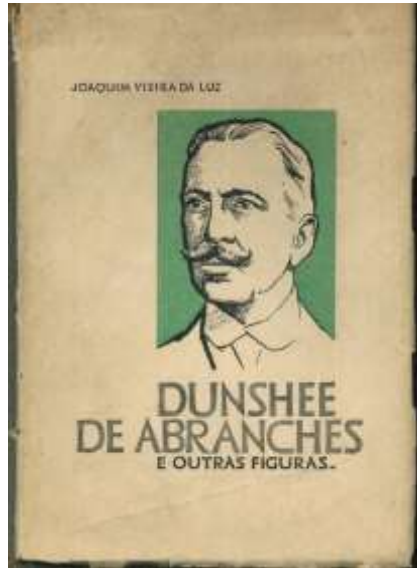
Fotos: 1) O poeta Gonçalves Dias (pintura). 2) Casa de sobrado onde morou o escritor, em Caxias, e, na esquina, a mercearia do seu pai. 3) Baixio dos Atins, região no município de Guimarães - MA, em cujo litoral Gonçalves Dias faleceu, como única vítima, por afogamento, do navio "Ville de Boulogne" (Cidade de Bolonha) em 03/11/1864. 4) A Praça Gonçalves Dias, no Centro de Caxias, dia e noite, com a estátua do poeta. 5) Edmilson Sanches, com outros estudiosos, em visita a Guimarães. Veem-se o escritor, pesquisador e engenheiro Raimundo Nonato Medeiros da Silva, ex-presidente da Academia Caxiense de Letras (falecido em 31/08/2019); a psicóloga, professora e escritora Dilercy Aragão Adler, presidente da Sociedade de Cultura Latina do Brasil; e o professor e escritor Weberson Grizoste, que fez mestrado e doutorado sobre Gonçalves Dias em Coimbra (Portugal), mesma universidade onde o poeta caxiense estudou e se formou em Direito.



*Baixios dos atins -
Guimarães - MA*



DUNSHEE DE ABRANCHES, 150 ANOS HOJE



EDMILSON SANCHES

Parece até caso pensado: grandes datas sobre grandes maranhenses continuam não merecendo a atenção maciça e massiva de autoridades de nosso Estado. A partir do talento e até da coragem de filhos seus do passado, o Maranhão legou ao Brasil um grande número de ações e contribuições que modificaram (para melhor) nosso país e concorreu para fortalecer a identidade do povo brasileiro.

Já escrevi aqui um texto sobre alguns nomes pioneiros que contribuíram enormemente com a brasilidade ("POR QUE O MARANHÃO ABANDONA SEU MAIOR PATRIMÔNIO"). Quem desejar este texto, solicite-o e será enviado por e-mail ou como anexo na caixa de mensagens privadas do solicitante.

Hoje, 02 de setembro de 2017, completa exatos 150 anos de nascimento um dos maiores intelectuais maranhenses: Dunshee de Abranches, Nascido em 02 de setembro de 1867, João Dunshee de Abranches Moura foi escritor, advogado, promotor público, jornalista, poeta, músico (tocava violino), sociólogo, político (deputado estadual e federal), professor de Ciências Físicas e Naturais, Anatomia e Fisiologia Comparadas, de Direito Público Americano e professor honorário da Universidade de Heidelberg (Alemanha).

Aos 4 anos, Dunshee de Abranches já sabia ler e escrever; aos 6, fazia traduções do Francês. Aprendeu também Inglês, Espanhol, Alemão, Latim... Como jornalista, foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e em sua gestão foi implantada a carteira de jornalista.

O escritor maranhense Joaquim Vieira da Luz, de Matões, escreveu uma das mais completas biografias sobre seu conterrâneo: o livro "Dunshee de Abranches e Outras Figuras", de mais de 400 páginas, impresso nas oficinas do "Jornal do Brasil" (Rio de Janeiro - RJ), em 1954. A obra traz diversas fotos e outras imagens relacionadas a Dunshee de Abranches e às demais "figuras" (Aluizio Azevedo, Raimundo Lopes, Antônio Lobo, Correia de Araújo e Raimundo Correia).

Tenho em minha biblioteca particular diversos livros de Dunshee de Abranches, entre os quais:

- "Como se Faziam Presidentes" (386 páginas; Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1973);
- "A Ilusão Brasileira" (dedicado ao também maranhense Urbano Santos, à época vice-presidente da República; 384 páginas; Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917);
- "A Esfinge do Grajaú - Memórias" (266 páginas; Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1959);

- "Actas e Actos do Governo Provisório" (2ª edição; 402 páginas; Rio de Janeiro: edição do autor, 1930.
- "Rio Branco e a Política Exterior do Brasil (1902-1912)" (1º e 2º volumes; 254 + 224 páginas; Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1945).

No Maranhão, Dunshee de Abranches é patrono da Cadeira nº 40 da Academia Maranhense de Letras, da Cadeira nº 40 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), da Cadeira nº 19 da Academia Ludovicense de Letras e da Cadeira nº 20 da Academia Imperatrizense de Letras (AIL). (Coincidentemente, a AIL acaba de eleger o ocupante da Cadeira nº 20: o escritor Ribamar Silva, que sucede a Adalberto Franklin, fundador da Cadeira). Também, como acaba de me informar [Leopoldo Gil Dulcio Vaz](#), Dunshee de Abranches é o patrono da Federação Esportiva de Levantamento de Peso do Estado do Maranhão, fundada anteontem, dia 1º/09/2017. Leopoldo Gil, membro do IHGM, pesquisador, professor de Educação Física, registra que Dunshee de Abranches "foi o primeiro a praticar o levantamento de peso -- halterofilismo -- no Maranhão", daí a homenagem com o patronato da novel entidade.

Dunshee de Abranches faleceu aos 73 anos em Petrópolis (RJ), em 11 de março de 1941.

www.edmilsonsanches.com

edmilsonsanches@uol.com.br

Ilustrações: capa de livro sobre Dunshee de Abranches e capa de "A Esfinge de Grajaú", sua obra regional mais conhecida. (Livros do acervo da biblioteca de Edmilson Sanches).



CLAUBER LIMA

MARANHÃO: TERRA DE ACOLHIDA

Stay with us, Mr Ataíde do Rosário

Conto – Short story

Enquanto escrevia esta crônica, tocava o sino da Sé - 2 da manhã

Sr Ataíde do Rosário, o avô do Pecuapá veio para o Maranhão como imigrante nos idos de 1940 mas seu coração sempre permaneceu no vale Benfeito em Portugal, no lugarejo de Vinhas, município de Macedo de Cavaleiros. Tendo sempre vivido dos seus rendimentos e, portanto não precisando buscar emprego para sobreviver no Brasil, ele se comportou de forma arrogante com todos os que encontrou pelo seu caminho. A húbriis grega o acompanhou sempre. Vive de renda, apesar do seu neto Pecuapá ter morado debaixo da ponte de Pedreiras por muitos anos.

Definir o que o Sr Ataíde do Rosário pensa e sente e como se dá sua relação com a cidade e o povo de Pedreiras e de São Luís do Maranhão não é tarefa fácil. Convém ponderar cada detalhe, cada expressão, cada afinidade, buscar o belo naquilo que cria harmonia e coloca a sociedade no seu bom funcionamento. Vemos que em poucos momentos ele se identifica com a terra e, na maior parte do tempo vive com o pensamento longe deste lugar.

Que esforço fez o Sr Ataíde para ter e manter amizades com o povo e com a sociedade em geral? Que trabalho executou Sr Ataíde para melhorar a economia e o bem-estar do Estado do Maranhão entre os idos de 1979-1990? Será que Sr Ataíde leu a teoria mimética de René Girard que fala da violência e do sagrado e se deixou por ela atrair? Terá vendido algum patrimônio do Maranhão nestes anos? O que ficará como pensamento produzido por ele, que fará com que os historiadores e pensadores se debrucem ao longo dos anos em busca de material de pesquisa? Onde estão os livros que ele nos deixou em sua biblioteca como foi o caso de Manuel J. Firmo que deixou uma Biblioteca imensa e que infelizmente foi vilipendiada por alguém sem coração e, por isso, até na cidade de Rosário voaram e voam ainda hoje papéis desta biblioteca clássica e contemporânea que poucos conseguiram formar ao longo da vida? A biblioteca de Manuel J. Firmo foi totalmente abandonada e solapada e até hoje os peixes do rio Itapecurú-mirim se alimentam de uma cultura milenar. Alguns dizem sem provas que foi o Sr Ataíde quem abandonou a biblioteca de Manuel J. Firmo, que continua a brilhar, apesar disso... e o que ficará do legado do Sr Ataíde, além das façanhas do seu neto Pecuapá na cidade de Pedreiras?

Muitas destas perguntas ficarão sem respostas, mas é preciso que aqueles que não dispõem de uma grande intuição, se debrucem sobre a literatura para traçar um perfil de quem trabalhou e fez caridade entre nós, apesar de uma aversão à vida em sociedade.

Numa tentativa de compreender o homem como produto do seu meio como tão bem o fez Visconde de Taunay, iremos fazer uma análise filosófico-literária do Sr Ataíde do Rosário.

Tendo nascido no lugar chamado Vinhas, na cidade de Macedo de Cavaleiros este aventureiro português veio para o Maranhão mas, o seu coração, pensamento e alma permaneceram em Trás-os-Montes, norte de Portugal. Veio para o norte do Brasil mas é no norte de Portugal que seu coração encontra alívio para as tensões da vida. Prova disso é que ele passou o tempo todo de sua vida a meditar no poema do poeta italiano Petrarca que depois Fernando Pessoa assimilou de forma tão lusitana: “*Navegar é preciso, viver não é preciso*” e, sendo assim, deixou um pouco de lado o visível da vida, a crueza dos fatos que a todos assolam sem meios-termos e passou a viver com o foco neste navegar constante entre o velho mundo e o novo. Penso que ele deve ter sido formado ainda nos moldes dos latinistas antigos e, por isso viveu apenas entre o quarto de dormir e a biblioteca do seu pai, passando algum tempo na sala de refeições e na porta de casa com alguns amigos de infância. Se tivesse ficado dentro dessa estrutura político-social portuguesa poderia ter uma grande produção literária mas não haveria uma grande repercussão da sua fala, dos seus gestos e

atitudes. Como ele resolveu sair para outros ares, águas e lugares⁸, tudo o que ele fala causa alvoroço e, por isso deveria ter-se preparado física e espiritualmente para poder entender o meio em que iria viver, porque não é a mesma coisa viver nas montanhas de Portugal e viver à beira-mar de uma cidade brasileira. Os males e os prazeres do corpo e da alma são diferentes para quem está nas montanhas e para quem está no semiárido, e as muitas chuvas do nosso inverno deixam o homem e a mulher tristes e com muita vontade de celebrar as Festas de São João e Santo Antônio e outras tradições populares. O fato de evitar estar com o povo, como o fez o Sr Ataíde nos momentos mais sublimes das nossas celebrações populares, faz aumentar o banzo, sendo que esta foi a forma de resistência de Padre José Bráulio Sousa Ayres e de muitos grupos de quilombolas nas dificuldades da vida.

Chegado que foi a esta Ilha de São Luís o seu meio foi totalmente modificado. Mudou o meio, mudou o homem. Aqui no Maranhão estamos na fronteira entre a Amazônia e o semiárido nordestino, entre florestas e rios, índios, quilombolas, imigrantes portugueses e europeus em geral; com exceção do índio nativo, somos todos migrantes como bem escreveu e detalhou Gregory Feldman⁹. Sim, somos todos migrantes mas existe muito mais coisas no Maranhão do que poderia antever Emanuel Kant com os seus conhecimentos de geografia, história e filosofia. Sr Ataíde poderia ser comparado com um Kant (não com aquele de Königsberg) mas com um Kant luso-brasileiro e um pouco hermético e destituído da sua geografia natural de Macedo de Cavaleiros. Saído das montanhas frias do norte ele se viu lançado na desembocadura do rio Anil com a Baía de São Marcos, cercado por este emaranhado de rios, morros e florestas nativas. Some-se a isso a presença marcante nesta terra de escritores e filósofos que não se deixam dominar e que não se deixam calar e aí teremos o Maranhão com sua geografia e seu povo. O Sr Ataíde quando fala do Maranhão diz que o que restou da Amazônia brasileira foi totalmente destruído e que aqui não há mais mata como havia no passado; isto é o que ele diz em público sem refletir no que leu e viu. Diga-se de passagem, que ele, não sendo um homem de intuições profundas é tão somente uma pessoa de leitura; porém não de uma leitura que passa por uma revisão e aprimoramento depois da terceira ou quarta leitura de um texto ruminado e dissecado, mas de uma leitura rápida e de uma vez só. Tudo nele é muito rápido e inesperado. Sua leitura não é em vistas de aprimoramento do conhecimento mas para ser reconhecido na sociedade, por pura vaidade. Sobre a vaidade, diria Matias Aires em 1752: “A vaidade de adquirir nome é inseparável de todos os que seguem ocupação das letras; e quanto maior é a vaidade de cada um, tanto maior a sua aplicação: não estudam para saberem, mas para que se saiba que eles sabem; buscam a ciência para a mostrarem; o seu objeto principal é a ostentação, e assim não é a ciência que buscam, mas a reputação; esta é como as outras, em que o adquirir é mais fácil que o conservar; e verdadeiramente o conseguir-se um nome pode ser obra de um dia, ou de uma hora; o conservá-lo é empresa de toda a vida”¹⁰. Ele não é como uma pedra de entulho que precisa ser transportada calmamente de um lugar para o outro e se juntar a outras pedras para formar um lago artificial a fim de saciar a sede do galo, das galinhas e dos jabutis. O homem sendo produto do meio e o Sr Ataíde nunca tendo sobrevoado a Ilha de São Luís com o propósito de focar na beleza das florestas, no contorno geográfico das ilhas ao redor da Ilha grande, na imensidão desproporcional de rios e na beleza deste povo, não pode ter uma visão mais ampla deste espaço geográfico e histórico. Sr Ataíde se fechou na sua mente, coração e alma e passou a sua estadia em nossa linda terra a atacar aqueles que queriam assessorá-lo, orientá-lo, dizer a ele que não faça isso ou aquilo, que não venda as propriedades restantes da sua família como o fez alguns de seus contemporâneos; que faça amizade com a sociedade civil ou que pelo menos crie um ambiente de diálogo, não de diminuição e desapareço pelo outro; que leia João Mohana de coração aberto e descubra no seu livro “O outro caminho” as angústias de um padre dilacerado que não é bem acolhido na sua comunidade paroquial e que se sente num desconforto espiritual e psicológico que o consome por dentro. Isso pode ajudar qualquer pensador a entender melhor tudo o que se passa e dar o melhor de si mesmo para acertar mais vezes na realização do sentido da vida, como bem reiterou Viktor Frankl.

⁸ RIBEIRO JR., W.A. Hipócrates/ De ares, águas e lugares. Portal Grecia Antiqua, São Carlos. URL: greciaantiga.org/arquivo.asp?num=0753. Consulta: 09/06/2021.

⁹ GREGORY FELDMAN. We are all migrants: Political action and the ubiquitous condition of migrant-hood (English edition). 1a edição. Palo Alto: Stanford. 2015.

¹⁰ MATIAS AIRES RAMOS DA SILVA DE EÇA. 1ª edição em 2020. Jandira-São Paulo. Editora Principis, p. 95.

Se o líder de comunidade Ramos P. Silva mandou cortar a árvore onde se escondeu o herói maranhense Manuel Beckman, se vendeu terrenos e propriedades adquiridos com suor e lágrimas e muito sofrimento dos seus parentes e passou muitos anos adoentado na alma e no corpo, o Sr Ataíde abandonou o histórico sobrado da praça João Lisboa por muitos anos para finalmente restaurá-lo por um preço exorbitante. Este foi um dos legados do Sr Ataíde: a restauração do sobrado onde viveu algum tempo ilustres figuras da terra e além-mar, mas com o prejuízo de paredes de adobe centenárias terem sido remodeladas. No resto ele não compreendeu o Maranhão, viveu entre nós sem nos compreender, e sem por nós ser entendido. Que fim triste e amargo! Só muito açúcar no tacho para fazer alfenim. O que ele quis dizer ao não escutar o outro, seja ele do meio intelectual ou da sociedade em geral? Nós não sabemos e não podemos imaginar como poderia ter sido diferente. Mas pelo menos ele foi melhor do que alguns funcionários portugueses que foram nomeados para cargos no Brasil colônia e que permaneceram nos palácios do Rei de Portugal, junto da bela Lisboa, a Roma do Tejo, na Lisboa do século 18 com todo o seu brilho e esplendor anterior ao terremoto de 1755.

Sr Ataíde talvez nunca tenha caminhado pelas ruas, becos, ladeiras e sobrados de São Luís do Maranhão; nunca teve o amor que tem pela cidade o advogado Francisco Moura, que tem apreço em tirar fotos belíssimas que são apreciadas pelo mundo afora.

João Mohana teria dito ao amigo: “Calma Ataíde... As ruas de Macedo de Cavaleiros estão todas abertas, tú poderás retornar para lá a qualquer momento; ainda há tempo para contemplates o pôr do sol no Calhau ou na Ponta da Areia; chama alguém da sociedade civil para passear contigo; ainda dá tempo para seres reconhecido pelos intelectuais, pelo povo e a sociedade maranhense. Para ser conhecido e amado por todos. *Amicum populi*, amigo do povo e da família, poderia ter sido este o teu legado. Tira tempo para estar com os amigos pois: *Est autem amicus socius mensae et non permanebit in die necessitatis*. Depois irás retornar para tua bela e destacada casa em Macedo de Cavaleiros; aqui no Brasil deixarás amigos que são mais preciosos que o ouro mais puro”.

Sr Ataíde não lê Antonio Vieira ou se lê, não o entende; Antonio Vieira, quando falou que o Maranhão mente, que até o céu mente, estava sendo irônico e fazendo uma crítica aos que só retiravam os produtos da terra, sem nada deixar para a posteridade, sem ao menos replantar o caule da vinagreira, como sempre o faz Raimundo Meireles quando visita a horta dos amigos. Existe um grande amor em Vieira pela terra do Brasil e o seu povo, um grande cuidado por seus rios, lagoas e lagos, matas e florestas, pássaros e cutias, onças e tatús, o famoso peixe quatro olhos e um profundo conhecimento da história, geografia e filosofia destas paragens do Maranhão. Tivesse os superiores de Vieira permitido que ele expressasse o que havia em seu coração, ele teria ficado por aqui, não teria corrido para Lisboa porque Lisboa, porque Bruxelas, porque Calgary e Louvain é lá onde está o teu coração, a tua mente, a tua alma e o teu fôlego.

Sr Ataíde tem pressa de chegar em casa porque detesta o convívio social; está muito próximo do misantropo Schopenhauer e só reconhece o que há de bom em Portugal; não vê o que há de melhor na beira-mar, no Palácio dos Leões, na fonte do Ribeirão, na fonte das Pedras, na praça da Matriz em Pedreiras.

Ainda há tempo Sr Ataíde para ser grato por tudo o que o Maranhão fez por ti e tudo o que tú ainda poderás fazer por ele corrigindo e revisando os artigos cheios de sentimento hostil por esta terra, generalizando o que é experiência particular ruim e particularizando e diminuindo o que é grandioso e sublime. Certa vez ele disse que o Maranhão é muito quente e que o mesmo não valoriza os filhos da terra com oportunidades para trabalho, casa e comida, obrigando-os a buscar outros meios de vida em outras terras. É que o Maranhão viu-se obrigado a deixar ir embora alguns de seus cérebros mais brilhantes, alguns de seus filhos e filhas por falta de trabalho, tudo isso é correto mas existe um esforço para manter o homem na terra e desenvolver uma agricultura familiar, fazendo da busca da verdade algo muito mais complexo pois, como bem disse Aristóteles: “Com efeito, toda afirmação parece ser verdadeira ou falsa...”¹¹. Nem tudo é ruim no Maranhão; o Maranhão parece que é floresta e é mar, parece que é terra firme. Na verdade, o Maranhão sempre foi terra de acolhida, mesmo daquele professor de passagem que dizia querer sair deste emaranhado, sendo

¹¹ ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. Prefácio de Francis Wolff. Edição bilíngue. São Paulo. Editora Unesp. 2018, p. 113.

que foi muito bem acolhido enquanto aqui esteve; Joaquim Silvério dos Reis, vulgo o traidor, circulava livremente pelo largo de São João Batista sem ninguém apontá-lo: “Lá vai o traidor da Pátria e da Igreja”.

O que nunca se fez nem nunca se fará será obrigar alguém contra sua própria vontade e honra continuar vivendo por estas terras de Gonçalves Dias, pois os pássaros que só pensam em gorjear por lá, para lá devem ir. Não temos a vaidade daqueles homens que oferecem os melhores salários para que os melhores da terra fiquem onde estão ou mudem de lugar. Ainda bem que os pequenos pássaros chamados de maçaricos, deixam o Canadá na época do frio e vêm se alimentar no nosso litoral cheio de mariscos e peixes.

Mas, por fim, faço-lhe um apelo: Fica entre nós Sr Ataíde e passe esses tempos de idade avançada lendo Antonio Vieira, Sarney, Mário Meireles, João Mohana, Arthur e Aluísio Azevedo... e assim poderás apreciar o que há de mais belo na nossa literatura e história, irás descobrir Filosofia até mesmo na poesia, poderás assim meditar e compreender a obra poético-filosófica de cunho kantiano de Nauro Machado.

Irás ler calmamente e sem aquela pressa do sul, da Paulicéia Desvairada, a obra de Emilio Brito, daquele que, lendo Hegel e Tomás de Aquino em sua cela de jesuíta em Louvain chegou a afirmar: “l’Un absolu s’unifie circulairement comme *Verum et Bonum*, comme connaissance et vouloir de soi”¹². Nós te agradecemos Sr Ataíde por terdes vindo para o nosso meio e, como um bom maranhense peço-te desculpas por não termos conseguido em nosso pouco tempo de contato pessoal formular categorias de pensamento que te fizessem compreender o nosso meio ambiente e os desejos filosófico-espirituais do *Verum* e do *Bonum* do povo do Maranhão. Com o povo do Maranhão continuaremos a viver contentes, acolhendo aos que por cá fizerem morada.

O sino tocou 5 da manhã!

Sr Ataíde dorme, dormem todos, só não dorme o pensador!

This is a short-story about Mr Ataíde, a person who decided to live Portugal to Brazil after the Second World War but stays in his mind, heart and soul all the experiences that he had in his native homeland. He does not appreciate the beauty of Brazil and its culture.

Clauber Lima – Sócio correspondente do IHGM.

BIBLIOGRAFIA

RIBEIRO JR., W.A. Hipócrates/ De ares, águas e lugares. Portal Grecia Antiqua, São Carlos. URL: greciaantiga.org/arquivo.asp?num=0753. Consulta: 09/06/2021.

FELDMAN, Gregory. We are all migrants: Political action and the ubiquitous condition of migrant-hood (English edition). 1a edição. Palo Alto: Stanford. 2015.

AIRES RAMOS DA SILVA DE EÇA, Matias. 1ª edição em 2020. Jandira-São Paulo. Editora Principis.

ARISTÓTELES. Categorias. Tradução de José Veríssimo Teixeira da Mata. Prefácio de Francis Wolff. Edição bilíngue. São Paulo. Editora Unesp. 2018.

BRITO, E. Dieu et l’être d’après Thomas d’Aquin et Hegel. Ière edition. Paris. PUF. 1991.

LAMENTOS DO BICENTENÁRIO - Parte 1

¹² BRITO, E. Dieu et l’être d’après Thomas d’Aquin et Hegel. Ière edition. Paris. PUF. 1991, p. 200.



EUGES LIMA



200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
(1822 - 2022)




17 de Fevereiro a 06 de Setembro de 2022 | 16h

Lorde Cochrane e a Independência do Maranhão
28 de Julho



Euges Lima

Historiador, professor e
membro efetivo do IHGM

 @eugeslima

[Euges Lima no Instagram: "Lorde Cochrane e a Independência do Maranhão. Ciclo de palestras em homenagem ao Bicentenário da Independência do Brasil. Palestrante:..."](#)

Grito de Independência do Brasil e a adesão do MA

EUGES LIMA

(historiador, professor e membro efetivo do IHGM/eugeslima@gmail.com)

O 28 de julho é a data que tradicionalmente marca a Adesão da Província do Maranhão à Independência do Brasil. Há exatos 199 anos, o Maranhão deixava de pertencer ao Império Português e passava a integrar o Império do Brasil. O Maranhão foi a penúltima província do Brasil a se incorporar ao Império brasileiro, só no final de julho de 1823. Quando Pedro I dá o famoso grito às margens do riacho Ipiranga em São Paulo em 7 de setembro – data mais simbólica, que depois foi se consolidando como marco desses acontecimentos, esse grito, não ecoou nas províncias do Norte do Brasil. O processo de Independência começou como um projeto do Rio de Janeiro e São Paulo e somente depois foi conseguindo adesões das demais províncias. Porém, as províncias do Norte não compartilhavam desse projeto e se mantiveram fiéis às Cortes portuguesas, foi o caso do Maranhão. Não havia então, uma unidade nacional, eram vários brasis com projetos diversos.

Então por que o Maranhão só foi aderir à Independência dez meses depois? Porque a província do Maranhão, assim como as demais províncias do Norte, era comandada por uma elite portuguesa, de militares, políticos e comerciantes que tinham vínculos diretos com a metrópole, que não reconheciam o poder do Rio de Janeiro e tinham seus interesses políticos e econômicos vinculados a Portugal, portanto, para esse segmento, não era interessante o projeto político de emancipação que estava se gestando a partir do Centro-Sul.

E como essa resistência foi quebrada e houve finalmente a incorporação da província do Maranhão ao Império do Brasil? Bem, D. Pedro I, não queria a fragmentação do território e perder

as províncias do Norte, cerca de 40 % do território brasileiro, então, resolveu contratar um mercenário escocês, o lendário Lorde Cochrane para ajudar a organizar a Marinha brasileira e sufocar a resistência das províncias rebeldes do Norte. Cochrane era uma espécie de celebridade à época e tinha uma enorme lista de feitos militares navais no currículo. Tinha sido da Marinha Real Britânica; lutara nas Guerras Napoleônicas e obtido lendárias vitórias, além de ter contribuído para a Independência do Chile e do Peru.

É importante notar que Portugal ainda mantinha uma grande força militar estacionada nessas províncias do Norte com vista a receber mais reforços; então, a conquista definitiva dessas províncias em que pese as colunas de combatentes independentistas que marcharam do Piauí e Ceará para combater as forças portuguesas no interior do Maranhão, se dava realmente pelo domínio dos mares. É nesse aspecto, que a figura do Lorde Cochrane, foi fundamental para capitulação das tropas portuguesas e da incorporação ao Império do Brasil dessas províncias nortistas.

No caso do Maranhão, embora a maior parte dos distritos já tivesse declarado a sua Independência, alguns até solenemente e na visão do historiador Ribeiro do Amaral, quando Cochrane chega ao Maranhão a causa da Independência já estava ganha, pois a resistência se concentrava apenas em São Luís, Alcântara, Guimaraes e Caxias, não se deve subestimar a importância dele nesse processo de incorporação do Maranhão ao Império do Brasil. Como já destacamos, não poderia haver vitória sem o domínio dos mares. Pois caso contrário, as cidades poderiam receber reforços pelos portos, por meio de navios portugueses, como era o caso de São Luís que esperava tropas e suprimentos quando da

chegada do Lorde na capital maranhense, inclusive, capturando no caminho um navio português que vinha da Bahia para o Maranhão.

Depois de expulsar as tropas e a esquadra portuguesa da Bahia, Cochrane, dirige-se ao Maranhão, chegando à baía de São Marcos em 26 de julho de 1823. Como era seu costume, usar de estratégias para ludibriar o adversário, trocou a bandeira da sua nau por uma bandeira portuguesa a fim de surpreender o inimigo. Os portugueses em São Luís esperavam reforços por aqueles dias e acharam que era o navio Pérola que eles aguardavam. Nisso, enviam ao encontro de Pedro I para dar as boas vindas, o brigue D. Miguel, que rapidamente foi capturado por Cochrane, que tratou de encaminhar de volta um ultimato à Junta Governativa, ameaçando bombardear a cidade caso não houvesse a rendição incondicional das tropas portuguesas.

No dia seguinte, o presidente da Junta Governativa, D. Frei Joaquim de Nazaré, diante do cenário de dificuldade que se encontrava, com tropas pro – D. Pedro I marchando para capital e a suposta esquadra Imperial comandada pelo Lorde Cochrane, ameaçando bombardear São Luís, acabou vendo-se sem alternativa e foi ter abordo com o Lorde e acertaram finalmente adesão da província do Maranhão ao Império do Brasil. Ficou acertado também que no dia seguinte, 28 de julho, seria assinada a Ata de Adesão do Maranhão ao Império, como foi feito em cerimônia solene no Palácio do Governo, às 11 horas da manhã, sem a presença do Almirante Cochrane, que alegou problemas de saúde. Lembrando que além do artilheiro da troca de bandeiras na entrada do porto, Cochrane estava blefando, não havia esquadra alguma chegando, ele estava apenas no comando de um único navio, o Pedro I.

O GRITO DO IPIRANGA E A ADESÃO DO MARANHÃO À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL¹³

EUGES LIMA*

O 28 de julho é a data que tradicionalmente marca a Adesão da Província do Maranhão à Independência do Brasil. Há exatos 199 anos, o Maranhão deixava de pertencer ao Império Português e passava a integrar o Império do Brasil. O Maranhão foi a penúltima província do Brasil a se incorporar ao Império brasileiro, só no final de julho de 1823. Quando Pedro I dá o famoso grito às margens do riacho Ipiranga em São Paulo em 7 de setembro – data mais simbólica, que depois foi se consolidando como marco desses acontecimentos, esse grito, não ecoou nas províncias do Norte do Brasil. O processo de Independência começou como um projeto do Rio de Janeiro e São Paulo e somente depois foi conseguindo adesões das demais províncias. Porém, as províncias do Norte não compartilhavam desse projeto e se mantiveram fieis às Côrtes portuguesas, foi o caso do Maranhão. Não havia então, uma unidade nacional, eram vários brasis com projetos diversos.

Então por que o Maranhão só foi aderir à Independência dez meses depois? Porque a província do Maranhão, assim como as demais províncias do Norte, era comandada por uma elite portuguesa, de militares, políticos e comerciantes que tinham vínculos diretos com a metrópole, que não reconheciam o poder do Rio de Janeiro e tinham seus interesses políticos e econômicos vinculados a Portugal, portanto, para esse segmento, não era interessante o projeto político de emancipação que estava se gestando a partir do Centro-Sul.

E como essa resistência foi quebrada e houve finalmente a incorporação da província do Maranhão ao Império do Brasil? Bem, D. Pedro I, não queria a fragmentação do território e perder as províncias do Norte, cerca de 40 % do território brasileiro, então, resolveu contratar um mercenário escocês, o lendário Lorde Cochrane para ajudar a organizar a Marinha brasileira e sufocar a resistência das províncias rebeldes do Norte. Cochrane era uma espécie de celebridade à época e tinha uma enorme lista de feitos militares navais no currículo. Tinha sido da Marinha Real Britânica; lutara nas Guerras Napoleônicas e obtido lendárias vitórias, além de ter contribuído para a Independência do Chile e do Peru.

É importante notar que Portugal ainda mantinha uma grande força militar estacionada nessas províncias do Norte com vista a receber mais reforços; então, a conquista definitiva dessas províncias em que pese as colunas de combatentes independentistas que marcharam do Piauí e Ceará para combater as forças portuguesas no interior do Maranhão, se dava realmente pelo domínio dos mares. É nesse aspecto, que a figura do Lorde Cochrane, foi fundamental para capitulação das tropas portuguesas e da incorporação ao Império do Brasil dessas províncias nortistas.

No caso do Maranhão, embora a maior parte dos distritos já tivesse declarado a sua Independência, alguns até solenemente e na visão do historiador Ribeiro do Amaral, quando Cochrane chega ao Maranhão a causa da Independência já estava ganha, pois a resistência se concentrava apenas em São Luís, Alcântara, Guimaraes e Caxias, não se deve subestimar a importância dele nesse processo de incorporação do Maranhão ao Império do Brasil. Como já destacamos, não poderia haver vitória sem o domínio dos mares. Pois caso contrário, as cidades poderiam receber reforços pelos portos, por meio de navios portugueses, como era o caso de São Luís que esperava tropas e suprimentos quando da chegada do Lorde na capital maranhense, inclusive, capturando no caminho um navio português que vinha da Bahia para o Maranhão.

Depois de expulsar as tropas e a esquadra portuguesa da Bahia, Cochrane, dirige-se ao Maranhão, chegando à baía de São Marcos em 26 de julho de 1823. Como era seu costume, usar de estratégias para ludibriar o adversário, trocou a bandeira da sua nau por uma bandeira portuguesa a fim de surpreender o inimigo. Os

¹³ Artigo publicado anteriormente no Jornal O Imparcial na Sessão Opinião do dia 28 de julho de 2022, p. 2 com o título de O Grito da Independência do Brasil e a adesão do MA.

* Especialista em Teoria e Metodologia para o Ensino da História (UEMA), historiador, professor de história da Rede Pública estadual e Municipal de São Luís e membro efetivo do IHGM.

portugueses em São Luís esperavam reforços por aqueles dias e acharam que era o navio Pérola que eles aguardavam. Nisso, enviam ao encontro da Pedro I para dar as boas vindas, o brigue D. Miguel, que rapidamente foi capturado por Cochrane, que tratou de encaminhar de volta um ultimato à Junta Governativa, ameaçando bombardear a cidade caso não houvesse a rendição incondicional das tropas portuguesas.

No dia seguinte, o presidente da Junta Governativa, D. Frei Joaquim de Nazaré, diante do cenário de dificuldade que se encontrava, com tropas pro - D. Pedro I marchando para capital e a suposta esquadra Imperial comandada pelo Lorde Cochrane, ameaçando bombardear São Luís, acabou vendo-se sem alternativa e foi ter abordo com o Lorde e acertaram finalmente adesão da província do Maranhão ao Império do Brasil. Ficou acertado também que no dia seguinte, 28 de julho, seria assinada a Ata de Adesão do Maranhão ao Império, como foi feito em cerimônia solene no Palácio do Governo, às 11 horas da manhã, sem a presença do Almirante Cochrane, que alegou problemas de saúde. Lembrando que além do arдил da troca de bandeiras na entrada do porto, Cochrane estava blefando, não havia esquadra alguma chegando, ele estava apenas no comando de um único navio, o Pedro I.

4

Celso Sergio
E-mail: celiosergio@hotmail.com

OPINIÃO

São Luís, quinta-feira, 11 de agosto de 2022

Nascimento de Gonçalves Dias, 199 anos

EUGES LIMA

historiador, professor, bibliófilo e membro efetivo do IHGM

Estamos às vésperas de comemorar o bicentenário de nascimento do barão maranhense – o grande poeta Gonçalves Dias –, que será ano que vem, uma efeméride das mais importantes para história da literatura brasileira e que deveria ser comemorada com grande entusiasmo no Maranhão e em todo o país. No último dia 10, completaram-se os 199 anos do seu nascimento. Ele nasceu no dia 10 de agosto de 1823, no Distrito de Caxias e se tornaria o maior poeta do Brasil e um dos maiores intelectuais do seu tempo. Uma personalidade que certamente figura no rol dos maiores brasileiros de todos os tempos.

O poeta nasceu no mesmo ano da Independência do Maranhão, alguns dias depois de sua “adesão oficial”. Seu pai era um comerciante e fazendeiro português, natural de Trás-os-Montes e chamava-se João Manoel Gonçalves Dias. Sua mãe era Vicência Mendes Ferreira, uma mestiça caxiense.

Gonçalves Dias nasce sob o signo das guerras de Independência do Brasil no Maranhão e num contexto de acirramento das rivalidades e tensões entre lusos e brasileiros, fato que de

alguma forma, marcaria sua vida e sua obra. “As províncias do Norte do Brasil foram as que mais tarde aderiram à independência do Império. Caxias, então chamada Aldeias Altas, no Maranhão, foi a derradeira. A independência foi ali proclamada depois de uma luta sustentada com denodo por um bravo oficial português que ali se fizera forte. Isto teve lugar a 1.º de agosto de 1823[...]”, relatou certa vez Gonçalves Dias em uma nota autobiográfica, citada por sua biógrafa Lúcia Miguel Pereira (2016). João Manoel, português que era, obviamente, apoiou as tropas realistas de Fidié e seu nome, consta no Livro de Atas (acervo do IHGM) dos comerciantes e fazendeiros que contribuíram financeiramente para causa portuguesa em Caxias. Como desdobramento desses acontecimentos, após a rendição da cidade de Caxias no dia 31 de julho que se encontrava sitiada pelos independentistas há vários meses, o pai de Gonçalves Dias com receio de represálias que possivelmente sofreriam os portugueses e sendo obrigado a pagar pesada multa por ter colaborado com as tropas lusas, fleis a Portugal, se refugiou com Vicência, grávida de Gonçalves Dias, já com oito meses ou mais de gestação, em sua fazenda Boa Vista nas terras de Jatobá, onde nascera o Vate maranhense. É todo esse contex-

to histórico que explica o nascimento do poeta na fazenda Boa Vista e não na cidade de Caxias.

Em 3 de novembro de 1864, aos 41 anos, morria Gonçalves Dias, depois de uma longa e sofrida viagem da França para o Brasil, que já durava 53 dias. O poeta, que se encontrava gravemente enfermo e que teria piorado terrivelmente nos últimos dias, estava prestes a realizar o seu objetivo, chegar ao Maranhão e rever amigos e familiares, antes de morrer.

Gonçalves Dias era o único passageiro a bordo do velho veleiro “Ville de Boulogne” que contava com uma tripulação de doze tripulantes. Porém, finalmente, quando o navio já se encontrava na costa maranhense, numa região conhecida como Baixos (banco de areias submersos) dos Atins, conhecido também como Croas dos Ovos, já bem próximo a então Vila de Guimarães, aconteceu o pior, às 4 horas da manhã o barco colidiu com um desses bancos de areia e partiu ao meio. Na confusão do naufrágio, no corre, corre da tripulação, o poeta, que já vinha em condições bem debilitadas, praticamente sem mobilidade, acabou sendo esquecido pela tripulação em sua cabine e ficou para morrer afogado. Seu corpo e os manuscritos inéditos que trazia consigo, jamais foram encontrados.

A RENDIÇÃO DE LA RAVARDIÈRE



EUGES LIMA

Historiador, professor, bibliófilo e membro efetivo do IHGM

Foi numa manhã de quarta-feira, no dia 4 de novembro de 1615 que o general francês Daniel de La Touche, o senhor de La Ravardière, depois de muito postergar, no afã de ganhar tempo a espera de socorro da França que nunca veio, finalmente, sem mais alternativas e pressionado pelo capitão Alexandre de Moura, resolveu se render oficialmente às tropas portuguesas e entregar o forte São Luís.

Toda essa história está descrita no documento de N.º 18, intitulado "Auto de posse que se tomou da fortaleza", apenso ao Relatório de Alexandre de Moura, capitão-mor do Maranhão, onde ele relata de forma detalhada como se deu essa conquista aos franceses, anexando, 25 documentos acerca desses acontecimentos e que foram entregues a V. Majestade o Rei Felipe II em setembro de 1616.

Hoje, os originais desses documentos, encontram-se no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa e em 1905, foram publicadas suas transcrições nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Em 2010, o Instituto Geia, com base na edição dos Anais da Biblioteca Nacional, também publicou o Relatório de Alexandre de Moura e outros documentos sob o título de "A Rendição dos Franceses do Maranhão".

Embora alguns digam, que a rendição de La Ravardière se deu no forte do Sardinha, na verdade, não é bem assim. O forte pertencia aos franceses, teve seu nome substituído por Alexandre de Moura para forte São Francisco e obviamente, por questões estratégicas, foi o primeiro a ser tomado pelos portugueses, quando surpreendentemente conseguiram entrar na barra do Maranhão com sua poderosa esquadra de nove navios e seiscentos homens.

O forte do Sardinha, foi nessa história, apenas o local marcado, onde muitos desses personagens históricos, a exemplo de Alexandre de Moura, La Ravardière, Diogo de Campos Moreno, Francisco Frias de Mesquita (engenheiro mor do Brasil) e tantos outros se encontraram inicialmente, naquela manhã de 4 de novembro

para então a partir desse forte, irem tomar posse da principal fortaleza, o forte São Luís, e finalmente selar o fim da França Equinocial, onde ocorreu de fato, a rendição oficial e incondicional de La Ravardière e seus homens, com direito a entrega da "chave" do forte São Luís pelo comandante francês ao capitão Alexandre de Moura, conforme comprova o referido documento de N.º 18:

“[...] Estando as ditas pessoas juntas, veio o d. general francês, e deu por resposta que elle estava de acordo no apontamento atrás, e que cada ves que quizessem poderiao ir tomar posse do forte Sant Luís em nome de Sua Mag. de de que fez o termo assima, e assinou de sua própria mão, o que visto, e ouvido pelo dito capitão mor Alexandre de Moura dispondo as coisas conforme ao estado prezente mandou marchar o Sargento mor do estado Diogo de Campos Moreno, com o Capitão Henrique Afonso, com cento, e vinte soldados pessoas nobres, e se foi em bateis para o dito forte Sam Luís, onde depois de Reconhecido pelo dito sargento mor, e pelo engenheiro mor fran.co de Frias de Mesquita o d. Capitão Mor Alexandre de Moura entrou com a dita Companhia no dito forte onde a porta lhe entregou as chaves dele o d. s.r de la Ravardiere geral dos franceses, e depois de aver reconhecido todos os particulares do d. forte, e artilharia deixando lhe a dita Companhia de guarda com o dito sargento mor em seu lugar ouve a dita posse por tomada em nome, e por sua Mag. de [...]” (ANNAES DA BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1905, p. 227/229)

Os portugueses tomaram posse do forte São Luís dos franceses e mudaram o nome para São Felipe, sendo reconstruído em pedra e cal. Essa data é considerada um marco da expulsão dos franceses e do início da colonização portuguesa no Maranhão.

A historiografia tradicional maranhense, sempre afirmou que em 31 de outubro de 1615, Jerônimo de Albuquerque Maranhão acampou com suas tropas na Fonte das Pedras, quando fazia o cerco ao forte Francês. Alexandre de Moura, assim que entra na barra do Maranhão, uma de suas primeiras ordens, foi mandar “marchar Hierônimo de d'Albuquerque, a que com trezentos homens da sua gente [...] se pusesse pela parte de terra à vista do Forte São Luís,” confirmando assim, essa ideia de que houve realmente um cerco por terra. Isso consta no seu Relatório de 1616.

Ravardière, cercado por terra pelas tropas de Jerônimo de Albuquerque Maranhão e bloqueado por mar pela armada de Alexandre de Moura, ficou sem alternativa, tendo que render-se pacificamente, sem disparar um único tiro e aceitar todos os termos do "acordo" de rendição imposto pelos portugueses.



RAIMUNDO GOMES MEIRELES

A ARTE E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO MARANHÃO

RAIMUNDO GOMES MEIRELES

Ao folhear o livro “arquitetura e arte religiosa no Maranhão” das pesquisadoras **Kátia Santos Bogéa, Emanuela Sousa Ribeiro e Stella Soares de Brito**, recordamos o pensamento do filósofo idealista João Francisco Duarte Júnior. Ele elabora sua concepção sobre a estética a partir do mundo cotidiano, partindo da realidade vivenciada no dia a dia. Expressa o substrato de suas ideias com a finalidade de nos imbuir da experiência estética para que seja necessário recorrermos à essência da Beleza.

Nesta noite de lançamento da obra em tela nos contentamos com um pequeno aceno auxiliado pela filosofia, já que o Belo e a Arte são categorias trabalhadas pela filosofia cristã. A questão é que, do ponto de vista filosófico, a Beleza não reside nos objetos, nas telas, nos templos, nas edificações religiosas etc., mas a localizamos em um mundo ideal e, somente podemos nos aproximar do referencial do Belo, se nos relacionarmos com o que nos induz a experiência estética. A relação existente ou aquela que porventura possa ser criada entre o sujeito e o objeto produzirá um “quid” que pode ser denominado de Beleza.

Neste sentido, não podem existir regras padronizadas, codificadas que determine, por exemplo, uma igreja construída e acabada, com pintura x, com técnica y, seja bela, e outra, construída e acabada com pintura k, e técnica w seja feia. E ainda, outra, construída e acabada com a mesma técnica da primeira, desta vez, por intermédio dos construtores de uma congregação religiosa, bispo ou religioso leigo que usaram arquitetura e estilo gótico, rococó, ou moderno, seja horrível ou ridícula. Quem irá fazer o “juízo”? Não se trata de juízo, mas dependerá da relação dos sujeitos com a arte que produziu a edificação, a técnica, o local, a cultura, os frequentadores, os participantes do projeto e a contribuição do construtor etc. O produto estético será fruto da relação intelectual profunda, até mesmo sensível, do sujeito cognoscível com a arte e a arquitetura religiosa.

A arte, em última análise, é uma representação íntima e profunda do que ela é. Na verdade, nada mais é do que um recurso dizível para tentar expressar aquilo que o imaginário religioso enfatiza. A arte não tem a finalidade de expressar nada, de “falar” nada, mas de ser, para ser, para os outros seres. A arte trabalhada nas igrejas católicas e edificações religiosas do nosso Maranhão quer mostrar aquilo que é, pois trata-se geralmente de edificações simples, modestas e em certo sentido, pobres. Ademais, diante da enorme variedade de estilo que valoriza a arquitetura religiosa católica, construída ao longo dos séculos, a nossa nada mais é que, produto de uma experiência de fé, traduzida em Arte religiosa e não mais que isso.

Em diversas situações tentamos dizer o que tal templo significou ou significa, muitas vezes produzindo significados que, em inúmeros casos, nos damos conta do quanto somos incapazes de expressar o sentimento, o gosto, os detalhes do projeto arquitetônico, o material utilizado, a força de trabalho empregada, a origem dos trabalhadores, as motivações para a construção, o que na verdade a Arte religiosa é. O Ser humano impulsionado pela sua vocação religiosa não constrói seus feitos ao seu Deus por simpatia, mas cada realização é produto da experiência de fé de uma determinada época.

A linguagem conceitual torna-se ineficaz para transmitir a simbologia indiscutível dos templos religiosos católicos. Devido a isso, hoje acreditamos que a atitude mais sábia, aos contemplarmos, descrevermos os feitos, detalhes da arquitetura dos templos construídos com suor, ou sabe-se lá, com sangue de muitos escravos, será contemplar o que a Arte em sua realidade infinita, em todo o seu complexo, mostra.

Acontece que na ânsia da descrição dos reparos e restauro dos templos religiosos a qualquer tempo, requer dos pesquisadores extremo cuidado, para não haver nenhum indício de injustiça¹⁴. Toda edificação religiosa católica deve estar a serviço do povo, na sua maioria, o povo é parte integrante de sua gestão patrimonial. O direito canônico garante a participação do fiel batizado católico na administração dos bens da Igreja.

Eis porque a arte religiosa católica é um dos maiores patrimônios da Igreja, que auxilia a música, o Magistério, a Tradição e a Palavra.

As nossas igrejas históricas são pobres. Não encontramos igrejas com arquitetura extravagante. Por isso, não nos causa espanto e muito menos não nos custa explicar aquilo que nos obriga dizer: a ação mais nobre do ser humano simples, com relação à questão da arte e arquitetura de sua igreja é tentar um relacionamento, um que dê proximidade com sua fé e, como produto disso, a percepção de que lhe restará uma Presença diante de si.

A Arte, sobretudo, a arte religiosa impregnada nos templos, imagens de santos ou em qualquer utensílio de uso para fim religioso, expressa uma relação da espiritualidade da pessoa com o mundo. Assim, somente será possível experimentar a arte após vivenciar sua imanência, que nada mais é que o desnudar do relacionamento culminando com a contemplação. Pois existe uma grande diferença entre um fiel dentro do templo orando, suplicando a Deus, e outro num outro recinto qualquer suplicando graças. Para a pessoa de fé, o lugar tem muita influência. Para um católico, devoto da religiosidade popular, uma coisa é estar na igreja de Nossa Senhora da Vitória, em São Luís, outra coisa completamente diferente é visitar a igreja de São José de Ribamar no período da festa do padroeiro. Não pode existir Arte sem contemplação, assim como fé sem sujeito orante.

Hoje o que fazemos nada mais é do que contemplar o que outros edificaram, na fé, no esforço e na coragem de externar a Arte ao seu Deus. As igrejas católicas, as edificações, as imagens de santos, as peças sagradas etc., mostram aquilo que é. Nós intuímos aquilo que nos cabe, aquilo que nos é conveniente, aquilo que nos é possível captar e perceber pelos nossos frágeis sentidos.

¹⁴ O livro declara que em 1995 a igreja de São João Batista dos Vinhais foi restaurada pela Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão e, no entanto, não foi. A referida restauração foi fruto dos esforços dos fiéis daquela comunidade. A igreja estava há anos em ruínas e alguns líderes da própria comunidade religiosa se prontificaram a restaurá-la; em outra ocasião já tivemos oportunidade de expressar a insatisfação do povo daquela comunidade que se demonstrou indignado quando tomou conhecimento através de relatório do IPHAN ao relatar que no ano de 1995 que a igreja teria sido restaurada pela Secretaria de Cultura do Estado, através do Departamento de Patrimônio Histórico e Paisagístico. Eliminando-se assim, toda e qualquer participação dos fiéis da comunidade. Talvez tenha pairado a dúvida a quem catalogou, em acreditar que tenha sido restaurada pelos membros da comunidade, por manter detalhes, beleza, arte e aspectos originais. Segundo nosso entendimento, isso só se explica o pouco valor que se produz pelo povo simples. Mas o sentido de pertença, de algumas comunidades à sua igreja histórica é grande. O mistério determina a fé naqueles que são capazes de acreditar sem que outros possam por confiança. Espera-se que na segunda edição dessa obra seja feito a correção, se queremos ser fiéis aos verdadeiros donos da igreja histórica. A Arquidiocese de São Luís se gloria do povo da Vila Vinhais cuidar e zelar daquele patrimônio do ano de 1622.



JOSÉ ALMEIDA

**PARABÉNS AOS AUTORES DO
LIVRO: ICATU NOSSO VIVER.**

SEJAM BEM VINDOS AO POLO II





NATALINO SALGADO FILHO

THOMAS COCHRANE:

O controverso guerreiro da Independência brasileira

NATALINO SALGADO FILHO

Natalino Salgado Filho é reitor da UFMA, e são suas a apresentação, organização e notas da terceira e luxuosa edição do livro de Thomas Cochrane, *Narrativa de serviços no libertar-se o Brasil da dominação portuguesa*.

A passagem do Almirante escocês Thomas Cochrane pelos arcaicos de nossa história despertou, e continua a despertar, sentimentos conflitantes. O 10^o. Conde de Dundonald de Paisley e Ochiltree nos pares da Escócia e Marquês do Maranhão, no Império do Brasil, foi um dos comandantes estrangeiros que se destacaram nos episódios militares e políticos após o Grito do Ipiranga. Contratado às pressas por Pedro I, em 1823, para comandar a recém-criada Marinha Imperial brasileira, enfrentou a resistência armada dos portugueses à Independência, nas províncias do Nordeste e do Norte. Suas ações foram tanto militares quanto políticas. Agiu sob as ordens do Imperador, com poderes totais para manter a ordem e a paz, a fim de garantir a soberania nacional e a unidade do Império tropical. Em pouco menos de um ano, Cochrane deu por cumpridas suas obrigações contratuais: expulsou os vasos de guerra portugueses das águas brasileiras e pacificou províncias que haviam jurado fidelidade ao poder português, obrigando-as a aderir à Independência. Mas aqueles foram tempos agitados, e novamente Pedro I recorreu aos serviços militares de Cochrane, desta vez para combater os revoltosos da Confederação do Equador, em províncias do Nordeste.

Mesmo tendo prestado serviços de mais alta relevância ao Império brasileiro, Thomas Cochrane entrou para história nacional como personagem das mais controversas. Resenhistas de nosso passado, de ontem como de hoje, estão muito longe de chegar a consenso sobre a sua conduta antes, durante e depois de suas operações vitoriosas nos conflitos navais na costa brasileira. Suas ações granjearam a simpatia e a exaltação de uns, despertaram o desprezo de outros, a raiva e o rancor de outros tantos.

Há os que o consideram herói de nossa emancipação política, e por isso merecedor de encômios e tributos. É o caso de Domingos A. B. Muniz Barreto, que escreveu o libreto *Viva lorde Cochrane*, marquês do Maranhão, herói brasileiro, publicado em 1823. O historiador Oliveira Lima chamou-o de "grande condottiere da emancipação do Novo Mundo e agente principal de nossa união".

Mas há aqueles que o têm em posição bem diferente, como Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, que o chamou de aplicador de golpe contra a Coroa brasileira, em artigo intitulado "História da Independência do Brasil", na Revista do IHGB, em 1938. No mesmo timbre manteve-se Hermínio Conde, autor de *Cochrane*, falso libertador do Norte!, ao destilar duras críticas ao almirante. Em direção semelhante, Astolfo Serra em nada poupou o comandante britânico quando o nomeou de notório pirata, assim como José Sarney, ao intitulá-lo de corsário. Ou, ainda, Laurentino Gomes que demonizou Cochrane em livro recente, chamando-o de herói maldito da Independência do Brasil. Diante de avaliações tão desencontradas fica a pergunta: o que sobra, aí, de verdade e o que fica de especulação, de exagero ou de ressentimento histórico? É disso que nos ocuparemos na série de 7 matérias que serão publicadas nas próximas edições de *O Imparcial*, sobre a vida, feitos e conquistas do Almirante Thomas Cochrane. E nesse momento de júbilo nacional, quando comemoramos o Bicentenário de nossa Independência política, queremos festejar a data no melhor estilo: com um rápido mergulho em passagens que marcaram a vida de um dos responsáveis por defender e garantir a autonomia e a integridade de nossa nação tropical.

A história não é, e nunca foi, matéria exata. Assim como outros relatos, ela é filtrada por interesses. Por isso, não se pode dizer que a história seja imparcial ou algo que cheire a isso. A construção histórica será sempre uma tomada de posição. Mas ela será tão mais útil e benéfica à formação da consciência cidadã quanto mais equilibrada for, quanto mais apurada a sua capacidade de observar o papel das personagens, os episódios e o arranjo das forças epocais. O conjunto de matérias que serão estampadas nas próximas edições de *O Imparcial* são um convite e, ao mesmo tempo, uma provocação ao debate sobre o legado de uma importante personagem de nossa história. A nossa intenção é abastecer o leitor com informações para que ele forme sua própria opinião. Se nosso esforço servir para lançar algumas luzes sobre um tema polêmico como o desempenho de Cochrane durante o reinado de D. Pedro I, nossa tarefa estará cumprida. E é em meio às tramas de seu tempo que pretendemos flagrar a trajetória do audaz comandante escocês.



ANA LUIZA ALMEIDA FERRO

ANA LUIZA ALMEIDA FERRO

**BREVE HISTÓRIA
DOS PRIMÓRDIOS DA
ACADEMIA LUDOVICENSE
DE LETRAS**



**UM TESTEMUNHO SOBRE
A CASA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

COM DOCUMENTOS E IMAGENS



ESMP LITERÁRIA
EDIÇÃO ESPECIAL

Apresentação do Monólogo
**O MUNDO CABE NO
MEU QUARTO**

Texto premiado em concurso do PEN Clube do Brasil
Encenado e dirigido pela autora
Ana Luiza Almeida Ferro



DIA 16 DE SETEMBRO ÀS 17H
Local: Sede social do PEN Clube do Brasil
Praia do Flamengo, 172/1101 - Rio de Janeiro-RJ

Disponibilização pelo Canal da ESMP-MA no YouTube



MINISTÉRIO PÚBLICO
ESTADO DO MARANHÃO
Instituto de Defesa do Cidadão



CDEMP



ESMP MA
Escritório Superior do Ministério
Público do Maranhão

ARTIGOS

HISTÓRIA

GEOGRAFIA

CIÊNCIAS AFINS

DO/NO MARANHÃO

A INDEPENDÊNCIA NO MARANHÃO: o feriado de 28 de julho entre lembranças e esquecimentos

15

A incorporação da província do Maranhão ao Império do Brasil ocorreu em 28 de julho de 1823, após uma guerra civil que envolveu milhares de sertanejos, mobilizou diferentes segmentos sociais, com destaque para a participação das classes populares, envolvendo homens livres e escravos, brancos, caboclos, negros e pardos. O propósito deste trabalho é refletir sobre a construção da tradição do dia 28 de julho como a data da “Adesão” do Maranhão à Independência, seus usos e apropriações, bem como as comemorações e esquecimentos ao longo desses dois séculos.

As lutas pela independência política do Brasil mostram que esse processo de ruptura política com Portugal não foi pacífico e nem amistoso como parece à primeira vista simbolizado no Grito do Ipiranga. Os livros didáticos dão pouca ênfase às guerras de independência que ocorreram durante quase um ano, especialmente no norte, e envolveram diferentes grupos sociais com diferentes perspectivas e interesses, a exemplo dos chamados “homens de cor”, livres, libertos ou escravos, que imaginaram que a independência traria melhoria para sua condição social.

A luta pela independência no Maranhão partiu do sertão em direção à capital São Luís, e contou com a participação de tropas vindas do Piauí e Ceará, as quais adentraram pelo interior da província formando junto com adeptos da causa da independência no Maranhão o chamado “Exército Libertador”. Essas tropas denominadas de independentes ou independentistas protagonizaram muitas vitórias nos embates travados com as forças oficiais que se mantinham fiéis à Coroa Portuguesa, gerando medo na capital São Luís.

A rendição oficial do governo provincial, representado pela Junta Governativa, deu-se com a chegada ao Porto de São Luís do navio comandado pelo almirante britânico Lorde Cochrane, enviado pelo imperador D. Pedro I. A cidade de São Luís já estava sitiada e na iminência de capitular, pois o “exército libertador” já havia conseguido a rendição das tropas portuguesas em Itapecuru e estava próximo de adentrar na Ilha.

O ato que oficializou a rendição do governo provincial e sua incorporação ao novo corpo político ocorreu em 28 de julho de 1823, com a Proclamação da Independência em uma cerimônia reservada no Palácio dos Leões, sem a presença do Lorde Cochrane, sem grandes cerimônias ou comoção popular.

O historiador Marcelo Cheche, um dos maiores especialistas no tema da independência no Maranhão, explica que: “Foi uma cerimônia discreta. Seis tripulantes do navio se juntaram a 91 cidadãos, entre eles os membros da Junta de Governo e da Câmara e outras autoridades, que, discretamente, saudaram a ‘Adesão ao Império Brasílico, e Governo do Imperador, o Senhor Dom Pedro Primeiro’. Do lado de fora do Palácio havia poucas pessoas. A independência foi registrada com um simples repicar dos sinos, uma salva de tiros e o reconhecimento da ‘Bandeira Brasília’ ”.

Esse caráter discreto e pouco efusivo da cerimônia de incorporação ao império foi destacado pelo primeiro historiador da independência, Luís Antônio Vieira da Silva, que a descreve da seguinte maneira: “No dia designado, 28 de julho, procedeu-se à proclamação da Independência, dando-se começo ao ato às 11 horas da manhã, o qual terminou depois do meio-dia, seguindo-se as salvas de estilo. À noite, iluminou-se toda a cidade. O Lorde não veio à terra, nem assistiu ao ato, pretextando moléstia” (1972, p. 178).

¹⁵ Professora Doutora do Departamento de História, da Universidade Estadual do Maranhão. Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, ocupando a cadeira nº 24, patroneada por Antônio Ennes de Sousa.

O Bispo Frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, então presidente da Junta Governativa Provisória da província do Maranhão, e que fazia oposição e resistência à Independência do Brasil, em “obstinada fidelidade” ao governo da metrópole portuguesa, relatou que o 28 de julho foi a data aprovada pelo Lorde Cochrane para se proclamar a Independência e que tudo “ se executou sem a menor alteração no sossego público ” (Vieira da Silva, 1972, p. 136 Documentos apensos).

A cerimônia de Proclamação da independência, e incorporação ao Império do Brasil, não contou com a participação popular, sendo um ato administrativo, sem grandes pompas ou festividade. Após esse ato oficial se seguiram as manifestações de reconhecimento da autoridade do novo imperador com o juramento à Independência e expulsão daqueles que se recusavam a fazê-lo.

A data de 28 de julho, marco oficial da Adesão do Maranhão ao Império do Brasil, ainda hoje é pouco conhecida e lembrada pelos maranhenses. Ao longo desses 198 anos a data de 28 de julho tem oscilado entre lembranças e esquecimentos, com diferentes apropriações e manifestações de entusiasmo.

Ao longo do século XIX, as festividades em comemoração a essa data foram principalmente de iniciativas particulares, a exemplo de sociedades artísticas, agremiações e dos estudantes do Liceu Maranhense, com realizações de cortejos cívicos, procissões religiosas, encenações teatrais, concertos. As comemorações oficiais não ocorriam com regularidade, havendo momentos inclusive em que as autoridades públicas figuravam como convidados nas comemorações, ou o poder público subvencionava algumas festividades.

No primeiro ano após a adesão do Maranhão à Independência, em 1824, não houve registro de comemoração à data, a qual foi encoberta pelas manifestações de juramento à Constituição do Império. Em 1825, a data de 28 de julho não foi incorporada nas comemorações, as quais foram organizadas a partir de outubro, após a chegada da notícia do Reconhecimento de Portugal à Independência, visando muito mais a aclamação do Imperador. A oficialização do reconhecimento lusitano ocorreu com o Tratado de Paz e Aliança, de 29 de agosto de 1825, em que exigia que o governo brasileiro pagasse uma indenização de 2 milhões de libras esterlinas para que Portugal aceitasse a independência do Brasil. E assim, as comemorações da independência no Maranhão ocorrerão depois desse reconhecimento oficial.

No jornal *O Amigo do Homem*, de 25 de julho de 1825, há uma breve nota alusiva à recordação da Independência como a justa causa do império do Brasil e do Magnânimo Imperador D. Pedro I, seu Defensor perpétuo, ao anunciar uma peça teatral (elogio dramático) seguida de uma comédia sobre “Os perigos da má educação”, encenadas no Teatro União.

Especialmente nos primeiros anos após a independência, quando o país ainda vivia o processo de construção da nova ordem política, com a consolidação do Estado Nacional, marcado por guerras civis, a data era lembrada em notas dos jornais que exaltavam a figura do Imperador, como o maior responsável pela independência do país.

Em 1831, após a abdicação do Imperador D. Pedro I, o Jornal *O Farol Maranhense*, do redator José Cândido de Moraes e Silva, faz uma leitura mais entusiástica da data de 28 de julho, com um tom antilusitano, embora reconhecendo o papel do D. Pedro I, exaltava a data como dia da libertação da província do jugo português. O 28 de julho deixava de ser um mero coadjuvante do 7 de setembro, tornando-se símbolo de luta do povo maranhense pela liberdade. Na edição de 28 de julho de 1831, considera a data como um “dia verdadeiramente majestoso para todos os amigos da Pátria, da Independência e liberdade! “.

Neste ano de 1831 houve uma grande solenidade para comemorar a data. Segundo Gabriela Melo, em seu trabalho monográfico intitulado “28 de Julho: a invenção e reinvenção de uma tradição ao longo dos séculos XIX e XX” (2004), essa foi a maior festa realizada até então. A comemoração contou com o apoio e entusiasmo do redator do Farol, que não só festejou nas ruas como registrou esse acontecimento em seu jornal.

O dia 28 de julho, aniversário do proclame da independência foi este ano festejado pelos maranhenses com maior solenidade. No dia 27 á noite um grupo com mais de duas mil pessoas m percorreu pelas ruas da cidade, acompanhado das duas músicas do Regimento de Milícias e do Batalhão de Caçadores n. 23: parando em algumas partes, depois do toque do

hino nacional, os patriotas maranhenses entoavam vivas à INDEPENDÊNCIA, à CONSTITUIÇÃO, à ASSEMBLEIA GERAL, à REGÊNCIA, ao IMPERADOR BRASILEIRO, à LIBERDADE de todas nações, ao Presidente! Estes vivas eram repetidos com entusiasmo pelas Autoridades primárias da província, quando defronte de suas moradas nos achávamos (O farol Maranhense, 29 de julho de 1831).

Neste ano de 1831 houve a congratulação da Igreja, com um solene *Te Deum* na catedral, também registrado pelo jornal *O Farol Maranhense*: “No dia 28, às 10 horas da manhã celebrou-se na catedral um solene Te Deum a que assistiram as primeiras autoridades e muito povo” (O Farol Maranhense, 29.07.1831, p. 1).

Segundo o historiador Marcelo Cheche (2011, p. 117), “Somente em 1835 a data tornou-se feriado provincial, não havendo maiores indícios de sua comemoração até então”. E segundo Melo (2004), nos anos subsequentes à festa de 1831 as comemorações permaneceram vivas, mas não com o mesmo regozijo, contando principalmente com o *Te Deum*, como promoção oficial do governo.

Ainda no século XIX, os jornais e documentos oficiais do governo registraram algumas dessas comemorações. Na década de 1850 os jornais registraram a presença dos estudantes do Liceu Maranhense, além das comemorações no teatro e na igreja, e um novo fenômeno, a realização de paradas militares. O jornal *O Progresso*, de 29 de julho de 1851, registrou:

Ontem 28 de julho do corrente, houve de manhã parada, à que concorreu uma maior porção de tropa, do que de costume, e a noite uma brilhante iluminação em frente do edifício em que trabalha o Liceu do Maranhão, preparada pelos jovens que frequentam o estabelecimento. Também apresentaram ali uma mesa de abundante refresco. Pela noite adiante a banda de música, que desde o anoitecer, tocava ao lado da iluminação, percorreu as principais ruas da cidade em passeata, ouvindo-se de vez em quando vivas análogas à ocasião.

Essa presença de militares nas comemorações da efeméride também foi destaque nos jornais da década de 1870. A sociedade Dramática Recreio Militar deu um espetáculo no dia 27 de julho de 1875 e um baile no Clube União, em benefício à Santa Casa de Misericórdia, em um contexto de entusiasmo pela ascensão social e política do exército conquistada após a vitória na guerra do Paraguai (Melo, 2004, p. 22).

Na década de 1880, o destaque foi para o uso dessa efeméride como símbolo para a luta abolicionista. Essa data que representava a liberdade dos maranhenses do jugo português passou a ser utilizada pelos abolicionistas como símbolo da luta pela libertação dos escravizados. O jornal *Diário do Maranhão*, de 27 de julho de 1887, registrou a sessão magna em prol da data de 28 de julho, promovida no Liceu Maranhense pelos estudantes, com a presença do presidente da província. Na Câmara Municipal, os integrantes do Clube Artístico Abolicionista fizeram uma solenidade com a distribuição de cartas de alforrias e discursos em defesa da abolição da escravidão.

Já na vigência do regime republicano, os primeiros anos foram de pouco entusiasmo com a data. O jornal *A Pacotilha*, de 28 de julho de 1891, comentou a indiferença pública em relação à data, que perdia o brilhantismo dos anos anteriores, tornando-se somente uma data de calendário. Entre as razões da diminuição dos festejos populares, segundo o periódico, estava a morte dos veteranos que participaram das lutas pela independência e dos seus contemporâneos, fazendo com que aos poucos desaparecessem “aqueles que tinham como dever filial solenizar a memória de seus maiores”.

Além disso, havia a questão da crise política no período que se seguiu à Proclamação da República e a crise econômica da província, também apontadas como causas dessa apatia em relação ao 28 de julho. As comemorações na década de 1890 ficaram mais a cargo dos estudantes do Liceu Maranhense, com programação que incluía desfiles pelas ruas da cidade.

Nas primeiras décadas do século XX a data foi perdendo investimento nas comemorações públicas, ocorrendo muitas cerimônias em espaços privados como clubes, com realização de saraus, comemorações feitas por intelectuais e autoridades políticas, assim como atos oficiais no Palácio do Governo.

Os intelectuais, denominados de novos atenienses, como Antônio Lobo e Fran Paxeco, procuraram incentivar as comemorações do 28 de julho e homenagear personalidades desse contexto histórico do processo de independência e construção da nova ordem política imperial. Em 1902, a Oficina dos Novos comemorou a data festiva com uma solenidade no salão nobre da Câmara Municipal, seguida de um almoço no Hotel Central da cidade e um espetáculo no Teatro (Pacotilha, 29.08.1902).

Eram comemorações mais fechadas, de iniciativa dos intelectuais e da classe empresarial, a exemplo do apoio da Associação Comercial, em que o Estado se apresentava mais como convidado.

Na segunda década do século XX, em razão da aproximação do centenário da adesão do Maranhão à independência, o estado tomou para si a responsabilidade de promotor das comemorações. O jornal *Diário do Maranhão*, de 28 de julho de 1911 anunciou a programação com desfile na Avenida Maranhense, atual avenida D. Pedro II, com discurso do governador Luiz Domingues.

Na década de 1920 ficaram conhecidas as festas anuais comemorativas promovidas pelo senador Fernando Mendes de Almeida no Rio de Janeiro, em que reunia membros da alta sociedade maranhense e autoridades públicas como senadores, deputados, ministros, embaixadores, comandantes militares.

Por ocasião do centenário da Adesão à Independência do Brasil, no ano de 1923, a data mereceu um destaque na imprensa e contou com uma vasta programação oficial. Houve desfile militar, exposições, festas com homenagem aos “heróis” da independência, até mesmo de personagem histórico como Manuel Beckman, do século XVII, elevado à categoria de precursor e mártir da Independência.

Nos anos seguintes, tanto nos jornais como nas críticas de intelectuais feitas em discursos por ocasião da data comemorativa, destacava-se a falta de entusiasmo nas comemorações do dia 28 de julho, o qual embora tratado como “grande data histórica”, não era ainda um feriado com amparo legal.

Segundo Gabriela Melo (2004), na década de 1930, as festividades procuraram resgatar o processo de adesão do Maranhão à Independência, e intelectuais que participaram da Revolução de 30, como Reis Perdigão, procuraram exaltar a participação dos sertanejos, o mérito da população local, evocando “as figuras heroicas dos maranhenses que, numa luta porfiada e sangrenta, abatendo, pelo sertão bravio, reduto, a resistência portuguesa, incorporaram a nossa terra ao movimento vitorioso da emancipação nacional” (Diário da Tarde, 28.9.1932).

Por fim, é importante também destacar alguns usos dessa data, como por ocasião dos períodos ditatoriais, seja do Estado Novo (1937-1945) ou da Ditadura civil-militar (1964-1985), em que a comemoração oficial do dia 28 de julho foi utilizada para fazer apologia ao governo, tanto em cerimônias privadas como públicas.

No Estado Novo, no governo do interventor Paulo Ramos no Maranhão, as comemorações promovidas se destinavam a fortalecer os ideais do regime junto às camadas populares. Nas décadas de 1950 e 1960 instituições como o Rotary Lions e Lojas Maçônicas comemoravam a data com palestras e outras programações, mas geralmente de maneira privada, muitas das vezes no Hotel Central.

Na década de 1970, no contexto da Ditadura Militar, por ocasião do sesquicentenário da Adesão do Maranhão à independência, houve um revigoramento dessas comemorações. Em 1972 foi publicada a segunda obra dedicada totalmente ao tema da independência, do historiador Mário Martins Meireles, intitulada *História da Independência no Maranhão*, e reeditada a obra de Luís Antônio Vieira da Silva, *História da Independência da Província do Maranhão*. Era o período da ditadura militar, instaurada pelo golpe de 1964, e o ensino de história se pautava em uma Educação Moral e Cívica, de exaltação de heróis nacionais. As comemorações da independência foram utilizadas para reforçar os valores cívicos preconizados pelo regime autoritário em vigor no Brasil.

Em 1973, a comemoração pelos 150 anos da adesão do Maranhão à independência contou com a presença do presidente da república Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), a convite do governador do

Estado Pedro Neiva de Santana (1971-1975). Os anos seguintes seguiram sem grandes entusiasmos pela comemoração da data.

A oficialização como feriado estadual em comemoração a Adesão do Maranhão à Independência do Brasil se deu com a Lei nº 2.457/1964, no governo de Newton Bello (1961-1966). Mais recentemente a Lei nº 10.520/2016, deu nova redação à lei anterior, considerando o dia 28 de julho “data magna do estado”, como prevê a Constituição Federal para a criação de feriado estadual.

Atualmente, próximo ao bicentenário da Adesão do Maranhão à Independência do Brasil, a data de 28 de julho ainda tem passado despercebida do grande público, apesar do feriado, e precisa ser conhecida dos maranhenses. Muitas comemorações estão sendo pensadas e/ou planejadas, especialmente por instituições acadêmicas e culturais, como as universidades e o IHGM, com publicações e diferentes eventos, os quais, esperamos, alcancem a sociedade maranhense de uma maneira geral.

Referências

MELO, Gabriela. “**28 de Julho: a invenção e reinvenção de uma tradição ao longo dos séculos XIX e XX**”. Graduação (Curso de História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2004.

GALVES, Marcelo Cheche. “Aderir”, “jurar” e “aclamar”: O Império no Maranhão (1823-1826). **Almanack**, Guarulhos, n. 01, p. 105-118, 1º semestre 2011.

VIEIRA DA SILVA, Luís Antônio. **História da Independência da Província do Maranhão (1822-1828)**. 2.ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972 (Documentos Apensos).

MEIRELES, Mário Martins. **História do Maranhão**. 3.ed São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

WANDA CRISTINA DA CUNHA E SILVA

A PROSA GEOGRAFICAMENTE HUMANA NO HORIZONTE DA POESIA

RESUMO - O presente artigo visa a fazer uma análise teórico-literária do livro intitulado “Os mapas sinalizam ilhas submersas”, do poeta maranhense Franck Santos, observando a ideia do espaço íntimo, da fenomenologia da imaginação poética, trazida à baila por Bachelard e a ideia de ilha, preestabelecida na obra de “A Ilha deserta e outros textos”, de Gilles Deleuze. Este artigo também põe em debate o aspecto interdisciplinar da literatura, quando propõe uma análise do espaço poético dentro de uma visão geográfica e à luz da psicanálise. A proposta também é permitir a contemplação da Literatura do Maranhão, a partir de um olhar sob um poeta maranhense contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE - Poética do Espaço, Gaston Bachelard; Ilha deserta e outros texto, Gilles Deleuze; Literatura maranhense; Teoria Literária; Poesia; Filosofia; Geografia. Desterritorialização.

01 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta fazer um estudo literário sobre o livro de poesias “Os mapas sinalizam ilhas submersas”, do autor maranhense Franck Santos. Trata-se de uma obra lançada pela Editora Penalux, Guaratinguetá, São Paulo, publicada em 2018, qualificada como prosa poética, com 122 páginas. A obra se divide em duas partes: Terra e Água, e vai ser analisada dentro de um diálogo entre a literatura e a filosofia, tendo como norte o pensamento de Deleuze, em sua obra “A Ilha deserta e outros textos”; a “Poética do Espaço”, de Gaston Bachelard; o “Espaço literário”, de Maurice Blanchot e “O demônio da Teoria”, de Antoine Compagnon.

Escolheu-se fazer a análise do citado livro de poesia, para evidenciar quão importante tem sido o estudo da filosofia, alinhada à geografia, para a linguagem literária, ao mesmo tempo em que demonstra como os escritores maranhenses da atualidade têm evidenciado a importância das paisagens e espaços dentro do seu fazer poético.

A abordagem dos filósofos aqui selecionados dar-se-á pela noção com que esses autores desenvolveram suas teses voltadas para o espaço-geográfico e o espaço-literário.

Por meio da obra de Deleuze, estudar-se-á a “Ilha deserta”, na qual a proposta do objeto é uma forma de recriação do mundo, a partir de situações provisórias de confinamento que a própria ilha oferece. Dentro desse contexto de imagem, observa-se-á o diálogo entre a literatura e a filosofia, em que também se descobre a dupla face etimológica da palavra Semiologia que, concomitantemente, é um ramo da medicina que cuida dos sintomas das doenças e a ciência geral que tem como objeto os sistemas de signos. Assim, trabalhar-se-á a filosofia deleuziana dentro do que ela se propõe, como um sistema “clínico” que perscruta os “sintomas” poéticos dentro do funcionamento da máquina do pensamento e da linguagem. Analisar-se-á, portanto, a tendência da poesia de Franck Santos dentro desse confinamento a que a ilha remete.

Em contrapartida, a “Poética do Espaço”, de Gaston Bachelard contribuirá para a determinação de um estudo fenomenológico das imagens poéticas, uma vez que o filósofo cuida da análise dos espaços íntimos, trabalhando a relação afetiva e psicoemocional, de modo a reconstituir a subjetividade das imagens e medir a sua amplitude. Do pensamento bachelardeano serão extraídos conceitos relevantes para este estudo literário, mormente por trazer, no primeiro capítulo de sua obra, conceitos básicos do espaço da casa; do

porão ao sótão; de cabana; conceitos esses que se iniciam dentro de contexto subjetivo a que ele denominou de microcosmo, para relacionar-se dentro do contexto universal (macrocosmo). Usando, metodologicamente, o pensamento de Bachelard para análise da obra de Franck Santos, analisar-se-ão também novos espaços microcósmicos levantados na “Poética do Espaço”, como as gavetas, armários, cofres nos quais se guardam a memória, bem como o ninho, a concha que suscitam a ideia de proteção e amor, bem observados na poesia de Franck Santos.

Em relação à obra “O espaço literário”, de Maurice Blanchot, tem-se que ela contribuirá com este artigo, dados os conceitos trazidos à baila, como o de linguagem atinente à organicidade do mundo que o filósofo denominou de “palavra bruta”, linguagem do cotidiano, da comunicação diária, para contrapor-se à linguagem como palavra essencial, ou seja, a palavra literária; a primeira (bruta) não lapidada; a segunda (literária) como apresentação do próprio espaço discursivo, reportando-se a uma literatura que se refere a si mesma.

Usar-se, também, como complemento de recursos metodológicos, a obra “O demônio da Teoria”, de Antoine Compagnon, para confronto daquilo que o autor chamou de “contraste entre teoria e senso comum”, observando as flexibilidades que transitam entre as correntes voltadas para a literariedade, a intenção do autor, a representação, a recepção, além de estilo, história e valor.

02 DESENVOLVIMENTO

Atualmente, tem sido comum usar-se a interdisciplinaridade para abordar aspectos interessantes dos fenômenos literários. A literatura tem sido alvo daquilo que os teóricos chamam hoje de geografia literária, abordando, por vezes, a questão dos espaços poéticos, como bem observado na obra de Gaston Bachelard. É ele quem esclarece, de forma filosófica, o problema da imagem poética, ao conceituar a fenomenologia da imaginação: “Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração da alma, do ser do homem tomado na atualidade” (BACHALARD, 1978, p. 184).

A leitura do livro “**Os mapas sinalizam ilhas submersas**”, do poeta maranhense Franck Santos, por seu turno, acabou contemplando a possibilidade de uma análise dentro dessa proposta bachalardeana, já que a obra produz esse diálogo com o coração, com alma, o ser do homem.

Ademais, as ilhas submersas, a que Franck Santos se refere, também sinalizam o mapa de viagem das “Causas e razões das Ilhas desertas”, de Deleuze. Foi imediata a necessidade de encontrar, no filósofo, um sinal que levasse aos mapas do poeta, ou de criar uma nova relação entre a filosofia e a literatura. Buscou-se, pois, uma luz, no texto deleuzeano, com a qual se pudessem clarear as ideias rasas e nebulosas para chegar às ilhas submersas. Não é todo dia que a poesia chega aos nossos olhos e alma com uma cara nova, de uma contemporaneidade que viaja a outros continentes por meio do mar.

Deleuze explica que os geógrafos têm consciência dos dois tipos de ilhas, as continentais e as oceânicas: estas, originais, criadas de erupções submarinas; aquelas nascidas de uma ruptura, separadas que ficaram do continente. Ele complementa: “Separação e recriação não se excluem” (DELEUZE, 2004, p. 06). Na existência de dois tipos de ilhas, há uma oposição entre o oceano e a terra, observando que o mar está sobre a terra, e que a terra está sob o mar. Assim, a existência das ilhas reitera a oposição existente entre a terra e o mar. Deleuze (2004, p. 06) explica:

As ilhas continentais são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. As ilhas oceânicas são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las.

“Os mapas sinalizam ilhas submersas” é um livro dividido em duas partes: TERRA e ÁGUA, elementos que se digladiam, criando essa oposição entre textos literários que sinalizam poesias reveladas em poemas em prosas, ora mimetizadas em narrativas curtas, que lembram crônicas e pequenos contos, e que atendem pelo nome de prosa poética, mas que são, na verdade, vozes do eu poético, que não impõem gêneros ao que está escrito e a quem o escreveu, porque é a existência de um ser continental e oceânico que se separa e se recria na concepção de um fazer literário.

Na primeira parte do livro (Terra), Vórtice faz-nos vislumbrar o desejo moribundo do eu lírico de inundar-se do outro, sob pontos de silêncio e solidão, na tentativa desgovernada de um encontro de paz em vez dos abismos costumeiros que levam à predação da relação a dois. Santos (2018, p. 19) se projeta entre o espaço geográfico e o poético:

Quis umas tardes com você para caber no mar, quando os portos não tivessem navios, mas pontos de silêncio e solidão.

Um as tardes que nos levassem para onde o vento soprasse, como um vórtice.
Um móbile. Pipas.

Ademais, as TARDES (p. 21) são recorrentes: “Quero chegar também ao mar... (...) ... são essas tardes que espero cartas... Eu queria ser dessas pessoas que não se incomoda com adeus.” A relação entre o eu lírico e o ser amado é de desencontros. A distância entre o amado e o amante se estabelece por meio de esperas de cartas, telefonemas e e-mails e o adeus que incomoda. Apesar das despedidas e solidão, a tarde é o ponto de encontro de andorinhas (Ainda resta o colorido de um jardim), pássaros que voam (Na tarde pós-tempestade); amantes existencialistas e seus infernos (Nós dois); e do azul (Colisão).

A segunda parte do livro, Água, inicia um processo de desterritorialização simbólica oriunda das demandas afetivas do eu e do outro. O narrador poético necessita de novos espaços, quando seu território intrínseco sofre alterações, as quais o levam à (re) construção de viagens.

Ambos os autores, Deleuze e Bachelard, trabalharam a noção de desterritorialização dentro de suas obras, observando as noções de continuidade e descontinuidade, no sentido de que avaliassem o conceito da filosofia a partir de um contexto geográfico, colocando espaços como terra, casa e arte numa condição de paisagens capazes de dar novos rumos para a decifração do pensamento.

Em *Abrigo*, Santos (2018, p. 70), transfere suas emoções para um espaço-tempo em que casa e tarde dividem o mesmo território na alma do poeta:

Na tarde derretida, a tristeza prossegue, mesmo escutando gatos, cachorros, pássaros, homens e outros bichos, na casa quase vazia, quero uma solidão sem paredes, por isso, um guarda-chuva guardado numa tarde de chuva é um crime, mesmo que esta tarde dure anos.

A noção de desterritorialização defendida por Bachelard (1978, p. 201) coloca o tempo como elemento necessário para a dinamização da casa na sua ligação com o devaneio:

Nosso objetivo está claro agora: é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio que faz a ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervêm, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano.

Para Deleuze (2004, p. 6), o homem só poderá viver bem quando não mais existe o combate entre a terra e o mar:

O homem só pode viver bem, e em segurança, ao supor findo (pelo menos dominado) o combate vivo entre a terra e o mar. Ele quer chamar esses dois elementos de pai e mãe [12], distribuindo os sexos à medida do seu devaneio. Em parte, ele deve persuadir-se de que não existe combate desse gênero; em parte, deve fazer de conta que esse combate já não ocorre. De um modo ou de outro, a existência das ilhas é a negação de um tal ponto de vista, de um tal esforço e de uma tal convicção.

O que se observa, na poesia de Santos, é a busca de identidade que ele estabelece com a tristeza, perscrutando seus devaneios dentre de um espaço a que Bachelard chamou de casa, mas que, dentro da proposta de Deleuze, estende-se na mensuração de uma tarde derretida/líquida a que Deleuze denominou de mar, servindo de metonímia à água no plano poético.

Santos (2018, p. 65) trabalha esse processo de desterritorialização também em *Do Oriente que há em nós*:

Apesar dos saquês
Dos jogos de Yu-gi-oh aos sábados
Dos mangás das cerejeiras em flor
Do Oriente eu há em você.
Apesar do futebol aos domingos
Das caipiranhas
Das feijoadas
Das novelas diárias
Do Ocidente que há em mim.
Apear de sermos parques de diversões, não quero mais esse amor kamikaze,
Somos brincadeiras arriscadadas.
Meu corpo ataques suicidas, seus sentimentos um pêndulo aos 360°. (2018)

Ao contrapor o Ocidente com o Oriente, o poeta embarca no devaneio de uma relação suicida, porque misturando costumes e culturas, em um permanente exercício de viagens e transportes. Em contrapartida, o que se observa em *Sobre laços e nós* (Santos, 2018, p. 84) é o encontro daqueles que estão distantes, a criar os seus laços a partir das viagens oníricas ventiladas pela própria imagística poética:

Nas madrugadas, derretemos satélites,
Como nossos telefones interurbanos.
Conta-me do Texas. Lembro-me de Paris, Texas.
Imagino-o como o personagem do filme, vagando pelo deserto,
Em busca de sua identidade perdida.

Em “Naquela Tarde” (p. 63/64), há recortes de leituras, existências e lugares, que sugerem a imagem da solidão extraída do passado. Esses recortes remetem às gavetas, às lembranças, da mesma forma que traduzem um certo recolhimento como símbolo de refúgio:

...Fez-se um silêncio que você não foi capaz de romper, por isso, na tarde daquele dia, mostrei meu braço recém tatuado, falei de Paris com seus cafés e dos amores que deixei em repouso. (...) Daquela longínqua tarde que tinha uma rainha, um atlas, Patti Smith e Sylvia Plath, restou uma sensação de quase escuro, mas continuo anotando frases nas agendas e como um argonauta ainda fabrico minhas conchas. (SANTOS, 2018).

Os versos do poeta remetem a uma sensação de solidão, de ausência do ser amado, os quais também denunciam a tristeza por meio da expressão “sensação de quase escuro”, o que vai se consolidar na fabricação das conchas. Bachelard, em *A Poética do Espaço* (p. 277/278), confirma este estado d’alma:

Sabemos perfeitamente que é preciso estar só para habitar uma concha. Vivendo a imagem, sabemos que admitimos a solidão. Morar só, grande sonho ! A imagem mais inerte, a mais fisicamente absurda, como esta de viver na concha, pode servir de origem a tal sonho. (1978).

A obra de Santos (2018) é colorida de um azul que encharca a poesia, o mar que nela habita, a própria tarde, os pássaros... O azul, com seu semblante frio, imaterial, associado ao mundo dos sonhos, é a cor protagonista, no onirismo que mistura corpos dos amantes com terra e água, enquanto as outras cores, como o vermelho de batons, assumem papéis secundários. Nesse exercício de azul, o discurso poético decifra uma paisagem que, simultaneamente, é literária e geográfica, mas que só se realiza na atitude existencial dos amantes. Os mapas vão servindo de instrumentos de orientação e localização no âmbito geográfico, enquanto no contexto literário, os mapas de Franck Santos são a poesia com a qual ele traduz a busca de todo um universo paisagístico interior.

Esse fenômeno de interiorização transita entre o eu-que-sonha e o eu-que-existe para chegar à *Ilha submersa* (2018, p. 85) “Na noite, um grito, que não coube em mim. / âncora, suas mãos/ Asas, sua voz, me acalmam..”

O poeta consulta seus segredos ao mergulhar no horizonte híbrido do amor que se desvela em seu Tarô (p. 78): “Que importa a paisagem geográfica se a paisagem humana estiver ao nosso lado?”

Poesia e prosa se fundem em busca de um horizonte geograficamente humano. Os Voos (p.110) é uma peça literária à parte, de valor encantador. Os Escombros (p.111) é uma descrição do abandono, da solidão daquele que ficou no sentimento desértico de quem partiu. *Café da tarde* (p.108) é mais um encontro dos muitos desencontros. A relação de amor se mistura na *Água com Açúcar* (p. 90) e *Água e sal* (p.80). Açúcar e Sal são elementos dicotômicos de um convívio, diluídos que eles o foram pelas ausências, separação e distância.

Os mapas de Franck Santos também sinalizam um roteiro de viagem à teoria quântica, por meio da qual as esperas ecoam num *Universo Paralelo* (p. 55). É todo o tempo o amor sendo consumido e redimido pela distância, em busca do encontro definitivo: “estarei nessa cidade líquida de casarões em ruínas, águas, conchas, sal e sol. Estarei aqui, no meu universo não paralelo, esperando você”. A expressão “cidade líquida” sintetiza a metáfora da água: se a cidade é líquida é porque ela assume as várias formas das esperas: espera de ruínas, de sal, sol, conchas e de águas. Ou, ainda, a “cidade líquida” assume a ideia de fragmento, dispersão, tudo determinado pela incerteza permanente, sobre a qual se debruçou a teoria da modernidade líquida, de Zygmunt Bauman (2001), ao traduzir as relações modernas, inconstantes, cheias de mudanças e, por vezes, imprevisíveis. Tudo é a síntese do querer embalsamado na *Sessão da Tarde* (2018, P. 57), na qual o encontro é a interiorização recíproca de um no outro.

Para Deleuze e Guattari, quaisquer que sejam os gêneros artísticos (literatura, música, escultura, pintura), os artistas se expressam por meio das sensações. Para eles, a sensação remete a um devir, já que implica em um “tornar-se”:

O artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá. Não é somente em sua obra que ele os cria, ele os dá para nós e nos faz transformar-nos com ele. (Deleuze; Guattari, 1992, p. 227 – 228).

Dentro dessa proposta, tem-se, na obra de Franck Santos, “Os Mapas Sinalizam Ilhas Submersas”, uma produção de sentidos em que autor e leitores agem por meio das sensações para o alcance de um vir a ser para tornar-se. Pode-se, pois, ficar o tempo que se quiser nas ilhas submersas e encher-se de novas poesias as poesias sinalizadas nos mapas. Todos podem. O importante é a transformação causada pela tradução das sensações. Afinal, todos têm suas ilhas, suas terras e mares; e, ainda que não estejam mapeados, traduzem-se nesses perceptos trazidos à baila pela poeta Franck Santos. Todos os leitores, certamente, afetados, mexidos, tocados. Todos prontos para se transformarem na máquina de produção de afetos... Os mapas sinalizam...

03 CONCLUSÃO

Assim, dentro desta pequena análise do livro de Franck Santos, observa-se quão grande é o fenômeno literário para a construção de sentidos. Esse tema recorrente da *ausência* na obra de Franck (grifo nosso), mesclada de lembranças e despedidas, também se incorpora à falta que esvazia a palavra, por conta da falta que há no mundo e nas coisas. Mas, como bem o disse Blanchot (2011, p. 50):

Todo escritor, todo artista conhece o momento em que é rejeitado e como que excluído pela obra em curso. Ela mantém-no à margem, está fechado o círculo em que ele não tem mais acesso a si mesmo, onde ele, entretanto, está encerrado, porque a obra, inacabada, não o solta.(...)

Uma obra está concluída, não quando o é, mas quando aquele que nela trabalha do lado de dentro pode igualmente terminá-la do lado de fora.

Franck Santos cria sua poesia dentro daquilo que Blanchot denominou de palavra performativa, porque ela se duplica, atuando de forma dúbia, afirmando-se e negando-se, pronta para ser interpretada, construída, desconstruída, reconstruída, mesmo depois de acabada, mesmo sem o autor.

Conforme acentua Compagnon (2010, p. 251), “o objetivo da teoria é, na verdade, desconsertar o senso comum”. Contudo, observado o universo das correntes literárias, tem-se um leque de caminhos a seguir para a decifração de uma obra literária, sempre à espera de novas interpretações e desconstruções. Mas é preciso abraçar o que se pode alcançar.

A teoria da literatura, como toda epistemologia, é uma escola de relativismo, não de pluralismo, pois não é possível deixar de escolher. Para estudar literatura, é indispensável tomar partido, decidir-se por um caminho, porque os métodos não se somam, e o ecletismo não leva a lutar algum. (COMPAGNON, 2010, p. 156)

Assim, abordaram-se aqui, para análise dos textos poéticos, duas visões filosóficas. Ademais, os filósofos sobre os quais foram levantados os pressupostos teóricos aqui expendidos (Bachelard e Deleuze) apresentam novas vias para a conciliação da relação entre transcendência e imanência dentro da filosofia, mormente no que tange às suas ideais voltadas para um equilíbrio ligado à terra, ou seja, aproximações observadas na perspectiva espacial e geofilosófica de ambos os autores. Essa contiguidade contribuiu consideravelmente para tornarem-se leves as análises aqui expostas. Ambos os autores trabalham conceitos que se estendem desde a filosofia do animal até a crítica da estruturalidade do mundo, abrindo espaço para a observação do fenômeno da casa e da paisagem, que também são imagens recorrentes na obra do poeta Santos.

O que se deixa aqui, como conclusão de um trabalho de teoria literária, é a certeza de que a poesia também propicia essa possibilidade de viajar na fenomenologia dos espaços, seja pela via “clínico-filosófica” das viagens submarinas em busca das ilhas submersas, seja pela via dos espaços mais terrenos, dentro das casas e gavetas, de onde se extraem as lembranças e amores passados; ou ainda dentro das

conchas, nas quais se protegem os sonhos e uma necessidade de solidão que, paradoxalmente, busca a companhia do outro, como a terra busca o mar, e o mar a terra, na incessante procura de sua completude. É a poesia do humano que se propaga em outro sistema: o geográfico; é a literatura e a geografia criando um só espaço para habitação; é a prosa que permite ser poesia para se transformar em prosa poética; é a prosa geograficamente humana no horizonte da poesia, com a qual Franck Santos presenteia o leitor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)

BLANCHOT, Maurice, 1907-2003. O espaço literário/Maurice Blanchot; tradução Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum/Antoine Compagnon; tradução de Cleonice Paes Barreto Moura, Consuelo Fortes Santiago. 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DELEUZE, Gilles. A Ilha Deserta E Outros Textos: Textos e entrevistas (1953-1974). Edição preparada por David Lapoujade. Trad. Brasileira. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. O que é a Filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

ERLINDA MARIA BITTENCOURT

HOMENAGEM AO HISTORIADOR CAXIENSE: CÉSAR AUGUSTO MARQUES: 196 ANOS DE SEU NASCIMENTO

Caxiense, médico, historiador, geógrafo, conterrâneo, para o orgulho maranhense e brasileiro foi o teu perfil;

Excelência na historiografia do Maranhão e Brasil te tornastes;

Sócio ativo e assíduo do IHGB e seu 3º Vice-presidente da instituição, fostes;

Augusto José Marques, boticário, português, eram: nome, profissão e nacionalidade de teu pai;

Realizastes enquanto médico, inúmeras pesquisas para a área da saúde e enquanto estudioso da história, total dedicação para a história da pátria;

Artes, colégio em Coimbra, em que prestastes exames preparatórios e em todos lograstes pleno êxito;

Uma filha, a baiana Eugênia Laura Evangelina Marques;

Gozastes de muitas e merecidas premiações por tua vasta produção acadêmica, pois desde cedo, em 1852, publicavas duas traduções do francês “provas de existência do outro mundo, fundadas sobre a natureza, história, filosofia e religião” e “Conquistas da Religião Cristã”;

Um cidadão poliglota, dominavas, além do português, espanhol, os idiomas francês e inglês;

Sábio, após o cansaço do vai e vem de muitas transferências e pouco tempo de permanência em várias províncias do norte, por força da condição militar, pedistes baixa da corporação, e fixando-se em São Luís-Maranhão, conciliastes com mais tranquilidade, a função de médico e o teu ofício de historiador;

Tivestes do segundo casamento, com Rita de Cássia Marques, outros dois filhos: Augusto José Marques e João Batista Augusto Marques;

O famoso dicionário Histórico-Geográfico teve sua segunda edição em 1970, em 2009 ganhou sua terceira edição, revista e ampliado pelo escritor Jomar Moraes (in memoriam) – ex-presidente da Academia Maranhense de Letras – AML.

Maria Feliciano Marques, era o nome de tua Mãe e Maria Joaquina Régis, tua primeira esposa. osa e companheira,

Almanaque Histórico de Lembranças Brasileiras (1861), foi tua primeira produção historiográfica, de uma série de três, sendo as duas outras (1862 e 1868);

Realizastes inúmeras obras, todas com afinco, determinação e cientificidade;

Quanta pesquisa densa, pioneira, importantes; quantos cargos exercidos com honra e rigores do momento;

Uma preciosidade para os historiadores foi o monumental Dicionário Histórico- Geográfico da Província do Maranhão (1870);

Emérito cidadão, um exemplo de amor e de respeito à terra natal, destes;

Seu imensurável e transcendental histórico da cidade de Caxias, do Maranhão e também do Brasil, resultam do legado de tuas pesquisas. Residindo posteriormente na capital do império, onde publicastes “A província do Maranhão, breve memória (1876).” “Setenta e três anos já completados, te despedistes fisicamente de todos nós, pois em 5 de outubro de 1900, na casa de teu filho João Batista, no Rio de Janeiro dissestes o teu adeus, porém vives.



FLAVIOMIRO SILVA MENDONÇA

(Historiador)

SÃO BONIFÁCIO: RELÍQUIA DE UM SANTO MEDIEVAL NA MISSÃO DOS JESUÍTAS EM TERRAS MARANHENSES

Antes de iniciarmos nosso objeto de estudo, devemos: 1) resaltar a importância das imagens (e relíquias, também) para a propagação do cristianismo dentro da metodologia da Igreja Católica, e; 2) a significação das relíquias dentro da cultura religiosa medieval.

Durante muitos séculos, dentro do cristianismo, foi discutida a utilização ou não das imagens no seu ritual litúrgico. De um lado existiam defensores de ícones e do outro, os contrários assim denominados iconoclastas. Somente com o II Concílio de Nicéia, no ano de 787, foi justificado “o culto dos ícones tanto de Cristo, quanto de Maria, dos anjos e dos santos”(CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1997: 560). O Catecismo esclarece que: “A honra prestada às santas imagens é uma veneração respeitosa, e não uma adoração, que só compete a Deus” (Id ibid: 561). E acrescenta que: “A iconografia cristã transcreve pela imagem a mensagem evangélica que a Sagrada Escritura transmite pela palavra (Id ibid: 326).

De uma forma sensata foram condenados tanto aqueles que recusavam quanto aqueles que exageravam a utilização das mesmas em seu culto, conforme relata Duby: “Foram condenados tanto o iconoclasmo, quer dizer, a destruição e a recusa das imagens, como a indulgia, adoração de imagens (DUBY, 1994: 45).

Mas como ao longo dos anos, personagens excepcionais dentro do cenário cristão foram ganhando destaque? Para entendermos melhor o assunto em discussão Duby afirma que os heróis da antiguidade pagã foram substituídos pelos novos heróis, que são os mártires, que “nos primeiros séculos da cristianização, consiste em dar sua vida para o Deus dos cristãos” (id ibid: 41).

Assim, a veneração aos santos tornou-se muito popular e com medo de sua banalização, o papa Inocêncio III, no ano 1199, determinou algumas condições para que o cristão fosse canonizado. Deveria ser provada “obras de piedade em vida e manifestação de milagres após a morte” (FRANCO JÚNIOR, 2001: 103).

Paralelamente à veneração dessas pessoas santificadas, foram também veneradas suas relíquias, que podem ser partes do corpo ou objeto que estiveram em sua posse. Franco Júnior (2001) aponta que no imaginário das pessoas, as relíquias representam a principal espécie de amuleto cristão e “Sendo

fragmentos materiais do mundo divino, as relíquias protegem seus possuidores, sacralizam o local em que se encontram, atraem conforme sua importância multidões que vão venerá-las (peregrinação)” (p. 258).

Esse ato de veneração de relíquias também foi algo de discussão durante o Concílio de Latrão, em 1215, que determina que a veneração tem que ter autorização do papa “fosse elas conhecidas há muito ou descobertas recentemente” (Id ibid: 104).

Também devemos considerar que: “O culto das relíquias levou a promoção de lugares de relíquias célebres. Foi no caso de São Martinho de Tours e, sobretudo, o dos apóstolos Pedro e Paulo em Roma. O culto das relíquias gerou peregrinações e ligou as populações do extremo ocidente entre elas, mas sobretudo, foram organizadas em etapas e em redes” (LEGOFF, 2007: 44).

As relíquias também faziam parte da cerimônia dos laços feudo-vassálicos que eram estabelecido em três atos:

“O primeiro era a homenagem, o ato de um indivíduo tornar-se ‘homem’ de outro. O segundo era a fidelidade, juramento feito sobre a bíblia ou relíquias de santos e muitas vezes selado por um beijo entre as partes. O terceiro era a investidura pela qual o indivíduo que se tornava senhor feudal entregava ao outro, agora vassalo, um objeto (punhado de terra, folhas, ramo de árvore etc.) simbolizar do feudo que lhe concedia” (FRANCO JÚNIOR, 2001: 125).

Ainda no final do século X, a igreja promoveu a Paz de Deus, onde os guerreiros faziam juramentos diante de relíquias que respeitassem as igrejas e o clero, assim como os bens das pessoas humildes (Id ibid: 99).

A crença a relíquias de santos, alguma vezes chegava aos extremos como no caso de São Romualdo e Santa Isabel da Hungria:

“Por volta no ano 1000, os camponeses da Itália Central pensaram e matar São Romualdo para se apoderar de seus ossos santos. No começo do século XIII, enquanto Santa Isabel da Hungria não era enterrada, a multidão cortou seu cabelo, unhas e partes do corpo e da roupa, para obter assim as sempre desejadas relíquias” (Id ibid: 212).

BONIFÁCIO, SANTO E MÁRTIR

Filho de uma família abastada, Winfrid nasceu em 672, Crediton, Inglaterra. Entrou na vida clerical contra a vontade do pai. Recebeu o nome de Bonifácio (aquele que faz o bem) e foi enviado à Germânia, uma parte da Europa até então considerada bárbara, com a missão de evangelizar e organizar a Igreja Católica.

No ano de 723 derrubou um carvalho considerado sagrado a Thor, filho de Odin, deus da mitologia nórdica, e da extração de sua madeira construiu uma capela. Esse ato foi considerado como o início formal da cristianização na Germânia.

Morreu no dia 05 de junho de 754, aos 84 anos, por pagãos. Ele é tanto venerado pela Igreja Católica Romana quanto pela Ortodoxa.

RELÍQUIA DE SÃO BONIFÁCIO EM TERRAS MARANHENSES

Os jesuítas fizeram várias tentativas malsucedidas de se fixar na região amazônica durante a primeira metade do século XVII. ARENZ e SILVA(2011) nos mostra que:

“O primeiro grupo de religiosos, que aportou em São Luís, no dia 23 de novembro de 1652, contou com onze missionários, entre os quais os padres Francisco Velloso e João Souto Maior. Mas somente a partir do dia 16 de janeiro de 1653 – data da chegada do padre Antonio Vieira -, a Missão do Maranhão começou a ser efetivamente reativada” (p. 21)

Meireles (2001), relata o episódio da chegada dos jesuítas em 1652, quando Baltazar de Sousa Pereira, governador da Capitania de São Luís em:

“ (...) mais de 15 dias de governo (...) teve que emprestar o prestígio de sua autoridade à magnífica solenidade da transladação, de bordo para a igreja dos jesuítas, dos ossos dos mártires santo Alexandre e são Bonifácio trazidos de Lisboa pelo padre Sottomayor, e os quais haviam sido mandados de Roma, pelo papa Urbano VII, para que fossem enviados, como relíquias, a cada uma das capitânicas do Grão-Pará e Maranhão, respectivamente. Os restos de são Bonifácio ficaram com os jesuítas até 30 de julho de 1699, quando foram transferidos para a Igreja de N. Sra. Da Luz, não sabendo ao certo o seu paradeiro atual” (p. 99)

A relíquia, que é um fragmento de um osso de São Bonifácio está no peito de uma imagem relicário do mesmo santo, de madeira policromada e do tamanho de 66 cm. A sua veste é de soldado, apesar do santo nunca ter exercido tal função. Provavelmente, uma alusão ao combate espiritual, onde o paganismo é o inimigo.

Pelas mãos dos próprios padres Jesuítas, esta imagem chegou até a Baixada Maranhense para contribuir na difusão do cristianismo na Missão de Nossa Senhora da Conceição do Maracu (que mais tarde seria elevada a categoria de Vila de Viana em 1757). ARENZ e SILVA (2011) deixam evidente que: “Ao fundar um aldeamento, os jesuítas optaram geralmente por um lugar estratégico na região de várzea, às margens de um rio navegável e próximo à floresta, condições ideais para a coleta de drogas do serão, a produção extensiva e a troca de produto” (p. 34).

Durante cinquenta anos, a imagem ficou exposta no altar mor da capela da Fazenda de São Bonifácio, de propriedade desses religiosos, às margens do Igarapé do Engenho (Viana). Essa fazenda, de criação de gado, em 1730 foi a principal fonte de receita do Colégio de São Luís.

Já no final do século XIX, a imagem do santo já se encontrava em Penalva, e permaneceu até 2007, sob a guarda carinhosa do monsenhor Wilson Cordeiro. Ao saber dos misteriosos desaparecimentos de obras sacras da Diocese de Viana, o padre se dispôs a proteger a peça dentro de um caixote, debaixo de sua cama, durante 33 anos. Algumas pessoas afirmam que o próprio bispo da década de 1970, Dom Adalberto estaria envolvido em tráfico de obras sacras raras.

No dia 05 de junho de 2007, no seminário de Viana de mesmo nome do santo, localizado a Praça da Bíblia, em São Luís foi celebrada uma homenagem a São Bonifácio. Na oportunidade desta celebração, a Diocese de Viana (titular da imagem), o Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural, Paisagístico e do Meio Ambiente de Viana, a Academia Vianense de Letras, a Secretaria de Estado da Cultura e o Museu Histórico assinaram um termo de comodato para a guarda da imagem, que ficou sob a responsabilidade do Museu, em período determinado no contrato. Hoje está completamente restaurada e se encontra no Museu de Arte Sacra do Maranhão.

BIBLIOGRAFIA

ARENZ, Karl Heinz; SILVA, Diogo Costa. “Levar a luz de nossa santa fé aos sertões de muita gentildade”: fundação e consolidação da Missão Jesuítas na Amazônia Portuguesa (século XVII). Belém: Editora Açai, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 9ª ed. Edições Loyola Petrópolis, RJ: Edições Loyola: 1998.

CAZUMBÁ, São Luís, nº 51, jul./2008, p. 11.

DUBY, Georges. As três ordens ou o Imaginário do Feudalismo. 2ª edição. Lisboa: Editora Estampa: 1994.

LE GOFF, Jacques. As raízes medievais da Europa. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MEIRELES, Mário M. História do Maranhão. 3ª edição atualizada. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

SILVA F., Olavo Pereira da. Arquitetura Luso-brasileira no Maranhão. 2 ed. Belo Horizonte: 1998.

CENTENÁRIO DE ALMEIDA GALHARDO

[Centenário de Almeida Galhardo | O Imparcial](#)

Saiba quem foi o poeta que morreu aos 26 anos em um trágico acidente de avião.



Almeida Galhardo será um dos homenageados na Feira do Livro de São Luís deste anos, a FeliS. (Foto: Reprodução)

Por: Da Redação, com informações de Euges Lima 18 de Julho de 2022

Em 8 de agosto deste ano completará 74 anos do acidente de avião no então povoado da Forquilha, que vitimou dois pilotos: o poeta Almeida Galhardo e Alberto Fontoura Chaves, funcionário do [Banco do Estado do Maranhão](#) e piloto de avião.

Almeida Galhardo será um dos homenageados na Feira do Livro de São Luís deste anos, a FeliS.

Mas porque falar de Almeida Galhardo? Quem era ele?

Neste ano de 2022, é o centenário dele que era poeta, piloto de avião e jornalista. Galhardo trabalhou nos [Diários Associados](#), matutino que inclusive deu a cobertura do acidente que o levou à morte e que é considerado, segundo o historiador, professor e membro efetivo do IHGM, Euges Lima, o segundo acidente do gênero em São Luís.

No artigo “1948: O acidente aéreo que abalou São Luís”, Euges Lima discorre sobre as últimas horas do poeta. “6 de agosto de 1948... Almeida Galhardo estava no seu quarto, pensativo, na república onde morava, no Centro de São Luís, compondo mais um de seus sonetos. Seu plano, era em breve, assim que conseguisse recursos financeiros suficientes ou apoio, publicar seu primeiro livro de poemas, alguns já bem conhecidos, como Cruz de Ouro e Gaiovotas, publicados anteriormente em jornais da cidade. Quando de repente, chega uma carta vinda da sua cidade natal – a longínqua e paradisíaca Tutóia – informando que sua mãe, Dona Joaquina, não passava nada bem e teria ido com urgência para a cidade de Parnaíba, no [Piauí](#), em busca de auxílio médico”.

Começava aí a saga para ver sua mãe com a maior urgência que pudesse haver. Naquela época, a maneira rápida pelo ar. Como Galhardo era aviador do estado do Maranhão, pediu emprestado ao deputado estadual Januário Figueiredo, seu avião monomotor “Aeronca” P.P. – R.Z.P. Camocim.

“8 de agosto... A aeronave não era nova e precisava de revisão, por isso, Galhardo, convida seu amigo e colega de Aeroclub, Betinho Chaves (Alberto Augusto Fontoura Chaves) para juntos revisarem o avião. Após o trabalho de revisão pelos pilotos, já durante à tarde, eles resolvem testá-lo e escolhem sobrevoar o então povoado da Forquilha (hoje, [Bairro da Forquilha](#)), área rural de São Luís, pois lá residiam algumas garotas conhecidas dos pilotos”.

Porém, uma pane no motor desestabiliza a aeronave e ela cai em meio a uma roça da região. A carcaça do avião ficou completamente danificada. “Almeida Galhardo, não resistiu e faleceu na hora com o impacto do avião no solo, no entanto, seu colega Betinho, ainda foi retirado dos destroços com vida, porém, não resistiu aos ferimentos e morreu ao dar entrada no pronto socorro”, conta Euges.

Almeida Galhardo tinha 26 anos, era jornalista, cronista esportivo – entusiasta do futebol maranhense -, poeta em ascensão e piloto de avião. Era bem conhecido no meio jornalístico e cultural da cidade, era membro do CCGC (Centro Cultural Gonçalves Dias), uma das mais importantes agremiações literárias da juventude ludovicense da época.

O velório dos dois amigos se deu na residência de Betinho, na Rua de Santana, n.º 478, próxima a uma fábrica de velas. De lá, saíram em cortejo fúnebre em direção ao Cemitério do Gavião, na Madre Deus, onde estão sepultados. Várias autoridades acompanharam o cortejo, inclusive, o então governador do estado, Sebastião Archer, além de um grande número de amigos e populares. Este ano, no dia dois de dezembro, será comemorado o centenário do poeta Almeida Galhardo, no dizer de Lago Burnett, “o poeta das gaivotas”.

“O poeta das gaivotas”



Embora muito jovem, deixou uma obra e uma história, que há muito esquecida, merece ser revivida e registrada. (Foto: Reprodução)

“O poeta das Gaivotas’, que tanto cantou a liberdade do vôo das gaivotas e o azul infinito do céu, que adorava voar, tragicamente e ironicamente, aos moldes dos poetas românticos, morreu jovem, em consequência de um acidente de avião no então povoado da Forquilha”, contou Euges.

Embora muito jovem e em início de carreira, deixou uma obra e uma história, que há muito esquecida, merece ser revivida e registrada.

Segundo Nascimento Morais Filho (1948): “Almeida Galhardo é incontestavelmente, um dos autênticos representantes da nova geração maranhense e o astro mais arrojado e o mais audacioso que possuímos nos últimos tempos”.

A obra do poeta

Francisco das Chagas Almeida Soares – Conhecido pelo pseudônimo de Almeida Galhardo, nasceu no dia 2 de dezembro de 1922, em Tutoia, Maranhão, era filho de Pedro Soares e Dona Joaquina de Almeida Soares. Residia em São Luís desde os 14 anos, quando veio estudar no Seminário Santo Antônio.

Em 1943, deixou o seminário e seguiu carreira como jornalista, cronista esportivo, poeta (centrista), ligado ao CCGD e mais recentemente como aviador. Era solteiro, não deixou filhos.

Seu poema mais famoso, “Gaivota” foi publicado dois dias após a sua morte, no Diário de São Luís em 10 de agosto de 1948. Sua obra e sua história é contada no “Almeida Galhardo – o poeta das gaivotas”, de José Carlos Ramos, que fez uma pesquisa sobre a vida dele, para que ele deixasse de ser o poeta esquecido.

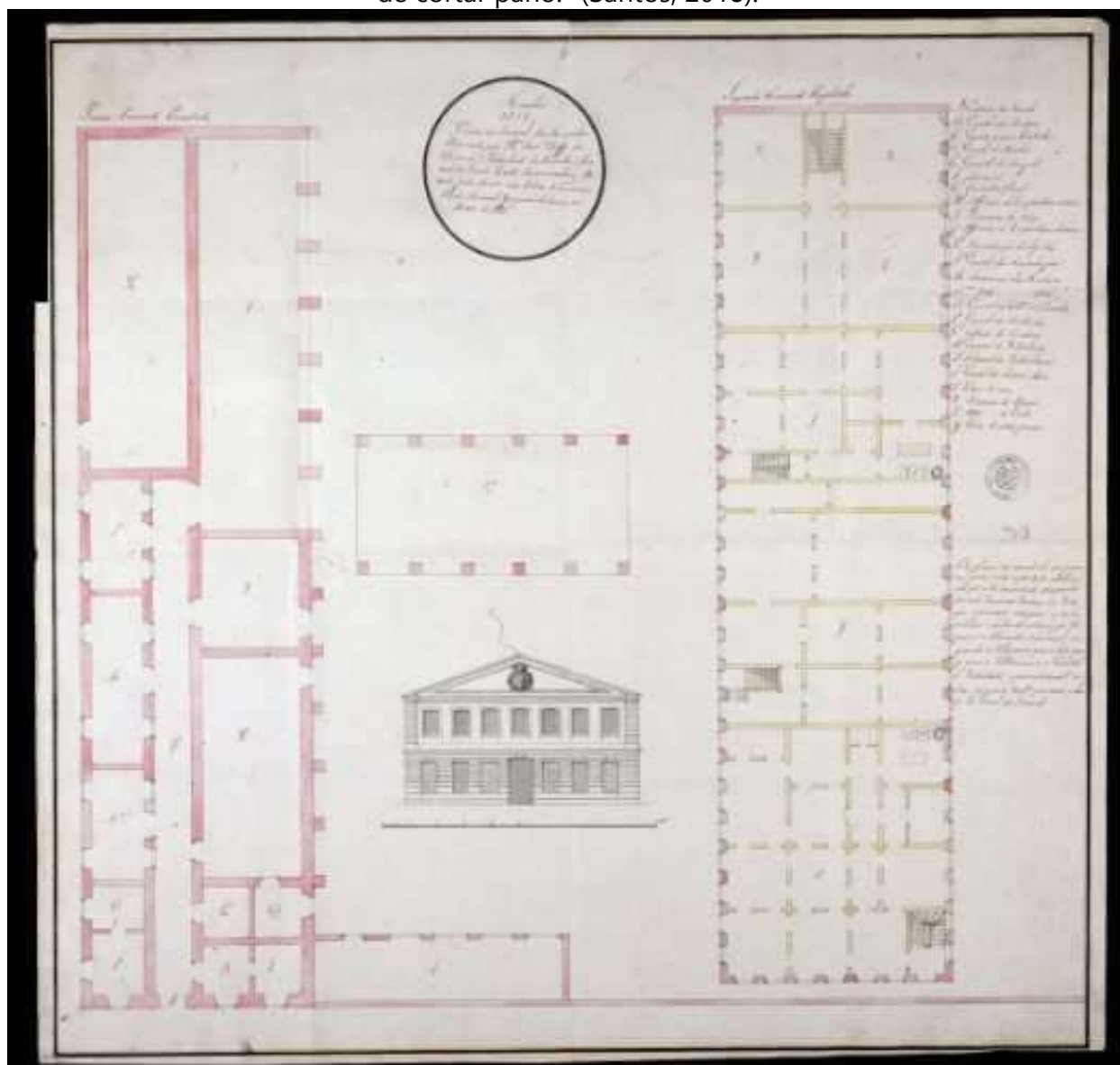
“Apesar dos jornais da capital terem noticiado a morte desse importante ícone da poesia tutoiense e o mesmo ter sido homenageado na sessão da Câmara de Vereadores de São Luís do dia 9 de agosto daquele ano, e ainda, por intelectuais da época como Lago Burnett, Fernando Lopes e outro, Almeida Galhardo ficou no anonimato por quase duas décadas após sua morte, inclusive em sua terra natal. Somente com a vinda do Padre Hélio Maranhão, em meados da década de 1960, que Tutóia ficou sabendo quem de fato teria sido Almeida Galhardo. Nos sites de pesquisas e nas bibliotecas pouco ou quase nada se encontra sobre o vate tutoiense”, escreveu o escritor, poeta, jornalista e professor de Língua Inglesa Antonio Gallas.

PLANO DO ARSENAL DA MARINHA DO MARANHÃO MANUEL JOAQUIM DE SOUSA, 1822

Pesquisa: [Anna Karla Almeida](#)

O lugar hoje ocupado pela Câmara dos Vereadores era, no século XIX, um estaleiro público chamado Arsenal da Marinha do Maranhão.

"Interessante notar que na cartografia de 1858 o local do arsenal assume o mesmo formato. Possuía além dos quartos para os militares, uma ferraria, uma "oficina para carpinteiros da terra", "oficina para carpinteiros do mar", um local para a arrecadação de algodão, armazém de pano e casa de cortar pano." (Santos, 2018).



A memória trabalha com sítios de arqueologia industrial que são colocados às margens do Rio Bacanga em São Luís, Maranhão, Brasil. A orla de São Luís está excluída do reconhecimento como patrimônio industrial. A cidade criou um meio de subsistência através do rio e através da dissipação nas áreas industriais que permeiam essa história e que têm sido chaves no desenvolvimento econômico urbano de São Luís.

O objetivo principal foi criar um projeto para valorizar o patrimônio industrial levando em conta a relação entre a cidade patrimonial, que tem a água como elemento de coesão para um processo de reconhecimento do ponto de vista paisagístico e urbano de seu complexo industrial através da gestão da paisagem cultural do patrimônio da cidade contemporânea. Para enfrentar esses desafios, será necessário investigar a história de uma perspectiva urbano-econômica da cidade de São Luís. Em seguida, ações contemporâneas para o aprimoramento da paisagem do patrimônio industrial em São Luís.

O marco temporal escolhido está no período da segunda metade do século XIX ao século XXI para abordar a história do desenvolvimento econômico em São Luís e identificar os principais polos industriais do território. O cenário espacial escolhido inclui a orla do Rio Bacanga e os 18 projetos de bandeira de interesse pelo patrimônio industrial no centro da cidade de São Luís e arredores.

O estado da arte trouxe de volta os principais ambientes que giram em torno dos temas-alvo dessa memória, utilizando o patrimônio paisagístico industrial e rotas culturais para o desenvolvimento local. Dessa forma, espera-se trazer com esta pesquisa a abertura do reconhecimento do patrimônio industrial em São Luís e sua paisagem para contribuir como referência para novas pesquisas sobre o tema;

LAURA ROSA, NOSSA VIOLETA DO CAMPO

JOSÉ NERES

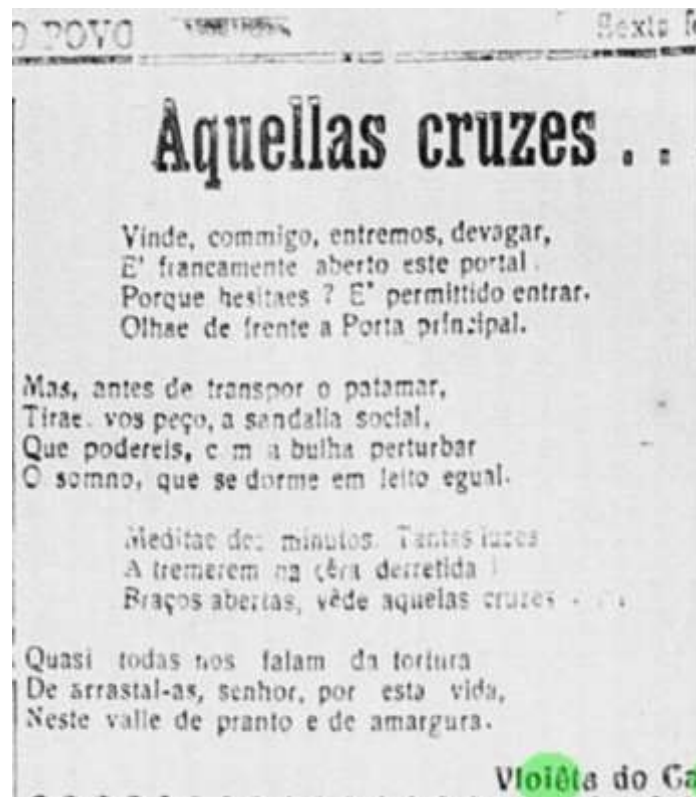


Imagem cedida pelo autor.

Para a professora Diomar das Graças Motta,

Para o poeta Wybson Carvalho:

dois pesquisadores da obra de Laura Rosa.

Há acontecimentos tão importantes para a sociedade como um todo que acabam eclipsando outras partes da biografia e até mesmo da obra de determinada pessoa. Foi isso que, de alguma forma, aconteceu com a poetisa e educadora Laura Rosa, escritora que adotou para si o pseudônimo de Violeta do Campo e que deixou importantes contribuições para a intelectualidade maranhense.

Filha da senhora Cecília da Conceição Rosa com um cidadão que assumiu a paternidade da criança, Laura Rosa nasceu em São Luís, no dia 1º de outubro de 1884, teve como padrinhos o casal formado pelo Dr. Antenor Coelho de Souza e a professora Lucília Wilson Coelho de Souza. Esse contato favoreceu sua formação intelectual, que foi fortalecida por imersões no mundo da leitura e por uma ativa colaboração em jornais e revistas.

No final de 1909, ela concluiu as aulas do Curso de Normal, colando grau no ano seguinte. Logo após o fim de suas aulas, foi convidada para ser uma das conferencistas de um evento comemorativo pelo 130º aniversário de fundação da Biblioteca Pública. Na ocasião, apresentou um trabalho intitulado “As Crianças”, no qual traçou um breve perfil histórico de como as crianças eram educadas ao longo dos tempos em diversas sociedades. No segundo momento, dava conselhos relativos a como as mães deveriam cuidar de seus filhos.

Dois anos depois, em 1911, publicou o livro de contos intitulado “As Promessas”. Segundo informações registradas na época do lançamento, os textos dessa obra eram dirigidos tanto ao público adulto quanto

ao juvenil. Com narrativas que conduziam a um fundo de moralidade e de noções sobre educação. Infelizmente, ainda não conseguimos encontrar exemplares desse livro, para um maior aprofundamento. Porém, a recepção da obra foi bastante calorosa, sendo recomendada para todos os públicos.

Logo após sua formatura, Laura Rosa passou em um concurso e foi designada para lecionar em uma escola mista no município de Caxias, onde ficou por alguns anos e estabeleceu muitos laços afetivos e profissionais. Depois conseguiu transferência para sua cidade de origem, onde ministrou aula por anos, até sua aposentadoria em 1944. Após o falecimento de sua madrinha, retornou para Caxias, onde novamente foi muito bem recebida e onde veio a falecer, no dia 14 de novembro de 1976, aos 92 anos.

Mesmo muito tendo contribuído para a educação e para a literatura do Estado, o nome de Laura Rosa atualmente é mais lembrado por haver sido ela a primeira mulher a ingressar nos quadros da Academia Maranhense de Letras, ao ser eleita para a Cadeira nº 26 da Instituição, no dia 03 de abril de 1943, e ser recepcionada por Nascimento Moraes duas semanas depois, no dia 17 de abril. Sempre discreta, em seu discurso de posse, preferiu silenciar totalmente sobre suas qualidades humanas e literárias e tecer elogiosos comentários ao patrono da Cadeira, o escritor Antônio Lobo, que havia sido seu professor durante sua formação para exercer o magistério.

Porém, um pouco do brilho dessa escritora foi destacado por seu sucessor na AML, o professor José Jansen Ferreira, que foi seu colega nas aulas de inglês e que lamenta o fato de os originais da primeira ocupante daquela cadeira não haver sido localizada para ser publicado, já que o anunciado livro de poemas “Castelos no Ar” (ou “Bolhas no ar” – conforme alertou o professora Clóvis Ramos em um de seus estudos) jamais foi localizado.

Os trabalhos de Laura Rosa permaneceram no ostracismo durante muito tempo. Até que a professora Diomar das Graças Motta, em sua tese de doutoramento, recuperou parte da obra e da biografia da escritora, recolhendo, posteriormente, e publicando em forma de livro a conferência “As Crianças” (Edufma, 2017, 53 páginas) e alguns de seus poemas dispersos em jornais e revistas, sob o título de “Poesia Reunida de Laura Rosa” (Edições AML, 2016, 84 páginas).

No entanto, é sabido que vários dos poemas de Laura Rosa ainda podem ser localizados em jornais, assim como parte de sua prosa, que ainda não foi explorada e quem sabe um dia pode ser resgatada e transformada em obras que deleitem os admiradores dessa escritora que precisa ser mais lida e analisada.

Um exemplo disso é o poema “aquelas Cruzes...” – publicado no Jornal “A Folha do Povo”, de 05 de novembro de 1925, e no qual a escritora mostra a todos nós, de modo bastante simbólico, quão efêmera é a vida e o caminho que invariavelmente será percorrido por todos os seres humanos.

AQUELAS CRUZES...

Laura Rosa (Violeta do Campo)

Vinde comigo, entremos devagar,

É francamente aberto este portal.

Por que hesitais? É permitido entrar.

Olhai de frente a Porta principal.

Mas, antes de transpor o patamar,

tirai, vos peço, a sandália social.

Que podereis, com uma bulha perturbar

o sono, que se dorme em leito igual.

Meditai dez minutos. Tantas luzes

a tremerem na cera derretida!

Braços abertos, vede aquelas cruces...

Quase todas nos falam da tortura

de arrastá-las, senhor, por esta vida,

Neste vale de pranto e de amargura.

A ADESÃO DO MARANHÃO À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

ROGÉRIO HENRIQUE CASTRO ROCHA



O dia de hoje, 28 de julho, comemorado como feriado estadual, demarca na história o dia em que, no ano de 1823 - após vários levantes e a oposição de grande resistência - o estado do Maranhão aderiu à Independência do Brasil.

Os questionamentos que proponho que nos façamos aqui são os seguintes: houve mesmo adesão do Maranhão à independência do Brasil? Seria esse o termo mais apropriado para definir o que historicamente ocorreu em nosso estado?

Em primeiro lugar, vale destacar que a assim chamada "adesão" do Maranhão à Independência do Brasil ante Portugal não aconteceu através de um gesto espontâneo. Logo, não se deu de forma livre da parte daqueles que comandavam o estado colonial à época.

Em segundo lugar, seguindo-se o mesmo raciocínio constante na afirmação inicial, se não houve concordância expressa livremente, não houve, pois, um assentir, ou seja, não houve um consentimento do Maranhão para com o panorama que se configurava ao resto do país.

Isto posto, podemos afirmar que a palavra adesão, em sentido estrito, não é a melhor expressão linguística para dizer o que se passou naquele período da história. Ademais, o que se caracterizou claramente, desde o início, foi, antes de tudo, resistência e oposição (nunca adesão).

Mesmo porque aderir é uma ação propositiva, concordancial, um ato de assentimento a determinada realidade. E o Maranhão efetivamente não aderiu (e possivelmente demoraria bem mais a aderir) à independência do Brasil em relação à Coroa Portuguesa.

Por isso, em vez de adesão, proponho adotarmos a expressão utilizada por Marcelo Cheche Galves (2011) em seus estudos, e que, ao meu ver, descreve perfeitamente o fenômeno histórico-social analisado, qual seja, o que houve foi a gradativa "incorporação simbólica do Maranhão ao novo corpo político que se delineava".

Naquelas circunstâncias, portanto, o Maranhão foi incorporado ao movimento de independência (e não aderiu a ele). E mais: essa incorporação não deu-se efetivamente, mas apenas simbolicamente, visto que o sentimento de não pertencer àquele novo quadro situacional permaneceu ainda arraigado na opinião pública maranhense por um tempo considerável.

A título de aprofundamento, aos curiosos, e a fim de buscar entender as razões pelas quais teimava nosso estado em não desvencilhar-se do Estado Português, seria fundamental consultar as fontes documentais existentes no Arquivo Público do Estado do Maranhão, que conserva vários documentos que retratam a situação política da época, bem como no período pós-independência.

Recorrendo-se aos documentos (originais e secundários), sobretudo cartas trocadas entre o governo local e as autoridades de dentro e fora do estado colonial português, pode-se perceber de que forma se desenrolaram as lutas e quais interesses estavam subjacentes à posição maranhense.

No Maranhão do início do século XIX as elites agrícolas e pecuaristas eram fortemente ligadas à Metrópole. Naquele período o estado era uma das regiões mais ricas do país, vivendo uma fase de relativa pujança econômica, com a presença de intenso tráfego comercial com os portugueses, além de existirem fortes laços políticos com a Coroa.

Por ocupar uma posição geográfica privilegiada, mais próxima da Europa, o acesso marítimo a Lisboa tornava-se mais facilitado do que com o sul do país, razão pela qual, por exemplo, os filhos dos comerciantes mais prósperos eram, quase sempre, mandados à Europa, muitos deles fazendo todos os seus estudos escolares e universitários em instituições de ensino de Portugal.

Outro traço que ajuda a contextualizar o que era o Maranhão daquele tempo - e que nos permite entender melhor a razão de sua resistência à ideia de desvincular-se do domínio português - é o de que nossa região era por demais conservadora e, geralmente, avessa às ordens que partiam do Rio de Janeiro, então principal e mais importante cidade do Brasil e centro do poder do Império do Brasil convertido à independência.

O governo provincial pregava a permanência do Maranhão sob o jugo português, posição essa que se reforçava ainda mais ante a quase inexistência, no seio da sociedade maranhense, de oposição à tese. Fato este também firmado no teor das publicações da imprensa da época, principalmente a da cidade de São Luís, que não só sustentava essa visão anti-separatista, como, de parte da opinião pública, diziam seus cidadãos serem "verdadeiros portugueses".

Segundo nos informa o professor Marcelo Galves, para além das motivações de ordem político-ideológicas,

O que estava mesmo em jogo era a indicação para cargos públicos e a obtenção de privilégios. Na época, São Luís tinha cerca de 30 mil habitantes. A população masculina, adulta e branca, não chegava a quatro mil pessoas. Entre elas estavam os "homens de bem": importantes fazendeiros e comerciantes que tinham relação próxima com o governo provincial, e por vezes chegavam a ocupar cargos públicos. Em sua maioria, eram membros do Corpo de Comércio e Agricultura da cidade. (GALVES, Marcelo Cheche. Independência é traição. Revista de História da Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 2008.)

Naquele tempo, uma Junta Governativa fiel às ordens vindas de Lisboa controlava a região do vale do rio Itapecuru, onde estava situada a vila de Caxias, uma das principais cidades do estado atualmente. Foi lá, em Caxias, que o major Fidié (João José da Cunha Fidié) e seus comandados resistiram ao avanço das tropas do Império, após a derrota na Batalha do Jenipapo, travada no vizinho estado do Piauí.

Fidié, após resistir por alguns dias com seus soldados aos ataques das tropas imperiais, situados no morro do Alecrim (parte mais alta da cidade de Caxias), teve que capitular, sendo preso e depois mandado de volta a Portugal, onde foi recebido como herói.

São Luís, como tradicional reduto português que era, foi bloqueada por mar e ameaçada de bombardeio pela esquadra do almirante escocês Thomas Alexander Cochrane (o Lord Cochrane), sendo forçada a aderir à Independência em 28 de julho de 1823.

No Brasil, mais especificamente, Cochrane foi crucial nos trabalhos prestados ao imperador D. Pedro I, a quem foi indicado por José Bonifácio de Andrada e Silva, então ministro das relações exteriores. Seus valorosos serviços lhe renderam, dentre outras reverências, o título de Marquês do Maranhão. Título que se vê inscrito na lápide do túmulo onde encontra-se enterrado, na Abadia de Westminster, em Londres.

Lord Cochrane foi, por sinal, um personagem importantíssimo nas lutas de independência na América do Sul, tendo participado das campanhas de libertação do Chile e Peru, a pedido destes governos, com feitos memoráveis, tendo sido contratado para ajudar a combater as forças que resistiam aos processos de independência em curso nesses países.

Um detalhe interessante é que somente em 7 de Agosto de 1823 foi assinado o termo oficial de Adesão do Maranhão à independência brasileira, na Igreja da Matriz, no centro da cidade Caxias. Ou seja, a adesão maranhense como um todo, se levarmos em conta a referência histórica acerca da data de assinatura do citado documento em Caxias, foi, a bem da verdade, ainda mais tardia que a data hoje simbolizada pelo feriado estadual.

Como bem descreve Galves, ilustrando o clima de tensão que viveu nosso estado, afirma que

Em julho de 1823, uma Câmara Geral reunida em São Luís oficializou a "adesão" da província ao Império brasileiro. Após as formalidades que a ocasião ensejava seguiu-se um espinhoso processo de legitimação do novo centro de autoridade na dinâmica política provincial. A "adesão" - resultado do avanço das tropas oriundas do Ceará e Piauí e do desembarque, em São Luís, liderado pelo almirante Cochrane ante a resistência dos "portugueses" da província - deixou marcas profundas. Da Corte, não tardaram a chegar outras medidas de força, como o reenvio de tropas em 1824, a demissão do presidente da província no final do mesmo ano, e a prisão/julgamento, nos tribunais do Rio de Janeiro, de dezenas de envolvidos nos tumultos que agitaram a cena provincial. (2011, p. 106)

Apesar da proclamação da independência do Brasil em relação a Portugal, todo o legado colonial foi mantido sem que houvesse, de fato (mas apenas ao nível simbólico), uma ruptura histórica real para com o status quo ante. Pelo contrário. A escravidão, a monocultura e a monarquia permaneceram, bem como os demais privilégios que gozava a elite ligada ao poder.

Os anos que se seguiram (chegando aos nossos dias) foram ainda bastantes cruéis com o Maranhão, haja vista sua longa história de governos (e desgovernos) oligárquicos, que contribuíram negativamente para o atual momento do estado (e com reflexos decisivos em seu futuro), levando-o a um empobrecimento secular. Legado nefasto que lhe rende, ainda hoje, péssimos indicadores sócio-econômicos dentro do nosso país.

Referências:

GALVES, Marcelo Cherche. "Aderir, "jurar" e "aclamar": o Império no Maranhão (1823-1826). Almanack. Guarulhos, n. 01, p. 105-118, 1º semestre 2011.
<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/independencia-e-traicao>
<http://www.maranhaodagente.com.br/adesao-maranhao-independencia-entenda-o-feriado-de-hoje/>
http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/lorde_cochrane_marques_maranhao.html
http://cultura.ma.gov.br/portal/sede/index.php?page=noticia_extend&loc=apem&id=13

APÓS VÁRIOS LEVANTES E OPOSIÇÃO DE GRANDE RESISTÊNCIA, O MARANHÃO ADERE À INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.

ROGÉRIO ROCHA.



Rogério Rocha, APB

A adesão do Maranhão à Independência do Brasil

Por Rogério Henrique Castro Rocha, membro da Academia Poética Brasileira

(Recuperado do <https://rogeriohenriquerocha.blogspot.com/> com autorização do autor).

O dia de hoje, 28 de julho, comemorado como feriado estadual, demarca na história o dia em que, no ano de 1823 - após vários levantes e a oposição de grande resistência - o estado do Maranhão aderiu à Independência do Brasil.

Os questionamentos que proponho que nos façamos aqui são os seguintes: houve mesmo *adesão* do Maranhão à independência do Brasil? Seria esse o termo mais apropriado para definir o que historicamente ocorreu em nosso estado?

Em primeiro lugar, vale destacar que a assim chamada "adesão" do Maranhão à Independência do Brasil ante Portugal não aconteceu através de um gesto espontâneo. Logo, não se deu de forma livre da parte daqueles que comandavam o estado colonial à época.

Em segundo lugar, seguindo-se o mesmo raciocínio constante na afirmação inicial, se não houve concordância expressa livremente, não houve, pois, um assentir, ou seja, não houve um consentimento do Maranhão para com o panorama que se configurava ao resto do país.

Isto posto, podemos afirmar que a palavra *adesão*, em sentido estrito, não é a melhor expressão linguística para dizer o que se passou naquele período da história. Ademais, o que se caracterizou claramente, desde o início, foi, antes de tudo, resistência e oposição (nunca adesão).

Mesmo porque aderir é uma ação propositiva, concordancial, um ato de assentimento a determinada realidade. E o Maranhão efetivamente não aderiu (e possivelmente demoraria bem mais a aderir) à independência do Brasil em relação à Coroa Portuguesa.

Por isso, em vez de *adesão*, proponho adotarmos a expressão utilizada por Marcelo Cheche Galves (2011) em seus estudos, e que, ao meu ver, descreve perfeitamente o fenômeno histórico-social analisado, qual seja, o que houve foi a gradativa "**incorporação simbólica** do Maranhão ao novo corpo político que se delineava".

Naquelas circunstâncias, portanto, o Maranhão foi **incorporado** ao movimento de independência (e não aderiu a ele). E mais: essa incorporação não deu-se efetivamente, mas apenas **simbolicamente**, visto que o sentimento de não pertencer àquele novo quadro situacional permaneceu ainda arraigado na opinião pública maranhense por um tempo considerável.

A título de aprofundamento, aos curiosos, e a fim de buscar entender as razões pelas quais teimava nosso estado em não desvincular-se do Estado Português, seria fundamental consultar as fontes documentais existentes no Arquivo Público do Estado do Maranhão, que conserva vários documentos que retratam a situação política da época, bem como no período pós-independência.

Recorrendo-se aos documentos (originais e secundários), sobretudo cartas trocadas entre o governo local e as autoridades de dentro e fora do estado colonial português, pode-se perceber de que forma se desenrolaram as lutas e quais interesses estavam subjacentes à posição maranhense.

No Maranhão do início do século XIX as elites agrícolas e pecuaristas eram fortemente ligadas à Metrópole. Naquele período o estado era uma das regiões mais ricas do país, vivendo uma fase de relativa pujança econômica, com a presença de intenso tráfego comercial com os portugueses, além de existirem fortes laços políticos com a Coroa.

Por ocupar uma posição geográfica privilegiada, mais próxima da Europa, o acesso marítimo a Lisboa tornava-se mais facilitado do que com o sul do país, razão pela qual, por exemplo, os filhos dos comerciantes mais prósperos eram, quase sempre, mandados à Europa, muitos deles fazendo todos os seus estudos escolares e universitários em instituições de ensino de Portugal.

Outro traço que ajuda a contextualizar o que era o Maranhão daquele tempo - e que nos permite entender melhor a razão de sua resistência à ideia de desvincular-se do domínio português - é o de que nossa região era por demais conservadora e, geralmente, avessa às ordens que partiam do Rio de Janeiro, então principal e mais importante cidade do Brasil e centro do poder do Império do Brasil convertido à independência.

O governo provincial pregava a permanência do Maranhão sob o jugo português, posição essa que se reforçava ainda mais ante a quase inexistência, no seio da sociedade maranhense, de oposição à tese. Fato este também firmado no teor das publicações da imprensa da época, principalmente a da cidade de São Luís, que não só sustentava essa visão anti-separatista, como, de parte da opinião pública, diziam seus cidadãos serem "verdadeiros portugueses".

Segundo nos informa o professor Marcelo Galves, para além das motivações de ordem político-ideológicas,

O que estava mesmo em jogo era a indicação para cargos públicos e a obtenção de privilégios. Na época, São Luís tinha cerca de 30 mil habitantes. A população masculina, adulta e branca, não chegava a quatro mil pessoas. Entre elas estavam os "homens de bem": importantes fazendeiros e comerciantes que tinham relação próxima com o governo provincial, e por vezes chegavam a ocupar cargos públicos. Em sua maioria, eram membros do Corpo de Comércio e Agricultura da cidade. (GALVES, Marcelo Cheche. Independência é traição. Revista de História da Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro, 2008.)

Naquele tempo, uma Junta Governativa fiel às ordens vindas de Lisboa controlava a região do vale do rio Itapecuru, onde estava situada a vila de Caxias, uma das principais cidades do estado atualmente. Foi lá,

em Caxias, que o major Fidié (João José da Cunha Fidié) e seus comandados resistiram ao avanço das tropas do Império, após a derrota na Batalha do Jenipapo, travada no vizinho estado do Piauí.

Fidié, após resistir por alguns dias com seus soldados aos ataques das tropas imperiais, situados no morro do Alecrim (parte mais alta da cidade de Caxias), teve que capitular, sendo preso e depois mandado de volta a Portugal, onde foi recebido como herói.

São Luís, como tradicional reduto português que era, foi bloqueada por mar e ameaçada de bombardeio pela esquadra do almirante escocês Thomas Alexander Cochrane (o Lord Cochrane), sendo **forçada a aderir** à Independência em 28 de julho de 1823.

No Brasil, mais especificamente, Cochrane foi crucial nos trabalhos prestados ao imperador D. Pedro I, a quem foi indicado por José Bonifácio de Andrada e Silva, então ministro das relações exteriores. Seus valorosos serviços lhe renderam, dentre outras reverências, o título de Marquês do Maranhão. Título que se vê inscrito na lápide do túmulo onde encontra-se enterrado, na Abadia de Westminster, em Londres.

Lord Cochrane foi, por sinal, um personagem importantíssimo nas lutas de independência na América do Sul, tendo participado das campanhas de libertação do Chile e Peru, a pedido destes governos, com feitos memoráveis, tendo sido contratado para ajudar a combater as forças que resistiam aos processos de independência em curso nesses países.

Um detalhe interessante é que **somente em 7 de Agosto de 1823 foi assinado o termo oficial de Adesão do Maranhão à independência brasileira**, na Igreja da Matriz, **no centro da cidade Caxias**. Ou seja, **a adesão maranhense** como um todo, se levarmos em conta a referência histórica acerca da data de assinatura do citado documento em Caxias, **foi**, a bem da verdade, **ainda mais tardia que a data hoje simbolizada pelo feriado estadual**.

Como bem descreve Galves, ilustrando o clima de tensão que viveu nosso estado, afirma que

Em julho de 1823, uma Câmara Geral reunida em São Luís oficializou a "adesão" da província ao Império brasileiro. Após as formalidades que a ocasião ensejava seguiu-se um espinhoso processo de legitimação do novo centro de autoridade na dinâmica política provincial. A "adesão" - resultado do avanço das tropas oriundas do Ceará e Piauí e do desembarque, em São Luís, liderado pelo almirante Cochrane ante a resistência dos "portugueses" da província - deixou marcas profundas. Da Corte, não tardaram a chegar outras medidas de força, como o reenvio de tropas em 1824, a demissão do presidente da província no final do mesmo ano, e a prisão/julgamento, nos tribunais do Rio de Janeiro, de dezenas de envolvidos nos tumultos que agitaram a cena provincial. (2011, p. 106)

Apesar da proclamação da independência do Brasil em relação a Portugal, todo o legado colonial foi mantido sem que houvesse, de fato (mas apenas ao nível simbólico), uma ruptura histórica real para com o *status quo ante*. Pelo contrário. A escravidão, a monocultura e a monarquia permaneceram, bem como os demais privilégios que gozava a elite ligada ao poder.

Os anos que se seguiram (chegando aos nossos dias) foram ainda bastantes cruéis com o Maranhão, haja vista sua longa história de governos (e desgovernos) oligárquicos, que contribuíram negativamente para o atual momento do estado (e com reflexos decisivos em seu futuro), levando-o a um empobrecimento secular. Legado nefasto que lhe rende, ainda hoje, péssimos indicadores sócio-econômicos dentro do nosso país.

Referências:

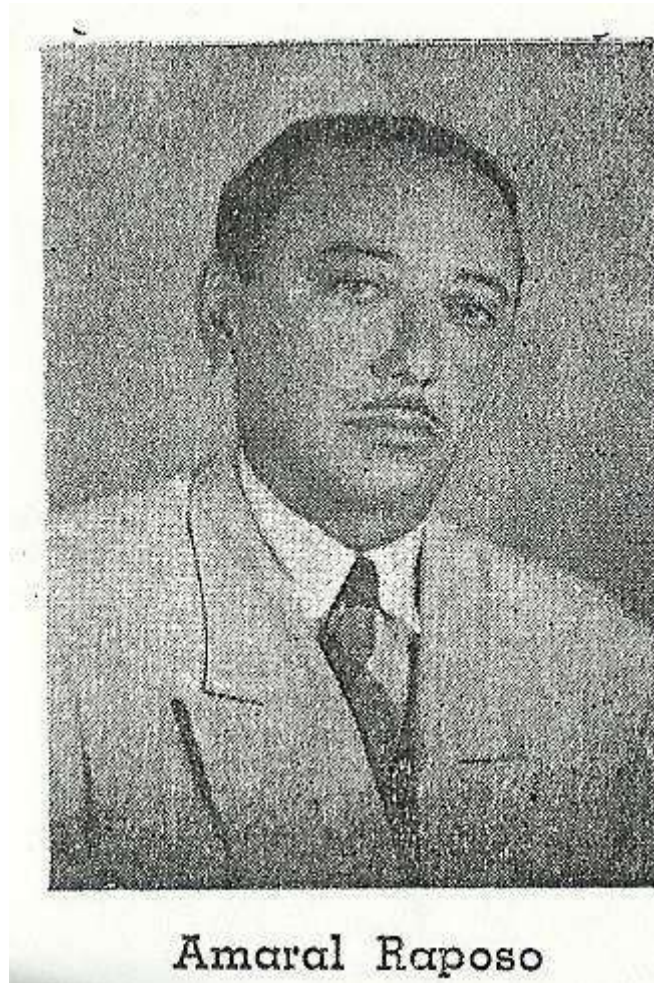
GALVES, Marcelo Cherche. "Aderir, "jurar" e "aclamar": o Império no Maranhão (1823-1826). *Almanack*. Guarulhos, n. 01, p. 105-118, 1º semestre 2011.

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/independencia-e-traicao>

<http://www.maranhaodagente.com.br/adesao-maranhao-independencia-entenda-o-feriado-de-hoje/>

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/lorde_cochrane_marques_maranhao.html

AMARAL RAPOSO, UMA LEGENDA!



FERNANDO BRAGA

José Raposo Gonçalves da Silva [Grajaú, Maranhão, 27 de maio de 1903 – 10 de abril de 1976] usava o pseudônimo de Amaral Raposo, e era, o que se pode dizer, com todas as letras, um homem extraordinário. Relembro Amaral com muita saudade, honrou-me com sua amizade, ensinou-me muitas coisas, me diverti com suas histórias e me fez ouvir muitas canções bonitas [músicas e versos seus] acompanhados pelos acordes que magicamente produzia em seu violão, companheiro inseparável de memoráveis serestas.

Filólogo, Amaral era um purista do nosso idioma, sempre na espreita para apontar alguma asneira que descobrisse em ultraje à língua em que Camões cantou o bravo peito lusitano e na qual também pediu esmolas, o que fez o professor Sebastião Jorge registrar: Amaral Raposo “não tolerava escorregões, nem pequenos deslizes por parte daqueles que se aventuravam em fazer acrobacias na superfície imaculada de uma página de jornal ou de um livro.”

Fernando Viana [escritor, médico e político maranhense] que tinha dentro do coração Amaral Raposo como seu heterônimo, tanto que, quando foi estudar Medicina na Bahia o levou a tiracolo, como companhia. Enquanto Fernando Viana estudava, o nosso Amaral tratou de arranjar um ‘bico’ no jornal ‘Correio da Tarde’ para pagar a pensão. Às noites Fernando Viana era envolvido com grossos volumes da Ciência de Hipócrates, enquanto Amaral dedilhava o doce e saudoso violão para deleitar o amigo. E assim foram os seis anos da formação do querido companheiro na cidade do Salvador. Um belo dia, Fernando

Viana, mandou para o próprio jornal em que o Amaral trabalhava o seguinte soneto que era um perfil irretocável do seu querido amigo.

Dizia assim:

“Mistura de filósofo e de cético, / na completa inversão de um dom Donzel. / É um gozo vê-lo, súbito, apoplético, / sobre os doces de a vida pingar fel. / Tendo horror ao grotesco, a que cruel, / pulveriza sem dó – seu senso estético/ ora, fá-lo vestir-se qual Brummel; / ora, impõe-lhe um desleixo ultra sintético. / Poeta, de um lirismo que comove. / Tem olhos tumefactos, que nos dão/ a lembrança do Mal de Basedow. / Boêmio de nascença e profissão, / É-lhe a prova, mais certa que as do nove, / um cigarro, uma cana e um violão”.

Em tempo: O nosso Sálvio Dino, há pouco falecido, “ao fazer o necrológio de Amaral Raposo na Assembleia Legislativa, após o seu sepultamento a 11 de abril de 1976, compara seus sonetos ‘As Fábricas’ e ‘Postal’, entre os melhores sonetos brasileiros de todos os tempos e coloca o poema ‘Só’ em nível dos poemas de angústia dos mundialmente famosos Edgar Allan Poe, Oscar Elide e Reading.[...] Zeca Gonçalves foi também grande solista de violão, tanto na música popular quanto na música de câmara e erudita. [...] E para concluir este seu pequeno perfil biográfico”, enfatizou Sálvio: “transcrevo, a seguir, a opinião do insigne professor de Direito Penal (seu cunhado) Dr. Antenor Mourão Bogéa: ‘Para o poeta inspiradíssimo, para o tribuno fulgurante, para o editorialista escoreito, para o filólogo abalizado, para o violonista aplaudido, para a figura prototípica da simplicidade, para o humorista eçariano, que tudo isso foi Amaral Raposo, voltam-se as atenções da exponencia intelectual do Maranhão’.

Amaral Raposo, ou simplesmente Zeca foi eleito para a Cadeira nº 37 da Academia Maranhense de Letras, patroneada pelo poeta Inácio Xavier de Carvalho, vaga, por ironia, com o falecimento do Dr. Luís Viana, irmão de Fernando Viana e também médico. Amaral Raposo espalhou pela cidade que iria fazer um discurso de posse sem verbo. Os que acreditavam em Amaral Raposo estavam certos de que o velho mestre seria capaz de tal façanha, apesar de o verbo ser o ponto de ligação entre as orações; sem a presença do verbo se torna muito difícil à comunicação, mas ele nos dizia que era possível; outros duvidavam daquela proeza.

E de fato aconteceu... Em certa altura, na peroração discursiva, Amaral Raposo num rasgo, justifica a proeza da tal oração sem verbo, e justifica:

“Feita esta breve digressão, quero, ainda, salientar um episódio, cuja referência me parece oportuna. É que eu, tempos há, em palestra informal com amigos, tinha dito que faria meu discurso de posse, inteiramente sem verbos. E – adiantei – para substituir uma individualidade excepcional como Luís Viana, algo de excepcional se me afigurava mister igualmente realizar.

Ouviu-me dizer isso o jovem e conhecido cronista Benedito Buzar, e, bom profissional que o é, registrou o fato por mais de uma ocasião, em seu jornal.

As notícias não correm; voam. Assim, sem demora, até a imprensa da Guanabara comentou, com antecedência, o discurso que eu iria pronunciar, anunciado, aliás, por mim, e, por simples blague, numa ligeira palestra de bar.

Em tais circunstâncias, já agora que sou compelido a cumprir, embora em parte, a promessa, ou a empresa a que me aventurei, bem inadvertidamente.

Consegui-lo-ei? Dir-no-lo-á, depois vosso julgamento, Senhores Acadêmicos: (1)

Eis o texto sem verbo:

“Onde, agora, os elementos essenciais à consecução da meta em pauta? Ante o fulgor sideral da personalidade de Luís Viana, surpreendente de ilustração e de cultura, onde em mim, a energia espiritual,

a força de análise, os recursos de intuição, e, ainda, os documentos imprescindíveis ao estudo e à crítica para o elogio do vitorioso didata?

Onde, em mim, a esta altura de uma existência, sem brilho e sem relevo, portador de um coração já deserto de impulsos criadores e de uma alma já órfã de esperanças, de idealismo e de sonho, a conquista dos clarões mentais, indispensavelmente necessários ao exame de tão preclaro representante da capacidade científica maranhense, das vitórias literárias maranhenses, dos triunfos poéticos maranhenses, sobretudo da extraordinária vocação pedagógica do insigne conterrâneo, tão viva e palpitante, entre as cogitações desse grande vencedor de mil batalhas, nos altiplanos da erudição e da sabedoria?

Por isso mesmo, para quem as solenidades desta noite? Para quem esta reunião dos mais categorizados expoentes do nosso romance, do nosso periodismo, de nossa poesia, de nosso teatro, de todas essas multifárias e luminosas atividades, presentes, sempre, nas elevadas preocupações dos homens de pensamento e de cultura?

Acaso por minha causa, acaso para mim, obscuro combatente de campanhas sem vitórias, pó mim, vaga figura sem projeção e sem nome. Além das fronteiras provincianas de nossa terra? Certo de que não. Para quem esta honra grandiosa, tão repleta de beleza espiritual, de encantamento e de sonho? Para mim, para a inútil insignificância do meu nada?

Não ainda, para quem, pois, a homenagem? Para Luís Viana, para o infatigável mestre de sucessivas gerações, para o professor do Instituto de Manguinhos, para o belo cronista de “O Estado de São Paulo”, para o diretor da Instrução Pública da Paraíba, para o catedrático de História Natural do Liceu Maranhense; e, num crescendo (2) incessantemente de funções e de cargos, cada qual mais à altura de nossos louvores, de nossa admiração e de nosso respeito? Para o diretor do Liceu Maranhense, para o idealista e o pioneiro da Escola Normal do Maranhão, para o fundador, logo depois, do colégio de “São Luís”, essa tradicional fonte de educação moral e cívica de nossa mocidade estudiosa”.

(1) Notas de Amaral Raposo: Conseguiu, pois, a oração fazê-la sem verbo?

(2) Crescendo, no caso, é substantivo. Dizem os dicionários: s.m progressão, gradação.

*Fernando Braga, in ‘Conversas Vadias’ [Toda prosa], antologia de textos do autor. Ilustração: Reprodução fotográfica do jornalista Amaral Raposo.

ENVELHECER, PARA QUE?

LINDA BARROS

, atriz e escritora. Membro da APB e ACILBRAS

Na ampulheta, cada grão de areia derramado, é um segundo perdido ou deixado para trás, e, na inquietude da existência, nos sentimos impotentes para parar o Tempo e deter os desarranjos da anatomia humana, pois o entardecer chega para todos, ainda que queiramos desvencilhar-nos das curvas da vida, cada pôr do sol é um dia menos. Como disse Dagmar Desterro em “Corrida”, texto que pode ser encontrado na obra Pedra-viva, de 1979:

O avanço do tempo corre a vida,
mas nesse tempo há pedras espalhadas,
pedras agudas, carnes esfarrapadas,
sangue jorrando de cada ferida.

o tempo açoita a vida noite e dia
e ele chora, tropeça, levanta e continua.
Só a esperança anima a travessia;
e a alma corre, descabelada e nua.

E a vida não tem tempo, ao tempo, em meio,
de ver o belo existente no caminho;
não perder na corrida é o seu anseio;
sua atenção conserva em desalinho.

No embrião da vida, no tempo, avanço.
Subidas e descidas - tantas conheço:
e na vertigem do correr me canso.
Procuro, em vão, meu horizonte do começo.

E nesse percurso do tempo, mesmo sabendo que é um caminho sem volta, teimamos em não aceitar esse desalinho da natureza. E sobre essa assertiva, alguns poetas mostram seus dissabores contrariando a lógica da vida, colocando em seus textos que tudo o que mais querem é esquecer as marcas do tempo, como podemos ver nesse poema de Mhario Lincoln, onde ele encara a vida com sabedoria, mas tenta dar um freio na cronologia temporal,

QUANDO NÃO DEIXO O VELHO ENTRAR

Às vezes, não deixo
O velho entrar.
Minhas saudades,
Meus cupidos,
Amores e esperanças
Continuam inteiramente
Juvenis de antanhas idades.

Assim nascem

minhas poesias.
Renascem minha vida
Revivem minha alma.

E meus amores
São os mesmos.
Não entristecem
Nunca envelhecem.

E no vazio que cerca a humanidade, o envelhecimento é ainda mais um estreitamento da vida que se prolonga em um mundo cada vez mais reduzido e caótico diante da infinidade do ser. Para muitos, envelhecer é já ter cumprido seu compromisso no mundo terreno, ou ter cumprido uma etapa primordial na vida, o que às vezes soa como uma espécie de conformismo, já que devemos estar contentes com esse passo, ou seja, significa que todos estamos fadados a estar inseridos nessa lógica, que é o ciclo da vida.

“El tiempo pasa, el tempo vuela...”, essa foi uma famosa frase usada em um comercial de uma importante instituição bancária alguns anos atrás, quando talvez, nem todos tenham percebido a real mensagem deixada por ela (a frase), no entanto, bem lá nas entrelinhas, a significação carregada de pontos obscuros, que nem sempre queremos enxergar a olho nu, pois, as marcas visíveis ou invisíveis que o tempo trazem consigo só servem para nos confrontar com o espelho e ver que realmente nada podemos fazer.

A parte mais complicada do envelhecer (e vale lembrar que o envelhecimento é para qualquer idade), está nas consequências que isso traz para todos nós. Em uma recente reportagem do Jornal Extra, com a atriz Cristiana Oliveira (a intérprete de Juma na primeira versão da novela Pantanal) sobre envelhecimento, ela disparou: “é como se meu envelhecimento causasse repulsa”, ou seja, em outras palavras, a pessoa mais velha está completamente descartada de todas as funções, é como se uma pessoa mais velha não servisse para mais nada (e de fato é), pois a idade em todas suas fases, tem seus encantos e desencantos, pois no frigar dos ovos, na vida, há idade para tudo.

A Psicóloga Laura Neres, comenta que “quando nos referimos à velhice, surgem questionamentos básicos que dão início às discussões e se estendem a diversas opiniões diferentes de acordo com a faixa etária dos ouvintes. Então “como podemos classificar a velhice?”, “o que é ser velho?”, “quando me torno um velho?”, são questionamentos como esses, que surgem com o objetivo de entender o envelhecimento. Para muitas pessoas é estarrecedor falar em velhice, a aceitação é o maior dos problemas, exatamente pelas mudanças pelas quais o corpo passa quando chega à velhice.

Em contrapartida, há a forma inversa, quem nunca ouviu “você não tem mais idade para isso” ou ainda, “você é muito nova, ainda não está na idade”. Que idade? Idade para quê? Nas artes (cinema, teatro e televisão), se vê muitos personagens interpretados por atores e atrizes bem mais velhos, mas que aparentam bem menos, ou vice-versa. No entanto, o tempo não perdoa. Às vezes (ou quase sempre), a idade afeta a vida social. A profissional Laura Neres complementa ainda que “nossa sociedade é ‘gerontofóbica’, síndrome definida como o medo patológico de envelhecer. Os velhos que, antigamente, eram valorizados pela sua experiência de vida, hoje são marginalizados e destituídos de seu papel social”.

Há um vídeo circulando nas redes sociais em que a atriz Andrea Beltrão é confrontada por causa de sua real idade. No vídeo a artista comenta que muitas pessoas comentam: “Você tem 58 anos? Mas você está ótima”, esse “mas” é categórico. Ela observa que essa conjunção adversativa “mas” tem uma relação cultural, e é utilizada como se uma pessoa, principalmente as mulheres, ao chegarem a uma determinada idade têm que parecer velhas. Sabemos que tudo hoje em dia é muito diferente de 40, 50 anos atrás.

E neste Dia Internacional do Idoso, dizer aqui de uma forma bem realista, que envelhecer é melancólico e saudosista pois, na grande maioria das vezes, nossos pensamentos dilaceram nossa alma, cada vez que pensamos que o tempo está passando rapidamente e deixando para trás um mundo e um passado sem volta. E como disse o poeta Mário Quintana em seu poema “O Tempo”.

A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...
Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...
E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.
Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.
A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará.

A INDEPENDÊNCIA NO MARANHÃO: ENSINANDO UMA OUTRA HISTÓRIA¹⁶

RAISSA GABRIELLE VIEIRA CIRINO

(PPGHIST – UEMA)¹⁷

Falar sobre a independência do Brasil no Maranhão é lembrar de um passado marcado não apenas pela celebração do Brasil, mas pelos interesses e conflitos que fazem parte de um movimento global de revoluções, ideias e projetos. A partir do convite do Instituto Histórico e Geográfico (IHGM), pretendo contar uma história da independência diferente e que pode nos ajudar a entender como o 28 de julho de 1823, data da “adesão” do Maranhão à Independência, faz parte da nossa história assim como o 7 de setembro de 1822.

Para isso, vamos voltar no tempo. No fim do século XVIII, o Maranhão fazia parte do território colonial pertencente à monarquia portuguesa. O rei controlava todo o território do Brasil com interesse comercial. Uma das formas de estimular esse comércio era através da extração das riquezas naturais, como ouro e as drogas do sertão (castanhas, fumo, entre outros), mas principalmente a plantação de alguma cultura agrícola. O arroz já era muito plantado, mas o que deu certo para a venda para outros países foi o algodão.

É importante lembrar que quem trabalhava na terra não eram os fazendeiros, que se tornavam cada vez mais ricos, mas os escravizados que eles adquiriam vindos pela rota transatlântica da África, mas ainda outras pessoas escravizadas que também nasciam aqui. Indígenas e pessoas pobres também trabalhavam de maneira direta ou indireta para os fazendeiros e para aqueles que negociavam as safras, os negociantes.

Esses grupos sociais viram São Luís se tornar um importante posto comercial que, apesar de receber apenas embarcações vindas de Portugal, aumentava cada vez mais o envio de seus produtos e, por consequência a riqueza dos proprietários (fazendeiros e negociantes). Os inúmeros prédios de azulejos que nós vemos aqui nas ruas do Centro histórico evidenciam essa riqueza construída pela força dos escravizados e dos pobres livres.

Com a vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro, essa situação vai se modificar. Ao fugir do militar francês Napoleão Bonaparte, a Corte portuguesa pediu ajuda da Grã-Bretanha. Assim que se estabeleceu no Rio de Janeiro, D. João VI oficializou a Abertura dos portos do Brasil às nações amigas (1808), finalizando o exclusivismo comercial e garantindo aos “ingleses” uma retribuição à ajuda contra Napoleão. Isso fez com que mais navios estrangeiros chegassem aos portos do Brasil com outras mercadorias, especialmente vindos da Grã-Bretanha.

Embora essa medida tenha garantido um estímulo econômico ao Brasil, a concorrência “inglesa” no comércio passou a incomodar, assim como os altos impostos que passaram a ser cobrados para manter a Corte portuguesa no Brasil. Além disso, os “ingleses” estavam colocando obstáculos ao comércio de escravizados que amparava a produção no Maranhão. Isso porque eles também tinham intenção de dominar os territórios no extenso continente africano, fundando colônias e garantindo a exploração de sua mão de obra na sua própria terra. Por exemplo, é nesse período que foi fundada uma colônia britânica em

¹⁶ Trata-se de uma palestra feita dentro da programação do evento “Bicentenário da Independência 1822-2022”, promovido pela Fundação da Memória Republicana Brasileira (FMRB), em parceria com o Conselho da Comunidade Luso-Brasileira no Maranhão e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM). Para fins de publicação, ela foi parcialmente alterada e complementada.

¹⁷ Esse texto compõe o projeto de pesquisa *O Brasil Império nos livros didáticos: história, historiografia e ensino*, financiado pela Universidade Estadual do Maranhão, por intermédio de uma Bolsa Fixação de Doutor (Edital n.º 05/2021).

Serra Leoa, conhecida como Freetown. Até hoje esta é a capital de Serra Leoa, mantendo-se como relevante porto da costa atlântica (LIMA, 2017, p. 208-210). Assim, podemos observar que os interesses britânicos sobre produtos e mão de obra africanas iam de encontro aos interesses dos súditos portugueses.

Em 1815, o Brasil deixou de ser uma colônia e foi elevado a Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Essa mudança refletia todos os investimentos que a Corte tinha implementado desde a sua chegada e que transformaram a vida social, política e econômica em todas as partes do Brasil. Tratavam-se de medidas como a liberação da imprensa, a criação de indústrias e do Banco do Brasil e a urbanização de boa parte do Rio de Janeiro. Ainda assim, havia reclamações dos súditos do novo Reino, especialmente relacionadas às cobranças de impostos e aos privilégios da nova sede da Corte.

Em 1820, não apenas os súditos do Maranhão estavam descontentes. Os portugueses lá em Portugal também questionaram a permanência da família real no Rio de Janeiro. Em 1820, D. João e sua corte estavam no Brasil há doze anos, e sem querer retornar, deixando de lado a antiga sede da monarquia. Os portugueses, então, fizeram o movimento conhecido como Revolução do Porto, que buscava retomar a importância de Portugal, ao mesmo tempo pretendia reorganizar as bases da monarquia.

A Revolução do Porto (1820) propunha limitar os poderes da monarquia através de uma Constituição, um texto que identificava os deveres monárquicos e os direitos não mais de súditos, mas de cidadãos. Isto era uma grande novidade da época e, para os grupos de negociantes e fazendeiros que estavam prejudicados, foi considerada a chance de garantir seus interesses econômicos, ou seja, não mais ser submetidos à concorrência comercial "inglesa", às dificuldades de adquirir mão de obra escravizada e ao pagamento de impostos.

D. João até retornou à Portugal, mas deixou seu filho Pedro para garantir algum representante da família por aqui. Além de limitar os poderes do rei, os portugueses em Portugal entendiam que para melhorar a situação de sua nação, deveriam reverter a situação do Brasil de reino para colônia. Essa medida não foi bem vista pelos políticos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, que também tinham seus próprios interesses econômicos. Assim, eles recorreram a Pedro para pensar uma alternativa ao que chamaram de uma tentativa de "recolonização". A proposta que ganhou força foi a de romper os laços com Portugal, tornando-se independente.

Era uma alta aposta que exigiria esforços para ser executada. Por isso, Pedro precisou viajar entre as províncias do Brasil para garantir algum apoio. Diante das ameaças dos portugueses para que ele retornasse à Portugal, Pedro consagrou o episódio do Grito do Ipiranga em sete de setembro de 1822. Porém, não foi o suficiente para garantir o apoio de todos no extenso território do Brasil.

De fato, no Maranhão, a proposta de romper os laços com Portugal não foi bem aceita por conta das antigas questões já colocadas e porque Portugal era muito mais acessível pelo mar do que o Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, fazendeiros e negociantes que estavam à frente desse debate não se sentiam alinhados aos interesses dos seus conterrâneos do Brasil, não apenas considerando a economia, mas também um sentimento de grupo e união. Seus laços "emocionais" e familiares estavam muito mais atados à Portugal. E não foram os únicos, pois havia muita discordância em todas as capitais que compunham o que se entendia como região "norte", hoje nordeste. Desde a cidade de Belém até Salvador, a independência do Brasil estava longe de ser um consenso.

A reação a essa oposição foi imediata. Tropas militares e populares, mesmo sem armamento e treinamento adequado, pegaram em armas. Ocorreram combates com tropas vindas de Portugal e com outras autoridades que não reconheceram Pedro como representante de uma nova nação. Na fronteira entre Piauí e Maranhão, diferentes confrontos militares opuseram esses soldados, que vinham da população pobre, livre e escravizada de ambas as províncias.

Para entendermos melhor como essas pessoas que se opunham ao projeto de independência pensavam, recorro à uma carta enviada à D. João VI pelo fazendeiro Antônio Rodrigues dos Santos. No início de sua missiva, ele se apresentava como um dos homens mais abastados do Maranhão, com terras e escravizados. No entanto, estava preocupado com a situação que se impunha a ele e aos demais estrangeiros da província. Ele disse: "Se for do agrado de Vossa majestade que eu obedeça ao senhor D. Pedro, de bom grado o farei; mas devo certificar a Vossa majestade que o espírito que reina na maior parte dos povos do Brasil é de uma independência absoluta, cobrindo-se com a capa da aderência à augusta pessoa do senhor D. Pedro." A preocupação era, portanto, evitar que os povos protagonizassem um movimento maior que colocaria em risco a ordem social e os privilégios dos mais ricos (AHU/MA/CARTA do coronel Antônio Rodrigues dos Santos..., Cx. 175, Doc. 12673).

Em São Luís, fazendeiros e negociantes articulavam as manobras militares, mas pediam constante auxílio para Portugal, não sendo atendidos. A ausência de um apoio, somado às perdas materiais e a um cerco militar que impedia a entrada de mantimentos vindos do interior estavam isolando gradativamente a capital (SILVA, 1972). Além disso, havia o receio de uma revolta social, pois os escravizados eram maioria entre a população, e tinham suas próprias ideias sobre os sentidos de independência e liberdade que eram debatidos entre os senhores.

A partir de um processo-crime aberto em 1821, nós temos o registro da conversa de dois escravizados que, enquanto tocavam viola em uma lojinha aqui no Centro histórico, conversavam. A frase de um chamou a atenção, pois ele disse: "Deixa estar, parceiro, que amanhã é o último dia". A conversa rodou a cidade, alimentando ainda mais o receio de que os escravizados estavam relacionando o debate político dos seus senhores com a liberdade (SOUZA, 1999, p. 151).

D. Pedro enviou tropas terrestres, mas também comandantes marítimos que chegaram às principais cidades da região "norte" para garantir a adesão à independência. O comandante chamado Lord Cochrane chegou em São Luís no dia 27 de julho e aportou bem próximo da cidade, fazendo ameaças. Sem condições de negociar com um comandante que ameaçava bombardear a cidade, enquanto esta já estavam sem mantimentos ou rendas, negociantes, fazendeiros e autoridades garantiram a Cochrane a "adesão" à independência para a nova nação. Em 28 de julho de 1823, dez meses após o grito do Ipiranga, a província do Maranhão se comprometia com o novo projeto nacional.

Vemos, assim, que os acontecimentos são bem distintos do 7 de setembro tão consagrado na nossa cultura histórica, escolar e cotidiana, mas acabam se misturando também a essa versão. Meu objetivo, aqui, não foi falar de uma história que foi escondida de vocês ou a história que os "professores não contam". De fato, eles não contavam porque não precisavam, não se refletia sobre essa história. A história consagrada do 7 de setembro propôs uma história para a nova nação que passasse por cima das dissensões e desacordos. Era importante para um momento de afirmação e elaboração de uma identidade nacional e de um novo nacionalismo. Ambos foram articulados a partir do nascimento dessa nova nação imperial durante todo o século XIX (PIMENTA, 2022). Some-se a isto o fato de que, devido a pressões curriculares, especialmente vindas de programas como a Base Nacional Comum Curricular, o conteúdo de história do Maranhão tem desaparecido das nossas salas de aula para dar espaço a uma história nacional que ignora nossa realidade local/regional.

A partir dessas questões, acredito que devemos lembrar e ressignificar a história da Independência a partir de outros olhares sobre esse passado, retomando suas particularidades que ampliam a história de quem somos hoje: brasileiros e brasileiras nascidos no Maranhão. Além disso, devemos trabalhar com o recorte local e regional, tendo como ponto de partida a história nacional. Ou seja, falar sobre o passado e o presente do povo do Maranhão a partir da história do Brasil, evidenciando aos alunos e alunas os nossos acordos, dissensos e particularidades que resultam na complexidade de nossa história em comum.

Por fim, também quero destacar que dom Pedro I não foi o único a pensar sobre o que era uma nação, sobre o que era liberdade ou o que era ser brasileiro. Os diferentes grupos sociais no Maranhão

participaram desse processo, lutando, interpretando as ideias, agindo e reagindo ao que vinha de Portugal e do resto do Brasil. Cabe a nós lembrar que a Independência é sinônimo de luta, ainda mais quando se trata da história da Independência no Maranhão. E o ensino de história nas escolas é essencial para esse o desafio que enfrentamos em pleno século XXI: reelaborar e ressignificar nossa cultura histórica e nossa alteridade diante de um mundo cada vez mais conectado e sem fronteiras.

Referências

Documentos manuscritos

AHU/MA/CARTA do coronel Antônio Rodrigues dos Santos ao rei D. João VI, sobre as dificuldades por que têm passado os europeus na província do Maranhão. Anexo: vários documentos. Cx. 175, Doc. 12673.

Bibliografia

CIRINO, Raissa Gabrielle Vieira. **Pela boa ordem da província e pela glória do Império** – famílias, estratégias e suas tramas na administração imperial do Maranhão (c. 1750- c. 1840). Tese (Doutorado em História). Juiz de Fora: UFJF, 2019.

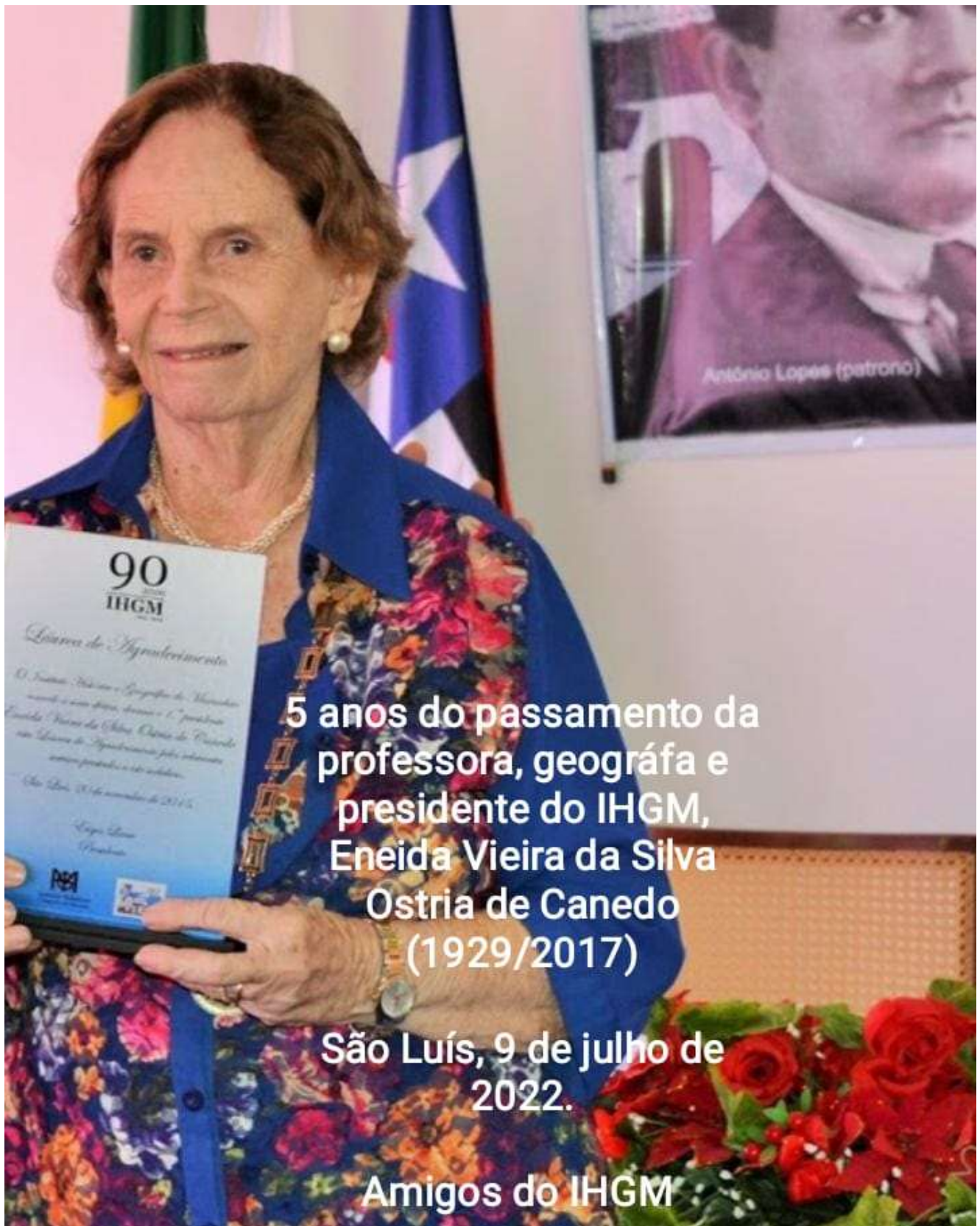
LIMA, Mônica. Negra é a raiz da liberdade. Narrativas sobre a abolição da escravidão no Brasil em livros didáticos de história. In: ROCHA, Helenice; REZNICK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017, p. 203-222.

PIMENTA, João Paulo. Questão nacional e independência do Brasil: um problema de 200 anos. **Revista USP**, São Paulo, n. 133, abr./mai./jun. 2022, p. 97-110.

SILVA, Luís Antônio Vieira da (1862). **Documentos apensos à História da independência do Maranhão**. 2 ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1972 (Coleção São Luis, v. 4).

SOUZA, Iara Lis Franco Schiavinatto Carvalho. **Pátria coroada: o Brasil como corpo político autônomo (1780-1831)**. São Paulo: UNESP, 1999.

ACONTECEU...



**5 anos do passamento da
professora, geógrafa e
presidente do IHGM,
Eneida Vieira da Silva
Ostria de Canedo
(1929/2017)**

**São Luís, 9 de julho de
2022.**

Amigos do IHGM

Nossos imortais Jucey Santana e Maurel Selares participaram, em São Luís, do lançamento do livro "Caracterização da Escravidão Contemporânea", de Gairo Garreto, que faz uma análise técnico-científica das atuais situações de trabalho no país. Maurel assina um dos prefácios da obra, que merece



ser conferida.



Na semana passada tive o privilégio de participar do lançamento do primeiro livro do meu amigo e companheiro de longas datas, pastor **Eliel Gama**. A obra **"A Igreja Social – o renovo que só o evangelho pode fazer"**, aponta a responsabilidade social dessas igrejas e o crescimento das instituições religiosas no país. Momento oportuno para conversar com o ex-governador Flávio Dino, que por sinal é o autor do prefácio do livro, e também de muita oração diante do encontro com tantos amigos da igreja evangélica.

— Lançamento

Os organizadores Elizabeth Sousa Abrantes, Josenildo de Jesus Pereira e Yuri Givago Alhadef S. Mateus convidam você para a noite de autógrafos e o lançamento do livro **"Histórias e Memórias da Balaiada"**.

DATA:

16/07/2022 - sábado.

HORÁRIO:


19h00 às 21h30 min

LOCAL:

Livraria e Espaço Cultural
AMEI - São Luís Shopping.



 www.ameilivraria.com

 [@ameiosfl](https://www.facebook.com/ameiosfl)

 [@ameimais](https://www.instagram.com/ameimais)

 Associação
Maranhense
de Escritores
Independentes


SÃO LUÍS
SHOPPING

BICENTENÁRIO

1822 — 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA
PELA INDEPENDÊNCIA**

SEMINÁRIO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA: 200 anos de lutas e resistência no Brasil e no Maranhão

25/07

14h - MESA 01: 200 ANOS DE "INDEPENDÊNCIA" – ASPECTOS POLÍTICOS E HISTÓRICOS

17h - MESA 02: O MARANHÃO NA ROTA DO DESENVOLVIMENTO DO BRASIL,
DO NORDESTE E DA AMAZÔNIA

26/07

14h - MESA 03: RELIGIÃO E RESISTÊNCIA NO BICENTENÁRIO DA "INDEPENDÊNCIA"

16h30 - MESA 04: AS LUTAS POPULARES NO MARANHÃO E A RESISTÊNCIA
DOS POVOS ORIGINÁRIOS

LOCAL: Auditório do Mário Meirelles - Centro de Ciências Humanas (CCH) - UFMA - Campus do Bacanga - São Luís/MA

REALIZAÇÃO:



APOIOS:



A AJEB-RJ CONVIDA para a Palestra da escritora Marcia Barroca



sob o tema
**"Padre Antônio Vieira
e a correspondência
com a rainha nórdica".**

21 de julho, quinta-feira, às 15h.
No Museu da Republica. Rua do Catete 153,
2º andar - Entrada lateral - Rio de Janeiro

Presidente Coordenadora Zara Paim



NASCIMENTO MORAIS FILHO

Seu legado para a história e a cultura do Maranhão

Mesa Redonda

PALESTRANTE



Prof.ª Ma.
**NATÉRCIA MORAES
GARRIDO**

PALESTRANTE



Prof.ª. Dra.
DILERCY ADLER

MEDIADORA



Prof.ª.
PATRÍCIA MASSETTI

HOMENAGEM DO IHGM A NASCIMENTO MORAIS FILHO,
EM SEU CENTENÁRIO DE NASCIMENTO.

**21 DE JULHO DE 2022 ÀS 18H - AUDITÓRIO DO CURSO DE HISTÓRIA DA UEMA
RUA DA ESTRELA, 329 - PRAIA GRANDE**



Instituto Histórico
e Geográfico
do Maranhão (IHGM)
Casa de Antônio Lopes



APOIO:

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO







ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS
Rua da Paz, 84, Centro, São Luís, MA, CEP-56020-450
Tel.: (98) 3231-3242
E-mail: aml@academiamaranhense.org.br

A Academia Maranhense de Letras, por intermédio de seu Presidente, Dr. Lourival de Jesus Serejo, que, após receber e aprovar os pareceres da Comissão designada, no uso de suas atribuições legais dispostas nos Incisos V e VI, do Artigo 20 do Estatuto da Instituição, decide homenagear e condecorar, além dos senhores e senhoras acadêmicos/as da AML, os membros da intelectualidade maranhense abaixo relacionados com a Medalha Graça Aranha, a ser entregue em sessão solene na sede da Academia Maranhense de Letras, no dia 10 de agosto de 2022, data natalícia do poeta Gonçalves Dias e também da Inauguração da AML.

O evento será realizado na Rua da Paz, 84, Centro – São Luís, Maranhão, a partir das 19:00 horas.

Homenageados/as

- **Agostinho Noieto**
- **Alexandre Maia Lago**
- **Antônio Ailton Santos Silva**
- **Celso Borges**
- **Chico Saldanha**
- **Cleones Carvalho Cunha**
- **Edmilson Sanches**
- **Flaviano Menezes da Costa**
- **Dino Cavalcante** (José Dino Costa Cavalcante)
- **Francisco Tribuzi**
- **Frederico Machado**
- **Geraldo Iensen**
- **Herbert de Jesus Santos**
- **Joaquim de Oliveira Gomes**
- **José Graça Aranha**
- **José Maria Nascimento**
- **Jucey Santana**
- **Linda Barros** (Lindalva Maria Barros Neres)
- **Luís Augusto Cassas**
- **Márcia Manir Miguel Feitosa**
- **Marcos Fábio Belo Matos**
- **Mhario Lincoln**
- **Paulo de Tarso Oliveira Assunção**
- **Pergentino Holanda**
- **Raimundo Trajano Neto**
- **Ricardo Leão** (Ricardo André Ferreira Martins)
- **Rinaldo de Fernandes** (Rinaldo Nunes Fernandes)
- **Salgado Maranhão** (José Salgado Santos)
- **Sanatíel de Jesus Pereira**
- **Wilson Marques**
- **Zeca Baleiro** (José Ribamar Coelho Santos)
- **Zeca Tocantins** (José Bonifácio César Ribeiro)

São Luís, 20 de julho de 2022.

Lourival de Jesus Serejo
Presidente

NM**Nedilson Machado**

nm@oimparcial.com.br



Lançamento do livro em São Luís será feito pela filha do poeta, Helena Roraima Leite

Livro "Carne e Alma" de Rogaciano Leite será lançado em São Luís

Depois do sucesso na 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, no início do mês, o livro "Carne e Alma", do escritor pernambucano, Rogaciano Leite, um dos grandes nomes da literatura brasileira e pai do repentismo, será lançado em São Luís. O lançamento será dia 29 de julho, às 17h30, no auditório da Casa de Cultura Josué Montello. O livro é uma coletânea de poemas e ganhou edição especial em comemoração ao centenário do artista, ocorrido em 2020. O lançamento do livro em São Luís será feito pela filha do poeta, Helena Roraima Leite, e conta com a organização local da Federação das Academias de Letras do Maranhão (Falma), Academia Ludovicense de Letras, Academia Maranhense de Trovas (AMT) e Instituto Histórico e Geográfico Maranhão (IHGM), com apoio na Inspirar Comunicação.

III ENCONTRO AÇORES BRASIL

O Brasil foi o primeiro destino da emigração açoriana e os brasileiros constituem a maior comunidade imigrada nos Açores.

Por isso, importa reforçar as relações entre as ilhas açorianas e a nação brasileira.

Para isso, a [Direção Regional das Comunidades](#) criou o Encontro da Diáspora Açoriana.

O primeiro Encontro decorreu em outubro de 2021, na ilha de São Miguel, com os presidentes das Casas dos Açores do Brasil.

O segundo Encontro decorreu em março de 2022, na ilha Terceira, com os conselheiros da diáspora açoriana do Brasil.

O terceiro Encontro decorreu este fim-de-semana, no Rio de Janeiro, com os presidentes das Casas e com os conselheiros da diáspora açoriana do Brasil:

- João Leonardo Soares, presidente da Casa dos Açores do Rio de Janeiro
- Daniel Gonçalves, conselheiro da diáspora açoriana no Estado do Rio de Janeiro
- Roberto de Melo Correia, vice-presidente da Casa dos Açores de São Paulo
- José Luís Jacob, conselheiro da diáspora açoriana no Estado de São Paulo
- Sérgio Luiz Ferreira, presidente da Casa dos Açores de Santa Catarina
- Willian Agostinho Marques, conselheiro da diáspora açoriana no Estado de Santa Catarina
- Viviane Peixoto Hunter, presidente da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul
- Régis Marques Gomes, conselheiro da diáspora açoriana no Estado do Rio Grande do Sul
- Paulo Matos, presidente honorário da Casa dos Açores do Maranhão
- Aristides Bogéa Bittencourt, conselheiro da diáspora açoriana no Estado do Maranhão
- Nino Moreira Seródio, presidente da Casa dos Açores do Estado do Espírito Santo

O III Encontro Açores Brasil foi presidido pelo Diretor Regional das Comunidades, José Andrade, contou com a participação especial do presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas, Flávio Martins, e integrou as comemorações dos 70 anos da fundação da Casa dos Açores do Rio de Janeiro, a primeira do Brasil e a segunda no mundo.





PLAY ▶

**FELIZ DIA
DO(A) ESCRITOR(A)**
25 de julho



BICENTENÁRIO
1822 — 2022
DUZENTOS ANOS DE LUTA PELA INDEPENDÊNCIA

SEMINÁRIO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA: 200 anos de lutas e resistência no Brasil e no Maranhão

MESA 01: 200 ANOS DE "INDEPENDÊNCIA" – ASPECTOS POLÍTICOS E HISTÓRICOS

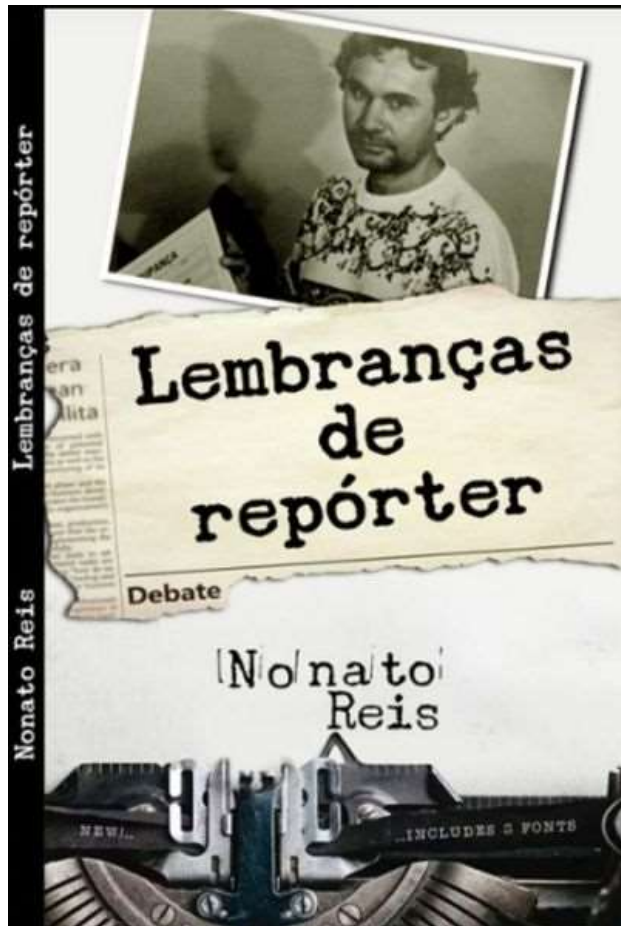
MESA 02: O MARANHÃO NA ROTA DO DESENVOLVIMENTO DO BRASIL, DO NORDESTE E DA AMAZÔNIA



28 DE JULHO
3º aniversário



CASA DOS AÇORES DO MARANHÃO
2019-2022



Local: Casa de Cultura Josué Montello (Rua das Hortas, 327, Centro) São Luiz - MA com a presença da Curadora do acervo e filha Helena Roraima Leite.





Em 1822, a Vila de Caxias era habitada basicamente, por uma população lusitana. A classe preponderante era constituída de portugueses, que exerciam a dominação em todos os setores, logo, não queriam contrariar os interesses da Coroa de Portugal à qual tinham o jugo de subordinação política. Somente um ano depois, o povo caxiense livrou-se do domínio português e tornou-se independente e passou a pertencer ao Império brasileiro. Em 01º de agosto de 1823, arriou-se, de vez, o pavilhão português, até então soberano no solo brasileiro, e o lábaro verde e amarelo do Império do Brasil subiu aos céus de Caxias, hasteado no Morro das Tabocas. Nessa data, deu-se a entrada triunfal das forças independentes em Caxias, não houve combate e nem derramamento de sangue. Então as forças portuguesas depuseram as armas, e, tendo à frente o seu comandante, o tenente-coronel Luís Manuel de Mesquita, desceram do morro para o campo de São José, onde, em forma, entregaram-se aos vencedores. Neste momento não se fizeram prisões, e aos vencidos deu-se a vila como moradia, até nova decisão. O quartel do Morro das Tabocas foi ocupado pelas forças do capitão João da Costa Alecrim. Aí se procedeu a prisão do major Fidié, que não opôs qualquer resistência. Recolhido à fortaleza de Villegaignon, posteriormente foi repatriado para Portugal, por determinação de Dom Pedro I. No dia 07 de agosto de 1823, realizou-se o ato de proclamação da Independência e aclamação de Dom Pedro I, Imperador do Brasil. A solenidade aconteceu na Igreja de Nossa Senhora da Conceição e São José, e a partir de então, a Vila de Caxias tornou-se livre de Portugal, iniciando uma novo período histórico, de muita ascensão cultural, política e econômica.

Importante destacar que Caxias NÃO aderiu a Independência. O termo “aderir” remete à ideia de consentir por convicção, de querer juntar-se, amigavelmente, a algo ou alguém. Caxias lutou ferrenhamente, no sentido prático, para manter-se sob o jugo de Portugal, porém, perdeu a batalha e foi obrigada a entregar-se. Em 01º de agosto de 1823 dá-se a culminância da derrocada portuguesa, que já vinha batalhando há dias, sendo que os milhares de soldados, renderam-se feridos, cansados e em completo desalinho.

Referências: Efemérides Caxienses – Arthur Almada Lima Filho; Caxias das Aldeias Altas: subsídios para sua história – Mílson Coutinho.

REFLEXÕES SOBRE AUDIOVISUAL E
POESIA A PARTIR DO FILME
"PÃO GERAL"

*Atividade integrante do Projeto "O Pão Geral" (PRONAC 211467)



Lives com: Celso Borges; José
Neres; Beto Matuck; Paulo Melo
Sousa e Joaquim Haickel

De 15 a 19/08/2022, às 20h



GuarnicêProduções



raizen



O Presidente do Tribunal de Justiça,
Desembargador Paulo Sérgio Velten Pereira,

e

o Presidente da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de
Violência Doméstica e Familiar,
Desembargador Cleones Carvalho Cunha,

convidam para a cerimônia de premiação do II Concurso Literário Maria Firmina dos Reis,
a realizar-se no dia 31 de agosto de 2022.

Hora: 17h
Local: Auditório da AMMA
Av. Dep. Luís Eduardo Magalhães, 20
- Calhau

EMULHER





CLASSIFICAÇÃO E HOMOLOGAÇÃO DO VII PRÊMIO LITERÁRIO GONZAGA DE CARVALHO

A Diretoria Executiva da Academia de Letras de Teófilo Otoni, após análise dos trabalhos pela Comissão Julgadora, RESOLVE: homologar o resultado do VII Prêmio Literário Gonzaga de Carvalho, com o seguinte resultado:

Categoria: Poesia Classificação geral 1º lugar: “Miscelânea de Poetas”, Cláudio de Almeida, São Paulo/SP; 2º lugar: “Cidade do Amor Fraternal”, Oldair Ferreira Motta, Belo Horizonte/MG; 3º lugar: “Ser alado!”, Cláudia Lundgren, Teresópolis/RJ.

Menções Honrosas: “Estrelacrânianas sem palco”, Valquria Imperiano, Genebra/Suíça; “20 anos não são 20 dias”, Almir Zarfeg, Teixeira de Freitas/BA. “Os Cutubras”, João Bosco de Castro, Bom Despacho/MG; “Gonzaga na Academia e a arte da palavra”, Adriano Silva Ribeiro, Belo Horizonte/MG; **“Liberdade”, Dilercy Adler, São Luis/MA;** “Flor Mulher”, Araken dos Santos, Magé/RJ; “Amor Fati” Pietro Costa, Brasília/DF; “O amanhecer”, Francisco Martins Silva, Uruçuí/PI; “Estou só nesta noite”, Celso Gonzaga Porto, Cachoeirinha/RS; “Amazônia”, Hosane Henrique Lucas de Souza, Careiro/AM; “Semente da Paz”, Jane Rossi, Guarulhos/SP; “Deixa-me te amar”, Jerônimo Luiz Gonçalves, Goiânia/GO; “Idos Tempos”, José Moutinho dos Santos, Belo Horizonte/MG; “O invisível”, Luciene Lima, Salvador/BA; “Amor sem fronteiras”, Marcos Coelho Cardoso, Dourados/MS; “Gonzaga de Carvalho”, Irene da Rocha, Cruzeiro/SP; “Universos Paralelos”, Isabel Cristina Silva Vargas, Pelotas/RS; “Depois”, Marlete de Souza, Belo Horizonte/MG; “A natureza”, Maria Luciene, Forteleza/CE; “A mulher de todos os tempos”, Maria Antonieta Gonzaga Teixeira, Castro/PR; “Elogio”, Aristides Dornas Júnior, Moeda/MG; “Rosa”, Cosme Custódio, Salvador/BA; “Esperança decassilábica”, Paulo Roberto de Oliveira Caruso, Niterói/RJ; “Flores”, Samuel Pereira de Oliveira, Frei Gaspar/MG; “A lógica da vida”, Carlos Frederico Ferreira da Silva, Rio de Janeiro/RJ; “Calor humano”, Tereza C.C. Azevedo, Campinas/SP; “Armário do terror”, Silvio Parise, Rhode Island – EUA; “Branjo Óleo”, Paulo Keno Zherus, Caraguatatuba/SP; 2 “Aprendizes do Futuro”, Maria Stela de Oliveira Gomes, Governador Valadares/MG; “Amor sem Fronteiras”, Marcos Coelho Cardoso, Dourados/MS. “Efemeridades”, Ilda Maria Costa Brasil, Porto Alegre/RS; “O Futuro Estável”, António José Alexandre, Luanda/Angola; “O regresso”, Carmelita Ribeiro Cunha Dantas, Aparecida de Goiás/GO;

Categoria: Crônica Classificação geral 1º lugar: “Metástase”, Amalri Nascimento, Rio de Janeiro/RJ; 2º lugar: “As promessas de um político na feira livre”, Carlos Mensitieri, Teixeira de Freitas/BA; 3º lugar: “Em busca de mim”, Aurineide Alencar de Freitas Oliveira, Dourados/MS.

Menções Honrosas: “O ônibus”, Ediel Rangel, Itaipé/MG; “Jipe Amarelo”, Marina Barreiros Mota, Nova Viçosa/BA; “Madame cor de rosa”, Valqúria Imperiano, Genebra/Suíça; “Prisioneiros de uma vida”, Celso Gonzaga Porto, Cachoeirinha/RS; “Quando dezembro chegar...”, Almir Zarfeg, Teixeira de Freitas/BA; “Coerência é um ato de fé”, José Campos de Souza, Macaé/RJ; “A importância do desimportante”, Altamiro Fernandes da Cruz, Belo Horizonte/MG; “O errado sou eu”, Lucivalter Almeida dos Santos, Nazaré/BA; “Crônica ou conto”, Adevaldo Rodrigues de Souza, Belo Horizonte/MG; “Sonho meu”, Antonia Aleixo Fernandes, São Paulo/SP; “O céu é o limite”, Paulo Roberto de Oliveira Caruso, Niterói/RJ; “Farra das Banguelas”, Jilberto Rodrigues de Oliveira, Malhador/SE; “A Marina me levou para a cama”, Telma Borges, Belo Horizonte/MG; “Maturidade”, Marli Firmina de Freiras, Dom Cavati/MG; “O mundo de patas para o ar”, Afonso Nkuansambu, Luanda/Angola; “Velhice”, Coracy Teixeira Bessa, Salvador/BA; “Lembranças de criança da roça”, Jorge Edim, Belo Horizonte/MG; “A Selva da Incompreensão”, Marcelo Oliveira Souza, Salvador/BA. Categoria:

Conto Classificação geral 1º lugar: “Sarau no Além”, Juracy Nonato Ferreira, Santa Helena de Minas/MG; 2º lugar: “Catalepsia Patológica”, Altamiro Fernandes da Cruz, Belo Horizonte/MG; 3º lugar: “O brinquedinho do papai”, Amalri Nascimento, Rio de Janeiro/RJ.

Menções Honrosas: “Vovó do Tavinho”, João Bosco de Castro, Bom Despacho/MG; “A brevidade”, Adevaldo Rodrigues de Souza, Belo Horizonte/MG; “A flor e o Beija-flor”, Magali Barroso, Belo Horizonte/MG. “O cantar do Galo à meia-noite e o Sussurro”, Marcos Coelho Cardoso, Dourados /MG; “Jaú”, Marina Barreiros Mota, Nova Viçosa/BA; “O Perfume do Jasmim”, Celso Gonzaga Porto, Cachoeirinha/RS; “Sobrinho desconhecido”, João Bosco do Nordeste, Teixeira de Freitas/BA; “O parente”, Leandro Campos Alves, Caxambu/MG; “O Último Pensamento”, Maria da Conceição Gonçalves de Oliveira Magno, Esposende/Portugal; “Zé Caveirinha e a seca do Mucuri”, Carlos Mensitieri, Teixeira de Freitas/BA; 3 “Coração Mão”, Ildeu Geraldo Araújo, Belo Horizonte/MG; “Ao sabor do vento”, Maria Eugênia Porto Ribeiro da Silva, Belo Horizonte/MG; “Verushka”, Telma Borges, Belo Horizonte/MG; “Recomeço”, Maria Elza Fernandes Melo Reis, Capanema/PA. Do presente termo com o resultado sejam emitidas 02 (duas) vias de igual teor, devidamente assinadas.

Dê ciência aos classificados e ampla divulgação do fato. Teófilo Otoni/MG, 22 de agosto de 2022. ELISA AUGUSTA DE ANDRADE FARINA Presidente WILSON COLARES DA COSTA Secretário-Geral

Edusp, Livraria João Alexandre Barbosa e Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin convidam para o lançamento do livro

Dicionário da Independência do Brasil

HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTORIOGRAFIA

ORGANIZADO POR

Cecília Helena de Salles Oliveira e João Paulo Pimenta

01/09/22

QUINTA-FEIRA

17h • Sala Villa-Lobos da BBM
apresentação do livro

18h • Livraria João Alexandre
Barbosa - Edusp
lançamento

Espaço Brasiliana USP

AV. LUCIANO GUALBERTO, 78



informações: 11 3091-4156



ACADEMIA
MARANHENSE
DE LETRAS

BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

Conferência:

“O Maranhão e as muitas Independências do Brasil”

Conferencista: Marcelo Cheche Galves - professor
de História da UEMA.

Debatedor: Regina Faria - professora aposentada
da UFMA.

- 1º de setembro, às 18h
Salão Nobre da AML
(Rua da Paz, 84, Centro)



Foto: Reinilda Oliveira

DIVINA FESTA

um Império de leituras

CONVITE

05.09.22 às 10h

Realização: Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho e Biblioteca Pública Benedito Leite

Apoio: Museu de Arte Sacra e Secretaria de Igualdade Racial

Local: Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL)

Visita mediada: segunda a sexta - 9h às 18h



INAUGURAÇÃO DO MEMORIAL GONÇALVES DIAS, NO PALÁCIO CRISTO REI, COMO PARTE DAS COMEMORAÇÕES DOS 410 ANOS DE FUNDAÇÃO DA CIDADE DE SÃO LUÍS.





200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA

PROGRAMAÇÃO

01/09 (15h)

Abertura da Exposição "Brasil em Memórias"
Apresentação da Banda do Bom Menino
Visitação guiada da Escola Vinícius de Moraes

02/09 (13h)

Visitação guiada pela exposição
"Brasil em Memórias".
Palestra "A Independência do Maranhão:
uma outra história" com a Professora Raissa Hist.

05/09 (14h30 às 16h)

Palestra "O Maranhão e as independências
do Brasil" com Professor Doutor Marcelo
Cheche.

06/09 (14h)

Lançamento do documentário
"Redemocratização do Brasil". Visitação guiada
pela exposição "Brasil em Memórias".
19h - "Sarau da Liberdade" (Jardim dos Poetas)

Local:
Rua da Palma, 502 - Desterro, São Luís - MA
65010-620, Brasil



Bicentenário da **Independência** 1822-2022

PROGRAMAÇÃO

01/09 (Quinta)

15h - Abertura da Exposição "Brasil em Memórias"

15:30h - Apresentação da Banda do Bom Menino e hasteamento da Bandeira Nacional

16h - Visita guiada com os alunos da Escola Vinícius de Moraes e Centro de Ensino Lúcia Chaves

02/09 (Sexta)

13h - Visitação guiada pela Exposição "Brasil em Memórias"

14h - Palestra "A independência do Maranhão: uma outra história", com a profa. Dra. Raíssa Cirino (UEMA)

05/09 (segunda)

14:30h - Palestra "O Maranhão e as independências do Brasil", com Prof. Dr. Marcelo Cheche (Uema)

06/09 (terça)

14h - Lançamento do documentário "Independência e Redemocratização do Brasil".
Visitação guiada pela exposição "Brasil em Memórias"

19h - "Sarau da Liberdade", performance poética e musical com Josias Sobrinho e convidados

Centro

2022 FMRB
CONVENTO DAS HERCÉS



INDEPENDÊNCIAS E MUSEUS

20 a 23
setembro

Outras



OUTRAS HISTÓRIAS



CONFIRA A PROGRAMAÇÃO



shribram
Associação Brasileira de Museus

SECRETARIA ESPECIAL DE
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PROGRAMAÇÃO

16^a PRIMAVERA
dos MUSEUS

20 e 23/09
terça e sexta-feira
às 14h30

Local: Museu Histórico
e Artístico do Maranhão



Diogo Gualhardo

Advogado, bacharel em História pela UFMA.
Mestre em Ciências Sociais pela UFMA.
Doutor em Ciências Sociais pela UFMA.
Sócio-efetivo do IHGM.

Mediador das palestras.



SECRETARIA ESPECIAL DE
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PROGRAMAÇÃO

16ª PRIMAVERA
dos MUSEUS

20/09
terça-feira
14h30

Roni César Andrade de Araújo

Doutor em História, pelo Programa de Pós-graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Tema: As independências dos brasis: o Maranhão em meio aos processos de emancipação política em 1822.

21 e 22/09
quarta-feira e
quinta-feira
das 14h00 às
17h00

Visitação ao Museu

Exposição com o tema "Os Brasis de 22: Independência ao longo de dois séculos."

23/09
sexta-feira
14h30

Raissa Gabrielle Vieira Cirino

Doutora pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz.

Tema: Aspectos políticos e históricos: Qual é o Brasil que chega após 200 anos de independência?



SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



PROGRAMAÇÃO

16ª PRIMAVERA
dos MUSEUS

Valendo certificado de
4 horas complementares

20/09
terça-feira
às 14h30

Local: Museu Histórico
e Artístico do Maranhão



**Roni César
Andrade de Araújo**

Doutor em História, pelo Programa de Pós-graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

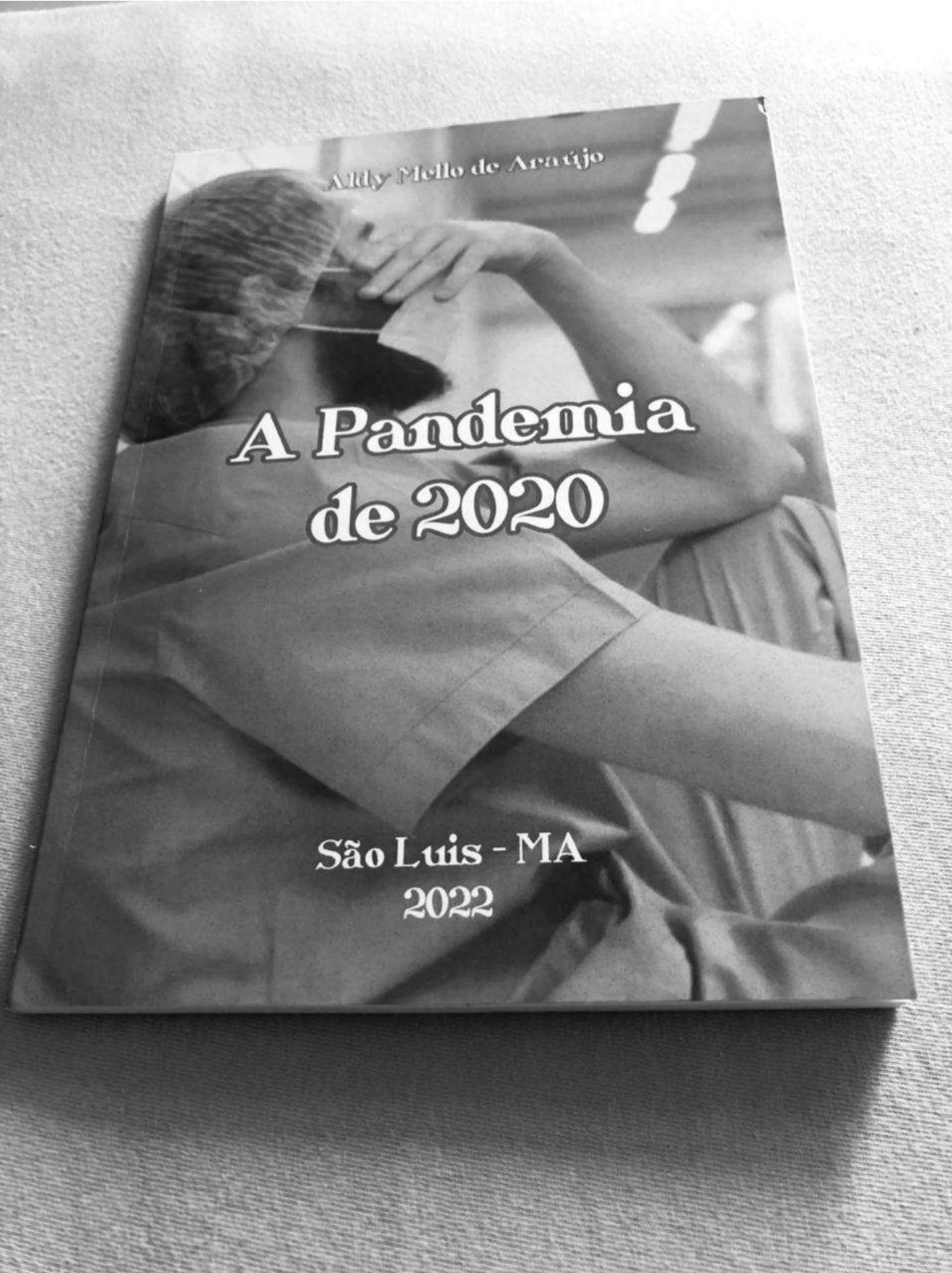
Tema As independências dos brasis: o Maranhão em meio aos processos de emancipação política em 1822.



SECRETARIA ESPECIAL DE CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO





Aldy Mello de Araújo

A Pandemia de 2020

São Luís - MA
2022

SEC. MUN. DA JUVENTUDE, CULTURA,
ESPORTE, LAZER E TURISMO

SECRETARIA MUNICIPAL
DE IGUALDADE RACIAL



DIA DE NEGRO COSME

PALESTRANTE:

MUNDINHA ARAÚJO

Dia 17 - Casa da Cultura
A partir das 15h



O IMPARCIAL

RAZÃO Nº 26.718 | SÃO LUIS-MA, TERÇA-FEIRA 20 DE SETEMBRO DE 2022 | CAPITAL E INTERIOR DE LMA



José Jorge Soares é eleito o mais novo imortal da Academia Maranhense de Letras

A Academia Maranhense de Letras (AML) elegera como seu mais novo imortal, em cerimônia realizada no dia 19 de setembro, José Jorge Soares para a cadeira 23 de constituição, após o falecimento de Luiz Philippe Araújo. José Jorge Soares tem 58 anos e é autor de livros. PN 2016 12



Academia Arariense de Letras, Artes e Ciências realiza noite literária no final de semana

- 19 de setembro de 2022



Na Sessão da ALAC do último sábado (17), aconteceu posse de mais um sócio correspondente e lançamento de dois livros do escritor José Fernandes, que também foi o homenageado da noite

Na sequência, o acadêmico Pedro Neto realizou apresentação do autor das obras literárias lançadas na ocasião, o pesquisador, poeta e cronista, acadêmico José Fernandes. O autor foi também homenageado com apresentação musical a ele dedica, “O menino e o rio”, de autoria de Pedro Neto, com arranjos de Robson Rubem e da Banda Brandt e Silva.

Após isso, o acadêmico Cleilson Fernandes apresentou os dois livros a serem autografados no evento, “Crônicas de Outono” e “Luso Torres: coronel, general e estadista”. A primeira obra, uma coletânea de crônicas; a segunda, um livro biográfico sobre o importante personagem maranhense.

Esteve presente na Mesa de Honra, pronunciando-se a respeito do segundo livro lançado na noite, o presidente da Câmara Municipal, vereador Evando Piancó. O parlamentar se reportou ao apoio do senador Roberto Rocha à publicação, bem como ao apoio do Legislativo às iniciativas culturais locais, inclusive à Academia.

Após a sessão, foi realizado sorteio de livros aos convidados. Logo depois, o autor José Fernandes foi cumprimentado pelos presentes a quem autografou as duas obras lançadas. Um coquetel de confraternização encerrou a programação da noite cultural.

Além de acadêmicos e sócios correspondentes da ALAC, o evento foi prestigiado também por presenças ilustres, como o acadêmico e escritor arariense, Éden Soares, da Academia Arariense-Vitorriense de Letras, que escreveu a orelha de um dos livros lançados, e o advogado arariense Hilton Mendonça Corrêa Filho, além de professores e estudantes ararienses.

ELIÉZER MOREIRA LANÇA LIVRO QUE RETRATA SEU ACERVO DE ARTES PLÁSTICAS

O acadêmico Eliézer Moreira Filho, titular da Cadeira 21 da AML, lança nesta quarta-feira, dia 21, às 18h, na loja Fast Frame/Moldura na Hora, o livro “Catálogo de artes plásticas do Maranhão – Coleção de Eliézer Moreira Filho” (Clara Editora).

O acervo do autor retratado no livro reúne 286 peças de mais de 70 artistas plásticos, adquiridas ao longo dos últimos 50 anos.

Com textos biográficos e fotografias de pinturas, esculturas, desenhos, gravuras e colagens, o livro traz obras de Celso Antônio, Floriano Teixeira, Dila, Donato, Ciro Falcão, Péricles Rocha, Nagy Lajos, Telésforo Moraes Rego, Jesus Santos, Fernando Mendonça, Cosme Martins e muitos outros.



COMUNICADO

A Academia Maranhense de Letras, por intermédio de seu Presidente e da Comissão Organizadora do projeto de edição da antologia “Novíssima Poesia do Maranhão”, informa que fica prorrogado por trinta (30) dias o prazo de divulgação dos resultados, assim como também as demais etapas do referido projeto definidas em regulamento.

São Luís (MA), 20 de setembro de 2022.

Em ano de homenagem à Maria Firmina dos Reis, pela FLIP 2022, eis o pesquisador precursor e sua obra-prima.

A pesquisadora Natércia Moraes Garrido tem divulgado e disseminado a relevância dos estudos de seu avô, o seu legado para o reconhecimento desta escritora maranhense.

Natércia Moraes Garrido é doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, onde também cursou seu Mestrado. É pesquisadora, estudiosa e divulgadora da obra de seu avô, Nascimento Moraes Filho, há 12 anos. O título de sua tese, a ser defendida em 2023, é “A poética da liberdade na obra de Nascimento Moraes Filho”. Além de professora, é escritora e crítica literária, tendo já publicado 2 livros de sua autoria: “A poética modernista em Azulejos de Nascimento Moraes Filho” (2019, Editora Espaço Acadêmico); e “Poesia em 3 tempos” (2021, Editora Elã). Possui Instagram, Blog e Canal no YouTube, todos intitulados A Beletrista, onde escreve e divulga resenhas críticas sobre leituras variadas.

Ela participará do Programa Pauta Nossa, dia 30, às 14 horas

Link: <https://www.facebook.com/pgmpautanossa/>

Alguns links de referência:

<https://mariafirmina.org.br/as-pesquisas-de-nascimento.../>

<https://mariafirmina.org.br/maranhenses-charles-martin/>

<https://mariafirmina.org.br/revista-firminas-n-1/>

<https://www.youtube.com/watch?v=mHI8U2UbrZ0&t=172s>

<https://g1.globo.com/.../14a-edicao-da-feira-do-livro-e...>



**AS PESQUISAS DE
NASCIMENTO
MORAIS FILHO E O
RESGATE DA VIDA
E OBRA DE MARIA
FIRMINA DOS REIS
- NATÉRCIA
GARRIDO**



MESA-REDONDA E AUTÓGRAFOS

ARTE LITERÁRIA:
COMUNICAÇÃO
PARA A VIDA.

27/09 | 16H30

LOCAL: COMPLEXO DA BALAIADA

DEBATEDORES:



LUIZA CANTANHEDE



HELOÍSA HELENA



ALZERINA PINHO



CAYO CRUZ



ELANY MORAIS



PAULO RODRIGUES



MEDIADOR
ESCRITOR WYBSON
CARVALHO



ASCOM
ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO CULTURAL E TECNOLÓGICA

Caxias

25
DE SETEMBRO
18:30h



PALESTRA VIRTUAL



M^{te}
ERÓ CUNHA



I^{ma}m^ª
MARIA NATIVIDADE



P^{ro}f.
ERNANI DOS SANTOS



Apresentação
VAZQUEZ IMPERIANO

<http://www.vazquezimperiano.org.br>



**SORTEIO
de 3 Livros**

Fundação



A tall, square stone monument with a pointed top, known as Pedra da Memória, stands on a tiered base. To its right, a large, dark, cylindrical object, possibly a cannon barrel, lies horizontally on a surface. The background shows a clear sky and some buildings.

CONVITE

A Prefeitura de São Luís, por meio da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH), convida para a entrega da obra de conservação do monumento Pedra da Memória.

Data: 30 de setembro
Horário: 17h00
Local: Baluarte de São Damião, Avenida Beira Mar, Centro

A stone monument featuring a large cross on top, situated on a wide, trapezoidal base. The monument is located outdoors, with a clear sky and some greenery in the background.

CONVITE

A Prefeitura de São Luís, por meio da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH), SEMOSP e IMPUR convida para a entrega da obra de conservação do monumento Outeiro da Cruz.

Data: 30 de setembro
Horário: 9h00
Local: Canteiro Central do Cruzamento das Av. Guaxenduba e João Pessoa, Bairro: Outeiro da Cruz - São Luís/MA





CONVITE

A Prefeitura de São Luís, por meio da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH), IMPUR e SEMOSP, convida para a entrega da obra de conservação do monumento Fonte das Pedras.

**28/09 | Rua Antônio Rayol
8h30 | Centro**



CONVITE

A Prefeitura de São Luís, por meio da Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH) e IMPUR/SEMOSP, convida para a entrega da obra de conservação dos 18 Bustos da Praça do Pantheon Maranhense e a instalação de 7 novos bustos.

**27/09 | Praça do Pantheon
17h | Centro**



PARTE

ADMINISTRATIVA

Edital Nº 04 /2022 CONCURSO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO BICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO
MARANHÃO

REGULAMENTO

O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), por meio de sua Comissão Especial para o Concurso Histórico-Literário em comemoração ao Bicentenário da Independência, resolve tornar pública a realização do Concurso Histórico-Literário “O Bicentenário da Independência do Brasil no Maranhão” mediante as regras estabelecidas neste regulamento.

DO CONCURSO

Art. 1º - O Concurso Histórico-Literário “O Bicentenário da Independência do Brasil no Maranhão” será oferecido e organizado pelo IHGM com a finalidade de promover e divulgar estudos sobre a Independência do Brasil no Maranhão nos campos da História e da Literatura.

DOS OBJETIVOS

Art. 2º - O concurso tem como objetivo geral estimular a produção e divulgação de conhecimentos sobre o tema da Independência do Brasil no contexto do seu bicentenário, a fim de apresentar as peculiaridades desse processo no Maranhão e refletir sobre as significações dessa efeméride no passado e no presente.

Art. 3º - O concurso tem como objetivos específicos:

- a) Propiciar um espaço de divulgação para os trabalhos já realizados sobre o tema da Independência do Brasil no Maranhão nos campos da História e da Literatura; e
- b) Estimular novas produções sobre a Independência, com múltiplas leituras alusivas ao tema nesse contexto de celebrações.

DO TEMA

Art. 4º - Este concurso consiste na apresentação de um trabalho de carácter histórico ou literário sobre o tema: “O Bicentenário da Independência do Brasil no Maranhão”.

DO PÚBLICO-ALVO

Art. 5º – Poderão participar pesquisadores, professores da Educação Básica e estudantes universitários que tenham desenvolvido pesquisas sobre o tema do concurso.

DO TRABALHO

Art. 6º - O Concurso aceitará obras nas modalidades Publicada ou Inédita e, em cada uma dessas modalidades, o/a candidato/a deverá inscrever sua obra em uma das seguintes categorias:

- a) Investigação histórica (artigo, ensaio e biografia); ou
- b) Texto literário (contos curtos e poemas).

2 Parágrafo único. Entende-se por inédita a obra não publicada, parcialmente ou em sua totalidade, em qualquer meio de comunicação.

Art. 7º – O trabalho concorrente deverá respeitar os seguintes requisitos, sob pena de desclassificação:

- a) Ser original;
- b) Redigido em português;
- c) Digitado em fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5.
- d) Abordar o tema proposto; e
- d) Ter sido escrito de forma individual;

§ 1º. Entende-se por original a obra que é primitiva, que não foi copiada ou imitada.

§ 2º. Os trabalhos da categoria Investigação Histórica devem ter entre 15 e 25 páginas e os trabalhos da categoria Textos Literários devem ter no máximo 15 páginas.

§ 3º. Para decisão quanto à classificação e à premiação da obra, a comissão julgadora avaliará os critérios de adequação e pertinência ao tema proposto e tipologia textual, coerência e coesão, adequação gramatical, criatividade e conteúdo.

DA INSCRIÇÃO

Art. 8º - As inscrições deverão ser efetuadas, obrigatoriamente, por meio do envio do trabalho devidamente digitalizado, em formato PDF, para o endereço eletrônico concurso.bicentenarioindep.ma@gmail.com, sendo obrigatório que o envio ocorra até as 23h59min (horário de Brasília) do dia 08 de outubro de 2022.

§ 1º - No assunto do e-mail deve conter apenas o texto: Inscrição Concurso "O Bicentenário da Independência do Brasil no Maranhão".

§ 2º. Os arquivos, em formato PDF, devem ser nomeados utilizando o título do trabalho e a identificação do/a autor/a.

§ 3º. O arquivo de trabalho que estiver corrompido ou impossibilitado de ser lido por má qualidade na digitalização será automaticamente desclassificado.

§ 4º. O IHGM não se responsabiliza pelo não recebimento de inscrição por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, bem como outros fatores que impossibilitem a transferência eletrônica das informações.

DO JULGAMENTO

Art. 9º – Os trabalhos apresentados serão recebidos e analisados pelo IHGM, por meio da Banca Julgadora criada para este fim, composta por até 6 (seis) membros do Instituto.

Parágrafo único – Os membros da Banca Julgadora serão designados em ato específico do IHGM. 3

Art. 10 - A Banca julgadora não se responsabilizará pelo não recebimento da inscrição enviada pelos participantes, bem como por qualquer impossibilidade de participação em razão de falhas ou erros de envio ocasionados por problemas no provedor de Internet utilizado, ou por impossibilidade de leitura do arquivo enviado por e-mail.

Art. 11 – A Banca Julgadora é soberana para eleger, dentre os trabalhos desenvolvidos, os classificados e os melhores em cada categoria, conforme metodologia que julgar adequada, respeitando-se os critérios de julgamento citados neste regulamento.

Art. 12 - Não caberá recurso de qualquer espécie em relação às decisões e julgamentos da Banca Julgadora.

Art. 13 - Os trabalhos serão classificados segundo os seguintes critérios de avaliação e julgamento:

- a) adequação e pertinência ao tema proposto e tipologia textual;
- b) coerência (clareza, organização das ideias, progressão temática) e coesão (ligação de ideias, substituição e paragrafação);
- c) adequação gramatical;
- d) criatividade; e
- e) conteúdo.

DO PRÊMIO

Art. 14 – Os autores dos melhores trabalhos em suas categorias serão premiados com uma medalha de mérito ("Medalha Antônio Lopes") e um certificado de participação emitido pelo IHGM, além do trabalho publicado em formato e-book e divulgado nos meios de comunicações.

DO RESULTADO E PREMIAÇÃO

Art. 15 – O resultado do concurso com o nome dos ganhadores será divulgado no site do IHGM até o dia 14 de novembro de 2022.

Parágrafo único – O prêmio é pessoal e intransferível.

DO CRONOGRAMA

Art. 16- Em sua 1ª e única edição, em 2022, o concurso obedecerá ao seguinte cronograma:

- a) 08 de outubro de 2022: data limite para o envio dos trabalhos;
- b) 17 de outubro de 2022: publicação dos trabalhos inscritos;
- c) 14 de novembro de 2022: publicação do resultado final.

DOS DIREITOS AUTORAIS

Art. 17 - A formalização da inscrição no Concurso pelo participante, implica, em caráter irrevogável, irretratável e gratuito, a autorização de uso de nome, voz, imagem, profissionais ou 4 biográficos, depoimentos e entrevistas, em todas e quaisquer ações e atividades relacionadas ao Concurso, ou para fins acadêmicos, educacionais e científicos e em quaisquer materiais relacionados à sua implementação e divulgação, bem como de seus resultados, sem

qualquer restrição de espaço, idioma, número de impressões, reimpressões, quantidade de exemplares, número de emissões, transmissões, retransmissões, edições, reedições, divulgações ou veiculações.

§ 1º. Ao inscrever-se, o participante autoriza também que as entrevistas e depoimentos que porventura sejam por ele concedidos ao IHGM em virtude do concurso sejam reproduzidos por estas entidades, por si ou por terceiros e divulgados nos materiais, suportes, mídias e meios indicados neste regulamento.

§ 2º. As obras e os direitos de que tratam este artigo poderão ser usados pelo IHGM, direta ou indiretamente, total ou parcialmente, por si ou por terceiros, em conjunto ou separadamente, inclusive com outros direitos de terceiros, obras intelectuais, materiais e suportes, para os fins acima previstos, em qualquer mídia ou meio físico, visual ou sonoro, inclusive eletrônico, digital e quaisquer outros existentes.

Art. 18 - A disposição, diagramação, ordenação, compactação, compilação, edição, organização ou editoração das obras e a utilização de uso poderão ser realizadas pelo IHGM, a seu exclusivo critério.

Art. 19 - O IHGM exime-se de toda e qualquer responsabilidade decorrente do uso indevido por terceiros, no todo ou em parte, dos projetos ou dos direitos bem como de quaisquer suportes, materiais, mídias e meios em que eles estejam incluídos, inclusive mediante sua reprodução ou divulgação, no todo ou em parte, em sítios eletrônicos blogs, comunidades virtuais e sítios desta natureza.

Art. 20 - Caberá ao participante a responsabilidade exclusiva e integral pela autoria dos trabalhos inscritos, bem como por eventuais violações a direitos de autor decorrentes de sua participação no concurso.

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 21 – Aos membros do IHGM é vedada a participação no Concurso.

Art. 22 - Serão desclassificados os trabalhos que não se enquadrarem no tema, nas especificações deste regulamento, bem como aqueles decorrentes de plágio ou fraude, e ainda os enviados em desconformidade com as orientações desse regulamento.

Art. 23 – Em nenhum caso, os trabalhos recebidos serão devolvidos.

Art. 24 – A Banca Julgadora tem competência para dirimir eventuais omissões deste Edital.

São Luís, 08 de julho de 2022 _____ Presidente do IHG